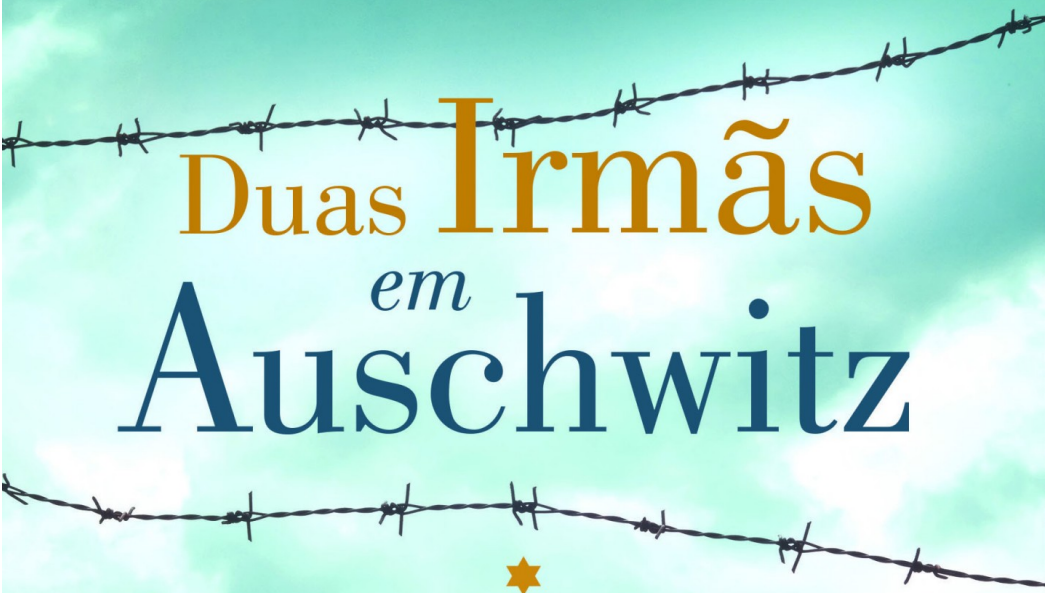


BESTSELLER INTERNACIONAL



Duas Irmãs *em* Auschwitz



A COMOVENTE HISTÓRIA DAS IRMÃS JANNY E LIEN
E DA AMIZADE COM MARGOT E ANNE FRANK



ROXANE VAN IPEREN

 EDITORIAL PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BESTSELLER INTERNACIONAL

Duas Irmãs *em* Auschwitz



A COMOVENTE HISTÓRIA DAS IRMÃS JANNY E LIEN
E DA AMIZADE COM MARGOT E ANNE FRANK



ROXANE VAN IPEREN

 EDITORIAL PRESENÇA

BESTSELLER INTERNACIONAL

Duas Irmãs *em* Auschwitz



A COMOVENTE HISTÓRIA DAS IRMÃS JANNY E LIEN
E DA AMIZADE COM MARGOT E ANNE FRANK

ROXANE VAN IPEREN

 EDITORIAL PRESENÇA

ROXANE VAN IPEREN

Duas Irmãs
em
Auschwitz



A COMOVENTE HISTÓRIA DAS IRMÃS JANNY E LIEN
E DA AMIZADE COM MARGOT E ANNE FRANK

Tradução de João Cardoso

 EDITORIAL PRESENÇA

Título original: *'t Hooge Nest*

Autor: *Roxane van Iperen*

Copyright © 2018 by Lebowski Publishers, uma chancela de Overamstel Uitgevers BV

Edição original publicada em neerlandês sob o título *'t Hooge Nest* em 2018

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2021

Tradução do inglês: *João Cardoso*

Revisão: *Ruben Crasto/Editorial Presença*

Imagem da capa © Stephen Mulcahey/Trevillion Images e Shutterstock

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, janeiro, 2021

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

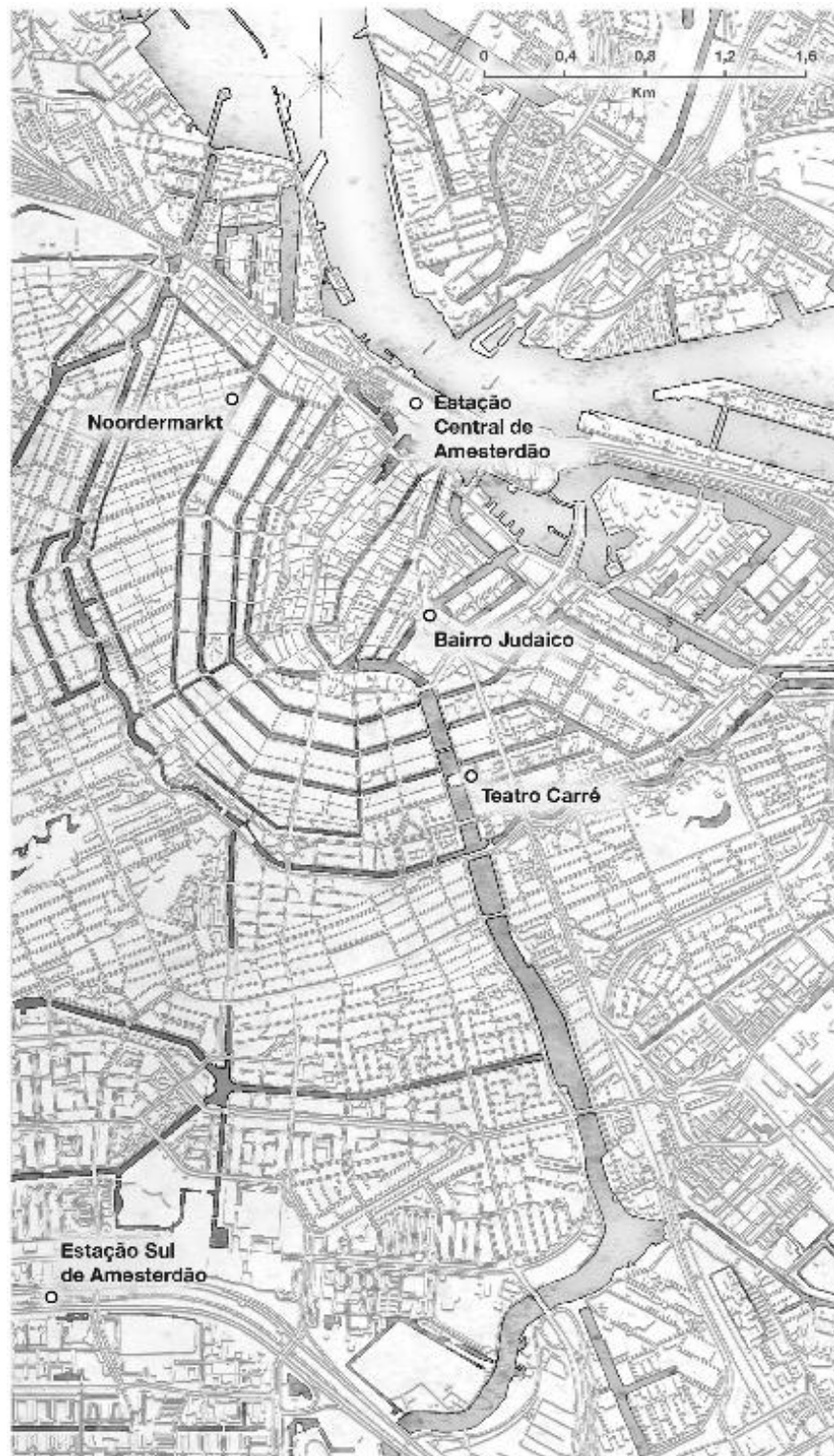
2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

MAPAS





PREFÁCIO

No momento em que virámos para a serventia não pavimentada da casa e esta surgiu de entre as árvores, foi amor à primeira vista. Não era a «casinha de campo» que procurávamos — esta era enorme e até tinha nome: Alto Ninho. Os nossos olhos percorreram a fachada majestosa com paredes de tijolo cobertas de heras e as janelas emolduradas por velhas portadas. Dava-se a ares de história e grandiosidade, embora não com os habituais indiferença e pretensiosismo. Pelo contrário: o jardim em estado puro, a erva alta, escadas de corda penduradas aqui e ali e as árvores de fruto nas traseiras — tudo nos desafiava para irmos correr, brincar, acender fogueiras e passar noites infundáveis a conversar debaixo das estrelas sem que a civilização nos perturbasse. Olhámos um para o outro a pensar exatamente o mesmo. Que felizardos seríamos nós vivendo ali.

Sucedeu o impensável. No final do verão de 2012, o meu marido e eu, os nossos três filhos, um velho pastor-alemão e três gatos chegámos ao jardim do Alto Ninho numa caravana e embarcámos na longa viagem para devolver este maravilhoso lugar à sua antiga glória. As paredes foram recuperadas, as escadas afagadas e retirados painéis que revelavam tetos com engenhosas estruturas de barrotes. Com as nossas próprias mãos, removemos os carpetes e em quase todas as divisões descobrimos alçapões no pavimento de madeira que ocultavam esconderijos por detrás de velhos painéis. Nestes, encontrámos velas gastas, pautas musicais, antigos jornais da resistência. E assim, durante o restauro do Alto Ninho, começava a reconstrução da sua história. Uma história bizarra que, como se veria, inclui uma importante parte dos anos de guerra nos Países Baixos, desconhecida para a maioria das pessoas — inclusivamente das vizinhanças.

Indaguei o anterior proprietário, moradores dos arredores, lojistas das aldeias vizinhas, mergulhei em conservatórias e arquivos, saltando de surpresa em surpresa. No auge da Segunda Guerra Mundial, quando os comboios seguiam para os campos de concentração tão sobrelotados quanto possível e a *Endlösung der Judenfrage*, a «Solução Final para a Questão Judaica», estava em pleno andamento, o Alto Ninho foi um enorme abrigo secreto da resistência gerido por duas irmãs judias. Nos anos seguintes, fui conhecendo os descendentes de quem habitou o Alto Ninho. De quem em criança ali se escondeu e regressou à casa. Ofereceram-me as

suas memórias e documentos pessoais para que eu pudesse dar cor a esta história e voz às duas irmãs.

Lentamente, mas de forma consistente, compartimento por compartimento, as peças do enigma começaram a dar forma à inacreditável história que agora, seis anos passados, fica escrita. É uma história que confirmou a minha sensação inicial: esta casa é maior do que nós. Somos apenas simples passantes com bastante sorte por aqui morarmos.

PRIMEIRA PARTE

GUERRA



«Quando tivermos de lutar, que assim seja. Não podemos ser falsos para connosco. Nem nos podemos enganar. É nisto que acreditamos. Fizemos o que tivemos de fazer, o que conseguimos fazer. Nem mais, nem menos.»

Janny Brandes-Brilleslijper

A disputa de Nieuwmarkt

Amsterdão, 1912. Se aquela disputa de Nieuwmarkt tivesse tido outro desfecho, provavelmente, a família Brilleslijper nunca teria existido. Ali, em plena praça do coração do Bairro Judaico, junto às antigas portas da cidade, o jovem Joseph Brilleslijper combatia pela mão de Fietje Gerritse.

As suas famílias eram o perfeito oposto uma da outra: Joseph descendia de uma família itinerante circense de músicos de idioma ídiche e, embora tivessem passado a ser importadores de fruta, os Brilleslijper continuavam a promover refeições exuberantes nas noites de sexta-feira na sua casa da Jodenbreestraat, onde todos os elementos da família se reuniam para representar e cantar. Fietje Gerritse, por outro lado, vinha de uma família de devotos judeus frísios; pessoas de estatura alta e taciturna com o cabelo ruivo, que educavam os seis filhos com uma disciplina férrea no meio da descrença do Bairro Vermelho e dos seus estivadores, marinheiros e prostitutas. Fietje trabalhou na loja de conveniência dos pais, no Zeedijk, desde muito nova, de pé em cima de um caixote atrás da máquina registadora, com os seus três irmãos a fazerem de guarda-costas ao seu lado. Apaixonou-se loucamente pelo sempre alegre Joseph, embora os pais não o tivessem em boa conta; um rapaz inútil e desempregado, sempre a correr para ir visitar o avô saltimbanco ao circo.

Mais de uma vez, os três irmãos Gerritse haviam agredido Joseph sem piedade e, quando este foi a casa dos seus pais para pedir a mão de Fietje, lançaram-no porta fora, fazendo-o bater de frente contra os tijolos da parede. Joseph compreendeu que só teria uma opção. Desafiou os invencíveis gigantes de Zeedijk a descerem do seu trono para poder mostrar, de uma vez por todas, a sua coragem à família Gerritse. Com o seu irmão mais velho, Ruben, procurou apoio em alguns amigos das redondezas, como Dumb Öpie, um rapaz que nunca dizia uma palavra, mas que era forte como um touro, razão pela qual ninguém o referia, e de punhos e maxilares cerrados dirigiram-se às portas da cidade velha. Deu-se uma grande zaragata diante das barracas de peixe do Nieuwmarkt. Pela primeira

vez na vida, os irmãos Gerritse eram vergados. Joseph limpou o sangue de cotovelos e joelhos, foi buscar a sua Fietje à loja dos pais dela e mudaram-se com Ruben e a mulher deste.

Se foi por uma questão de estratégia, força bruta ou boa ventura, este triunfo assinalaria o início de um grande amor. Casaram-se no dia 1 de maio de 1912 e o pai de Joseph ajudou o jovem casal a encontrar um pequeno espaço para viver na zona mais pobre do Bairro Judaico. E ali foi dada à luz, no dia 13 de dezembro de 1912, a filha de ambos, Rebekka «Lientje» Brilleslijper.

A família passava necessidades, mas era feliz. Pouquíssimos anos depois e com uma pequena ajuda de Opa (avô) Jaap, o pai de Joseph, começaram a explorar um pequeno comércio na Nieuwe Kerkstraat, mudando-se para o apartamento sobranceiro à loja com a jovem Lien. Enquanto Fietje trabalhava dia e noite na loja, Joseph ajudava na venda por atacado de Opa Jaap.

Passariam quatro anos até que os pais de Fietje — a dois quarteirões de distância, mas em mundos diferentes — resolvessem aproximar-se da filha. A ocasião foi o nascimento da segunda filha de Fietje, Marianne, «Janny», que recebeu o nome da avó materna. Cinco anos depois, no verão de 1921, nasceria o havia muito aguardado filho varão, Jacob, «Japie», e a família ficou completa.

Enquanto Joseph e Fietje trabalhavam o dia inteiro para sustentar a família, o Bairro Judaico ia educando as suas crianças. As famílias maiores viviam em quartos estreitos e longos, com os filhos a dormir debaixo dos lavatórios ou junto aos rodapés das paredes dos corredores; assim, a maior parte das suas vidas era passada na rua. Dobrando a esquina da casa da família Brilleslijper, ficava o Real Teatro Carré, onde Lien e Janny passavam horas a olhar para a torrente de pessoas maravilhosamente vestidas que frequentavam a *revue*. Abaixo da Jodenbreestraat, localizava-se o Teatro Tip Top, um popular local de encontro onde eram passados filmes mudos e artistas famosos como Louis e Heintje Davids representavam.

Toda a vizinhança se conhecia; os filhos ajudavam no ganha-pão, as filhas a educar os mais pequenos e, nas ruas em redor do lar Brilleslijper, havia sempre um cheiro a comida. Entre a Waterlooplein e a Jodenbreestraat, as barracas vendiam castanhas assadas, peixe fresco, especiarias picantes e pepinos em conserva. Às sextas-feiras, Fietje e outras senhoras das cercanias tinham sempre no fogão uma grande panela de sopa para os pobres. Nos anos da guerra, entre 1914 e 1915, quando os refugiados belgas apareciam na loja, Fietje chegava a oferecer às apoquentadas mães as mercearias que não podiam pagar. «Eu tomo nota», dizia, despedindo-se com um sorriso.

Nas noites de sexta-feira, a família juntava-se aos restantes Brilleslijper na casa de Opa Jaap, na Jodenbreestraat. Comiam canja, tocavam música e representavam com todos os tios, tias e primos — uma tradição que Joseph, após o falecimento do pai, continuaria com a mulher e os filhos.

Assim decorreu a primeira infância das crianças Brilleslijper, num ambiente sem grande conforto, mas protegidos no interior do Bairro Judaico de Amesterdão, numa família cheia de amor e música. No entanto, a vida tornou-se mais difícil no decorrer dos anos vinte. O desemprego aumentou, as famílias viram-se sem alimentos e quando, numa dada sexta-feira, Fietje deu a sua volta pelas vizinhanças, a sua tradicional panela de sopa para os pobres não levava mais do que água fervida a expelir vapor.

O edifício onde tinham a loja e a casa foi vendido a uma grande empresa e viram-se obrigados a mudar-se para a Rapenburgerstraat. Ficava apenas a um quarteirão do antigo lar, mas a perda da loja pesou muito sobre Fietje. Sozinho, Joseph não conseguia ganhar dinheiro suficiente para pagar a renda e a família voltou a mudar-se, acabando em dois pequenos quartos numa esquina da Marnixstraat, nos limites da zona de Jordaan. Todas as manhãs, ao romper da aurora, Fietje e Joseph saíam juntos de casa para ganharem o seu sustento no comércio de frutas e legumes.

Em 1925, para sua tristeza, a maré começou lentamente a mudar com o falecimento de Opa Jaap. Ajudado pelo irmão Ruben, Joseph tomou conta da venda por atacado e mudou-se com a família para uma casa já repleta com outros parentes na Marnixstraat. Passaram a viver no primeiro andar, onde Janny e Lien partilhavam um belo quarto. Porém, o mais familiar Bairro Judaico parecia estar a milhas dali; as raparigas sentiam falta dos antigos locais, das pessoas, da habitual pronúncia ídiche de Amesterdão ciciando os esses. Afastadas do Bairro Judaico, as raparigas começaram a perceber a razão do cada vez maior caudal de refugiados judeus vindos da Rússia e da Polónia que se amontoavam em pequenas casas da melhor forma que conseguiam. Nas ruas envolventes ao Nieuwe Prinsengracht, perto da sua antiga loja onde muitos dos judeus vindos do Leste adquiriam peixe fresco a Fietje, as pessoas fomentaram uma fortíssima unidade — as mulheres usando lenços na cabeça, os homens com longas fiadas de cabelo em caracol nos seus cafetãs pretos.

As irmãs eram inseparáveis e tão parecidas que era difícil destrinchá-las. Gostavam da liberdade proporcionada por aquele amor negligente dos pais. Pela manhã, após Joseph e Fietje terem saído para o mercado ainda a noite não terminara, e Japie ainda dormia

profundamente, iam ao alpendre buscar as bicicletas e pedalavam de ombros firmes até ao Estádio Olímpico, passavam pela Amstelveenseweg e viravam à direita para o Ijsbaanpad. Na ponte de madeira para peões, que passava por cima da linha de caminho de ferro com destino a Aalsmeer, tinham de descer das bicicletas porque era muito íngreme e alta. Agarravam-se segurando nas bicicletas com os braços levantados, quase fechando os olhos para não verem os carris em baixo.

E ali, onde o rio Schinkel desagua no Nieuwe Meer, posicionado numa cota elevada, situa-se o Schinkelbad, um reservatório de água ao ar livre construído em madeira para abastecimento da cidade. Completamente transpiradas de tanto pedalar, e da subida final, saltavam rapidamente para a água fria e nadavam sempre um pouco mais e, por isso, tinham de se despachar para que Jaap, a quem por vezes carinhosamente chamavam Japie, chegasse a horas à escola.

Janny e Lien cresceram e tornaram-se duas belas raparigas. Pequenas e morenas, de nariz afilado, maçãs do rosto elevadas, sobrelanceadas como caudas de raposa e volumosos cabelos negros apanhados atrás do pescoço. Com o fim do ensino primário, concluíram a escola; o pai e a mãe não tinham dinheiro para continuarem os estudos — e também poderiam passar a contar com a sua ajuda. Não se importaram; as irmãs eram curiosas e tinham um olhar aguçado sobre o mundo que as rodeava. Amesterdão oferecia-lhes tudo aquilo de que precisariam para aprender.

Ajudavam Fietje na manutenção do lar, trabalhavam a tempo inteiro como costureiras e tomavam conta do irmão mais novo. Ao crescerem, a diferença de idades parecia reduzir-se, mas as diferenças das suas personalidades tornavam-se mais evidentes. Lien era espontânea, extrovertida, descontraída como o pai e sonhadora. Janny era mais prática, por vezes reservada, mas muito determinada como a mãe.

Lien revelava grande talento para a música. Ainda muito pequena, cantou num coro infantil e, nas *soirées* de Opa Jaap, era ela quem se punha sempre na frente da cena. No início da adolescência, frequentou aulas de dança na escola de Florrie Rodrigo. Florrie era uma bailarina judaico-portuguesa que, de início, ganhou renome nos espetáculos de Jean-Louis Pisuise e, mais tarde, como bailarina de dança expressionista em Berlim. Fundou a sua escola de dança no Bairro Judaico de Amesterdão, depois de ter fugido de uma Alemanha cada vez mais antisemita.

Joseph não tinha em grande consideração este passatempo frívolo da filha e proibiu-a de ir às aulas. No entanto, os obstinados

genes de Joseph foram mais fortes do que a sua autoridade; por via de Florrie, Lien aproximou-se da coreógrafa Lili Green e, por volta do seu décimo sexto aniversário, começou a frequentar aulas com a mesma sem ninguém saber. Lili foi pioneira no mundo da dança, empenhando-se em modernizar as técnicas do *ballet* clássico. Pressagiou em Lien um futuro sério enquanto bailarina.

Assim, a pequena Lien trabalhava como costureira durante o dia, corria para o estúdio de Lili Green, na Pieter Pauwstraat, para praticar ao serão e atuava à noite em clubes da envolvente da Rembrandtplein. Quando, mais uma noite, Lien regressava a casa com o romper da alvorada e corria para a inquieta Fietje na escada, a mãe empurrava-a para o quarto antes que Joseph desse com ela.

Janny, a irmã mais nova, não se aguentou mais de seis meses no *atelier* de costura. Era impaciente e rebelde, tal como o fora na escola. Achava-se espiritual, mas não religiosa. Cresceu no coração do Bairro Judaico e nunca foi à sinagoga. Pertencia a uma família de negociantes de mercearias, mas aderiu à organização sionista Hatzair, na qual a maioria dos membros eram filhos de médicos e advogados. Quando percebia que as pessoas eram tratadas de modo diferente, protestava com firmeza — inspirada, obviamente, pela história dos avós Gerritse, que não consideravam o seu pai suficientemente bom para casar com a mãe.

Após a malsucedida andança pelo *atelier* de costura, Janny passou por uma sequência de ocupações antes de acabar num laboratório. Com o dinheiro que ali ganhava, frequentou cursos ocasionalmente, aprendeu alguma coisa de inglês, francês e alemão e tirou um curso de primeiros socorros; algo que terá salvado a sua vida e a de Lien.

Abandonou o movimento sionista porque acreditava que eles deveriam lutar por uma melhor sociedade para todos e não somente para garantir os direitos da classe média superior. Mergulhou no comunismo, em Marx, nos princípios da social-democracia — em casa, os pais eram leitores do jornal socialista *Het Volk*¹ —, envolvendo-se em discussões com toda a gente sobre tudo e mais alguma coisa. Preocupava-a ver a quantidade de europeus do Leste e outros imigrantes no Bairro Judaico a aumentar, mesmo considerando que lhes era cada vez mais dificultado o atravessamento da fronteira. Janny tentou convencer o pai da ameaça castanha: o fascismo. Joseph considerou que talvez não fosse assim tão mau, mas Janny via um perigo real na aliança entre Hitler, Mussolini e Franco, e no verão de 1936, no início da Guerra Civil Espanhola, com dezanove anos, tornou-se membro ativo da resistência.

Trabalhou principalmente para o Socorro Vermelho Internacional, que apoiava os voluntários neerlandeses a combater em Espanha com diversas atividades. Janny também era membro do comité Ajuda Para Espanha e trabalhava com um grupo de jovens que vivia num centro comunitário no número 522 do Keizersgracht, que lhe foram apresentados por Lien — o jornalista Mik van Gilse; os fotógrafos Eva Besnyő e Carel Blazer; e o realizador de cinema Joris Ivens. A partir de Amesterdão, Janny contribuiu reunindo dinheiro para ligaduras e outros bens escassos, fez passar clandestinamente uma ambulância pela fronteira e ajudou a localizar habitações para o crescente número de refugiados vindos da Alemanha. Relataram-lhe casos de um crescente ódio contra judeus e «bolcheviques». A derrota alemã na Primeira Guerra Mundial, o descalabro da bolsa de Wall Street em 1929, que provocou a crise mundial que afetou profundamente a Alemanha, e o ambiente cada vez mais declaradamente antissemita — todos estes fatores conduziram à esmagadora vitória do Partido Nazi de Hitler, o NSDAP.

A situação nos Países Baixos também se deteriorava. O declínio económico reduziu muita gente à indigência, o desemprego aumentou e o primeiro-ministro Colijn implementou uma pesada política de austeridade. Em casa, a família Brilleslijper também enfrentava os seus reveses: Joseph fora submetido a um conjunto de profundas intervenções cirúrgicas à vista e não estava a recuperar em condições. Fietje e os três filhos levavam dinheiro para casa até que a mãe também adoeceu e acabou na cama de um hospital.

No fim daqueles perturbados anos trinta, viu-se, contudo, uma luz: as duas irmãs conheceram os homens que lhes mudariam as vidas.

Entretanto, Lien mudara-se, principalmente para fugir à fúria de Joseph relativamente à sua atividade de bailarina. Aos vinte e quatro anos, passara a viver numa comuna de artistas com um pitoresco grupo de estudantes na Bankastraat, em Haia, a maior cidade dos Países Baixos na costa do Mar do Norte e sede do parlamento, cerca de setenta quilómetros a sul de Amesterdão. Tinham uma cozinha partilhada, um fundo comum para cobrir as despesas, um quadro de ardósia para os residentes, quartos numerados e recados sobre a administração geral no vestíbulo. Quando, devido a um traumatismo craniano, Lientje ficou acamada — deu uma queda a caminho do ensaio de dança —, um novo residente levou-lhe um ramo de flores que colhera com as próprias mãos. Ela ficou encantada com aquele rapaz alto e louro, de olhos azuis e sorriso prudente. O seu nome era

Eberhard Rebling, um musicólogo e pianista alemão que fugira do nacional-socialismo e de um pai militarista no seu país.

Por seu turno, Eberhard sentiu-se fascinado por aquela mulher baixa e morena de língua afiada. Em teoria, não poderiam ser mais diferentes, mas apaixonaram-se profundamente. E depressa também passaram a formar um duo na música: assim que Lien pôde levantar-se da cama, começou a ensinar dança e dramaturgia acompanhada por Eberhard ao piano.

Encetaram amizade com outros estudantes de visita à casa e, noites a fio, discutiam o sinistro ambiente político nos países vizinhos. Entre estes novos amigos encontrava-se Gerrit Kastein, um jovem médico, o tocador de oboé Haakon Stotijn, a mulher deste, Mieke, e Bob Brandes, estudante de Economia e filho de uma conhecida família de arquitetos de Haia.

No verão de 1938, Lien surgiu em destaque numa revista. Tinha arrendado temporariamente um quarto na Leidseplein, em Amesterdão, e Janny, a sua irmã mais nova, visitava-a com frequência depois do trabalho para comerem juntas. Certa noite, numa destas visitas, Lien conheceu Bob Brandes, que lhe desafiou, não sem alguma provocação, as visões políticas. Bob pertencia aos quadros da Fraternidade Social-Democrática e trabalhava em Amesterdão como estagiário na editora comunista Pegasus. Tanto irritou Janny, que, no auge da discussão, esta começou a atirar-lhe almofadas para fazer calar o sabichão. Porém, semanas depois, quando Lien lhe entregou as chaves do seu quarto em Haia, Janny começou a utilizá-lo para estar mais frequentemente com Bob. «Este sítio é um bordel de esquerda», sussurrou um dos outros residentes quando um novo relacionamento ficou selado na casa.

A senhora Brandes, mãe de Bob, soube do caso e apelou ao belo pianista que uma vez dera um concerto na sua sala de estar, Eberhard Rebling, pedindo-lhe se poderia dar uma palavrinha ao seu amigo Bob — aquela menina de um duvidoso meio mercantil estava, sem dúvida, num patamar inferior ao do filho. Eberhard escutou-a sorrindo e acalmou a senhora Brandes, garantindo-lhe que as filhas dos Brilleslijper eram, de facto, encantadoras. Em janeiro de 1939, Bob levou Janny ao cinema a Haia, acompanhou-a a casa e nunca mais a deixou.

Os pais de Bob recusaram-se a dar a bênção ao casamento. Consideravam que os antecedentes sociais de Janny e a sua descendência judaica seriam um risco demasiado elevado nos tempos que corriam. Embora magoada com esta atitude, Janny seguiu o exemplo dos seus obstinados progenitores: em setembro de 1939,

quase a completar vinte e três anos, contraiu matrimônio com Bob, de vinte e seis, na casa dos pais em Amesterdão. Sem os sogros Brandes, mas com a presença das irmãs de Bob, onde se incluía Aleid, com quem Janny se dava muito bem. Joseph preparou pão com manteiga para toda a gente, Fietje regressara do hospital e a radiante Janny, com uma barriga redonda difícil de passar despercebida, foi o centro das atenções. Com alguma malícia, Bob colocara o anúncio do casamento num dos jornais de Haia. Em resultado, os pais foram inundados de votos de felicidade por parte do seu distinto círculo de conhecimentos.

Um mês após a boda, em 10 de outubro de 1939, nascia Robert Brandes. Janny, Bob e o bebé mudaram-se para dois quartos na Bazarlaan, em Haia. A senhoria, a menina Tonnie de Bruin, oferecia-se na Prinsenstraat — um segredo bem conhecido de todos.

O jovem casal sentia-se na lua, embora também tivesse de pôr comida na mesa. Antes de engravidar, Janny trabalhara como operária de costura numa fábrica. Recebeu um pequeno subsídio de maternidade, que depressa foi desaparecendo. Bob deixou os estudos e entrou para a função pública; Janny ficou em casa a tomar conta do pequeno Robbie.

O agregado depressa se expandiu: no inverno de 1939, chegou o primeiro clandestino. Alexander de Leeuw era um eminente advogado de Amesterdão, quadro do Partido Comunista dos Países Baixos, CPN (Communistische Partij van Nederland), e diretor das edições Pegasus, onde conheceu Bob. De Leeuw era conhecido por ser um tanto mal-humorado, mas também pelo feroz combate ao fascismo e por publicações lidas um pouco por toda a parte. Enquanto comunista bem conhecido e advogado do CPN, tornara-se num alvo na cada vez mais hostil Amesterdão.

Os muitos anos de política de austeridade do governo de Colijn não ajudaram o país a ultrapassar a crise económica. Pelo contrário: não se viam grandes sinais de recuperação e a continuada escassez provocava um aumento das tensões. Ao mesmo tempo, centenas de milhares de judeus e socialistas tentavam fugir da Alemanha e dos países mais a leste para escaparem à orgia de violência desencadeada na Kristallnacht², em novembro de 1938, quando os judeus foram linchados nas ruas. O governo neerlandês, com receio de ofender a Alemanha, fechou as fronteiras aos refugiados, crismados de «elementos indesejáveis». Além de tudo, como Colijn afirmou, um afluxo em massa de refugiados judeus apenas agravaria o antissemitismo existente no país.

«Não o evitar conduziria a um assentamento definitivo no nosso

país já densamente povoado, visto que uma nova invasão de elementos estrangeiros prejudicaria a preservação do carácter da tribo neerlandesa. O Governo é de opinião que o nosso território confinado deve, em princípio, continuar reservado à nossa população», escreveu o governo neerlandês em 1938.

O solo neerlandês também se revelou fértil na procura de bodes expiatórios e exhibições públicas de crescente ódio. No inverno de 1939, diversas salas de cinema de Amesterdão exibiram *Olympia*, o documentário de Leni Riefenstahl encomendado por Adolf Hitler sobre os Jogos Olímpicos de Berlim de 1936 — uma prolongada idealização dos corpos atléticos arianos. O filme atraiu elementos jovens e indisciplinados do NSB (*Nationaal-Soocialistische Beweging*, Movimento Nacional-Socialista)³, eclodindo na cidade conflitos entre grupos de fascistas, jovens de esquerda e judeus.

Quando Alexander de Leeuw deixou de se sentir seguro até no seu *pub* preferido, o Café Reynders, na Leidseplein, começou a procurar um local para se esconder. Na casa de Janny e Bob do último piso do edifício, em Haia, passou a dormir no esconso do sótão, fazendo a higiene em silêncio no quarto do recém-nascido Robbie. A sua introversão e constrangimento provocaram alguma impressão em Janny. Certa manhã, Lientje ficou surpreendida ao ver De Leeuw a tomar o pequeno-almoço na saleta de Janny e olharam um para o outro em choque. De Leeuw murmurou algo, pegou nos seus pertences e, de cabeça baixa, passou rapidamente por Lien direito ao esconso do telhado. Lien ergueu umas sobrelanceiras inquisitórias à irmã, mas Janny premiu ostensivamente os lábios e encolheu os ombros, como se nunca tivesse visto tal homem.

Quando, no dia 10 de maio de 1940, pelas três horas e cinquenta e cinco minutos da madrugada, comboios blindados alemães atravessaram a fronteira dos Países Baixos e esquadrões da Luftwaffe cruzavam os céus, Janny não se mostrou surpreendida. Foi o dia em que se desvaneceu a ilusão da neutralidade do país. O dia em que a rainha Guilhermina proferiu o seguinte discurso:

Embora o nosso país tenha, com a maior consciencialização, mantido uma estrita neutralidade ao longo de todos estes meses, e não tenha outra intenção senão manter firmemente esta neutralidade e todas as suas consequências, na noite passada, soldados alemães procederam, sem aviso prévio, a um súbito ataque ao nosso território. Tal sucedeu apesar da promessa solene de que a neutralidade do nosso país seria respeitada enquanto nós próprios a mantivéssemos.

Nos primeiros dias, Janny e Bob ainda tiveram esperança de que

os britânicos expulsassem os alemães, mas nada aconteceu. Da sua pequena casa de Bazarlaan, quase podiam tocar nos estábulos reais do Palácio Noordeinde; por isso, quando em 13 de maio viram uma longa fila de automóveis caros a sair, tiveram consciência da realidade: os Países Baixos tinham sido ocupados.

Naquela noite, quando Robbie já dormia, Janny e Bob discutiram a situação. Conheciam relatos de refugiados do Leste e os traumas de quem combatera em Espanha. Estavam bem a par da hostilidade que se vivia no seu país nos últimos tempos. Ainda assim, sentiam-se determinados: resistiriam ao fascismo. Embora não fossem ingênuos quanto às possíveis consequências, nunca poderiam imaginar o que estaria para vir.

Poucos dias depois, quando Janny passeava Robbie no carrinho de bebé, ouviu o alerta repentino de um ataque aéreo e pôs-se a correr pelas ruas de Haia em busca de auxílio. Um ruído sinistro preenchia o espaço aéreo, pairava à sua volta, baixo e rude ao início, para depois aumentar vertiginosamente — uma e outra vez, enquanto o medo lhe provocava um nó no estômago e as pedras do pavimento estremeciam debaixo dos seus pés. Viu uma casa conhecida, tocou a campainha de conhecidos da família Brandes e, mal conseguindo suster o fôlego, pediu-lhes abrigo. Envergonhados, mas resolutamente, mostraram-lhe, e ao bebé, a porta da rua.

¹ *O Povo*. (NT)

² *Noite de Cristal*. (NT)

³ DNP (Dutch Nazi Party), no original. (NT)

A ameaça castanha

A primeira pessoa que perderam após a capitulação foi Anita, uma simpática jovem que viveu com eles na Bankastraat.

No dia 14 de maio de 1940, Lien, Eberhard e os seus amigos estavam à janela do quarto da frente a observar em silêncio a nuvem de fumo que pairava, ao longe, sobre Roterdão — um erro menor dos alemães, que não fizeram recuar os seus aviões quando os neerlandeses capitularam.

De súbito, alguém gemeu no primeiro andar. Lien subiu a escada numa corrida, com Eberhard logo atrás, e viram Anita na cama, branca como a cal, vacilante, com um tubo de vidro ao lado.

A rapariga fugira da Alemanha por causa das cada vez mais frequentes manifestações violentas de antissemitismo, e certa vez falara a Lien da dose de arsénico que o pai, médico judeu, lhe dera quando se despediram. Embora esta história viesse confirmar uma vez mais a gravidade da situação na Alemanha, pensaram que aquela atitude talvez tivesse sido um tanto dramática. Até então. «Prefiro morrer do que cair nas mãos dos nazis», sublinhara o pai de Anita.

Por todos os Países Baixos, muitos concordavam; após o anúncio da capitulação nos noticiários, centenas de pessoas puseram fim à própria vida.

Ainda assim, a vida pública prosseguia de forma razoável; as pessoas deslocavam-se para o trabalho, as lojas estavam abertas e os jornais ainda saíam para as ruas. Janny e Lien visitavam com regularidade os pais e o irmão mais novo em Amesterdão e, também aqui, como eram levadas a crer, tudo parecia seguir a normalidade. Inspirada pela comuna de Haia, a irmã de Bob, Aleid, iniciou algo semelhante em Amesterdão: uma casa comunitária no Nieuwe Herengracht, perto dos jardins botânicos, habitada por muitos dos amigos comuns das irmãs. Só ao visitarem Aleid e ali encontrarem poucos dos seus amigos é que chegaram à conclusão de que alguns já tinham um pé na resistência. Ficavam aqui e ali, apenas regressando ocasionalmente a casa para buscar algumas coisas.

Janny e Lien souberam das listas que passaram a circular com nomes de voluntários que participaram na Guerra Civil de Espanha,

jovens de esquerda, sociais-democratas, comunistas e outros antifascistas debaixo dos olhos dos alemães. Para os localizar, estes dependiam fortemente das informações da quinta-coluna: cidadãos simpatizantes do fascismo dispostos a contribuir e a partilhar informações desejadas havia muito — de empresários neerlandeses que expunham os seus clientes «vermelhos» até empregadas alemãs que denunciavam as famílias de cuja roupa suja se ocuparam durante anos. Janny andava preocupada com o facto de que ela, Bob e os seus amigos já pudessem estar registados algures e discutia a questão das listas com o marido. Mas este encolhia, simplesmente, os ombros: «Se assim for, acabaremos por descobri-lo.»

E assim surgiu esta expectativa.

No dia 29 de maio de 1940, Arthur Seyss-Inquart, comissário do Reich, proferiu o seu primeiro discurso enquanto oficial de mais elevada patente das forças de ocupação, no Salão dos Cavaleiros, no parlamento dos Países Baixos. O advogado austríaco de cabelo liso e pequenos óculos redondos sublinhou que o povo neerlandês nada teria a recear dos alemães:

Não viemos aqui para oprimir e destruir um carácter nacional e privar o país da sua liberdade [...]. Desta vez, não se tratou de carácter nacional, dinheiro ou liberdade. Os bens desta terra nunca estiveram sob ameaça. Desta vez, a questão era se os neerlandeses seriam usados enquanto trampolim para um ataque à fé, à liberdade e às vidas do povo alemão [...]. São estas as palavras que hoje tenho para dizer ao povo neerlandês ao assumir a mais elevada autoridade governamental dos Países Baixos. Chegámos, relutantemente, com a força das armas, pretendemos ser protetores e promotores para depois permanecermos amigos, tudo isto, todavia, à luz do dever mais alto, que nós, europeus, temos, porque temos de construir uma nova Europa, onde a honra nacional e o trabalho coletivo sejam os princípios condutores.

Todo o país suspirou de alívio. Aqui, as coisas seriam diferentes em relação ao que se passava nos países ocupados a leste: pelo menos, os alemães mostravam respeito por este país ocidental civilizado. Hitler sempre tornou claro que considerava os povos eslavos uma imundície que teria de ser eliminada do seu jardim, onde pretendia criar um *Lebensraum*⁴, e esperava que os seus irmãos germânicos do ocidente o ajudassem neste objetivo. Os Países Baixos não tinham interferido na política alemã de opressão e, em troca, seriam alvo de menor atenção — pelo menos, era o que os neerlandeses esperavam. Os soldados alemães acabaram até por

não ser assim tão maus: no bom tempo de verão, eram vistos pelas ruas e, na praia de Scheveningen, por muito estranho que parecesse, saboreavam um chocolate quente com *chantilly*.

Na comuna da Bankastraat, também se vivia algum otimismo: por certo, uma das superpotências aliadas depressa derrotaria Hitler, restando apenas saber se demorariam um ou dois anos. De qualquer forma, viriam a existir muito poucas consequências para os judeus dos Países Baixos; estavam completamente integrados na sociedade e o país não permitiria que algo lhes sucedesse.

Quando Lien, satisfeita e contente, chegou a casa da irmã para tomar café, Janny não conseguia estar de acordo com a sua perspectiva positiva. Mostrou-se muito ausente e breve.

«Talvez devesse deixar de cá vir tão regularmente.»

Disse-o ainda antes de lhe oferecer algo para tomar. Lien pensou no estranho homem que continuava a ver no pequeno apartamento, nos jornais clandestinos, nas reuniões secretas. Janny confiaria, seguramente, na própria irmã?

«É o Eberhard?»

Lien mal o conseguiu dizer. Semicerrou os olhos, endireitou a cabeça e olhou para a irmã mais nova.

Lien sabia que Janny encarava a ocupação com bastantes receios — a irmã acreditava que cada novo dia com os alemães dentro das fronteiras do país era um dia a mais. E Eberhard era alemão.

«Que te faz pensar *isso*? Confio tanto no Eberhard como na minha própria família.»

Janny apertou Lien de encontro ao peito e suspirou. Depois, apoiou os braços estendidos nos ombros da irmã, fitando-a diretamente nos olhos.

«Este é um lugar perigoso, Lientje. Tu nem fazes ideia do que aquelas *Krauts* são capazes. Confia em mim: quanto menos vezes vieres aqui, melhor. Para as duas.»

Pouco após esta conversa, Lien estava à porta do estúdio de dança a aguardar a aula seguinte quando um estranho se aproximou. Assustou-se quando este lhe falou, mas depois reconheceu-lhe a voz. Era um dos seus alunos judeus do Leste; cortara a longa barba e as fiadas de cabelo em espiral, e estava irreconhecível num rosto liso e pálido, além de envergar novas roupas. Ele mal se atreveu a olhar para Lien. Esta esboçou um sorriso com grande dificuldade e iniciou a aula alegremente, embora durante o resto da tarde tenha sentido um aperto no estômago e os membros tão pesados que mal conseguia erguê-los.

Numa noite de outubro, Bob regressou do trabalho com um formulário. Tratava-se de uma declaração ariana, que todos os funcionários públicos dos Países Baixos eram obrigados a preencher no caso de serem judeus, ou as suas famílias.

Depois de terem deitado Robbie, sentaram-se lado a lado a ler atentamente a declaração:

O(A) abaixo-assinado(a):...

ocupação:...

posição:...

nascido(a) no dia..., em...

residindo em...

declara que, tanto quanto tem conhecimento, nem o(a) próprio(a), nem a sua/o seu mulher/marido/noiva(o), nem um dos seus pais ou avós pertenceu alguma vez à comunidade de fé judaica.

O(A) abaixo-assinado(a) reconhece que se a presente declaração se revelar falsa, incorrerá numa demissão sumária.

..., 1940

(assinatura)

Os olhos de ambos percorreram o papel até à última frase. E trocaram um olhar. Começara. Bob nada disse, esboçou um esgar, pegou no formulário, abriu a tampa da salamandra e aproximou-o lentamente do fogo.

«Que estás a fazer?», perguntou-lhe Janny.

«Não preencho declaração alguma, nem tu. Nada quero ter que ver com isto e logo se vê o que acontece quando lá chegarmos.»

*

Um mês depois de Bob ter transformado em cinzas a sua declaração ariana, todos os funcionários públicos que se assumiram como judeus foram despedidos. Entre estes estava o presidente do Supremo Tribunal, Lodewijk Visser, pai de Tilly, uma amiga do casal. Nenhum dos seus colegas objetou.

Janny e Bob ainda não estavam cientes daquilo que o bem organizado registo de judeus estaria a preparar e não se preocuparam com a declaração. Os encorajantes sinais de resistência à sua volta eram muito mais interessantes. Ouviram falar de dezenas de alunos em Vossius, uma importante escola de gramática de Amesterdão, que entraram em greve, e da desobediência civil do professor Rudolph

Cleveringa da Universidade de Leiden. Os estudantes distribuíram milhares de exemplares do discurso de Cleveringa em todo o território dos Países Baixos. Janny e Lien também obtiveram um. Como Bob, também Cleveringa pertencia a um muito pequeno grupo de funcionários públicos que decidiu não assinar a declaração ariana — no seu caso, em solidariedade com dois colegas judeus, os professores Meijers e David, acabados de ser despedidos. Contudo, quem se recusasse a preencher o formulário também corria o risco de perder o emprego. Cleveringa não era um homem de coragem impulsiva — estava bem consciente das potenciais consequências, mas determinado, mesmo assim, a assumir uma posição clara.

Na manhã de 26 de novembro de 1940, Cleveringa dirigiu-se à Universidade de Leiden, supostamente para substituir o colega Meijers nas aulas que este teria de dar. Diante dos seus desavisados alunos, proferiu um discurso de protesto que ainda é tido como um dos melhores discursos alguma vez proferidos nos Países Baixos. Homenageando o seu mestre Meijers, Cleveringa debateu a abrangência do seu trabalho e, assim, voltou a fazer luz sobre a lei neerlandesa. Passou em revista os fundamentos de diversas áreas da lei e os méritos de Meijers ao longo de uma carreira impressionante, para depois fazer um apelo à razão, à consciência e ao sentido de justiça do seu jovem auditório:

Meijers é este neerlandês, este nobre e verdadeiro filho do nosso povo, este *mensch*, este pai para os seus alunos, este académico que a presença estrangeira que nos governa com hostilidade «destituiu do seu cargo»!

Eu disse que não falaria dos meus sentimentos; mantereí essa promessa, tão perto estão estes sentimentos de jorrar, como lava escaldante, por todas as fissuras que, por vezes, parecem rebentar-se-me na cabeça e no coração.

Mas na faculdade, que, de acordo com os seus princípios, se dedica a observar a justiça, *isto* não pode passar sem ser dito: de acordo com a tradição dos Países Baixos, a constituição afirma que cada neerlandês pode servir o seu país de todas as maneiras e pode ser nomeado para qualquer posição ou dignidade, desfrutando de igualdade de direitos civis e de cidadania, independentemente da sua religião.

Após a derradeira palavra de Cleveringa, ouviu-se uma explosão de aplausos e alguns alunos começaram a entoar o hino nacional, logo acompanhados pelo resto da sala. O sentimento de solidariedade espalhou-se pelas ruas de Leiden, mas foi brutalmente esmagado no dia seguinte pela detenção de Cleveringa, que passaria o resto da guerra na Casa de Detenção em Scheveningen como punição pelos

seus atos de resistência. A Universidade de Leiden foi encerrada.

Janny e Lien debateram a ação com Tilly, amiga de ambas, para a animar e enfatizar a coragem do pai, Lodewijk Visser, presidente do Supremo Tribunal dos Países Baixos. Elas admiravam a sua enorme determinação, mesmo depois de ter sido despedido, bem como os seus colaboradores na justiça, pelos nazis, e abandonado pelos seus colegas juízes. Quando foi questionado sobre a sua demissão, reiterou que a mesma não era legal, pois fora nomeado pela rainha e apenas esta estaria autorizada a demiti-lo — tudo o mais careceria de legitimidade. Lodewijk Visser não baixou os braços e continuou a oferecer resistência aos alemães. Foi colaborador do jornal clandestino *Het Parool* e viria a tornar-se presidente do Comitê Judaico de Coordenação, uma organização nacional autónoma fundada por duas sociedades religiosas judaicas.

Para Lien, pessoas como Lodewijk Visser estabeleceram uma referência para a resistência; uma atitude que levaria, seguramente, à movimentação das massas contra as forças de ocupação — que, por sua vez, terão pensado que os neerlandeses lhes permitiriam livre-arbítrio, tendo enfrentado uma desagradável surpresa. Janny, porém, não contava com a misericórdia alemã nem com a população neerlandesa para a salvação. Por isso, quando em janeiro de 1941, alguns meses após ter passado a ser obrigatório o preenchimento da declaração ariana pelos funcionários públicos, *todos* os judeus dos Países Baixos foram obrigados a registrar-se, ela não o fez. Como poucas pessoas entre os seus conhecimentos, recusou-se a ter o J negro maiúsculo, de «judeu», carimbado no seu cartão de identidade. A única coisa de que mais tarde se arrependeria foi de não ter incitado todos à sua volta a fazerem o mesmo. De não o ter dito a Lien, que não se indignou com esta questão burocrática, registou-se e ficou com um J carimbado no cartão de identidade, assim como 160 820 judeus dos Países Baixos. Um singelo ato administrativo que se viria a revelar muito útil ao sistema de deportação que em breve seria posto em marcha, facilitado pela eficiência e profissionalismo que os alemães tanto elogiavam aos neerlandeses.

Só em Amesterdão foram registados cerca de setenta mil judeus — dez por cento dos habitantes da cidade. No *Zentralstelle für Jüdische Auswanderung*, o Gabinete Central para a Emigração Judaica, na Adama van Scheltemaplein, mais adiante na guerra, algumas caixas arquivadoras com os cartões indexados seriam suficientes para manter o controlo de quem já fora transportado e daqueles que ainda teriam de ir. Quando da partida de um comboio, era enviada uma cópia da lista dos passageiros para o *Zentralstelle*,

onde um funcionário transferia o cartão correspondente ao nome de cada um dos passageiros de uma caixa para outra. Um cartão por cada homem, mulher ou criança transportados até que a caixa com os judeus registados em Amesterdão ficasse praticamente vazia e a caixa dos deportados cheia.

4 Espaço vital. (NT)

Greve! Greve! Greve!

Era um inverno de um frio gélido, o primeiro desde a invasão alemã. Liderados por Anton Mussert, os esquadrões paramilitares do NSB, conhecidos por «camisas-negras», tornaram-se mais ousados. O NSB aproveitava a boleia dos vagões das forças alemãs; antes da ocupação estrangeira, o partido tinha muito pouca expressão na paisagem política dos Países Baixos. Não obstante uma campanha fanática que apresentara Mussert como o salvador da ameaça bolchevique («Mussert ou Moscovo?»), os nazis neerlandeses alcançaram menos de quatro por cento dos votos nas eleições gerais de 1937.

O arrojo dos nazis neerlandeses, protegido pelo braço forte de Hitler, tornara-se cada vez mais evidente no quotidiano. O partido organizou provocações que tiveram como alvo predominante a população judaica e entre os habitantes do Bairro Judaico de Amesterdão, no centro da cidade, o ambiente era tenso.

Os alemães publicaram novas diretivas destinadas à polícia neerlandesa, instruindo-a a providenciar maior proteção aos nazis neerlandeses nos confrontos com os judeus e rebeldes civis. Além disso, passou a ser proibida a detenção de camisas-negras.

Janny ia com frequência a Amesterdão. Observava os rostos tensos, escutava os sussurros nas ruas, sentia o crescimento da tensão no centro da cidade e em seu redor. Todos pareciam estar constantemente apressados e quem não tivesse motivo para sair mantinha-se em casa.

Os proprietários dos cafés que ainda não tinham colocado uma placa a dizer «entrada proibida a judeus» recebiam visitas dos camisas-negras — e não eram tratados com grande simpatia. Todos os vidros do café-restaurant De Kroon, na Rembrandtplein, foram partidos e, noutros cafés, os esquadrões destruíram o mobiliário. Os soldados alemães forneciam-lhes apoio enquanto a polícia neerlandesa, nada podendo fazer, observava.

«Isto vai correr mal, Bob!», dizia Janny ao marido em casa, em Haia. «A gente comum também já não aguenta. Houve confrontos com nazis neerlandeses. Um deles até morreu.»

Ela referia-se a Hendrik Koot, um assumido camisa-negra que sofrera ferimentos no dia 11, terça-feira, vindo a morrer no hospital na sexta-feira seguinte, 14 de fevereiro, após uma desordem acirrada no Bairro Judaico. Koot era o mártir que os fascistas precisavam para dar o passo seguinte.

Na mesma noite, o Bairro Judaico, o coração do Bairro Judaico, onde viviam vinte e cinco mil pessoas, foi hermeticamente selado. As pontes foram levantadas, tendo sido colocada uma cerca de arame farpado para impedir o acesso, com a *Grüne Polizei* (a «Polícia Verde»), agentes da polícia nazi, a vigiar o local.

No dia seguinte, as forças de ocupação exigiram a criação de um Conselho Judaico: um organismo central que respondesse em nome dos judeus, com quem os alemães pudessem comunicar — e que depressa se transformou num meio de implementação das suas ordens.

Lodewijk Visser, à frente do Comité Judaico de Coordenação, opôs-se desde logo ao Conselho e à política dos seus presidentes, Abraham Asscher e David Cohen. Asscher e Cohen acreditavam poder negociar com os alemães em nome da comunidade judaica e talvez até exercer alguma influência positiva, mas Visser considerou a sua atitude demasiado cooperante. Em nome do Comité Judaico de Coordenação, recusou comunicar com os alemães e falar apenas com o governo neerlandês.

Ainda no mesmo ano, os alemães ordenaram que o Comité Judaico de Coordenação cessasse as atividades, designando o Conselho Judaico como único representante nacional da comunidade judaica.

No seguimento da morte de Koot, a máquina de propaganda nazi foi posta em marcha em grande velocidade. O semanário *Volk en Vaderland* (*Povo e Pátria*), do NSB, afirmou:

Judas tirou a máscara! [...]. O sargento Hendrik Evert Koot foi morto. Morto? Não, calcado com um prazer sádico! Esmagado debaixo dos pesados pés de um povo nómada — cujo sangue é diferente do nosso. Este método de chacina oriental é tipicamente judaico. [...] Digamos aos criminosos que esta foi a última, a última vez que um dos nossos foi morto por judeus.

Na semana seguinte, surgiram em diversos jornais neerlandeses artigos numa toada semelhante. Referiam as muitas feridas provocadas por mordidas que Koot, aparentemente, apresentava, e mesmo pior: que um judeu lhe mordera a garganta. Em poucos dias, a morte de Koot assumiu proporções míticas e Joseph e Fietje

Brilleslijper assistiram impotentes enquanto o Bairro Judaico se via separado do resto de Amesterdão por uma vedação. Por todo o lado, inclusivamente nas imediações do seu lar, foram colocadas placas com a seguinte inscrição: *Judenviertel/Joodse Wijk*⁵.

Mas ainda não era tudo. No dia 19 de fevereiro, haveria ainda um confronto à porta da geladaria Koko entre a *Grüne Polizei* e um esquadrão de defesa de clientes habituais que, havia algum tempo, protegiam os proprietários, Alfred Kohn e Ernst Cahn, dois judeus alemães refugiados. Desta feita, os alemães foram aspergidos com um frasco de amoníaco especialmente preparado. Proprietários e clientes foram detidos e o incidente foi reportado diretamente a Heinrich Himmler, líder das *Schutzstaffel*, as SS.

Após a primeira desordem havida na sexta-feira, 14 de fevereiro, no seguimento da morte de Koot, e o incidente com gás na Koko, os alemães passavam a ter justificações suficientes para iniciar uma grande ofensiva contra os judeus — sem anteverem grande oposição dos cidadãos do país. Apenas faltava uma coisa: instruir o Conselho Judaico a desarmar a sua comunidade. Os recém-chegados a presidentes do Conselho, o negociante de diamantes Asscher e o professor de História Antiga Cohen, apelaram à população judaica que entregasse todas as armas antes de sexta-feira, 21 de fevereiro de 1941. «Caso esta ordem não seja obedecida, seguir-se-ão inevitavelmente medidas rigorosas por parte do governo.»

Naquele fim de semana, os neerlandeses conheceram um fenómeno que, em breve, lhes seria muito familiar: as investidas. As pessoas eram arrastadas dos seus lares, os homens aparentando ser judeus eram obrigados a descer das bicicletas e as mulheres que interferissem eram violentamente afastadas para o lado.

Nestas primeiras investidas, nos dias 22 e 23 de fevereiro de 1941, foram detidos 427 homens judeus entre os vinte e os trinta e cinco anos; muitos destes na proximidade das sinagogas da Jonas Daniël Meijerplein, em Amesterdão, um pequeno triângulo entre a Waterlooplein e o canal. A polícia neerlandesa não fora informada e muitos cidadãos não judeus, que visitavam o mercado dominical, testemunharam a ação. Os homens judeus eram reunidos e obrigados a agachar-se no solo com as mãos levantadas ou atrás da cabeça. Os seus rostos estavam brancos como cal, as pupilas dilatadas. Eram vigiados por soldados que, com as suas botas, os pontapeavam ali mesmo, enquanto outros soldados traziam mais judeus para a praça, batendo-lhes com as coronhas das espingardas. Chegavam camiões, um grupo era empurrado para as caixas de carga, o condutor acelerava e desapareciam. Rápido, braços para cima, gritos, uma

pancada. Judeus em roupa de trabalho, homens de fato domingueiro, um de casaca. Os transeuntes assistiam, colados ao chão, outros corriam para casa. Quando o último caminhão deixou o Bairro Judaico naquela noite de domingo, o silêncio foi ensurdecedor.

Entre os capturados havia amigos de Janny e Lien. A maior parte dos deportados acabou no campo de trabalho de Mauthausen, um campo de concentração na Áustria onde se extraía granito. Lodewijk Visser apelou uma e outra vez ao secretário-geral — o mesmo secretário-geral que lhe voltara as costas quando fora demitido — para procurar conhecer o destino dos judeus capturados. Visser soubera que os prisioneiros do campo de trabalho morriam em massa em resultado do trabalho na pedreira, devido a fome, doença ou tortura, e acreditava que o governo neerlandês deveria intervir. Só que, novamente, ninguém o escutou.

Entretanto, os alemães estavam tão irritados com Visser que ameaçaram enviá-lo para um campo de concentração caso não se aquietasse. Mas não teria sido necessária tanta preocupação. No início de 1942, Lodewijk Visser morria com uma hemorragia cerebral. Nenhum dos seus antigos colegas do Supremo Tribunal compareceu no funeral.

Todo o grupo de homens deportados dos Países Baixos no fim de semana de 22 e 23 de fevereiro de 1941 morreu em poucos meses — excetuando dois «felizardos», que foram depois enviados para o campo de concentração de Buchenwald e sobreviveram.

Em março, Ernst Cahn, da geladaria Koko, foi fuzilado por um pelotão de fuzilamento nas dunas das proximidades de Haia, o que fez dele o primeiro civil da Segunda Guerra Mundial a ser morto desta forma. O seu sócio, Alfred Kohn, não regressaria de Auschwitz.

A seguir, aconteceu algo extraordinário. Um dia após as investidas, já a noite ia longa, o clandestino Partido Comunista distribuiu folhetos por toda a cidade. Tratava-se de um apelo, escrito numa única página com letras pretas batidas à máquina e muitos pontos de exclamação, a uma greve e a solidariedade para com os judeus:

Organizai uma greve de protesto em todas as empresas!!!

Lutai unidos contra o terror!!!

Exigi a libertação imediata dos judeus detidos!!!

(...)

Mantende as crianças judias longe da violência nazi, acolhei-as nas vossas famílias!!!

TENDE CONSCIÊNCIA DO ENORME PODER DA VOSSA AÇÃO

UNIDA!!!

Tudo isto é muitas vezes maior do que a ocupação militar alemã!!!
GREVE!!! GREVE!!! GREVE!!!

Poucas horas antes, ao princípio da noite de 24 de fevereiro, algumas centenas de membros do Partido Comunista, a maior parte funcionários públicos, reuniram-se numa assembleia ao ar livre no Noordermarkt («Mercado do Norte»), nas imediações da Estação Central de Amesterdão, no topo do Prinsengracht. Vindos de todas as direções, surgiram na praça desafiando o frio com casacos grossos e chapéus enterrados até às orelhas. O vapor da respiração misturava-se com o fumo dos cigarros pairando acima dos homens especados junto à igreja enquanto os organizadores proferiam um brilhante discurso.

Havia sido cancelada uma greve anterior quando os metalúrgicos neerlandeses foram enviados para a Alemanha, mas os líderes do CPN esperavam uma base mais ampla para atuação após o recente desencadeamento de violência antissemita. Todos os que se encontravam ali, no Noordermarkt, sublinharam os líderes do partido, teriam não apenas de obedecer eles próprios à chamada para agirem, mas também encorajarem outros a participar, num protesto coletivo contra o tratamento a que eram sujeitos pelos alemães e a deportação dos judeus de Amesterdão — os *seus* judeus de Amesterdão.

A fúria pelo que sucedera na Jonas Daniël Meijerplein — o doloroso ataque a que foram submetidos aqueles judeus — veio agitar algo e, naquela noite, muita gente se revelou a favor da organização de um protesto em massa. No fim da reunião foram distribuídas pilhas de folhetos. Os homens dispersaram, regressando às respetivas zonas da cidade para espalharem a palavra.

Na manhã seguinte, eclodia a greve de fevereiro: um protesto de larga escala, amplo e organizado contra a perseguição aos judeus. Uma primeira e essencial ação foi a greve dos condutores dos elétricos de Amesterdão; quem os aguardava nas paragens questionava-se por que razão não apareciam, sem conseguirem chegar ao trabalho. Teve um efeito dominó: as notícias depressa se espalharam pela cidade.

Para muitos, o início da greve causou alguma ansiedade, uma ação de desobediência pouco normal — mas em cada empresa bastou apenas uma pessoa para pôr o processo em marcha. Um jovem da fábrica de chapéus apagou o enorme forno com um balde de água; sem o vapor para fabricar os chapéus, toda a produção ficou suspensa e os trabalhadores abandonaram o edifício. Uma jovem costureira elaborou um plano com o marido; no *atelier* de costura do

primeiro andar, esperou junto à janela por um sinal deste, da rua, de que a greve começara. Então, com os nervos à flor da pele, vira-se para a sala repleta de mulheres, aclarou a garganta e apelou a que todas largassem o trabalho e entrassem em greve contra as forças de ocupação e os atos criminosos por elas cometidos sobre os judeus. Para sua surpresa, todas as outras costureiras se levantaram e acompanharam-na ao exterior.

Depois de os primeiros trabalhadores terem abandonado, sem permissão, o seu posto e surgido nas ruas com os casacos e os chapéus enfiados até às orelhas, as comportas abriram-se. Em todas as zonas da cidade, as pessoas reuniam-se nas ruas, num frio invernal; homens e mulheres, funcionários diversos e trabalhadores das estradas. De início, hesitantes, em grupos, mas com o aumento de casas e fábricas vazias, e cada vez mais nas ruas, mantiveram-se firmes, de peito erguido, aguardando a inevitável reação.

Os alemães foram tomados completamente de surpresa pela resistência e, no segundo dia, a greve alastrou a outras regiões do país: ao Norte, a Utrecht e, com alguma cautela, também a Haia. O sentido de solidariedade foi esmagador. A tensão, sentida em toda a parte após os recentes e violentos acontecimentos, abria lugar à esperança e à coragem.

Mas não por muito tempo.

Logo no primeiro dia da greve, uma reunião no Noordermarkt foi ríspidamente interrompida pela *Grüne Polizei* e as pessoas sentiram o regresso do medo.

No segundo dia, foi mobilizada uma força policial mais expressiva, como o foram as SS, os camisas-negras germânicos, uma espécie de irmãos mais velhos dos esquadrões nazis neerlandeses. Foi declarado um estado de emergência e a resistência dos grevistas foi quebrada com recurso à força.

Em Haia, Lien e Janny acompanhavam tudo, primeiro com entusiasmo, mas depois com preocupação. Automóveis da polícia seguiam a toda a velocidade de um lado para o outro, com as sirenes ligadas, a ordenar à população, pelos altifalantes, que se mantivesse em casa e regressasse de imediato ao trabalho. Foi deveras evidente: os fascistas tinham entrado em pânico. Nunca sucedera uma greve assim em nenhum dos territórios ocupados.

Em Amesterdão, inundando as artérias com batalhões, acabaram por conseguir fazer recuar os cidadãos. No primeiro dia de greve, as ruas tinham sido ocupadas pelo calçado dos operários, mas acabaram calcadas pelas botas da polícia no seguinte. Pelo menos nove pessoas foram mortas, dezenas seriamente feridas e centenas de

homens detidos. As cidades envolvidas foram multadas pelos alemães — só Amesterdão teve de pagar quinze milhões de florins — e o presidente da Câmara, Willem de Vlugt, foi substituído por um elemento pró-alemão: Edward Voûte. Por fim, o recentemente criado Conselho Judaico viu-se na contingência de instar a todos os trabalhadores que voltassem ao trabalho.

Quando Janny e Lien tomaram conhecimento do sangrento fim da greve dos seus amigos comunistas, não se entenderam sobre os efeitos dos derradeiros desenvolvimentos. Pela primeira vez desde as investidas, Lien voltava a ter confiança nas suas hipóteses; a greve de dois dias em Amesterdão mostrara que era possível resistir ao pior dos terrores. Mas Janny, como sempre, não acreditava; previa que aquelas ações levariam a repercussões sobre os judeus. «Agora, o Conselho Judaico está a tentar apaziguar os judeus», disse à irmã, «e isso é exatamente o que os *Krauts* querem ver.»

Imediatamente após a guerra, foi organizada uma evocação das greves e, na primeira ocasião, em 1946, a rainha Guilhermina anunciou que, inspirado pelas greves de fevereiro, o mote «Valente, Resoluta, Misericordiosa» seria acrescentado ao brasão da cidade de Amesterdão. Apesar da, ou talvez devido à, natureza não recorrente deste protesto organizado contra a perseguição aos judeus, a legitimidade da iniciativa seria disputada durante as décadas seguintes. O protagonismo do CPN foi negado ou mantido em silêncio; nos primeiros anos após a guerra, surgiu o mito de que as pessoas teriam saído para as ruas de forma espontânea, revoltadas com a política nazi. Durante a Guerra Fria, os membros do partido foram, por muitos anos, excluídos das comemorações oficiais da greve.

Hoje, a relação entre o CPN e esta muito reconhecida atitude da população ainda não é do conhecimento comum. Um símbolo de justiça tornou-se, muito estranhamente, num símbolo de injustiça.

Na Jonas Daniël Meijerplein, em Amesterdão, o local onde as vítimas da primeira incursão foram reunidas e obrigadas a ficar agachadas ao frio durante horas, uma estátua evoca a greve: *De Dokwerker*, o estivador — um homem forte e insubmisso de mangas arregaçadas, queixo erguido, mas de mãos impotentemente vazias.

5 A tradução de ambas as expressões — em alemão e em neerlandês — corresponde a «Bairro Judaico». (NT)

Filhos da guerra

Quando ocorreu a greve de fevereiro, Janny estava, literalmente, sobre o inimigo. O apartamento da Bazarlaan situava-se por cima da gráfica onde era produzida uma revista nazi neerlandesa e a propaganda fascista saía tão depressa das impressoras do piso térreo como ela e Bob, no andar de cima, imprimiam documentos clandestinos da resistência numa monstruosa máquina *stencil*. Como se fora uma técnica de gráfica experiente, Janny multiplicava exemplares do seu primeiro jornal clandestino, *Het Signaal* (*O Sinal*) — uma alusão à revista de propaganda *Signal*, da Wehrmacht, publicada quinzenalmente em vinte idiomas com uma circulação de dois milhões e meio de exemplares. Janny ainda não estava nesse patamar, mas continuava a imprimir corajosamente, com Robbie a dormir a seu lado.

Para expandir as suas atividades, Janny arrendou um espaço a pouco menos de um quilómetro, em Haia, onde instalou uma gráfica clandestina mais adequada. O medo e a desconfiança mútua cresciam de dia para dia: após a greve de fevereiro, todos os intermediários e contactos com Amesterdão foram detidos e, com maior frequência, Janny tinha de se relacionar com estranhos. Isto causava-lhe inquietação. Todas as trocas de olhares, recados sem remetente, encontros numa qualquer esquina para troca de informações — nunca sabia com quem iria falar. Seriam toupeiras, aventureiros ingênuos que a poderiam pôr em risco? Ou gente como ela que se havia dedicado à causa justa depois de uma cuidadosa ponderação? Como gostaria de saber se poderia confiar nesta ou naquela pessoa, em cada um dos novos rostos suspeitos surgindo debaixo de um chapéu. Felizmente, ambas as partes recebiam códigos para trocarem e compreenderem, rapidamente, o propósito daquele encontro.

Havia uma boa razão para aquela paranoia crescente: os relatos sobre os campos de trabalho no país e no estrangeiro, para onde os homens judeus eram levados, tornavam-se cada vez mais constantes. No entanto, ouvia-se dizer que as mortes eram atribuídas às duras condições: o frio, a doença ou o trabalho forçado. Os judeus estavam

agora proibidos de ir aos cinemas, cafés e mercados, e, em Amesterdão, eram obrigados a dizer exatamente quantas casas e lojas possuíam, que escolas os filhos frequentavam, de que elétricos e autocarros se serviam e quais os organismos culturais que visitavam. Era-lhes quase impossível viajar.

O objetivo seguinte das forças de ocupação foi capturar e reunir num local central o maior número de judeus que conseguissem, primeiro de Amesterdão, depois de todo o território dos Países Baixos. O Bairro Judaico, incomunicável com o resto da cidade, parecia o ideal, mas o bloqueio não perduraria; os muitos judeus de Amesterdão não caberiam naquela área tão pequena e pelo menos seis mil habitantes não judeus de Amesterdão viviam além das pontes levadiças. Obrigá-los a sair não seria fácil. Estes pretenderiam continuar a receber visitas, além de terem de deslocar-se para os empregos noutras zonas da cidade. As vedações foram retiradas, mas as placas ficaram: *JUDENVIERTEL/JOODSCHE WIJK*.

Os judeus foram proibidos de mudar de casa. Com todos obrigados a manterem-se nas respetivas moradas, poder-se-ia dar início ao rastreamento de toda a comunidade.

Numa noite de dezembro de 1941, Lien deu um espetáculo de dança. Enquanto arrumava as suas coisas, discutia a situação a que se chegara com a sua amiga próxima Ida Rosenheimer, que tocara piano durante a representação. Lien sentia-se otimista, estando longe de imaginar que os países ocupados permitiriam a Hitler pôr em prática os seus planos de forma mais acelerada — só a logística do transporte de dezenas de milhares de pessoas parecia-lhe quase impossível —, mas Ida estava menos confiante. A sua família dissera-lhe que, na Polónia e na Checoslováquia, os judeus eram reunidos em guetos e que quem oferecesse a mínima resistência seria levado para os novos campos de concentração. Ida considerava a amiga ingénua e tentou alertá-la: nos últimos vinte anos, Hitler sempre dissera que pretendia a exterminação dos judeus. Já começara no Leste e não havia dúvida de que viriam a assistir ao mesmo nos Países Baixos.

A irmã mais nova de Lien não precisou deste aviso; Janny expandia rapidamente as suas atividades clandestinas. Bob trabalhava no Centro de Abastecimento Alimentar, o que se viria a revelar de grande utilidade mais tarde, e Janny, além de imprimir e distribuir jornais da resistência, também estava envolvida noutras formas de salvar vidas. Caso fosse necessário, o seu pequeno lar proporcionava abrigo a pessoas em perigo — refugiados políticos e elementos da resistência que já tivessem chamado a atenção dos alemães.

Depressa lhe bateram à porta os primeiros comunistas. Entre estes estava Kees Schalker, antigo membro da Câmara Baixa. Era um dos líderes do clandestino CPN e estava na lista alemã. Vestindo como um velho, de chapéu e barba grisalha, tentou disfarçar-se, mas, como Alexander de Leeuw, que também se escondera na sua casa antes, Schalker não viveria para assistir ao fim da guerra.

Tudo o que o pequeno Robbie sabia era que, por vezes, vinham amigos que ficavam mais tempo. Quando visitava a irmã e via mais um estranho a ler o jornal na pequena cozinha, Lien já deixara de fazer perguntas.

Falsificar e roubar cartões de identidade tornara-se também um caso urgente. Os documentos falsos eram de importância vital para quem procurava abrigo — quando eram interpelados na rua, durante uma investida ou em viagem, teriam de conseguir identificar-se como não sendo judeus ou comprovar que residiam formalmente na morada do esconderijo que fingiam ser a sua. Mais cedo naquele ano, o apelo a novos registos de judeus fora muito bem-sucedido: registaram-se mais de cento e sessenta mil judeus do país — pessoas que passaram a ter um enorme J carimbado na página esquerda do cartão de identidade, ao lado da sua fotografia. Apenas uns poucos — como Janny — não o fizeram.

Os cartões de identidade tornaram-se, assim, num poderoso instrumento, um pedaço de papel que, nos momentos cruciais, poderia fazer a diferença entre a vida e a morte. Um cartão falsificado poderia ajudar os judeus, homens, mulheres e crianças, a passarem por um controlo, viajar para ver a família e amigos, encontrar segurança num esconderijo. Os dados pessoais, na página da direita do cartão de identidade, também eram muitas vezes falsificados; de um nome evidentemente judaico para um outro que soasse a alemão, de Simon Wallach para Hendrik Akkerman.

Além da falsificação dos cartões de identidade, nasceu um segundo e também importante negócio: o das senhas e cartões de racionamento. Devido à ocupação, o comércio internacional estava praticamente parado, com a consequente falta de bens e mantimentos. Todas as famílias teriam de ter um cartão oficial para o assentamento das entregas no qual se registaria com exatidão que senhas de racionamento haviam sido emitidas. No lado esquerdo do cartão vinham listadas diversas categorias — alimentos, sapatos, datas de nascimento, doenças, combustível, diversos — e, à frente, nos espaços em branco assinalava-se o quê e como foi entregue.

Embora este cartão parecesse ser uma simples questão administrativa, foi também uma importante arma. Ao Primeiro Cartão

de Registo de Distribuição, criado no início da guerra, seguiu-se em 1943, quando as deportações já estavam em marcha, um Segundo Cartão de Registo de Distribuição, apenas disponível para a população «comum» dos Países Baixos. Isto excluía todos os clandestinos e os detentores de um cartão de identidade falso. Inúmeras famílias a dar guarida a pessoas nos seus lares — nalguns casos, apenas uma; noutros, toda uma família — implicava que estas passassem a não conseguir obter alimentos com o cartão de distribuição daquelas e, por isso, fossem obrigados a obter os seus próprios cartões e senhas. Uma forma eficaz de continuar a fazer passar fome aqueles que ainda não se haviam registado para serem transportados e de os obrigar a sair dos esconderijos.

E assim, também os cartões de distribuição e as senhas eram roubados, circulando em ampla escala entre os elementos da resistência. Janny possuía uma rede completa de contactos permanentes e confiáveis para os obter. Viajava constantemente entre Haia, Amesterdão e Utrecht com documentos escondidos no sutiã ou debaixo da saia.

Os confrontos com os esquadrões de camisas-negras, bem como as investidas iniciais haviam tornado claro que o NSB e as forças de ocupação tinham deixado de mostrar misericórdia. Porém, Janny ainda levou algum tempo a compreender quão perigoso era aquilo que ela e Bob faziam.

Abria-se a caça aos comunistas. As pessoas que trabalhavam na clandestinidade para o CPN eram detidas e desapareciam sem julgamento. Os alvos seguintes foram os voluntários neerlandeses que tinham combatido os fascistas na Guerra Civil de Espanha. Entre estes antigos «Combatentes de Espanha» encontravam-se muitos amigos das irmãs Brilleslijper. A sua maioria estava de novo, ou melhor, ainda estava na clandestinidade — há boas razões para a Guerra Civil de Espanha ter sido considerada um ensaio geral da Segunda Guerra Mundial. Antigos Combatentes de Espanha contribuíram para jornais clandestinos como *Het Parool*, *Vrij Nederland* e *De Waarheid*, tendo criado juntos novos grupos de resistência.

Janny pertencia a todas as categorias de inimigos dos fascistas e com um risco a multiplicar por três: era judia, comunista e, embora radicada nos Países Baixos, também estivera envolvida na Guerra Civil de Espanha.

Em maio de 1941, foi anunciado que todos os antigos Combatentes de Espanha registados seriam detidos e levados para a Alemanha. A partir desse momento, passavam a ser considerados

criminosos apátridas. Seriam transportados de toda a Europa para o campo de concentração de Dachau, onde tinham sido erguidos blocos especiais: *Interbrigadistenblock*.

Janny soube disto pelos amigos, o que a levou a questionar-se sobre as consequências das suas ações. O que não a impediu de prosseguir o seu trabalho; ajudar os judeus e outras pessoas necessitadas tornava-se cada vez mais urgente e alargou a sua rede tanto quanto lhe foi possível, com gente em quem confiava. Por exemplo, para apagar o J de «Judeu» dos cartões de identidade foi ter com Hans Verwer a Amesterdão. Hans era bailarina e amiga chegada de Lientje — dançaram juntas com Lili Green até ao início da guerra. As capacidades motoras finas e a graciosidade que tinham feito de Hans tão boa bailarina ser-lhe-iam úteis ao longo da guerra; ela e o marido eram falsificadores de topo.

Janny também encontrou alguns contactos úteis em casa dos pais; embora o pai revelasse frequentes preocupações relativamente à atividade da filha. Por cima de Joseph e Fietje, no Nieuwe Achtergracht, viviam os seus amigos Leo e Loes Fuks. Leo possuía uma vasta rede de intelectuais judeus e pôs Janny em contacto com pessoas de quem ela precisaria para o seu trabalho clandestino. Obteve, por exemplo, um contacto na Câmara da cidade que lhe imprimia documentos dos registos municipais e um outro que lhe fornecia cartões de identidade com carimbos autênticos. Janny trocava-os por falsos, que depois eram utilizados para os recém-nascidos.

No verão de 1941, os preparativos para reunir e rastrear todos os judeus dos Países Baixos estavam em pleno andamento. Além de estarem registados, a sua liberdade de movimentos estava limitada e deixaram de poder frequentar mercados, piscinas ou praias. Foram apreendidas empresas e confiscados rádios.

Os funcionários públicos de Amesterdão, onde viviam mais de oitenta mil judeus, foram obrigados a elaborar um «mapa de pontos» — um mapa de Amesterdão em que os pontos revelassem com precisão onde viviam e quantos eram os judeus; cada ponto representava dez habitantes judeus. Num simples relance, passou a ser evidente o muito trabalho que haveria a fazer: algumas zonas eram abundantes em pontos, outras revelavam um padrão muito disperso.

Pouco a pouco e sem significativa oposição do governo neerlandês, toda uma população foi ficando privada dos seus direitos e dignidade, isolada da restante sociedade e cartografada em grande pormenor.

Ainda assim, para a maioria, a vida continuava. Muita gente prosseguia-a imaginando um futuro melhor depois da guerra, sem o terror nazi, e entre os muitos conhecidos das irmãs, alguns casais até esperavam bebês.

Para sua infelicidade, Lien e Eberhard não eram casados — as Leis de Nuremberga de 1935 haviam determinado que os judeus deixavam de poder casar com indivíduos de sangue alemão. Apesar de ainda perdidamente apaixonada, Lien consumia-se com a ideia de aumentar, ou não, a família. Janny e Bob, apesar das suas atividades clandestinas, eram muito felizes com o pequeno Robbie, tal como Haakon e Mieke Stotijn com o seu bebê René. Haakon, filho de um tocador de oboé e maestro de renome mundial, Jaap Stotijn, trabalhara primeiro com a orquestra sinfônica da rádio em Hilversum, mas ofereceram-lhe um lugar de solista de oboé na Orquestra Real Concertgebouw, em Amsterdão. Aceitou aquele excelente emprego com orgulho e a família mudou-se para o número 26 da Johannes Verhulststraat, mesmo por detrás da Concertgebouw — uma morada que viria a ser da maior importância para as irmãs.

E assim, muita gente seguia a sua vida, presumindo que a ocupação não duraria muito mais. Quando Lien visitou amigos em Amsterdão, as suas derradeiras dúvidas dissiparam-se assim que segurou nos braços o recém-nascido deles.

Pouco depois, as duas irmãs engravidavam: Lien pela primeira vez e Janny pela segunda.

De vez em quando, Lien e Eberhard gracejavam com o horror que se acometeria sobre o pai deste, alemão, se visse o filho naquele momento. Aquele orgulhoso oficial prussiano do exército imperial, que odiava toda a música exceto as marchas militares, pai de um filho que se tornara em tudo o que ele detestava: marxista, pianista, musicólogo afamado, solteiro e a viver com uma judia — grávida — numa comuna de artistas nos Países Baixos.

Desde pequeno, Eberhard abominara a natureza militarista do pai: as histórias sobre o grande Império Germânico, o romantizar da Primeira Guerra Mundial, na qual o pai cumprira serviço na Bélgica, e todas as músicas vibrantes que acompanhavam tudo aquilo. Eberhard nunca esqueceria a forma como o pai tentara inculcar a obediência e as *suas* preferências no filho com um bastão.

Certa vez, numa noite com os antigos companheiros de regimento, o pai pediu-lhe para tocar. Todos os anos, aquando do aniversário do imperador, aqueles homens arrendavam uma sala para celebrarem o feliz acontecimento com três brindes, discursos e a troca de gloriosas memórias daquela velha guerra. Foi numa destas

celebrações imperiais que o pai Rebling pediu a Eberhard, com dezasseis anos, para tocar algo belo no piano e o adolescente optou por tocar a sonata *Waldstein* de Beethoven, uma peça musical que vinha a praticar havia bastante tempo. O pai Rebling e os amigos acompanharam-no, aplaudindo com paixão ao longo da música. Então, o pai perguntou-lhe se, depois daquela sonata desafinada, ele poderia tocar uma decente marcha militar. Muito corado, Eberhard atreveu-se a recusar, não obstante a insistência do pai. Desculpou-se, afirmando que o professor o aconselhara a tocar apenas aquilo que estudara devidamente.

Eberhard fora afortunado o bastante para ser acolhido pela asa do maestro Otto Klemperer, vindo a tornar-se num pianista dotado. Klemperer introduziu-o nos universos de Stravinsky, Hindemith, Wagner e Beethoven. Eberhard estudou História da Música, Alemão e Filosofia em Berlim, tendo, aos poucos, sido atraído para os ideais comunistas. Em 1935, aos vinte e quatro anos, Eberhard concluiu o seu doutoramento, intitulado «Os fundamentos sociológicos para a mudança do estilo musical na Alemanha em meados do século xviii». Nesta altura, já trabalhava para o Partido Comunista e o ambiente no seu país e família sufocavam-no cada vez mais.

Com a chegada ao poder do NSDAP dois anos antes, foi o fim da República de Weimar e Adolf Hitler assumia poderes totalitários para pôr em marcha os seus planos para o Reich alemão. O irmão mais velho de Eberhard, Dietrich, que, pelo menos aos olhos do pai se tinha transformado num filho honrado, juntara-se aos nacional-socialistas; e Eberhard acabou por tomar uma decisão: assim que acabasse de pagar os empréstimos para os estudos, abandonaria um país que seguira uma via a que não queria pertencer e uma família que só ficaria feliz se ele embarcasse nas ideias de Hitler.

Um ano depois, em 1936, Eberhard deixou a sua pátria, tendo chegado, com a sua máquina de escrever e alguns trocos, a Haia, onde conheceu o amor da sua vida, Lientje.

O resto é história.

A casa revirada

O apartamento do andar de cima de Janny e Bob, em Haia, era um viveiro de atividades clandestinas. Dava abrigo a inimigos do estado: judeus procurados, gente da resistência, membros do clandestino Partido Comunista. Primeiro, o taciturno advogado Alexander de Leeuw, depois, o político Kees Schalker, e por vezes o seu amigo Frits Reuter também ficava algum tempo. Frits era também um destacado comunista e um dos principais responsáveis pela greve de fevereiro. Janny geria com ele a imprensa clandestina. Ela imprimia e distribuía panfletos, folhetos e publicações clandestinas. Dava as voltas necessárias por Haia com Robbie no carrinho de bebé e uma grande barriga. Por vezes, ia sozinha, noutras alguém vigiava enquanto ela colava os papéis em colunas e postes.

Em casa, não só guardava as chaves da gráfica clandestina, mas também todo o arquivo do Partido Comunista. Gerrit Kastein, agora combatente comunista da resistência, passara-o a Janny imediatamente antes da ocupação. Tanta atividade numa única morada corria demasiado bem para durar muito e, de facto, naquele verão as coisas correram mal.

Os alemães intercetaram em Haia panfletos com conteúdos antifascistas. Uma pessoa foi presa e, muito provavelmente de modo não voluntário, forneceu-lhes os nomes de Janny e Bob. Depois, ele, ou ela, revelou o endereço do apartamento onde Janny, mal respirando com o calor e os tornozelos inchados, contava as últimas semanas para o nascimento do segundo filho.

Foi num domingo, 17 de agosto de 1941, um abafado dia de verão, que um grupo de homens arremeteu pelo edifício, escada acima, em grande algazarra. Eram agentes do SD, o serviço secreto alemão, acompanhados por um punhado de agentes da polícia neerlandesa. Janny vinha a chegar a casa com Robbie e o carrinho cheio de coisas para preparar a chegada do bebé; fora ao Serviço de Enfermagem Domiciliar buscar uma arrastadeira, um lençol de borracha e apoios para os pés da cama. Não havia tempo para recuar. Bob estava, felizmente, no trabalho. Alguns homens ainda ao início da escada bloquearam-lhe a passagem.

«Bob Brandes vive aqui?», rosnou um deles.

«Vivia aqui, sim, mas mudou-se há muito tempo», disse Janny, respondendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

Sentiu-se intimidada pelos homens e o pequeno Robbie agarrou-se a ela a chorar. Um dos polícias neerlandeses inclinou-se para ela, com o nariz quase a roçar-lhe a cara.

«Tu és a mulher do Bob Brandes.»

Janny sentiu demasiado medo para falar e, em silêncio, ergueu a chave como um escudo. Se quisessem perguntar com educação, não teriam tido a necessidade de ter aberto a porta ao pontapé.

Os homens empurraram Janny e Robbie escada acima e sentaram-na numa cadeira da pequena cozinha. Os restantes agentes já revistavam a casa: abriam armários, remexiam as roupas, vasculhavam os livros das estantes. Janny começa a ficar em pânico. À pressa, tentou lembrar-se de uma forma de evitar que encontrassem o material clandestino — o que lhe pareceu impossível para tantos homens em tão poucos metros quadrados. Agarrou-se à barriga, gritou que estava num estado avançado de gravidez, perguntando-lhes o que pretendiam de si. Como ninguém respondeu, disse que o bebé estava a prestes a nascer. Não terá sido um grande exagero — a poucas semanas do parto, a barriga estava tão grande como uma bola de futebol. Os homens ficaram alarmados; um parto seria a última coisa que queriam e quando Janny implorou que a deixassem chamar um médico, um dos agentes do SD cedeu.

Com Robbie pela mão, atravessou a rua a correr até à mercearia, onde havia um telefone. Ligou à amiga Joop Moes, médica no hospital Volharding. Uma semana antes, Joop ajudara o bebé de Lientje a nascer. Compreendendo de imediato a situação, saltou para a bicicleta. Janny levou Robbie de volta para casa, encontrou maneira de deitar a mão às chaves da gráfica, estendeu-se na cama, onde ficou à espera com as chaves apertadas numa mão e a mão de Robbie na outra. Escutando os homens a virar com força bruta a casa do avesso, pedia por tudo para não encontrarem o arquivo: estava na pequena cozinha escondido em várias painéis e num balde.

O tempo estava quente e o ar pesado no apartamento. Janny ouvia os homens deslocarem-se a toda a hora à cozinha para beberem água. Sempre que alguém abria a torneira para encher o copo, ela pensava no arquivo do CPN alguns centímetros acima da sua cabeça. Se o encontrassem, seria o seu fim. Apertou com mais firmeza a mão de Robbie, escutando, quase sem fôlego, como sorviam a água em grandes goles. Em todas as vezes sentia ser *aquela* em que um polícia daria com a prateleira por cima dele. Mas,

em todas elas, o copo batia na bancada e o homem prosseguia a busca.

Entretanto, chegou Joop. Subiu a escada num pulo até ao quarto e pôs os agentes alemães na rua: «Cavalheiros, a senhora necessita de um exame interno. Poderão ter a amabilidade de nos deixar imediatamente?»

Janny começou a despir as calças para compor o cenário, passando a Joop as chaves da gráfica. Frits Reuter, colega de Janny, estava a viver com Joop perto da praia; as chaves ficariam a salvo com ele.

Joop estava quase de saída, não sem antes deixar uma receita escrita. Certificou-se de que era escutada enquanto transmitia as prescrições a Janny: «É uma receita para um sedativo que terá de ir aviar desde já à farmácia ou o bebé correrá perigo.»

Eram quase cinco horas. Hora em que Bob saíria do escritório.

Janny agarrou em Robbie e saiu disparada porta fora. A farmácia situava-se em frente ao trabalho de Bob, e ela teria de intercetá-lo antes que ele corresse para os braços dos polícia.

Um destes seguiu-a.

A farmácia ficava numa pequena praça — e o escritório de Bob do lado oposto. Janny percorria a praça com Robbie pela mão e com o homem no seu encalço, quando, do nada, começou a chover torrencialmente. Num minuto, aquele aguaceiro de verão emprestou um brilho pardacento às rudes pedras do pavimento.

Janny correu para a entrada de um edifício e esperou que o polícia passasse lançado no meio da chuva. Do outro lado da rua abriu-se uma porta e Janny viu Bob a sair. Este ficou espantado a olhar para a mulher e para o filho à porta de um edifício. Atravessou a praça, passou junto ao polícia sem que um e outro se conhecessem, e deu-lhes um beijo.

«Que fazem vocês aqui?», perguntou. Percebe então como ela está perturbada. «Que raio se passa?»

«Corre daqui para fora! Já!», suplicou-lhe Janny.

Bob virou-se e saltou para um elétrico que passava sem olhar para trás. O polícia surgiu detrás do mesmo. Estivera à sua procura na praça.

«Não ia à farmácia, minha senhora?»

«Sim, senhor. Abrigava-me, apenas.»

Janny aviou a receita e regressou com Robbie a uma casa onde Bob nunca mais voltaria.

Os agentes tinham virado quase tudo de pernas para o ar; fizeram, inclusivamente, Janny levantar-se da cama para cortarem e

abrirem o colchão. Levaram-lhes os livros quase todos e quase todos pertenciam a Bob, mas também um que Janny adorava em criança. Um amigo encadernador aplicara-lhe uma bonita capa vermelha de couro — razão bastante para se revelar suspeito perante os alemães.

Os livros foram-se, os armários da cozinha esvaziados, mas ninguém olhara para o interior das panelas nas prateleiras. Como se fez noite e nada mais restava no seu devido lugar, à exceção do arquivo do partido, os homens foram-se embora.

Esta agitação provocou em Robbie um forte choro; gritou e berrou até desenvolver febre e, preocupada, Janny foi deitá-lo. E então ouviu-se a campainha. Desceu a escada e, na penumbra, viu um rapaz à porta. Num tom conspirativo, disse ter ouvido o que se passara.

«Dá-me as chaves», sussurrou.

Janny respondeu-lhe não saber de que falava.

«Tenho de contactar o nosso intermediário; dás-me a morada?»

«Não», disse Janny. «Não posso. Amanhã, vai ter comigo à Noordeinde, junto à estátua de Guilherme III.» E bateu a porta.

Com a enorme barriga, correu escada acima, agasalhou Robbie, demasiado cansado para andar e vermelho como um aquecedor elétrico, instalou-o na retaguarda da bicicleta e pedalou até à casa de Joop.

Aqui chegada, ofegante, consultou Frits Reuter. Que fazer? Era evidente que estavam em apuros; alguém os denunciara. O nome de Bob estava numa lista e, provavelmente, também o deles. Que saberiam eles? Quem seria aquele rapaz que lhe batera à porta? Teriam conhecimento da gráfica ou estavam a investigar ao acaso?

No apartamento, nada encontraram que incriminasse Janny e, tanto quanto sabia, Bob conseguira fugir em segurança. Com Frits, decidem que ela iria a Noordeinde no dia seguinte. Ele ficaria a observar ao longe para ver se o rapaz seria, ou não, de confiança.

Após uma noite agitada, para o pequeno Rob e para Janny, exausta e tensa, ela seguiu para Noordeinde pela manhã. Ao aproximar-se, percebe imediatamente e, recordando o que combinara com Frits, conseguiu comunicar: «Se aparecerem *Krauts*, faz-me um sinal, para que eu possa pirar-me.» Janny assim fez. Foi interceptada e fez-se passar por ignorante. Manteve o silêncio, mesmo quando a pressionaram e Robbie começou a chorar. Os alemães tinham chegado à sua morada porque um dos seus contactos falara; por isso, Janny tinha uma intenção firme: manter a boca sempre fechada.

Os alemães deixaram-na ir, embora tenham deixado claro que ficaria debaixo de olho.

A partir de então, Bob entrava na clandestinidade com Haakon e

Mieke na Johannes Verhulststraat, em Amesterdão. No seu apartamento de Haia, Janny ficaria na retaguarda com o pequeno Robbie e uma grande barriga. Queimou todos os documentos comprometedores na salamandra.

Pouco depois, nascia Liselotte.

Eixo de resistência

Janny foi um elemento ativo da resistência desde os primeiros instantes da guerra. Entretanto, com Eberhard a seu lado, Lien ainda andava concentrada nas artes. Era uma visita muito bem recebida na comuna de artistas do Keizersgracht, em Amesterdão. Mas, com o avançar da ocupação, a procura de espetáculos de dança enfraquecia e, além de tudo, estava grávida.

Nessa altura, Mik van Gilse pediu-lhe ajuda: as pessoas na clandestinidade têm uma necessidade premente de cartões de identidade falsos. Graças à sua vida itinerante, Lien conhecia muita gente em diversas cidades. Mik sugeriu-lhe que visitasse tantos amigos quanto possível persuadindo-os a darem os respetivos cartões de identidade como perdidos. Eles poderiam solicitar um novo nos serviços administrativos da sua área e os cartões «perdidos» entrariam nas redes clandestinas.

Começou assim, em 1941, o trabalho clandestino de Lien. Em primeiro lugar, foi ter com um jovem escultor que produzia máscaras para os seus espetáculos. Este mostrou-se hesitante, só que o seu pai entrou e quis saber do que estavam a falar. Lien explicou a situação e o velho homem desmanchou-se a rir.

«Filho, estás a dizer que ainda não perdeste o teu cartão de identidade? Que vergonha! Entrega-lho, anda. Depois, pedes um novo na Câmara. Não podem recusar-to sem mais nem menos, pois não?»

O pai piscou um olho a Lien e, a partir daquele momento, o trabalho dela começou a dar frutos. Lien aprendia depressa; não teria a experiência de Janny, mas partilhavam os principais requisitos para o serviço: não temiam ninguém e ambas tinham consciência de que se viviam tempos desesperados.

Lien tinha a carreira de bailarina em banho-maria, mas a sua agilidade servia o mais importante propósito. Com alguma frequência, por exemplo, dava algumas braçadas na piscina municipal, ignorando os avisos «Não são permitidos judeus». Depois, esgueirava-se por baixo das cabinas para troca de roupa, com a enorme barriga dentro de um fato de banho e encostada aos mosaicos escorregadios, para subtrair cartões de identidade dos vários bolsos. Quando a barriga

cresceu tanto que já não passava por baixo, entrava por cima. As paredes eram tão finas que chegou a rezear que acabariam por ceder debaixo do seu peso.

Laçava mão a todos os cartões de identidade que podia. Tornou-se mais difícil quando teve de procurar documentos mais específicos, como para uma mulher de cinquenta e cinco anos e cabelo preto. Como já tinham sido apanhados muitos judeus com documentos falsos, a resistência teria de desenvolver um trabalho mais apurado e pormenorizado. O cartão de identidade dos Países Baixos era um dos documentos mais difíceis de falsificar na Europa. Deste constava uma fotografia tipo passe e uma impressão digital e, para evitar as falsificações, também estava associado a um registo centralizado. Era complicado imitar a tinta; com uma reação química era relativamente fácil identificar alterações no papel e, uma vez removida a fotografia do documento, quebrava-se um selo invisível na parte posterior, onde se encontrava a impressão digital.

Lien foi falar com Mik, que já tinha uma solução. O seu desenhador gráfico desenvolvera uma técnica engenhosa para remover a fotografia tipo passe do cartão de identidade, deixando a parte de trás e a impressão digital intactas. A nova fotografia, fina como uma folha de papel, era apensa ao cartão e o selo era, então, reparado. A equipa já falsificara habilmente centenas de cartões de identidade. Embora as impressões digitais não batessem certo, o documento era suficientemente seguro para os controlos ocasionais de rua.

Um dia, Mik entregou a Lien uma série de cartões falsificados para que os levasse ao banco alimentar, sito na Laan van Meerdervoort, em Haia. Disse-lhe que encontraria ali um aliado da resistência. Mik descreveu-o com grande pormenor. «Lembra-te: só se for *e/e*, pois trabalha para nós. Se lá estiver outra pessoa, voltas para trás imediatamente.»

O homem dar-lhe-ia cartões de racionamento para o mês seguinte, para serem distribuídos pelas redes clandestinas. Por sua vez, os cartões de racionamento poderiam ser trocados por senhas.

Era a primeira vez que Lien se deslocava à pequena dependência do banco alimentar e o coração batia-lhe apressado. Entrou, identificou o homem e passou-lhe os documentos falsos. Quando este a viu, ela sentiu por instantes que iria correr tudo mal. Porém, sem pestanejar, o homem entregou-lhe os cartões. Ela recordaria aquele momento durante toda a vida. Dois desconhecidos tendo de confiar, simplesmente, um no outro. Duas pessoas agindo casualmente, apesar do risco que assumiam ao ajudar outros — que corriam riscos

ainda maiores.

Nos primeiros meses de gravidez, Lien ainda fazia alguns espetáculos e dava aulas em simultâneo com o trabalho clandestino. Em Amesterdão, atuava em noites musicais e de *cabaret* para públicos judaicos. Partilhava o palco com artistas judeus a quem já não permitiam trabalhar. Tratava-se de uma importante companhia com muitos atores conhecidos e artistas de *cabaret* que tinham fugido da Alemanha, como Max Ehrlich e Otto Wallburg. O tenor dinamarquês Max Hansen também fazia parte. Em 1932, escrevera uma cantiga satírica homoerótica dedicada a Hitler: *War'n Sie schon mal in mich verliebt?* («Já alguma vez te apaixonaste por mim?»), invocando a eterna ira dos nazis. Outro membro do grupo era a artista de *cabaret* neerlandesa Henriëtte Davids, conhecida pelo nome artístico Heintje Davids e que participara tanto no musical como no filme *De Jantjes*.

Lien era muitíssimo admirada pelas suas interpretações de canções ídiche e toda a gente a conhecia de todas as grandes *revues* em que fora estrela. Ela adorava atuar naquela eminente companhia; ficou bastante aborrecida quando chegou a um estado avançado da gravidez e deixou de lhe ser possível participar nos espetáculos. «Acabámos de encontrar esta jovem e dotada artista», provocou-a Max Ehrlich, «e ela decidiu mandar vir um bebé!»

Lien retirou-se da companhia, uma desilusão que, em breve, se revelaria ter sido uma dramática boa fortuna. Com a exceção de Heintje Davis e Max Hansen, todo o grupo foi detido e enviado para o campo de trânsito de Westerbork. Acabaram todos em Auschwitz; nenhum regressou.

As contrações começaram em 8 de agosto de 1941. Eberhard estava ausente, a tocar algures com uma orquestra. Lien fez passar a enorme barriga por cima do quadro da bicicleta dele e pedalou até ao Hospital Volharding. A amiga Joop Moes ajudou ao parto e quando Eberhard telefonou para saber das novidades no intervalo do concerto, Joop disse-lhe, orgulhosamente, que acabara de ser pai.

Em 12 de agosto de 1941, Eberhard escreveu a um amigo de Nova Iorque:

É uma menina, Kathinka Anita, com 3,4 quilogramas, cabelo escuro, sobrancelhas claras, olhos azul-escuros, o nariz da mãe e a boca do pai. Felizmente correu tudo bem. A Lien recebe mimos de todos os nossos alunos conhecidos e ricos — flores, fruta e trufas de chocolate (mesmo muito boas!).

Foi a derradeira carta que lhe enviou: a correspondência para o

estrangeiro foi suspensa. Quando, em 7 de dezembro, os japoneses atacaram Pearl Harbor e os Estados Unidos da América foram diretamente envolvidos na guerra, todos os outros contactos com o resto do mundo também foram interrompidos.

Janny estava contente por ter tido a bebé ao mesmo tempo da irmã; eram grande amparo uma da outra. Primeiro, preocupara-se com as novas atividades clandestinas de Lien, mas agora Janny sentia-se grata por trabalhar com a irmã. Bob ainda estava em Amesterdão, escondido junto de Haakon e Mieke Stotijn. Assim sendo, ela coordenava à sua maneira a imprensa clandestina no apartamento do andar de cima, com o pequeno Robbie pela mão e a bebé Liselotte sentada numa das pernas. Janny passara a guardar parte dos jornais clandestinos em casa de Lien, dentro do enorme piano *Bechstein* de Eberhard — ao que as duas irmãs até achavam graça. A proprietária da marca daquele piano colossal e distinto, Helene Bechstein, era uma bem conhecida amiga e apoiante de Hitler, o qual via como filho, apelidando-o com afeto de «*mein Wölfchen*». Se ao menos a senhora pudesse imaginar os tratamentos sofridos pelos seus instrumentos.

Janny ficou orgulhosa por Lien atravessar a cidade com a recém-nascida Kathinka no carrinho de bebé e o colchão deste recheado com as publicações ilegais que a irmã imprimia: *Signaal*, *De Waarheid*, *De Vrije Katheder*. Lien preferia que os encontros ocorressem na clínica de saúde infantil, onde ia ter com uma amiga e o seu bebé. Falavam do desenvolvimento dos filhos, tiravam-nos dos carrinhos e trocavam os espessos cobertores de lã a abarrotar de folhetos e publicações que, mais tarde, seriam distribuídos. Depois da consulta, os bebés eram novamente colocados por cima da mercadoria clandestina e cada uma das mulheres seguia o seu rumo.

Mas este trabalho não era isento de riscos; as irmãs perdiam cada vez mais amigos. A amiga da clínica de saúde infantil também foi detida; foi levada com o bebé e não sobreviveram a Auschwitz.

Embora Janny estivesse agora por sua conta, costumava ver a família muitas vezes, felizmente. O pai Brilleslijper e o irmão Japie visitam-na com frequência e, depois, passavam o dia com Lien, Eberhard e a pequena Kathinka no apartamento de Janny, na Bazarlaan. Jaap, o irmão, era o menino dos seus olhos. Cinco anos mais novo do que Janny, era tão habilidoso como um relojoeiro suíço. Quando Fietje dava à luz Janny, a parteira afirmou estar a ver a cabeça de um menino. Quando viu que afinal era uma menina, Joseph, já convencido de que seria um rapaz, ficou tão aborrecido que bateu ao de leve na cabeça da esposa. É claro que em pouco tempo

estava felicíssimo com a filha.

Japie parecia-se muito com as irmãs. Maços do rosto salientes, lábios cheios e sobrancelhas grossas e pretas; não era de surpreender que muitas pessoas pensassem que Jaap e as irmãs fossem oriundos das Índias Orientais Holandesas. Ao contrário do rosto arredondado delas, o de Jaap era oblongo — e com os seus óculos de aros metálicos redondos dava mesmo ares a inventor. O rapaz tinha a imaginação do pai e a ética de trabalho da mãe. Desde que se lembravam, ele inventava e desenhava as coisas mais estranhas, construindo-as com as próprias mãos.

De acordo com Janny, Japie foi o inventor do primeiro rádio para bicicletas. Passou semanas enfiado no quarto e, certo dia, tinha construído um rádio verdadeiro. Aquela coisa rangia e estalava, mas ouviam-se vozes reais. Soavam confusas e nasaladas, mas inteligíveis, e quando começou a apanhar as ondas de Inglaterra todos quiseram juntar-se-lhe para ouvir. *Daventry calling!* Com uma prancha, alguns rebites e um cristal, Japie criou um rádio que depois montou na parte da frente da sua bicicleta. O altifalante estava no guidador, a antena era um fino fio de cobre e a energia assegurada por um dínamo. E assim pedalava até à escola, a cantar pelo caminho as músicas que lhe saíam junto ao guidador.

Enquanto as irmãs mais velhas já tinham casa e filhos, Jaap, aos vinte anos, continuava a morar com os pais em Amesterdão. Não houve dinheiro para terminar a escola secundária; fora durante a crise e o pai ficara, temporariamente, sem trabalho porque piorara muito da vista. Jaap iniciara um curso noturno sobre correspondência comercial, mas no final de agosto de 1941 todos os alunos judeus foram expulsos da escola.

Alguns anos antes, Jaap estabelecera-se defronte da casa dos pais com um negócio de estacionamento de bicicletas para ganhar mais algum dinheiro. Completamente imbuído do espírito das irmãs, iniciou também a sua própria rede clandestina de distribuição. Utilizando o estacionamento como fachada, aceitava missivas, encomendas e mensagens da resistência, distribuindo-as pelo país.

Enquanto os judeus se viam cada vez mais isolados e a restante população também se ia afastando, por fechar os olhos, a rede clandestina da extensa família Brilleslijper chegava a uma quantidade cada vez maior de regiões dos Países Baixos. Com o risco das próprias vidas, estruturavam um eixo de resistência entre Amesterdão e Haia.

Tratamento pela fome

Ora, não foram as irmãs judias nem o desertor alemão quem primeiro se viram na contingência de se esconder, mas o neerlandês. Isto quase os fez rir, embora soubessem que qualquer um deles poderia ser o seguinte.

A preocupação justificou-se quando Eberhard foi chamado para o serviço militar. Este e Lien mal tinham passado quinze dias com a filha, Kathinka, quando chegou uma carta a solicitar que se apresentasse nas instalações do exército alemão, em Haia, quatro semanas depois. Caso fosse dado como apto após os exames médicos no outono seguinte, Eberhard teria de se juntar à Wehrmacht em janeiro de 1942.

Naquela noite, os jovens pais queriam falar sobre o conteúdo da missiva e do que fariam a seguir. Pediram a Jolle Huckriede, a clarinetista do quarto ao lado, que ajudasse a adormecer Kathinka. Jolle ficou contente por poder tocar para a pequena; também era do seu interesse que ela deixasse de chorar. Todos no edifício estavam felicíssimos com a chegada de um novo bebé, mas a menina herdara o temperamento da mãe. Até então, Kathinka apenas sossegara uma única vez e durante algumas horas: quando Lientje, antes de dar o peito à bebé, deitara abaixo uma garrafa de espumante para celebrar o seu nascimento.

Assim que Kathinka caiu no sono, Jolle saiu e Eberhard e Lientje começaram a discutir as opções que teriam. Ele deveria passar à clandestinidade? Onde? Ou deveria apresentar-se e esperar o resultado dos exames médicos? Se não passasse, talvez pudesse voltar para casa. Não conseguiam chegar a uma conclusão e pela primeira vez em muito tempo falhava-lhes o otimismo. Quando Eberhard fosse enviado para a frente, poderia ser o seu fim — o que talvez se justificasse se fosse travar a sua própria luta. Não a do inimigo.

«Vai falar com o Rhijn», acabou Lien por dizer, «ele saberá o que fazer.»

Este Rhijn era o grande amigo Rhijnvis Feith, através de quem ficavam a par de Janny e Bob. Filho da abastada família Feith e

neurologista a exercer em Haia, era uma figura de charneira da resistência neerlandesa desde o início. Um homem que a poliomielite marcara para a vida — encurvado, corcunda, uma enorme cabeça sobre ombros estreitos —, mas deveras afamado por uma perfeita conduta moral.

Rhijn foi também quem, com Gerrit Kastein, criou o Fundo de Solidariedade para reunir dinheiro para as atividades clandestinas, redistribuindo-o onde fosse necessário. Para Lien, fazia algum sentido aconselhar Eberhard a ir falar com ele, pois ajudava muita gente que precisava. O seu consultório funcionava como morada de contacto para aqueles que trabalhavam na resistência, apenas ficando registados com a designação de «paciente»; fora ainda de grande ajuda para Janny quando Bob também teve de passar à clandestinidade durante algumas semanas.

Na manhã que se seguiu à busca intempestiva dos alemães na casa de Janny, Rhijn palmilhou toda a distância entre o seu consultório e a Bazarlaan com uma chávena de café moído numa das mãos e um maço de cigarros na outra. Subiu ao piso dela e disse a uma já muito grávida Janny: «Ora, cá estou eu. Vais fazer-nos um belo café e depois falamos de como resolver as coisas.»

Enquanto fumava, e Janny sorvia o café quente, Rhijn questionou-a de forma direta sobre como faria ela para pagar as contas com Bob ausente, tomando conta de uma criança e com um bebé a caminho. Ela não conseguiu responder-lhe. Nem sequer tinha pensado nisso, mas se Bob não se apresentasse ao trabalho, obviamente, também não receberia o vencimento.

«Quanto ganha o teu Bob?», perguntou-lhe Rhijn.

Janny não sabia o valor exato, mas disse-lhe, aproximadamente, a quantia que costumavam gastar. Rhijn quis saber o número da conta deles e se ela tinha acesso à mesma. E saiu.

Poucos dias depois, Janny viu na conta o valor correspondente ao salário de Bob, não pago pelo empregador, mas transferido de um certo P. G. Jonker — pseudónimo de Rhijnvis Feith Esq. Até Bob voltar a ter um ordenado, ela receberia de Rhijn, que a visitava todas as manhãs em casa, bebia café, fumava os mesmos dois cigarros e saía para o consultório, o equivalente ao seu vencimento.

No outono de 1941, Eberhard fez uma visita a Rhijn. Seria de importância vital que fosse declarado inapto. Rhijn foi direito ao assunto.

«Que peso tens agora?»

«Sessenta e sete quilos, mais ou menos, e um metro e oitenta.»

«Então, terás de cumprir um tratamento pela fome. Quero que baixes para os cinquenta quilos, no máximo cinquenta e um. Desta forma, atingirás tão fraca figura que ninguém te vai querer lá. Só falta pensarmos numa doença.»

«Recordo-me que o meu irmão mais velho tinha um problema renal e, por causa disso, não passou no exame médico da Wehrmacht na altura.»

«Muito bem», disse Rhijn, «dez dias antes do exame, irei dar-te um medicamento à base de ruibarbo para que a tua urina possa revelar que padeces de uma infeção renal precoce. Aviso-te: tem um sabor horrível, mas sobreviverás.»

Eberhard concordou logo com o plano e Rhijn prescreveu-lhe uma dieta rígida; disse-lhe como um belo e elegante jovem haveria de se transformar num comovente saco de ossos no menor tempo possível.

«Farás o seguinte: pões-te a trabalhar até às três da manhã; depois, bebes algumas chávenas de café forte, dormes uma ou duas horas, não mais; a seguir, pegas na bicicleta e pedalas pela cidade o mais rápido que consigas ou, melhor, uns quinze quilómetros. Vens ter comigo duas vezes por semana para um exame geral. A partir de agora, passas a ser meu paciente.»

Eberhard iniciou os treinos de imediato. O mais difícil foi levantar-se cedo; pelas cinco da manhã, quando toda a casa ainda estava em sossego, arrastava o corpo faminto para a rua e pedalava através de Haia. Com o estômago a rumorejar, as pernas lisas como pastilha elástica, pedalava sobre o empedrado como um ciclista de competição e, na alvorada, voltava para Lien e Kathinka ainda no quentinho da cama. Estava exausto e a escorrer suor, começava a ver estrelas e quase perdia os sentidos, mas mantinha-se com o tino no objetivo: não entrar para a Wehrmacht e ser separado da mulher e da filha recém-nascida.

Enquanto Eberhard rapidamente perdia peso, chegavam relatos da ofensiva de Hitler na União Soviética. Os soldados alemães tinham iniciado a maior ação militar da história: a Operação Barbarossa. O objetivo último de Hitler residia a leste, onde haveria suficiente *Lebensraum* para concretizar os seus planos para o povo alemão. Em *Mein Kampf*, já havia manifestado o seu desprezo pelos povos eslavos, os *Untermenschen*⁶, e pela sua condenável ideologia, o comunismo.

No dia 22 de junho de 1941, sem prévia declaração de guerra, a Wehrmacht invadira a União Soviética com quatro milhões de homens, seiscentos mil cavalos e dois mil aviões. Eberhard, bem

como Lientje, tinham sido otimistas desde o primeiro dia da ocupação dos Países Baixos; a guerra não duraria muito. Mas com a abertura da Frente Oriental e relatos de que a *Blitzkrieg*⁷ apanhara os soviéticos de surpresa, começaram a surgir as primeiras brechas no seu otimismo.

Poucas semanas depois, num sombrio dia de outono, uma sombra de Eberhard apresentava-se no centro de recrutamento de Haia. Formara-se um enorme espaço entre as coxas, via-se a pele penosamente esticada de encontro aos ossos e parecia sugar sem descanso as bochechas para o interior da boca. Os papos amarelados sob os olhos e uma camada lúzida de suor na testa resultavam numa tez enferma. Uma fileira de homens bem nutridos em uniformes justos observou-o com desaprovação enquanto se despiá até às ceroulas. Foi medido e pesado.

«Cinquenta quilos e oitocentos!», disparou uma voz.

«Não é muito. Passa-se algo contigo ou quê?», perguntou outra.

«Sim, sou míope», respondeu Eberhard.

«Irrelevante!»

«Tenho as pernas arqueadas e não consigo caminhar muito.»

«Então, não vais para a infantaria, mas também precisamos de gente para as baterias antiaéreas.»

A dúvida começou a instalar-se em Eberhard. Sentiu-se um miserável durante dias e dias, mas sentira-se encorajado com os comentários chocados dos seus companheiros de casa sobre a sua aparência. Vivera a esperança de que o plano resultaria se fosse, pelo menos, persistente. Com aqueles homens a olhar para si sem se comoverem, começou a interiorizar que qualquer pessoa passaria, desde que o coração batesse; queriam apenas carne para canhão.

«Em criança, tive três graves infeções nos ouvidos, por isso...», tentou Eberhard.

«Como és músico, não tens problemas de audição, certo?»

«E sofri de fortes inflamações nos rins pelo menos duas vezes.» As suas desculpas soavam fracas; sentia que todos os seus esforços tinham sido em vão.

«*Beding kriegsverwendungsfähig!* Condicionalmente apto para a guerra!», rosnou um de uniforme para o homem que preenchia os formulários.

«Entraremos em contacto.»

Afastaram-se; o exame terminara. Os homens que o antecederam e os que o seguiram foram declarados aptos e logo admitidos. Eberhard fora bafejado com um tudo-nada de esperança: condicionalmente «apto para a guerra». O seu destino está preso por

um fio. Teriam de continuar à espera.

Nas semanas seguintes, Eberhard comia tudo o que Lien lhe servia para ganhar algum peso. Verificava a caixa do correio pelo menos dez vezes por dia e ambos discutiam os possíveis cenários para quando chegasse a convocatória. Deveria vestir aquele odioso uniforme e combater pelo inimigo na esperança de um dia voltar vivo para Lien e Kathinka? Ou deveria passar à clandestinidade como tanta gente que ajudaram? Talvez fosse por a data estar a aproximar-se, mas, ainda assim, a decisão foi difícil: se Eberhard fosse recrutado, passaria à clandestinidade.

No dia 6 de dezembro de 1941, chegava a carta que, oficialmente, fazia de Eberhard um desertor. Inimigo público número um. Hitler sempre fora claro quanto à traição ou *fahnenflucht*⁸: na frente, poder-se-ia morrer; enquanto desertor, ter-se-ia de morrer. Em 15 de janeiro de 1942, teria de se apresentar num regimento em Wolfenbüttel, na Alemanha, onde seria destacado para os serviços administrativos do NSDAP. Vinha incluído um bilhete de comboio de ida. Segurava-o na mão sabendo que não iria, principalmente após os últimos relatórios da Frente Oriental.

Soubera da *Blitzkrieg* pela resistência: o ataque-relâmpago que fizera os soviéticos ajoelhar transformara-se numa lenta e gélida marcha fúnebre. Após uma sequência de triunfos germânicos nos primeiros meses, a máquina de guerra vacilava. A infantaria não conseguia acompanhar as divisões blindadas, os aprovisionamentos iam ficando para trás e as decisões estratégicas de Hitler eram incompreensíveis. Milhões de homens avançavam sobre as estepes e pela tundra, e o impiedoso inverno russo ainda estava para chegar.

No dia em que Eberhard recebeu a convocatória, verificavam-se em Moscovo vinte e nove graus abaixo de zero. Na primeira fase da Operação Barbarossa, os soviéticos perderam quase oitocentos mil homens, mas no início de dezembro ripostaram violentamente. Com o gelo, os soldados alemães perdiam membros, pálpebras, cabelo, narizes e orelhas — mas eram obrigados a prosseguir. Aquele exército de mortos-vivos avançava, deixando, na estepe russa, um rasto de espantalhos. Alguns soldados do Exército Vermelho, atingidos pelos «monstros louros» das tropas nazis, entretinham-se a expor os mortos na neve; os cadáveres eram deixados nas mais estranhas posições, como esculturas macabras numa dança de guerra.

O território soviético era vasto e o constante abastecimento de soldados tornava os homens de Hitler num número insignificante; o Exército Vermelho era uma almofada viva sobre a qual os alemães

carregavam até ficarem atordoados. Estaline tinha à disposição seis milhões de homens e outros catorze milhões na reserva — a carne para canhão foi colorindo lentamente a neve de vermelho.

Em janeiro de 1942, Janny já não estava com Bob havia seis meses — e este continuava sem conhecer a filha, Liselotte. Estava ainda escondido junto de Haakon e Mieke Stotijn em Amesterdão e Janny sentia, terrivelmente, a sua falta.

A cunhada, Aleid, pensou num plano para que pudessem estar juntos durante um breve período de tempo. Ao casar, entrara para uma família distinta com uma ampla rede de conhecimentos na província da Holanda do Norte; o seu sogro judeu, Jaap Hemelrijk, fora diretor de uma escola em Alkmaar e vereador em Bergen até ser exonerado em resultado das medidas alemãs. Janny admirava-o e chamava-lhe «Avô Hemelrijk». A despeito do seu sofrimento provocado pelos regulamentos opressivos, exalava uma certa invencibilidade que inspirava Janny nas suas próprias atividades.

Aleid vivia com Jan Hemelrijk em Bergen; perguntou ao marido e ao pai, e até a outros elementos da família, se saberiam de uma casa de férias na zona onde Janny, Bob e os pequenos pudessem passar alguns dias juntos em sigilo. Acabou tudo por funcionar de forma diferente.

Janny soube pela irmã que Eberhard fora alistado, apesar de tudo, e tentou reconfortá-la. Lien preocupava-se que os alemães levassem Eberhard ou que ele fosse detido enquanto desertor caso recusasse apresentar-se — e ambas sabiam o que isso significaria. Janny tinha um plano, mas pretendeu, antes de mais, pôr o seu dedicado amigo Rhijn a par. Considerava que seria mais sensato ir Eberhard a Bergen primeiro; Janny encontraria outra oportunidade para estar com Bob — isto era mais importante.

Rhijn concordou, mas o tempo escasseava; Eberhard teria de se apresentar em Wolfenbüttel no dia 15 de janeiro e a liberdade de movimentos nos Países Baixos estava cada vez mais limitada. Os judeus não tinham permissão para se mudarem havia algum tempo, ao passo que os alemães preparavam uma deslocalização obrigatória, referindo-se a ela com o estratégico eufemismo de «evacuação» — uma palavra depressa adotada pela população e imprensa neerlandesas. Esta «evacuação» implicaria o abandono dos respetivos lares, em todas as aldeias e cidades dos Países Baixos, por parte dos judeus, transferindo-se para Amesterdão — deixando para trás todos os bens. O plano era concentrá-los numa das quatro zonas judaicas: Transvaalbuurt, Rivierenbuurt, o Bairro Judaico e

Asterdorp.

Ficou combinado entre Rhijn e Janny que ela contactaria Jan Hemelrijk para lhe pedir ajuda, e que, por motivos de segurança, nada diriam a Lientje. Os métodos dos interrogatórios da Gestapo eram conhecidos e nunca lhe poderiam sacar coisas que não soubesse.

E assim foi: Janny falou com Jan e decidiram que seria mais seguro Eberhard esconder-se na própria casa daquele e de Aleid, na Karel de Grotelaan, em Bergen. Ninguém saberia, a não ser Janny e Rhijn.

Eberhard preparava a sua partida iminente, supostamente para se apresentar no regimento de Wolfenbüttel; nem aos colegas de casa foi permitido conhecerem o plano. Despediu-se dos seus alunos de piano, guardou os livros de música numa arca e pediu a Jolle, do quarto ao lado, para olhar por eles. Por fim, escreveu aos pais a dizer que poderiam vir a não ter notícias suas durante algum tempo, mas para não se preocuparem.

Depois de guardar o estritamente necessário, Eberhard completou a mala com livros; esperava que a leitura e o estudo tornassem o isolamento e a solidão que o aguardavam menos sombrios.

Celebraram juntos a véspera de Ano Novo, desanimados, na casa dos pais Brilleslijper e com o irmão mais novo Jaap, em Amesterdão. Atreveram-se a trocar desejos para o ano seguinte. A um sinal para a oração, deram as mãos em volta da mesa, tentando acalmar os nervos com uma imprecação e um presságio. O pai Brilleslijper conduziu-os: «Desejamos que a União Soviética obtenha vitórias importantes e que a Inglaterra e os Estados Unidos da América decidam abrir uma segunda frente na Europa Ocidental. Desejamos também aos fascistas uma rápida queda e a morte de Hitler.» Quando da derradeira frase, Fietje ergueu uma sobrancelha, mas não pôde negar o mesmo sentimento. «E, por fim, que tenhamos força suficiente para suportar esta guerra até à vitória final e consigamos combater a nossa tristeza com sonhos otimistas para o futuro.»

Ergueram os copos e acolheram o Ano Novo com um brinde agradável.

No dia 14 de janeiro de 1942, Eberhard afixou a sua alegada nova morada em Wolfbüttel no painel de avisos comunitário, no vestíbulo, ao lado do telefone, bem à vista de toda a gente. Deu um beijo de despedida a Lien e à pequena Kathinka e apanhou o comboio para Amesterdão. Naquele exato momento, um jovem membro

anônimo da resistência atravessava a fronteira dos Países Baixos com o bilhete de comboio de Eberhard, tal como combinado com Rhijn e Jan Hemelrijk, para dar a entender que Eberhard teria mesmo viajado para Wolfbüttel.

Em Amesterdão, Eberhard rapou a cabeça no Bairro Judaico — quem sabe quando voltaria a ter um corte de cabelo decente — e, ao fim da tarde, chegou à comunidade de artistas do Prinsengracht, uma morada que Rhijn lhe havia passado. Eberhard passaria ali a noite antes de viajar quase cinquenta quilómetros para norte, até Bergen, na manhã seguinte. Terá sido pela cabeça acabada de rapar ou pela pesada mala: de uma forma ou de outra, a senhoria suspeitou que ele fosse foragido e antes que Eberhard se pusesse à vontade, devolveu-o ao frio da rua. Eberhard tinha visto a sua esposa judia ser desdenhada com maior frequência, embora ele próprio tivesse sido sempre tratado com respeito. Daqui em diante, também ele era um pária.

A noite caía e ele dirigiu-se do Prinsengracht para a Estação Central, onde se fundiu com a intensa circulação de passageiros de uma forma tão discreta quanto possível. Apanhou o comboio para Alkmaar; aqui, entrou na pequena composição a vapor para Bergen e, seguindo as indicações de Rhijn, caminhou até à casa de Jan e Aleid Hemelrijk. Rhijn também lhe passara um cartão de identidade falsificado. O homem da fotografia tinha mais ou menos a mesma idade, também era pianista e tinha um nome vagamente neerlandês. Quando Eberhard, já envolvido pela noite, mas mesmo a tempo do jantar, chegou à casa de Jan e Aleid em Bergen, respondia pelo nome de Jean-Jacques Bos.

6 Povos inferiores. (NT)

7 Guerra-relâmpago. (NT)

8 Deserção. (NT)

A detenção

Primavera de 1942. Um sol húmido refletia-se no empedrado do Nieuwe Achtergracht, no centro de Amesterdão. Pela manhã, quando Jaap saía da casa dos pais dirigindo-se ao trabalho no seu estacionamento para bicicletas, não tinha consciência de que estava em pleno coração do Bairro Judaico numa altura em que tal era desaconselhável.

A ocupação, as investidas, o facto de ele e os amigos deixarem de ser bem-vindos em todas as zonas da cidade — naquele momento, estava tudo demasiado longe. A luminosidade era bela e o mundo, por um breve trecho, era aquilo que costumava ser.

De um lado, as traseiras do Teatro Carré; do outro, a rua onde ficava o seu parque de estacionamento. Adorava a Weesperstraat, com o seu alvoroço, todas as lojas, todas as pessoas e o elétrico número 8 a tilintar pelo meio. Conhecia toda aquela gente.

Do outro lado da rua, em frente à charcutaria que já lhes pertencera, ficava a oficina do tio Meijer Waterman, o fabricante de charutos. A sua família explorava uma tabacaria nas amplas instalações do número 74 da esquina da Weesperstraat. Jaap sempre gostou de ficar a ver Meijer a enrolar os charutos com habilidade — um trabalho de alguma precisão. Ao lado de Waterman, havia uma loja de produtos usados e, ao lado desta, estava Werker, o funileiro. A família deste partilhava o edifício com dois outros agregados familiares: por cima, vivia a família Elzas e, em baixo, os Korper. Não só a velha avó Korper explorava uma mercearia na cave, como neste apartamento viviam também dois rapazes e uma rapariga com lindos caracóis de um castanho-arruivado, pele clara e sardas. Os pais também deviam morar ali. Desde o início da manhã, a escada para a cave ficava repleta de caixotes com legumes e grandes caixas com batatas, mas nunca viram qualquer membro da família a passar por cima dos caixotes para entrar ou sair de casa.

Ao lado dos Korper vivia o John Coxo, um homem com uma perna de pau que, não obstante, tinha uma passada ligeira. Vendia cantigas por um cêntimo ou menos — no entanto, como as cantava antes, ninguém ficava com vontade de as pagar. E ainda havia o

homem da carriola, a quem o pai costumava chamar «o pedreiro sem coluna». Fraca como uma gatinha, a mulher empurrava-o pelas ruas em cima de uma carriola, com o homem sempre a gritar a plenos pulmões: «Infeliz pedreiro com a coluna partida! Trabalhei dos doze aos vinte e seis anos, caí de um telhado e ninguém quis saber!» Uma cena de partir o coração, mesmo para quem já a tivesse visto centenas de vezes. Então, a mulher lançava o chapéu aos passantes e continuava a empurrar o marido, a carriola e tudo o mais até ao *pub* de Hovingh. Este situava-se na esquina da Weeperstraat, defronte do tio Meijer Waterman — um belo estabelecimento com uma fachada de madeira. Mais tarde, ao início da noite, a vizinhança via o pedreiro sem coluna a regressar a casa, praguejando, a carriola bamboleante empurrada pela sua ébria mulher, seguida por um bando de crianças aos berros.

Quando Jaap saiu, fechou a porta do edifício e estava prestes a atravessar a rua até ao estacionamento das bicicletas quando foi abordado por um agente da polícia local. Pertencia à esquadra da Jonas Daniël Meijerplein; Jaap conhecia-o desde sempre.

Jaap quis cumprimentá-lo, mas o homem nem desviou o olhar. Este, ao passar, sussurrou-lhe algo.

«Apanharam o Henk. Pira-te daqui.»

Jaap permaneceu imóvel alguns segundos. Colado ao empedrado, tentava processar o que acabara de ouvir. Henk era o seu sócio. Exploravam em conjunto o estacionamento de bicicletas e coordenavam todos os contactos clandestinos. Ajeitou-se, abotoou o casaco e lançou-se ao eléctrico que seguia para a Estação Central, onde apanhou o comboio para Haia. Horas depois, batia à porta de Janny, na Bazarlaan. Sem uma palavra, ela puxou-o para dentro, empurrando-o escada acima.

Na manhã seguinte, vieram a saber que, numa represália por não terem apanhado a sua presa, os alemães tinham arrastado o seu pai doente e meio cego para fora de casa e tinham-no enfiado numa cela.

Eles pensavam que tinham sido tão cuidadosos com a sua engenhosa rede de contactos, senhas e sistemas de alerta para se protegerem a si e às suas atividades clandestinas. Mas não se tinham antecipado a uma coisa daquelas. Contrariando a sua natureza Brilleslijper, Jaap e Janny viram-se perdidos. O simples facto de pensarem no pai preso era insuportável.

Mas Janny rapidamente recuperou o ânimo, seleccionando na sua rede a pessoa certa para tratar daquilo imediatamente. Contactou Benno Stokvis, um advogado bem conhecido de Amesterdão. Sabia que este homem tinha bons contactos entre os alemães; Stokvis tinha

os seus próprios procedimentos e meios e já tinha intercedido com êxito noutras detenções de judeus.

Janny implorou-lhe que fizesse tudo o que fosse necessário para soltar o pai, pois era uma questão urgente. Com algum dinheiro e conversa fiada, Stokvis conseguiu-o e alguns dias depois foi aberta a porta da cela de Joseph Brilleslijper, que não conseguiu abraçar a mulher com a força que desejaria. Entretanto, Janny deslocou-se também a Amesterdão — Jaap ficara na retaguarda, em Haia, com o pequeno Rob e Liselotte.

Na privacidade da pequena casa do Nieuwe Achtergracht, Janny agradeceu os serviços ao advogado e discutiu com o mesmo as suas angústias. Os alemães já andavam atrás de Bob. Nas últimas semanas, tinham aparecido a toda a hora na casa de Lien a perguntar para onde tinha ido Eberhard e também começavam a perseguir o irmão Jaap; o nó apertava-se aos poucos. Era um milagre as irmãs não terem ainda sido apanhadas.

Stokvis deu-lhe um conselho.

«Sai daqui. Leva os teus pais, fecha a porta e não voltes. Isto vai ficar pior do que tu e eu podemos imaginar.»

Janny não duvidou um segundo da gravidade destas palavras. Não admitindo ser contrariada, exigiu que a mãe arrumasse o estritamente necessário, agarrou no pai por um braço e levou-os com ela para Haia, onde Jaap e os pequenos os aguardavam, em casa, na Bazarlaan.

O pai, a mãe e Jaap ficavam a morar com Janny. Nunca mais nenhum dos três regressaria à sua amada Amesterdão.

Enquanto a família se reagrupava como podia, os nazis preparavam-se para a fase seguinte da sua política demográfica. A maioria dos judeus registados dos Países Baixos estavam concentrados em Amesterdão e nas suas cercanias, e o comissário do Reich, Arthur Seyss-Inquart, tinha o sistema de deportações quase pronto. Grupos de desempregados e judeus estrangeiros haviam sido já transportados para Westerbork, o campo construído em 1938 para acolher refugiados dos países vizinhos. Mas os alemães tinham agora um propósito diferente: Westerbork começaria a funcionar como campo de trânsito para os campos de concentração.

Em 1940, na cidade polaca de Oświęcim, cerca de mil cento e vinte cinco quilómetros a leste de Westerbork, antigas casernas do exército tinham sido adaptadas para responderem ao enorme afluxo de prisioneiros polacos. Em alemão, Oświęcim rapidamente sofreu uma corruptela para Auschwitz. Neste campo podiam ser mantidas

cativas entre quinze e vinte mil pessoas em casernas de alvenaria. Não bastava. Hitler ordenou a construção de um novo campo, muito maior, e em março de 1941, a alguns quilómetros do campo principal, Auschwitz I, um terreno plano com um pouco mais de quatro quilómetros quadrados foi adaptado para a edificação do campo Auschwitz II, também conhecido por Auschwitz-Birkenau. Com o andar da guerra, quarenta campos suplementares seriam edificados em redor de Auschwitz, para onde os prisioneiros eram levados no cumprimento do trabalho obrigatório, variando entre o trabalho fabril e a lavoura.

Um dos passos seguintes para a «Solução Final» foi a sigilosa Conferência de Wannsee em 20 de janeiro de 1942. Reuniram-se na Villa Marlier, uma propriedade campestre em Wannsee, a sudoeste de Berlim, quinze figuras nazis de topo. Foram convocadas pelo SS-*Obergruppenführer* Reinhard Heydrich para uma reunião que duraria pouco mais de duas horas. A questão resumiu-se a quinze páginas de apontamentos, parte das quais um pormenorizado inventário sobre as dimensões das comunidades judaicas por país. O número ao fundo da página indicava onze milhões; nos Países Baixos, vinham assinaladas 160 800 pessoas.

Durante a reunião, foram alvitradas diversas sugestões — da detenção à esterilização em massa. O modo de eliminar os onze milhões de judeus ficou assim, literalmente, registado:

No contexto da implementação prática da Solução Final, a Europa será varrida de ocidente para leste. O território nacional, incluindo a Boémia e a Morávia, será o primeiro, ainda que apenas por motivos ligados ao problema de habitação e outras necessidades sociopolíticas. Em primeiro lugar, os judeus a encaminhar serão reunidos, comboio após comboio, nos designados guetos de trânsito e, depois, transportados mais para leste a partir daí.

Os alemães incumbiram a NS, a companhia ferroviária dos Países Baixos, da construção de um ramal até ao campo de Westerbork, de modo que os comboios pudessem parar e partir do mesmo, facilitando bastante a logística.

O presidente da Câmara de Beilen, a aldeia vizinha, protestou durante um breve período contra a construção deste ramal sobre a sua paisagem rural, tendo em conta a «potencial destruição da beleza natural», mas os alemães ignoraram a sua objeção. Apesar de tudo, seria uma infraestrutura provisória, escreveram na resposta, «*das wieder entfernt wird sobald das Lager sein Zweck erfüllt hat*» — seria removida assim que o campo cumprisse o seu propósito.

A NS construiu esta via entre a estação de Hooghalen e o campo de concentração de Westerbork com o contributo de cerca de uma centena de prisioneiros. Este ramal não tornaria a viagem muito mais rápida: os vagões de gado com milhares de pessoas tinham de esperar com alguma frequência na estação de Hooghalen antes de acederem à via principal — as composições com aprovisionamentos para os alemães tinham prioridade. Os residentes e os funcionários públicos da região referiam-se aos gemidos e lamentos, que se escutavam por entre o tabuado dos vagões, de bebés, enfermos, inválidos e até de mulheres que davam à luz. A NS cobrou às forças de ocupação o custo do ramal, estabelecendo um horário com destino à fronteira alemã, e também o de cada um dos transportes de judeus para os campos de concentração no leste. Os alemães pagaram com dinheiro roubado aos judeus.

Entretanto, no campo principal, Auschwitz I, eram levadas a cabo experiências com gás venenoso Zyklon B. Num dos crematórios, mil detidos, nomeadamente prisioneiros de guerra da União Soviética e outros profundamente doentes, eram usados como cobaias. O veneno, na forma de pequenos berlindes, era lançado diretamente para um espaço hermeticamente fechado. Assim que as pequenas esferas entravam em contacto com o ar, dissolviam-se, sendo libertado um gás mortífero: cianeto de hidrogénio, ou ácido clorídrico. Os prisioneiros demoravam horas a morrer.

Em 1941 e 1942, seguiram-se novas experiências — a maioria usando pessoas vindas dos guetos polacos e novos prisioneiros de guerra soviéticos — até ser determinada a quantidade exata de gás. Quando começaram a circular comboios vindos de toda a Europa, em 1942, a abordagem mecanizada em larga escala estava a um pequeno passo. Para tal propósito, foi aprovado o segundo local, muito maior, perto de Auschwitz; seria edificada junto à aldeia de Birkenau uma pequena cidade para cem mil pessoas. Em última análise, decorreria neste lugar a eliminação em massa de judeus, a «Solução Final para o problema judeu».

Esta intenção revelava-se em cada um dos aspetos da conceção do campo. Não existiam infraestruturas com água corrente nem pavimentos minimamente decentes, laváveis — para exponenciar o risco de doença. Em lugar de uma pessoa por compartimento, como era habitual nos campos de detenção alemães, a norma passava a ser quatro, o que elevava a capacidade do campo a 129 456 pessoas. Foram construídos junto a Auschwitz-Birkenau quatro enormes câmaras de gás e crematórios, nos quais o número de mortes de dois outros campos de extermínio, Treblinka e Belzec, em breve seria

ultrapassado.

Em fuga

As majestosas tílias da Lange Voorhout floresciam e, por toda a cidade, as bermas das estradas eram pontuadas pela planta do açafraão. Pela primeira vez na vida, Janny não quis saber, não se sentia aliviada com a chegada da primavera.

Os dois primeiros anos da ocupação corresponderam à montagem da armadilha. Pouco a pouco, os alemães isolaram os judeus do resto da população. Passo a passo, aumentaram a discriminação, os desaparecimentos e os roubos de bens e dignidade. Alguns caíram na armadilha acreditando que tudo acabaria bem. Outros foram levados até ela pelos seus líderes, como o Conselho Judaico. A maior parte foi empurrada pelos esquadrões ou pela polícia.

Um ou dois escaparam por sorte; um golpe do acaso, obstinação — tantas vezes uma combinação de ambos. Pessoas que não se registaram como judias, que obtiveram documentos falsos ou que passaram a tempo à clandestinidade. Pessoas que criaram uma rede com outros felizardos obstinados e que passaram a ser autossuficientes, não precisando da ajuda de alguém que se viesse a revelar colaboracionista ou cobarde. E que teriam agora de salvar da armadilha tantas pessoas quantas conseguissem.

Em Amesterdão, a opressão aos seus antigos vizinhos judeus tornara-se, Janny sabia-o, cada vez mais pública e agressiva. O Conselho Judaico, liderado por Asscher e Cohen, fornecera aos alemães listas de judeus sem trabalho. Estes homens foram subsequentemente detidos e enviados para os campos de trabalho. O Conselho passara também a ter um departamento em Haia, na esquina da rua Noordeinde, na zona onde se situa o palácio real, com delegações em toda a cidade. Para complicar ainda mais as coisas, Frits Reuter mudara-se de novo para casa de Janny. O seu anfitrião fora preso e Frits precisara urgentemente de um abrigo temporário.

A detenção do seu pai enfermo pairava, penosa e não enunciada, no ar de uma casa que já era pequena. Embora tivessem o pai de volta, Janny estava mais consciente do que nunca de que estaria a brincar com o fogo. Os alemães andavam atrás do irmão, do marido e

do cunhado, e as suas atividades clandestinas expandiam-se; a necessidade de ajuda aumentava todos os dias, todas as horas. Em muitas famílias judaicas, uma fé cega, a credulidade e a esperança de serem protegidos pelos dignatários neerlandeses haviam-se transformado em pânico. Os primeiros a terem, seguindo ou não as indicações do Conselho Judaico, um J carimbado no cartão de identidade compreendiam, então, que isso provavelmente significaria a sua «evacuação».

E foi assim que pessoas desesperadas começaram a ir a casa de Janny e a gritar do outro lado da rua: «É aqui a casa da senhora Brandes? Por favor, pode apagar-nos o J dos cartões de identidade?» O pai Brilleslijper enervava-se e quando, em plena luz do dia, mais uma mulher inquieta batia à porta a chamar pela filha, proibiu Janny de descer a escada. Fietje tentava sossegar a neta, Liselotte — a menina não parava de chorar desde que nascera, em setembro —, e Jaap entreteinha Robbie. Enquanto o bater na porta da rua eriçava os nervos de todos e a Janny só lhe passava pela cabeça descer e bater na mulher, no corredor, o pai chamava a filha de lado.

«Estás a levar-nos a todos à morte, Janny. Isto tem de parar!»

O seu sussurro soou como uma tempestade numa turbina de ar, quase tão alto como os gritos da mulher na rua. Janny fitou o pai, lembrando-se subitamente da noite em que os pais assistiram a *O Mercador de Veneza* no Teatro Carré. Regressaram muito animados e o pai assobiou, cantarolou e entoou todas as canções — ou algo que se lhes assemelhava — durante meses. Parecia ter sido tanto tempo antes.

A mulher continuava a chamar por ela da rua e Janny compreendeu que teriam de sair daquele lugar. Quanto antes.

Mais uma vez, foi o cunhado, Jan Hemelrijk, quem encontrou a solução; ele e o pai localizaram uma casa vazia em Bergen para a família Brilleslijper. A casa tinha como nome *Het Aafje* e ficava em pleno bosque, afastada do centro da aldeia, na direção da costa. Ainda melhores notícias eram o facto de Bob se juntar novamente à família. O NSB registara-o como comunista na província da Holanda do Sul, mas os dois anos de trabalho clandestino tinham-lhes ensinado que não havia cruzamento dos sistemas administrativos; não existia uma troca de informação estruturante entre regiões. Optaram por correr o risco; provavelmente, as autoridades da Holanda do Norte não teriam conhecimento do seu nome. Além disso, Bob não era judeu nem tinha um J carimbado no cartão de identidade; caso fosse preso em Bergen, haveria pouca probabilidade de os nazis da região o considerarem suspeito e mandá-lo-iam embora.

Janny obteve uma permissão oficial para se mudar para Bergen com os filhos; teria de esconder o resto da família na camioneta das mudanças. A resistência encontrou um novo esconderijo para Frits Reuter.

No dia da mudança, Janny estava de partida na rua. Os pertences carregados na camioneta, Liselotte e Robbie sentados no banco da frente. Fechava a porta traseira, onde os pais e Jaap se escondiam, quando a vizinha da frente se aproximou. Janny não gostava dela; via sempre a mulher a espreitar atrás dos cortinados da sala e suspeitava que ela tivesse simpatias germânicas.

«Estão de mudança?», perguntou-lhe sem a saudar.

«É como vê», respondeu-lhe Janny.

«Sempre disse para os meus botões: tantos judeus ali. Não duram muito.»

Janny começou a ruborizar. Ajeitou o cachecol e subiu para o volante para pôr termo à conversa.

«Mudam-se para uma casa maior?»

Janny ouviu bem a mulher, mas bateu com a porta, deu à ignição e pisou algumas vezes no acelerador. No passeio, a mulher deu um salto para o lado e Janny arrancou. A seu lado, Robbie gritava de contente; a mãe fez-lhe uma leve carícia na cabeça, vendo, no espelho, a silhueta da mulher desvanecer-se. O palpitante do coração abafava o gingar da camioneta e não se atenuou antes de chegarem à casa de Bergen. Pela primeira vez em meses, pôde abraçar Bob e apresentá-lo à filha, Liselotte.

Para Lien, Haia também se tornara demasiado perigosa; ela era amplamente conhecida por causa dos seus espetáculos de dança e canto, e muitos dos seus alunos viviam na cidade e arredores. Com a sua notória figura, era difícil não reparar nela e, além de tudo, tinha um J no cartão de identidade; Janny ainda ficava irritada por a irmã se ter permitido tal coisa.

Os alemães continuavam a aparecer-lhe à porta às horas mais esquisitas, a questionar para onde teria ido Eberhard. Felizmente, todos se referiam sempre à morada que ele havia deixado no quadro de avisos. Ainda assim, Lien não estava descansada. Queria abandonar Haia com Kathinka antes que a prendessem no sentido de descobrirem para onde teria ido Eberhard e antes que Haia fosse «evacuada» dos judeus registados.

A amiga Jolle Huckriede, a clarinetista da porta ao lado a quem Eberhard entregara uma caixa com os seus preciosos pertences para que olhasse por ela, teve uma ideia. O seu irmão Jan ainda namorava

com Violette Cornelius, uma jovem fotógrafa com um também ativo papel na resistência. A mãe de Violette vivia no Prinsengracht, em Amsterdão, e estava disposta a dar abrigo a Lien. Até se disponibilizou para receber não apenas mãe e filha, mas também Eberhard.

Este passara o inverno com Jan e Aleid, que amavelmente cuidaram dele. Mas, durante todos aqueles meses, teve de ficar escondido no quarto, sozinho e frustrado com a sua impotência. Excetuando as cartas de Lien, que lhe chegavam por Rhijn, não mantinha contactos com o mundo exterior. Estranhamente, a única coisa que o animava era o frio intenso. Aquele inverno foi excepcionalmente frio nos Países Baixos, com temperaturas muito abaixo dos zero graus centígrados. Ninguém se conseguia aquecer e toda a população se queixou do frio durante meses. Mas Eberhard estava satisfeito. Pelo rádio, ao lado de Jan, acompanhava a evolução das tropas alemãs na União Soviética, ao encontro do muro de frio invernal para o qual Hitler não as havia equipado. Cada novo dia que Eberhard continuava naquele quarto com Jan e Aleid era mais um dia que não estava na Wehrmacht.

Para Jan Hemelrijk era evidente que o amigo se sentia desconfortável na qualidade de hóspede clandestino — a sua presença punha a família em risco — e encontrou uma pequena casa só para Eberhard, ainda que permanecesse em Bergen. Então, Eberhard começou a passar o dia no estúdio vago de um amigo escultor e dormia numa casa de verão da Breelaan, a pouca distância a pé do estúdio. Desta forma, os riscos do fugitivo Eberhard deixavam de estar concentrados e, surgindo algum perigo, ele poderia fugir pelo bosque.

Eberhard poderia ficar na casa de verão até ao dia 1 de maio e, em breve, teria de procurar outro local. Assim, esconder-se em Amsterdão com Lien tornava-se numa boa ideia. Amigo do casal, o jornalista Mik van Gelse tratou de tudo: entrou em contacto com a senhora Cornelius, manteve Eberhard informado sobre quando este se poderia juntar à família em Amsterdão, tendo avisado Lien quando ela e Kathinka pudessem sair de Haia.

Assim, em maio, era chegada a hora; Lien, Eberhard e Kathinka encontravam-se na casa da senhora Cornelius, junto ao canal. Sentiram-se logo em casa; as pessoas eram muito semelhantes às de Haia, cheias de criatividade e politicamente envolvidas. Recebiam muitas visitas e Eberhard comprazia-se com conversas que tanto lhe haviam faltado nos bosques de Bergen. Embora a vida agitada da Amsterdão de antes da guerra tivesse sido sufocada pelo terror, na

cidade clandestina começava a nascer uma cidade paralela. Uma cidade com caminhos e passagens desconhecidos dos alemães, cafés secretos em caves escuras, pessoas a jogar às cartas nos sótãos das casas do canal e concertos que se iniciavam após o recolher obrigatório, quando as luzes da noite se desligavam.

Ao início, Lien e Eberhard adoraram voltar a pertencer a esta comunidade, mas depressa entenderam que aquela vida já não seria a deles. Os habitantes comuns de Amesterdão, independentemente de quanto a ocupação lhes tenha influenciado as vidas, ainda tinham liberdade de movimentos. Mas Lien trazia um J no cartão de identidade, prosseguia o trabalho clandestino com Mik — viajava regularmente de e para Haia — e Eberhard era um desertor alemão procurado pelas autoridades. Embora tenha deixado crescer o bigode e respondesse pelo nome de Jean-Jacques Bos, não haveria garantias. A casa recebia muita gente, tinha visitas que lhes eram estranhas, e não tinham forma de saber se seriam de confiança ou traidores. As ruas também não eram seguras: estavam repletas de polícias, esquadrões e nazis. Eberhard mal se atrevia a sair de casa e Lien escapara duas vezes, por muito pouco, aos alemães.

A primeira ocasião fora em Haia, onde outro resistente lhe passara novos cartões de distribuição. Lien pretendia passar pela sua antiga casa na Bankastraat, recolher alguns pertences restantes, mas foi inteligente o suficiente para ligar antes para lá da casa de uma amiga para se certificar se a costa estaria livre.

«Alô, minha senhora», respondeu a amiga Ankie num tom formal ao escutar a voz de Lien. «Creio que se enganou. É suposto encontrarmo-nos amanhã e não hoje. Até lá!» E desligou.

Lien compreendeu de imediato o que se passaria. Estaria um alemão, ou um nazi neerlandês, ao lado de Ankie à procura de Eberhard ou, quiçá, dela própria. A mão tremelicante manteve-se agarrada ao auscultador, sentindo a proximidade física do inimigo.

Ainda em casa da amiga, Lien sentou-se numa cadeira tentando recompor-se. As horas passavam e não se atrevia a sair para a rua. Recordou o que dissera a Ankie e à amiga Jolle antes de partir com Kathinka: «E se desses uso ao enorme piano *Bechstein* enquanto estivermos fora? Se sobrevivermos à guerra, podes ficar com ele.» Dissera aquilo meio a brincar, mas, de repente, aquele cenário deixava de ser improvável.

Mais tarde, a amiga fez uma chamada para o mesmo número, e Ankie voltou a atender. Confirmou, com efeito, ter havido uma busca à residência. Todos haviam dito que Eberhard apanhara um comboio para a Alemanha e que não sabiam para onde Lien teria ido morar —

no entanto, toda aquela situação perturbara-os terrivelmente.

Mal se aguentando nas pernas, naquela noite Lien viajou de regresso a Amesterdão, onde o incidente a impediu de dormir umas poucas de noites.

A segunda vez em que escapara por pouco dos alemães aconteceu quando deu de caras com um controlo policial na Estação Central de Amesterdão já passava da meia-noite. Desta feita, também regressava de Haia com documentos falsificados para entregar a Mik, mas era tarde — demasiado tarde. Deveria ter chegado ao Prinsengracht a tempo e horas, não só porque o recolher obrigatório começava à meia-noite, mas também porque já passava da hora de Kathinka ser amamentada.

Esperou horas na estação de Haia, mas o comboio não chegava; por fim, o único que passou dizia «Apenas para pessoal relacionado com a Wehrmacht alemã». Lien imaginou Eberhard de um lado para o outro, a embalar a bebé num berreiro, com os outros residentes a entrar-lhe pelo quarto para verem o que se estaria a passar — e entrou na composição.

O comboio parecia deslocar-se com melaço agarrado aos rodados. O relógio de uma estação por onde passou mostrava que a meia-noite ficara para trás; se conseguisse escapar ao controlo na Estação Central, muito provavelmente seria intercetada mais à frente, na rua. Lien fechou os olhos tentando apelar à sua experiência de palco para se sair bem nessa situação.

Quando os abriu, deu com o rosto de um soldado. Estava sentado alguns lugares mais adiante — enorme, pesado e não tinha um ar muito inteligente. O rapaz não tirava os olhos dela e, enquanto os seus companheiros estavam entretidos a falar, ela piscou-lhe o olho. Quando chegaram à Estação Central de Amesterdão, foi ter com ela.

«Posso acompanhá-la?», perguntou-lhe o soldado.

Lien sorriu envergonhada, esboçando um aceno afirmativo.

«Pode, mas já passa do recolher obrigatório; não sei como hei de chegar a casa.»

«Não se preocupe», respondeu o soldado segurando-lhe o cotovelo.

Aproximaram-se juntos do posto de controlo, onde, no meio de oficiais neerlandeses, estavam dois elementos das SS a vigiar a plataforma. O soldado foi direito a eles e Lien manteve o queixo levantado. Os homens das SS saudaram o soldado. Este, retribuindo a saudação, afirmou: «A senhora está comigo.»

Passaram pelos portões. Lien, demasiado atemorizada para

respirar ou engolir, pressionou com força a mala de encontro ao peito quase sentindo os documentos falsos a queimarem o couro da mesma. Já não circulavam elétricos e, sem articular palavra, saiu da tênue bolha de luz do largo da estação para a cidade mergulhada na escuridão. O rapaz mal lhe conseguia acompanhar o passo e ouviu-o a praguejar quando tropeçou numa pedra do pavimento. Lien ofegava tanto que receou que o soldado escutasse. A rua estava envolta num silêncio de morte. A música, as luzes, os ébrios, as meninas, a vida noturna e os magotes de turistas a atravancar as ruas — tudo desaparecera. Amesterdão estava deserta.

Lien caminhava cada vez mais depressa, ignorando as perguntas do homem que a acompanhava. Só abrandou o passo no Westermarkt, fitando-o como se lhe pedisse que a desculpasse.

«Eu moro aqui perto. A minha mãe deve estar doida comigo por ser tão tarde. Obrigada.»

E antes que o pasmado rapaz pudesse dizer fosse o que fosse, sumiu-se para o Rozengracht e saltou para a entrada de um edifício para ver se ele a tinha seguido. Após alguns minutos sem escutar passos, ajeitou-se e correu para o seu esconderijo do Prinsengracht.

A porta abriu-se, sendo recebida pelo choro de Kathinka e um desesperado Eberhard, já convicto de que nunca mais veria a sua amada.

*

«Perdeste completamente a cabeça?», afirmou Mik, para trás e para a frente diante das janelas altas com o indicador apontado à cabeça como uma seta. O Sol erguia-se sobre as casas do outro lado do canal, refletindo-se na água; a sombra de Mik varria o pavimento de madeira.

Lien escutou um elétrico na Leidsestraat a dobrar a esquina. Não se atrevia a encarar os olhos de Mik. Nunca o vira tão furioso. Viera ter com ele para lhe entregar os documentos, tendo-lhe referido o incidente de que escapara na noite anterior. Depois de amamentar Kathinka a meio da noite, a menina adormecera profundamente. No entanto, ela e Eberhard tinham ficado acordados em silêncio até ao anunciar da alvorada pelo cântico dos melros.

«Rebekka Brilleslijper com um enorme J carimbado ao lado. Que loucura!»

Mik estava à sua frente com as mãos na cintura; Lien sente-lhe o olhar a queimar-lhe o rosto. Nunca lhe dissera que se registara como judia. Por isso, quando naquela manhã, e por causa do incidente

anterior, lhe perguntou que cartão de identidade trazia com ela, ele quase explodiu. Tal como Janny o fizera.

«Escuta. Vais direitinha a casa e não sais até termos resolvido isto! Combinado?»

Ao sentir a pesada porta a bater nas suas costas e descendo os degraus de pedra até ao canal, Lien compreendia subitamente que a sua vida, as vidas dos amigos e da família, naquela altura precisa, dependiam de uma sólida cadeia de amizades.

Recebeu o seu novo cartão de identidade em poucos dias. Observou-o algum tempo, dirigiu-se ao espelho e prendeu os cabelos escuros e fortes num carrapito, como as mulheres das Índias Orientais. A partir de então, a mãe de Kathinka dava pelo nome de Antje Sillevis, nascida em Surabaya, na Indonésia (ao tempo integrada nas Índias Orientais Holandesas). Era chegada a altura de deixar a cidade.

O primeiro comboio

Jan Hemelrijk acabou por conseguir encontrar em Bergen um sítio para Lien, Eberhard e Kathinka — perto de Janny e do resto da família. Quando se preparavam para deixar Amesterdão, continuavam a chegar mais famílias judaicas. Comboios repletos com pessoas de todo o país, expulsos dos seus lares e aldeias e que seriam reunidos em locais pré-estabelecidos. Amesterdão transformava-se, lentamente, num gueto: uma cidade onde os judeus eram agrupados, isolados da restante população dos Países Baixos, e aguardavam a etapa logística seguinte da «Solução Final». O serviço municipal de habitação subiu os preços das rendas das casas para onde as famílias judaicas teriam de se mudar. E ainda pediam um depósito de dez florins por fogo — que, na maior parte dos casos, nunca foi devolvido.

Entretanto, o *Zentralstelle für Jüdische Auswanderung*, o Gabinete Central para a Emigração Judaica, em Amesterdão, onde era mantido o registo dos cartões de quem seria deportado, recebeu uma nova incumbência. Os funcionários dos registos teriam de passar a fazer muitas horas extraordinárias.

Seyss-Inquart, comissário do Reich, recebera de início instruções para fornecer quinze mil judeus no ano de 1942. Este objetivo para os Países Baixos foi acolhido com alguma indiferença; poderia ser alcançado apenas com a deportação de judeus estrangeiros. Seyss-Inquart não antecipava que esta questão provocasse rebuliço algum entre os neerlandeses. Porém, os líderes nazis chegaram à conclusão de que, naquele ano, a França nunca chegaria às desejadas cem mil deportações e, apressadamente, decidiram que o défice teria de ser compensado noutro local. A quota daquele ano para os Países Baixos foi aumentada de quinze para quarenta mil pessoas com a redação de uma simples deliberação. Os primeiros quatro mil judeus teriam de comparecer na Estação Central de Amesterdão no dia 15 de julho de 1942.

O presidente da Câmara de Amesterdão ordenou, imediatamente, que os funcionários dos registos elaborassem uma lista com nomes de judeus do país. O exaustivo registo prévio de cento e sessenta mil

judeus neerlandeses e o malquisto mapa de pontos facilitaram o trabalho.

Ao nível administrativo e organizacional, o fornecimento de quarenta mil judeus não tiraria o sono a ninguém, mas tanto as forças de ocupação como o NSB esperavam tumultos entre a população agora que vizinhos, antigos colegas e amigos judeus em tão elevado número tinham, de repente, de arrumar os seus pertences. O *Zentralstelle* (Gabinete Central) considerou sensato pedir o apoio do Conselho Judaico enquanto aliado, para que tudo corresse calmamente e sem grande pânico.

Na noite de 26 de junho, uma sexta-feira, durante o *Sabbath*, o líder do *Zentralstelle*, Ferdinand aus der Fünthen, reuniu com David Cohen, um dos presidentes do Conselho Judaico. Transmitiu-lhe que, dentro de muito pouco tempo, os primeiros judeus seriam levados para o trabalho obrigatório na Alemanha sob vigilância da polícia. Cohen escreveu nas suas memórias que este anúncio lhe provocara terríveis receios, tendo protestado e ameaçado renunciar, mas que Aus der Fünthen lhe garantira que seria permitido à maioria dos judeus ficar nos Países Baixos e que as condições de trabalho na Alemanha seriam adequadas.

Ou o Conselho Judaico participaria na elaboração das listas — decidindo quem ficaria isento da deportação, como os próprios membros, as suas famílias e amigos — ou o próprio Aus der Fünthen o faria sem olhar a quem. O Conselho Judaico optou por cooperar. Teria de fornecer oitocentos nomes por dia.

Em 5 de julho de 1942, as primeiras convocatórias começaram a chegar pelo correio:

CONVOCATÓRIA!

Com vista a uma eventual inclusão no alargamento do trabalho supervisionado pela polícia na Alemanha, está convocado para se apresentar no campo de trânsito de Westerbork, estação de Hooghalen, para um exame pessoal e médico. Para este fim, terá de se apresentar em [data] pelas [horas] no local de reunião [estação de comboio].

O pânico eclodiu. As pessoas quiseram passar à clandestinidade ou engendraram compartimentos secretos nas bagagens, cosendo bolsas para esconderem dinheiro e fotografias. Tentaram saber quem mais fora convocado do seu círculo de amigos e família, por que razão, ou porque não.

Cohen, Asscher e Aus der Fünthen reuniram-se mais uma vez porque os presidentes do Conselho Judaico tinham ouvido dizer que,

com o tempo, todos os judeus *seriam* deportados. Aus der Fünten sossegou-os; tratava-se, com efeito, do objetivo último, mas prometeu-lhes que o Conselho Judaico e os seus membros não teriam de se inquietar com a deportação. Cohen e Asscher poderiam transmitir aos seus que seria possível trocar correspondência com os campos de trabalho.

O Conselho contratou de imediato novos funcionários, pois ficariam a salvo da deportação pelos alemães.

Mik informou Janny e esta, por sua vez, comunicou ao marido, ao pai, à mãe e ao irmão o que sabia. Todos os judeus registados em Amesterdão foram convocados para se apresentarem e seriam enviados para os campos de trabalho, disse. A família ficou sem palavras. Que significaria aquilo? Seria motivo de preocupação? Já tinham sucedido tantas coisas impensáveis. Desaparecera todo e qualquer ponto de referência.

Joseph experimentou uma abordagem pragmática; não era de surpreender que os alemães tivessem necessidade de mão de obra, com certeza por causa de a guerra estar a alastrar para áreas maiores e até do envolvimento dos Estados Unidos da América. E parecia que a convocatória apenas se destinava a jovens judeus entre os dezasseis e os quarenta anos. Fietje concordou; como era evidente, seriam necessários mais braços para manter a máquina de guerra em marcha, tanto nas fábricas como nos campos. Provavelmente, não seria nada preocupante. Mas Janny olhou fixamente para o seu irmão mais novo Jaap e o seu olhar endureceu. Aos vinte e dois anos, teria sido um alvo perfeito caso tivesse ficado em Amesterdão. E desmontou a teoria dos pais com uma observação: «Quem for agora chamado acaba num campo de concentração e nunca mais volta.»

Com efeito, a convocatória fez ressoar todas as campainhas no interior da comunidade judaica de Amesterdão. Toda a gente quis passar à clandestinidade. Os alemães consideraram que, provavelmente, este novo passo para a «Solução Final» correria mal e planearam uma incursão no dia exato em que todos os convocados teriam de se apresentar. Em poucas horas, no dia 14 de julho, uma terça-feira, foram detidos aleatoriamente entre setecentos e oitocentos judeus. Foram obrigados a marchar até à Adama van Scheltemaplein e à Euterpestraat, Amsterstam-Zuid (Amesterdão Sul), num longo cortejo.

Aqui, o *Sicherheitsdienst* (os serviços secretos das SS) e o *Zentralstalle* tinham sido instalados numa antiga escola secundária para raparigas. Esta escola passou a ser o local em que os resistentes eram torturados e onde se concluía a organização das deportações.

Os judeus aguardavam a deportação no ginásio e noutros locais do edifício. O mal-afamado *Hausraterfassungsstelle* (Gabinete para o Registo de Bens dos Agregados Familiares), em parte liderado por Willem Henneicke, também tinha a sua base na Adama van Scheltemaplein. Este grupo de vinte, por vezes trinta, funcionários públicos — a Coluna Henneicke — ficou encarregado de fazer listagens exatas com o inventário das casas expropriadas aos judeus. Também localizavam bens não declarados pelos judeus, transferindo tudo para o banco Liro. O Lippmann, Rosenthal & Co. foi um banco judeu expropriado pelas forças de ocupação. Já no início da guerra fora apresentado como uma «organização de confiança» para os judeus depositarem os seus valores. Subsequentemente, parte do recheio dos seus lares foi parar a famílias alemãs, embora a quase totalidade dos proveitos tenha sido utilizada para financiar a «Solução Final».

Com a detenção de muito mais de setecentos judeus — incluindo crianças, mulheres com os respetivos bebés, além de idosos —, as forças de ocupação passaram a ter os reféns de que precisavam para mandar o Conselho Judaico regressar ao trabalho. Asscher e Cohen foram postos perante duas opções: apelavam à sua comunidade que se apresentasse de forma obediente e seguisse para os campos de trabalho ou aquele grupo seria enviado para os campos de concentração, provavelmente para Mauthausen. O Conselho publicou de imediato uma edição extra de *Het Joodsche Weekblad* (O *Semanário Judaico*):

EDIÇÃO EXTRA

Amesterdão, 14 de julho de 1942

A *De Sicherheitspolizei* informa-nos do seguinte:

Cerca de 700 judeus foram hoje detidos em Amesterdão.

Se os 4 mil judeus convocados não partirem esta semana para os campos de trabalho na Alemanha, os 700 já detidos serão transportados para um campo de concentração na Alemanha.

Os presidentes do Conselho Judaico de Amesterdão,

A. Asscher

Prof. Dr. D. Cohen

No dia seguinte, apresentaram-se 962 judeus na Estação Central de Amesterdão, tendo partido o primeiro comboio de Westerbork com destino a Auschwitz-Birkenau. Transportava 1137 pessoas, incluindo um grupo de órfãos. Quase todos os passageiros seriam mortos à

chegada.

Até 13 de setembro de 1944, partiriam de Westerbork mais noventa e seis comboios correspondendo a 107 mil pessoas — cinco mil das quais regressaram com vida. Seguiam comboios de toda a Europa Ocidental com o objetivo de banir os «elementos indesejados» da sociedade — com diversos níveis de êxito. Na Bélgica, seria deportada para os campos de concentração trinta por cento da comunidade; em França, vinte cinco por cento. Em vinte e seis meses, os Países Baixos procederiam ao transporte de setenta e seis por cento da sua comunidade judaica.

Bergen aan Zee

Em 16 de julho de 1942, um dia após a partida do primeiro comboio de Westerbork para Auschwitz, Eberhard e Lien desciam o Prinsengracht com Kathinka no carrinho e uma pequena mala na mão em direção à Estação Central. Apanharam o comboio e viram a cidade desaparecer ao longe. As portas de Amesterdão fechavam-se, a fuga para Bergen fora mesmo a tempo.

Aqui chegados, Jan Hemelrijk esperava-os na plataforma. Com uma expressão séria e os cabelos loiros cuidadosamente penteados para trás parecia ter mais de vinte e cinco anos. Conseguira que Lien e a sua jovem família ficassem na casa devoluta de uns conhecidos até ao dia 1 de setembro. Depois, poderiam mudar-se para a casa de verão onde Eberhard passara parte do inverno anterior. Entre a Breelaan, onde a mesma se localizava, e a Buerweg, onde viviam Janny e o resto da família, era pouco mais de um quilómetro e meio de área arborizada. Ambas as artérias situadas na periferia a ocidente de Bergen, na direção da costa. Ocultos pela natureza, poderiam visitar-se a pé a qualquer hora.

E foi que assim que a família Brilleslijper, casais e seus filhos, se reuniu no verão de 1942. Mas as circunstâncias eram sombrias e os a disposição era tudo menos alegre. Os seus pequenos domicílios não eram maus de todo e as vizinhanças de Bergen aprazíveis, mas, no espaço de dois anos, aqueles locais a que chamaram lares e as pessoas que ali habitavam mudaram e dificilmente seriam reconhecidas. Era tudo sobre o que as irmãs e o resto da família podiam falar.

Após a primeira convocatória para apresentação em Westerbork e a incursão — a que Lien, Eberhard e Kathinka escaparam por pouco —, deu-se uma corrida súbita às *Sperres*. As forças de ocupação outorgaram ao Conselho Judaico dezassete mil e quinhentas destas exceções temporárias. Rebentou uma luta febril entre a comunidade judaica de Amesterdão para assegurar uma delas. Viram-se alterações e apelos desesperados à porta do Conselho Judaico, no número 58 do Nieuwe Kaizergracht. Até ao derradeiro minuto, algumas pessoas tentavam contrair matrimónio com alguém que

tivesse ficado isento e outras imploravam empregos ao Conselho Judaico. Além de um grupo de judeus proeminentes, considerados pelo Conselho importantes para a comunidade, os seus funcionários e famílias foram os primeiros a receber uma *Sperre*. Foram «agraciadas» pelo menos dezassete mil pessoas, o que acabaria por lhes proporcionar um ano de tranquilidade.

Entretanto, o trabalho de Janny na resistência prosseguia — mesmo em Bergen. Trabalhou para o PBC (o Gabinete do Cartão de Identidade), cofundado pelo seu amigo Mik van Gilse, tendo passado muito tempo a viajar falsificando e distribuindo documentos. Muitas vezes tinha de encontrar cartões de identidade com datas de nascimento específicas para judeus que tivessem mais ou menos a mesma idade. Janny trabalhava, principalmente, com a amiga Trees Lemaire; entregava-lhe os cartões que roubava e esta passava-os ao elemento seguinte da rede clandestina.

Na noite anterior ao primeiro aniversário da Kathinka, Lien e Eberhard sentaram-se lado a lado, em silêncio, a passar os olhos pelo *Semanário Judaico*. Eberhard tinha ido a Amesterdão à procura de algumas guloseimas para festejarem; nas lojas de Bergen já não havia doces. De passagem, visitara a senhora Cornelius no Prinsengracht, que lhe falara de uma nova investida sobre a comunidade judaica no dia anterior, oferecendo-lhe a última edição extra, datada de 6 de agosto de 1942, do *Semanário Judaico*. Apanhara o comboio de regresso a Bergen com a publicação bem apertada entre a camisa e as calças.

SEMANÁRIO JUDAICO

Edição extra

Todo e qualquer judeu que não responda de imediato à convocatória que lhe foi dirigida para o alargamento do trabalho na Alemanha será detido e levado para o campo de concentração de Mauthausen. Esta e outras punições não serão aplicadas aos judeus que se apresentem antes de sábado, 9 de agosto de 1942, pelas cinco horas, nem àqueles que declarem vontade de participar no alargamento do trabalho.

Todo e qualquer judeu que não exiba a Estrela de David será levado para o campo de concentração de Mauthausen.

Todo e qualquer judeu que mude de cidade ou da morada habitual sem autorização das autoridades — ainda que

temporariamente — será levado para o campo de concentração de Mauthausen.

Houve um momento de silêncio enquanto ambos digeriam a informação. Na verdade, aquilo era algo positivo, concluiu Lien pensativa, apontando para o primeiro ponto do aviso; os alemães admitiam, implicitamente, que muitos judeus não se apresentariam e passariam à clandestinidade assim que recebessem a convocatória. Eberhard ergueu uma sobrancelha e assinalou o segundo ponto. Também este possibilitava uma interpretação encorajadora; o facto de ameaçarem com uma deportação significaria que a exibição da Estrela de David poderia ser sabotada. E quanto tempo duraria aquela obstinação? Naquela altura, nos Países Baixos, toda a gente sabia que ninguém passaria mais de seis meses em Mauthausen. Muitos campos de concentração, e muito maiores, haviam sido construídos na Polónia, e destes ninguém regressava.

Concordaram que se tratava de falsos raios de esperança; o Conselho Judaico estaria, simplesmente, a apelar a uma obediência absoluta aos fascistas.

O dedo de Eberhard apontou para o ponto três; dizia respeito a Lien, a toda a família Brilleslijper. Tinham enganado as autoridades e o seu paradeiro era desconhecido. Eberhard dobrou a publicação e Lien foi para a cozinha. Nada havia a dizer; não havia caminho de regresso.

Em setembro de 1942, dois meses após a partida do primeiro comboio de Westerbork para Auschwitz e de o Conselho Judaico ter publicado as convocatórias, Jan Hemelrijk pediu a Eberhard que acompanhasse uma criança ao seu esconderijo. Eberhard já o fizera antes; entre eles e com uma ponta de ironia, chamavam-lhe «o mercador de crianças».

A derradeira réstia de credulidade entre judeus desaparecera com os acontecimentos recentes e as pessoas envidavam todos os esforços para salvar os filhos das mãos dos nazis. Com ou sem pais, irmãos e irmãs, com ou sem explicações, com conhecidos ou perfeitos estranhos: ocultavam-se crianças em todo o país como quem escondia ovos da Páscoa. Por vezes, tinham idade suficiente para compreender o que se passava e a possibilidade de dizer adeus, mas também houve casos em que o pai e a mãe eram, subitamente, postos nos comboios e as crianças deixadas para trás, em casa, desesperadas.

Uma ama de Groningen recordou as indicações que a patroa, uma mulher judia com sete filhos, lhe deixara: «Quando nos vierem buscar, deixo o bebé no fundo do armário por debaixo de uma pilha de

mantas. Deita um olho à casa e procura-o se te parecer que nos levaram!»

E assim foi; os pais e os seis filhos foram deportados e a ama encontrou o bebé no fundo do armário debaixo de uma camada de cobertas, mas vivo. Envolveu-o nelas para o manter quente, prendeu-o à traseira da bicicleta e pedalou contra o vento na longa estrada para o norte, em direção ao mar. Aqui, entregou o menino a um pescador que atravessou o mar numa lancha até à Noruega, onde um casal norueguês desconhecido o acolheu e educou com carinho. As únicas coisas que sabiam dele eram o primeiro e o segundo nome que a antiga ama lhe dera.

Decénios mais tarde, pouco antes de morrer, esta leu num jornal o nome que nunca olvidara e contactou aquele homem para lhe falar dos pais. Pôde, finalmente, também, entregar-lhe os álbuns com fotografias de toda a família morta, que na altura resgatara da casa e guardara para ele durante todo aquele tempo.

A missão que Jan Hemelrijk deu a Eberhard era menos complicada, mas não menos perigosa. Dizia respeito a um rapaz judeu de dezasseis anos, Herbert Spijer, que vivia com os pais em Amesterdão. Com as deportações e as investidas na cidade, a família receava pela vida do filho. Quiseram que passasse à clandestinidade antes de ser demasiado tarde.

Muito mal disfarçado de bigode e chapéu, Eberhard apanhou o comboio para Amesterdão levando consigo o ansioso adolescente para casa, em Bergen, que ficaria com eles até novas indicações. Foi um milagre ter corrido bem. Os controlos na Estação Central tinham sido consideravelmente incrementados desde o início das convocatórias e Eberhard via «esbirros»⁹ à civil por todo o lado. Ficavam a observar, impávidos, a multidão apertada na escada, a descer das plataformas para o átrio principal e, daqui, para o exterior. Eberhard suspeitava que os esbirros se punham sempre por baixo da escadaria para garantirem um melhor ponto de vista sobre o fluxo de passageiros. Sempre que acompanhava crianças, assegurava-se de que caminhassem na sua retaguarda, ocultas atrás da sua enorme figura, talvez já não tão imponente após a tentativa falhada do tratamento pela fome, mas ainda bastante robusta.

Em novembro, Eberhard partiu em nova missão para a família Spijer. Elleke, a filha de dezassete anos destes, escondia-se algures em Amesterdão e teria de ser transferida para Velsen. Depois de ter acompanhado a salvo a rapariga até à nova morada, pareceu-lhe que a pequena composição a vapor que costumava apanhar entre Alkmaar e Bergen já não estaria a circular naquele dia. Eberhard

desconhecia o caminho de volta, apenas a direção a tomar, e mal. E pôs-se a andar pela escuridão com o gume do recolher obrigatório a pender-lhe sobre o pescoço. Para alcançar a casa de verão, a certa altura teria de apanhar uma estrada que seguia entre uma lagoa e um acampamento de soldados; não havia outro caminho. Passava muito das dez; não se permitia ninguém nas ruas, muito menos um desertor alemão. Por fim, protegido pelas folhagens como um espião, conseguiu chegar são e salvo a Lien, que o esperava num pranto. Quase certa de que tivesse sido capturado pela Gestapo.

Nutras ocasiões, a coisa quase dera para o torto, como quando Eberhard fora intercetado na Estação Central de Amesterdão. As portas do comboio abriram-se e acompanhou a multidão descendo os degraus da composição para a plataforma de cabeça baixa, sem gestos suspeitos, não procurando esconder-se, mas sem chamar as atenções.

«*Ausweis, bitte!* Cartão de identidade, por favor!»

Os poucos segundos que se seguiram pareceram correr dolorosamente lentos: procurar no bolso, mostrar o documento, olhos de águia a perscrutá-lo de alto a baixo, de volta ao cartão, as tentativas de engolir em seco, o bater do coração pesado e arrastado como uma locomotiva em câmara lenta de encontro a um muro de betão; tudo diante dos seus olhos sem conseguir evitar o acidente.

«*In Ordnung!* Em ordem!»

Alívio súbito, o sangue espesso a refluir, avançar, quase voar, a misturar-se na multidão e o coração de regresso ao lugar.

Muito mais tarde, já numa idade avançada, Eberhard continuava a não conseguir descer a escadaria da Estação Central de Amesterdão sem ser acossado por um terror agudo que lhe cortava o fôlego. Tinha de ficar alguns minutos na praça da estação, protegido pela cidade, a recuperar antes de prosseguir caminho.

Bife de cogumelos

Sempre que Janny escutava enormes explosões vindas das bandas do mar, corria para o exterior e aguçava os ouvidos na esperança de que estivesse, por fim, a acontecer. Tinha a esperança de que ali ao lado, em terra, os Aliados tivessem aberto a segunda frente a que Estaline aludira na rádio. Os soldados de Hitler, como se tornara evidente, não seriam derrotados com uma contraofensiva por mar e pelo ar — para terem hipóteses, os Aliados teriam de abrir uma frente na Europa continental.

A Operação Barbarossa fora desencadeada com força bruta e, ao início, com grande velocidade. No entanto, no fim de 1941, Hitler havia perdido setecentos e cinquenta mil homens e o moral dos soldados alemães encontrava-se mais baixo do que as gélidas temperaturas invernais. Em dezembro, Goebbels, o Ministro da Propaganda, proferiu um discurso patriótico na rádio alemã apelando a que a população enviasse roupas quentes ao exército. «A pátria não deve ter uma hora tranquila enquanto um único soldado da frente não estiver equipado de forma a aguentar o rigor do frio do inverno.»

Embora os próprios alemães sofressem com os racionamentos havia dois anos, este apelo rendeu mais de setenta e seis milhões de peças quentes de vestuário — mas a guerra perdera o avanço-relâmpago do princípio. Antes de mais, Moscovo foi aguentando, de forma inesperada, até janeiro de 1942. Depois, após uma prolongada e razoavelmente bem-sucedida nova ofensiva alemã na primavera de 1942, seguiu-se a infame Batalha de Estalinegrado, entre agosto de 1942 e fevereiro de 1943. Este embate sangrento representou o culminar do duelo entre Adolf Hitler e Joseph Estaline, tendo ambos feito sacrificar milhões de pessoas.

Porém, Janny não fazia ideia do que se passava na Frente Oriental. Desconhecia que os planos de Hitler para o seu *Lebensraum* não se conseguiam aplicar no terreno com facilidade. Apenas sabia que os Aliados ainda não tinham chegado e que a vida quotidiana em Bergen se tornava cada dia mais difícil.

Dadas as circunstâncias, Robbie comportava-se razoavelmente, mas Liselotte chorava a toda a hora e Janny não sabia o que se

passaria com ela. Com Kathinka as coisas também não corriam bem — estava apática. Janny e Lien viram-se muito preocupadas com as pequenas porque houve uma epidemia de disenteria. Soaram rumores de que o surto ocorrera no acampamento dos soldados, mais abaixo na estrada, e que a doença se espalhava pelas famílias da envolvente, afetando principalmente as crianças.

Kathinka adoeceu. Emagreceu, desaparecera toda a gordura de bebê e viam-se bem as costelas debaixo da pele. Quando o organismo da pequena não libertava senão sangue, Lien esteve perto do desespero, mas Jan e Aleid Hemelrijk conseguiram que um médico amigo viesse examinar Kathinka. Prescreveu-lhe alguma medicação e uma dieta de arroz com canela. Jan procurou tudo o que precisariam e, durante mais de uma semana, as irmãs mantiveram-se ansiosas ao lado da menina, na cama, pedindo por tudo as suas melhoras. A família do lado, católica, dos onze filhos perdera dois. Quando Lien e Eberhard estão prestes a perder a esperança, Kathinka começou a comer e a recuperar; e quando conseguiu ingerir pedacinhos de comida para criança, os pais, pela primeira vez, atreveram-se a voltar a sorrir.

O inverno de 1942 foi duro. Os alimentos escasseavam e se isto já era um problema com temperaturas amenas, em que a natureza florescia e os animais conseguiam encontrar comida, causava agora problemas maiores. As irmãs encontraram cantarelos no bosque e, felizmente, fritos e temperados, estes cogumelos foram um grande êxito entre as crianças. Para sentirem, de certa forma, alguma segurança, conservavam cestos cheios de cantarelos ou guardavam-nos em jarras. Janny também ouvira falar de que um fungo muito nutritivo com uma tonalidade avermelhada; naquelas últimas semanas do ano, viveram principalmente de vários tipos de cogumelos. Felizmente, podiam rir-se disso.

«Que tens hoje para o jantar?», perguntava Bob a Eberhard quando este aparecia.

«Bife de cogumelos. E tu?»

«Bife de cogumelos.»

Em dezembro, a temperatura, abaixo de zero, desceu ainda mais; atingiu um valor recorde de menos 27,4 graus Celcius nas semanas seguintes. O gelo penetrava nas paredes e tornava-se impossível aquecer as casas. Jaap Brilleslijper pediu a Jan Hemelrijk que lhe trouxesse uma serra e um machado e preencheu os dias a cortar madeira para lenha, arrastando-a para a fazer chegar às suas irmãs, que mantinham as salamandras acesas noite e dia.

Janny e Eberhard viajavam com alguma regularidade para

Amsterdão em trabalho para a resistência e souberam de novas investidas — as mais vastas até então. Em outubro, auxiliado pela polícia neerlandesa, o SD deteve cerca de quinze mil judeus em Amsterdão e no resto da província da Holanda do Norte. Em novembro, acontecera o mesmo com algumas centenas de judeus em diversos locais no leste do país.

Todos os detidos foram transportados para Westerbork, onde, com a chegada de tanta gente, se instalou o pânico e o caos. Não só porque as casernas ficaram sobrelotadas, mas também pela presença de muitas mulheres, crianças e idosos; o que restava das crenças nos «campos de trabalho» evaporou-se rapidamente.

Uma deportação fácil apenas seria bem-sucedida com paz e ordem; e o comandante de campo certo desempenhava um papel fundamental na sua implementação. Os dois comandantes anteriores do campo de Westerbork, Erich Deppner e Josef Dischner, eram homens sádicos e imprevisíveis que só causavam pânico com as suas atitudes. Os detidos argumentavam: «Se somos tratados assim em Westerbork, um antigo campo de refugiados, que raio de coisa nos esperará para onde formos a seguir?» Um novo diretor do campo teria de trazer alguma acalmia para que a quota de deportações dos Países Baixos pudesse ser alcançada.

Em outubro de 1942, foi nomeado o *SS-Obersturmführer* Albert Konrad Gemmeker, um homem de feições simétricas como uma estrela de cinema e a aura de um diretor escolar. Vinha do campo de reféns de Beekvliet, na aldeia de Sint-Michielsgestel, em Bramant, onde intelectuais neerlandeses eram mantidos vivos por uma questão de segurança; enquanto a população neerlandesa obedecesse, não lhes tocariam num único fio de cabelo.

Gemmeker restabeleceu a ordem em Westerbork com luvas de veludo. Passou a habitar a bela casa do comandante à entrada do campo, uma imponente construção de madeira com um telhado pontiagudo e um jardim de inverno de planta retangular. Gemmeker viveu ali como se fosse o próprio presidente do município e Westerbork a sua cidade, servido por funcionários judeus. Organizava as atividades quotidianas do campo, tornando as coisas tão normais quanto possível, com trabalho, muita atividade desportiva, atuações de *cabaret* e música ao serão. Havia uma lavandaria, um *atelier* de costura e uma grande horta para plantar, tornando quem ali residia autossuficiente.

Tão ordeiramente como organizava a vida de todos os dias, Gemmeker também definia as listas de deportação. Os números semanais eram determinados em Berlim e seguiam para Haia, de

onde Gemmeker recebia instruções. Estas listas de transporte eram definidas em reuniões semanais e Gemmeker apoiava-se em grande medida no pessoal administrativo judaico.

Nos primeiros meses, os comboios partiam às segundas e sextas-feiras. A partir de 1943, seguiam todas as terças. Divulgavam, por caserna, os nomes das pessoas que teriam de fazer as malas, algumas com as famílias, outras sem. O que seria pior? — uma questão que ninguém se atrevia a pôr. Decorria tudo num ambiente de desânimo, embora organizado, em que se chegava a comprimir os passageiros quando os vagões estavam sobrelotados. Eram contadas as cabeças e o número registado com giz e grandes algarismos no exterior dos vagões. As portas eram trancadas e os comboios partiam.

Gemmeker geria desta forma um pacífico sistema de deportação que, muito para deleite de Berlim, lhe permitiu fazer seguir de comboio, até ao final de 1942, quarenta mil judeus dos Países Baixos até à Polónia. E celebrou-o com um grande banquete.

Janny e Lien compreendiam quão abençoadas eram por estarem juntas, ao passo que a maior parte das famílias do país havia sido separada — ou deportada. Junto da resistência tinham um acesso a senhas suficientes e Janny nem pensava em suspender as atividades. Não era imprudente nem ingénua; simplesmente, não via outra opção. Quando é preciso, temos de ir à luta.

Quanto aos filhos, tentavam que os seus dias passassem na maior das normalidades. Até comemoraram o dia de São Nicolau na casa de Janny e Bob, na Buerweg. Por um momento, tudo parecia ser como antes da guerra. Como, recordaram subitamente, fora apenas dois anos e meio antes.

Naquela noite, todos se sentiam tranquilos, entregando-se aos rituais daquele dia festivo a bem das crianças. Liselotte e Kathinka eram muito pequenas para compreenderem, mas quando Jan Hemelrijk, vestido de São Nicolau, sentou Robbie no colo e lhe falou numa voz grave, o menino fitou-o de olhos muito abertos sem mexer um dedo.

«Engoliste a língua ou quê, rapazinho?», resmungou o São Nicolau.

«Não, tio Jan», gaguejou a criança, pondo toda a família a rir.

Robbie não entendeu e rebentou em lágrimas.

«Os serviços secretos deveriam recrutá-lo», sussurrou Jan Hemelrijk por detrás da barba falsa ao passar o menino para o colo de Janny.

Quando se despediram, já tarde, começava a chover. O céu exibía uma tonalidade prateada com um rebordo mais escuro, mas as

estrelas brilhavam ao longe, o que antevia uma noite seca. Lien e Eberhard saíram, Kathinka muito aconchegada enrolada na gabardina do pai. Jan e Aleid caminharam com eles até casa, na Lindelaan. Ao despedirem-se com um aceno para o São Nicolau, Bob perdeu o seu precioso saco de tabaco por entre a chuva. Com uma disposição exuberante, procurou-o com Janny até acabarem com os cabelos colados ao rosto e os joelhos a verem-se através das calças encharcadas — em vão.

Dias depois, Janny encontrou-o debaixo dos arbustos. Encharcado, com metade do tabaco estragado, o que não impediu Bob de o fumar. Naqueles dias, por mais imaginário que fosse um prazer, era sempre bem-vindo.

As irmãs Jansen

Não receberam com surpresa o facto de terem de sair, embora a novidade lhes tenha chegado com alguma rispidez. No dia 1 de fevereiro de 1943, os soldados alemães iriam evacuar, de porta em porta, todo o litoral entre Den Helder e Hoek van Holland com o objetivo de edificarem o Muro do Atlântico.

Hitler ordenara a construção desta linha defensiva ao longo da costa do Noroeste europeu para evitar uma invasão das forças aliadas — a invasão que Janny tanto ansiava. Uma linha, ou melhor, um encadeamento de obstáculos e fortificações que cobriam mais de quatro mil e oitocentos quilómetros, do norte da Noruega ao sul de França. Seriam erguidos milhares de abrigos nas dunas dos Países Baixos, e também obstáculos antitanque, como altos muros em betão, sacos de areia e trincheiras profundas. Necessitavam de novos caminhos e estradas até aos armazéns de munições, baterias antiaéreas e campos de minas. Todas as aldeias até dez quilómetros para o interior teriam de ser desocupadas até 1 de fevereiro de 1943. Este anúncio foi de grande crueldade para os residentes das zonas costeiras, mas para quem trabalhava na clandestinidade significou uma armadilha.

Os últimos dias de 1942 passaram devagar. Janny tentava ocultar as suas inquietações dos pais e dos filhos, mas a agitação não se avolumava apenas dentro de casa. À volta, as pessoas começavam a movimentar-se. Foi oficialmente permitido que os cidadãos «comuns» fossem realojados, mas não pessoas como eles: judeus em fuga, desertores ao encontro da morte. Enquanto automóveis e camionetas de mudanças carregados até cima abandonavam Bergen, todos os dias entrava na cidade uma nova leva de soldados. Os homens das casernas de madeira do acampamento vizinho e o ruído que produziam mantinham Janny acordada toda a noite. Estendida na cama de olhos abertos, a sua mão na de Bob, a olhar para o teto. Por cima das suas cabeças, os aviões ingleses sobrevoavam as dunas escuras e abriam fogo sobre o campo, em Bergen; os soldados alemães corriam para fora, devolvendo os disparos.

Uma noite, acertaram num avião inglês, que caiu sobre as

casernas de madeira, incendiando-as e fazendo alastrar as chamas. Como por milagre, Robbie e Liselotte não acordaram, mas Janny, Bob, Jaap, Fietje e Joseph, todos acudiram à janela da sala da frente, iluminada pelo mar de labaredas como num luminoso dia de estio. Petrificados, semicerrando os olhos perante a luz ardente, mantiveram-se protegidos pelos cortinados. Bob e Janny trocaram olhares: os soldados estavam cada vez mais perto de Lien e Eberhard, assim como de Jan e Aleid.

No dia seguinte souberam que, felizmente, todos tinham saído ilesos, mas uma coisa era certa: cada novo dia ali seria um dia a mais. Tinham de encontrar novos lares.

As irmãs juntaram-se numa reunião de emergência com Bob e Eberhard. Quem conheciam? Em quem poderiam confiar? Jan e Aleid também tinham de mudar-se, mas não com eles. Deveriam separar-se e entregar os filhos a estranhos? Esta última ideia era impensável e foi logo posta de lado. E que fazer a seguir? Eram muitos e queriam, teriam mesmo de manter-se juntos para sobreviverem. Seria impossível continuar em Bergen, o regresso a Haia não era opção e Amesterdão estava hermeticamente selada. Além disso, sabiam com grande certeza: caso voltassem a Amesterdão, a única saída seria por Westerbork.

No final, ficou decidido que Janny e Eberhard seguiriam sozinhos, cada um por si, para o interior do país, buscando lugares remotos e casas desocupadas. Um plano pouco firme, mas era tudo o que tinham.

Jan Hemelrijk, que andava sempre à procura de esconderijos, disse-lhes que já quase não havia famílias dispostas a acolher gente nas áreas urbanas — demasiado arriscado, muito pouco espaço, demasiados nazis à espreita, tanto alemães como neerlandeses, e a polícia neerlandesa sempre em ânsias de receber dicas sobre o paradeiro dos judeus. A relutância dos neerlandeses não judeus em se apartarem dos seus concidadãos judeus transformara-se, nos dois anos da ocupação e na sua maior parte, na aceitação do seu destino.

Amigos na resistência afiançaram-lhes que Amesterdão estava pejada de traidores sem uniforme. Cidadãos comuns traindo vizinhos, antigos colegas e até as próprias famílias. O banco nazi Lippmann, Rosenthal & Co. prosperava. Com a quantidade de judeus deportados a aumentar, mais e mais casas ficavam devolutas e a Coluna Henneicke estava sempre presente para proceder ao inventário dos recheios. O esquadrão *Hausraterfassung* assumia uma importância crescente. Estes homens percorriam o país a preencher listas nos lares que as pessoas eram obrigadas a abandonar — algumas

vezes, os lençóis ainda estavam quentes e as chávenas sobre as mesas; noutras, os residentes ainda estavam presentes quando estes cavalheiros davam provimento, zelosos, aos seus deveres administrativos. Depois, teriam de deixar testemunho do seu labor diário em quadruplicado, como era usual num verdadeiro funcionário público. Uma cópia do inventário era encaminhada para o gabinete central, o *Zentralstelle*, outra acompanhava os bens, uma ficava com o elemento da Coluna comprovando o seu serviço e a última era entregue à própria família. Um recibo da derradeira recordação de uma existência normal antes de fecharem a porta atrás de si.

Assim, era nas zonas mais remotas que eles tinham de focar a sua atenção. Com o seu ar ariano, cartão de identidade falso e um neerlandês impecável, Eberhard ainda se atrevia a viajar. Janny combinava as viagens a Amesterdão por conta da resistência com buscas nas aldeias vizinhas. Tinham decidido que as zonas florestais a leste de Amesterdão seriam as mais promissoras; por isso, Eberhard apanhava todas as manhãs o comboio com destino a Hilversum para procurar a partir dali.

Certo dia, viajou para Hollandsche Rading, uma pequena aldeia rodeada pela natureza. Da estação, desceu a rua principal e tocou a todas as portas. Com uma bonita e alta presença, cabelo louro, olhos claros e grande eloquência, as pessoas dirigiram-se-lhe com leve suspeita, mas sem problemas.

«Por acaso, arrenda quartos?», ia perguntando, seguindo-se: «Nem saberá de uma casa de verão vaga por perto?»

Nada. Porta após porta, rua após rua, até que só encontrou árvores no extremo oposto da aldeia.

Era dezembro — a temperatura caíra abaixo de zero. Tentou aquecer os dedos dormentes rejeitando a desesperada ideia que lhe passou, momentaneamente, pela cabeça — acampar em pleno bosque com toda a família em tendas... No entanto, sentiu-se atraído por aquele bosque — e se encontrasse uma cabana de caçadores, uma casinha vazia? Pensou na família em Bergen, tomou impulso e mergulhou por entre os troncos do arvoredo.

Seguiu-se uma longa caminhada pelo bosque de Baarn; Eberhard nada encontrou, nem ninguém. Após algumas horas em passo largo, gelado e quase a perder o ânimo, reparou de súbito numa vereda mais clara e arenosa. Não teve esperança de que o levasse a uma casa, mas talvez fosse dar a um apeadeiro.

Escurecia. Muito embora receasse os rostos dececionados em casa, não poderia andar para sempre por fora. Nisto, algo reluziu por entre as árvores — uma construção, paredes brancas, janelas altas

encerradas por portadas e, ao avançar, surgiu-lhe uma enorme casa. Mais abaixo, viam-se algumas casas mais pequenas e, pela primeira vez naquela tarde, Eberhard sentiu o sangue a refluir. Dirigiu-se a uma delas com a luz acesa e tocou à campainha. A porta abriu-se e um homem fitou-o, irritado.

«Boa noite, senhor. Reparei naquela grande casa no bosque.» Eberhard apontou na sua direção: «Gostaria de saber, porque parece desabitada, se terá alguns quartos para arrendar ou...»

«Fora de questão!»

Antes de o deixar terminar, o homem bateu-lhe com a porta na cara.

Eberhard regressou a Bergen de mãos vazias, onde todos o esperavam atrás da janela escura. Não fizeram perguntas; o rosto falava por si. Jaap acendeu o fogo e, enquanto se aquecia, Eberhard foi contando a sua experiência, sem se esquecer do desagradável encontro com o homem que deitara por terra a sua derradeira esperança.

Durante um momento, Lien e Jaap trocaram olhares cúmplices. Depois, desmancharam-se a rir.

«Estão bons da cabeça?», perguntou Eberhard olhando fixamente a sua amada. «Não tem graça, pois não?»

«Sabes que grande casa é essa?», perguntou-lhe Lien.

Até Herbert, o rapaz judeu que vivia com eles, se riu. Eberhard apenas encolheu os ombros.

«É o palácio real, Soestdijk!»

Eberhard demorou anos a achar graça àquilo.

Pelo Natal, a disposição geral estava longe de exuberante; os dias festivos evocavam o novo ano e a chegada da evacuação, continuando a não haver uma solução à vista. Reuniram-se em casa de Janny e Bob; até o bom amigo Frits Reuter e a namorada deste, Cor Snel, arriscaram a viagem para estar com eles. Como era um dos líderes do clandestino Partido Comunista em Amesterdão, Frits trazia um monte de notícias, mas estas, contudo, não melhoraram o ambiente.

Em 13 de dezembro, o NSB organizara uma grande celebração no Concertgebouw, em Amesterdão, em homenagem ao seu décimo primeiro aniversário. Num auditório sobrelotado ornamentado com bandeiras, faixas e suásticas, o comissário do Reich, Seyss-Inquart, afirmou que Hitler reconhecera Anton Mussert, fundador do NSB, como «Líder do Povo Neerlandês». Mussert aceitara a nomeação perante uma fileira de braços estendidos.

Escutaram estoicamente e comeram. Janny e Lien prepararam sonhos e *rijsttafel*. Mais tarde, todos se despediram de Lien, Eberhard — Kathinka adormecera no seu ombro — e de Herbert, que abalaram para o respetivo lar do outro lado do bosque. Selaram as boas-noites com um beijo e todos se deitaram esperando que aquela noite lhes trouxesse o milagre de que tanto precisavam.

E o milagre aconteceu. Numa altura em que Janny e Eberhard pretendiam suspender as suas buscas aleatórias no meio do frio do inverno para iniciarem os preparativos para uma separação forçada da família, Jan Hemelrijk chegou com novidades.

«Encontrei algo. Um pouco abaixo de Amesterdão, no bosque de Naarden. Uma casa isolada, que duas senhoras ricas só usam no verão. Será suficientemente grande para todos vós. Está aqui a morada delas.»

Após uma noite inquieta, Bob e Eberhard vestiram os seus melhores fatos e seguiram de madrugada, muito ansiosos, para Amesterdão com o endereço na mão como se fosse uma varinha de condão. As irmãs Jansen viviam na Minervalaan, uma artéria elegante com mansões imponentes. Com o destino das suas amadas, dos filhos, de toda a família Brilleslijper nas mãos, tocaram à campainha.

Tentando mostrar-se o mais confiáveis e charmosos possível, Bob e Eberhard revelaram-lhes a sua precária situação — pelo menos numa versão mais segura. Naqueles dias não se poderia confiar em ninguém, nem nos que pareciam boas pessoas. Por isso, Bob e Eberhard passaram por dois cidadãos não judeus perfeitamente comuns, jovens neerlandeses que viviam em Bergen com as respetivas famílias e que tiveram de deixar as casas praticamente de um dia para o outro por causa do Muro do Atlântico. Concluíram a história com a questão premente: poderiam arrendar a casa de verão de Naarden até ao fim da guerra?

As senhoras ficaram visivelmente impressionadas com aqueles cavalheiros jovens e simpáticos. Concordaram, pedindo-lhes que voltassem dois dias depois para assinar o contrato de arrendamento. Bob e Eberhard correram para a família, que aguardava o veredito na casa de Janny. Pareceu-lhes que estariam salvos, embora a ideia de terem de se separar dos filhos lhes tenha partido o coração. Ninguém conseguiu reagir com entusiasmo às boas novas.

Encontraram um local, mas não tinham permissão oficial para se mudarem para Naarden. O único que poderia tentar obtê-la era Bob. Os restantes eram judeus ou, no caso de Eberhard, um desertor. Antes de passar à clandestinidade, Bob trabalhara no Centro Nacional para o Abastecimento Alimentar e Janny viu ali a única hipótese.

Viajou logo para Haia para tentar falar com as pessoas certas. Com um ligeiro charme, mas com uma expressão de quem não aceitaria um «não» como resposta, encontrou forma de Bob regressar ao Centro Alimentar, que passara a funcionar mais a norte. A nova sede ficava em Weesp, uma aldeia entre Amesterdão e Naarden. Na sua missão, não foi referida a situação de Bob enquanto «resistente procurado»; por isso, pareceu justificada a suspeita de Janny de que ele apenas estaria registado nessas condições na província da Holanda do Sul. De qualquer modo, teriam de correr o risco; não tinham outra opção.

Com os documentos necessários na mala muito apertada contra o peito, Janny iniciou a viagem de volta. Era sexta-feira ao final da tarde e teve de enfrentar uma multidão de passageiros a entrar no fim de semana. Ficaram apenas homens e talvez algumas mulheres desnorteadas. Não as que não precisavam de viajar — principalmente àquela hora tardia. As que não tivessem de falar com alguém, não andariam à procura de contactos.

Janny tentava ser discreta olhando pela janela. Com o crepúsculo, os prados esmoreciam e começava a ver o reflexo do seu rosto. Os cabelos lisos, presos atrás das orelhas, maçãs do rosto proeminentes como as varetas de uma tenda sustendo com firmeza a pele esticada, os olhos escuros. Sentir-se responsável por todas aquelas pessoas dependentes dela raramente se revelava um peso, mas, naquele instante, sentia-se assoberbada. A impotência das semanas anteriores, o prenúncio iminente de se separarem dos filhos ou, pior, de serem todos presos... Então, como seria?

Sentia os ombros pesados e tensos; ao respirar era como se trespassasse o banco, o pavimento, caindo prostrada no solo debaixo da carruagem. Depois, uma dor súbita na parte inferior da barriga por detrás da mala que carregava a tábua de salvação. Dobrou-se, vendo se alguém a observaria. Os assentos do lado e defronte vazios; os homens sentavam-se juntos mais adiante — graças a Deus.

Tentou pausar a respiração. Mais uma pontada, desta vez mais forte. Reteve um gemido, fingiu tossir, dobrando-se sobre a mala. Quando tossiu, sentiu um aperto em volta da barriga, sugando-lhe a vida por dentro até ficar sem fôlego. Um dos homens ao fundo ergueu a cabeça por um breve instante. Janny tentou passar despercebida no seu canto de encontro à janela.

Então, sentiu uma aragem quente a invadir-lhe agradavelmente as pernas por entre o frio da carruagem. A dor passara e sentiu-se a perder os sentidos. Os pés balançavam sobre o linóleo do chão ao ritmo das juntas dos carris. A aragem arrefeceu, sentiu as coxas sujas

e pegajosas. Endireitou-se ligeiramente, rodou para a frente a saia de lã húmida e viu uma mancha escura. Tapou-a com a mala de couro e encostou a cabeça à janela, que não deixava ver mais do que uma muralha de escuridão. Salpicos distantes de luz aqui e acolá. O calor da sua respiração embaciava o vidro enquanto grossas lágrimas corriam-lhe pelo rosto, caindo para as mãos.

Ao chegar a casa, conseguiu com grande esforço mostrar um sorriso, acenou com os papéis, que Bob guardou sofregamente, e recolheu-se ao quarto para trocar de roupa. Todos se sentiram aliviados por ela ter obtido a permissão. Não falou a ninguém do aborto espontâneo.

No dia 30 de janeiro de 1943, dois dias antes da evacuação da costa dos arredores de Bergen, os dois homens regressaram a Amesterdão e Eberhard, utilizando a sua falsa identidade de J.-J. Bos, assinou o contrato com a senhora C. M. Jansen para o arrendamento da residência denominada Alto Ninho, no número 2 da Driftweg, em Naarden. A renda ficava por uma mensalidade de 112 florins e meio pela casa mobilada — e a promessa de terem cuidado com o mobiliário e de não utilizarem a porcelana fina.

«É melhor registarem-se como novos moradores junto do presidente do município de Naarden», observou casualmente uma das irmãs, «ou ele poderá requisitar a casa para os alemães.»

Bob e Eberhard agradeceram-lhes esta informação e trocaram um olhar furtivo — isso seria um completo desastre. Pretendiam agora ir buscar a família e deixar a aldeia antes do início da evacuação, mas as irmãs estavam tão satisfeitas com a visita dos jovens que a iam prolongando no vestíbulo da elegante casa da Minervalaan.

«Diga-me», observou a outra irmã, apoiando a mão no antebraço de Eberhard, «não me parece que o senhor seja de Haia. De onde é?»

Já antes lhes tinham feito aquela pergunta.

«Sabe?», respondeu Eberhard como se estivesse a conspirar, «eu cresci em Limburg, no Sul. Receio ser denunciado pela minha pronúncia até ao fim da vida.»

Todos se riram e despediram-se calorosamente.

O último obstáculo. O presidente da Câmara de Naarden. O presidente nazi da Câmara de Naarden, Marinus van Leeuwen. Enquanto Bob corria para Bergen para preparar a mudança de dois lares, Eberhard apanhava o comboio para Naarden-Bussum. Daqui, caminhou num passo ligeiro até Naarden, entrou nas muralhas pela ponte e foi direito à Câmara Municipal, na Markstraat, defronte da Grande Igreja.

A sede do município era bonita, constituída por dois edifícios adjacentes, lado a lado, como dois irmãos. Apesar de terem dimensões diferentes, eram edificadas no mesmo estilo, com o topo da fachada principal em degraus, uma torre sineira e um cata-vento a tardoz. A imponente porta principal em arco localizava-se no mais alto, do lado esquerdo, por onde Eberhard entrou com a boca seca e o corpo rígido. No interior, uma senhora afável conduziu-o ao gabinete do presidente, que se encontrava a trabalhar atrás de uma secretária maciça ladeada pelas fotografias de Adolf Hitler e Anton Mussert. Quando Eberhard entrou, puxou a cadeira para trás, levantou-se e saudou-o de braço estendido.

«*Heil Hitler!*»

Eberhard pensou em Lien e Kathinka, reuniu coragem e, pela primeira vez na vida, respondeu à saudação nazi. Mostrou-lhe os documentos. O contrato de arrendamento, a autorização de trabalho que Janny obtivera para Bob e uma certidão do médico de Bergen a declarar que «Kathinka Anita Bos teria de mudar-se para as regiões mais altas do município de Naarden para recuperar de uma disenteria grave».

Van Leeuwen vasculhou a papelada com ar sério enquanto Eberhard tentava dar sossego às mãos inquietas. Os dedos percorriam as palmas das mãos como se quisessem dar corda aos segundos. Nisto, o presidente ergueu-se.

«Cartão de identidade?»

Eberhard apresentou-lhe os cartões de Jean-Jacques Bos, de Antje Bos (Sillevis em solteira) e de Kathinka Anita Bos.

Atrás de si, escutou o toque dos sinos. Eberhard respirava em compasso com o seu ressoar. Lembrou-se do exame médico que, infelizmente, o havia dado como apto após o tratamento pela fome, da fuga para Bergen ao encontro de Jan e Aleid, depois para Amesterdão e do regresso a Bergen. Ali, a coisa teria de bater certo. Caso corresse mal, seria o fim. De todos.

«Concedido.»

Van Leeuwen aplicou o selo necessário aos documentos municipais, assinou por baixo e, em dez minutos, Eberhard estava de regresso à rua. Olhou para cima, para a Grande Igreja de Naarden e esboçou uma breve graça. A quem ou ao quê, não saberia dizer.

SEGUNDA PARTE

O ALTO NINHO



«A casa na Driftweg tinha o nome de Alto Ninho.

Era uma casa bastante grande com um terreno e bosques que se estendiam até à água.

E aqui, escondidos com todos os nossos, passámos pelas maiores aventuras que uma pessoa pode experimentar.»

Janny Brandes-Brilleslijper

A casa do bosque

Tudo o que pediam era um local seguro onde aguardar o fim da guerra. E ninguém se atrevia a dizer quanto tempo esta duraria. E mais: que não tivessem de se separar do resto da família — especialmente dos filhos, como tantos dos seus amigos e conhecidos tinham sido obrigados a fazer. Esperavam dar com algo que servisse de abrigo, um celeiro ou um armazém vazio. Qualquer coisa. Tudo menos aquilo.

Escurecia quando se aproximavam do destino. A aldeia de Naarden ficara a cinco, talvez dez, minutos para trás; o veículo percorria a azinhaga ao longo do bosque havia algum tempo e, de acordo com a direção tomada, estariam a chegar. Na viagem, mantiveram-se calados, agastados pela ansiedade e com receio de serem mandados parar. A estrada pavimentada transformara-se numa vereda arenosa com os sulcos deixados pelas carroças bem vincados — eram envolvidos pelo bosque. Se avançassem mais, a desengonçada camioneta de mudanças poderia ficar presa na areia.

Bob desligou a ignição. Quando o som do motor esmoreceu entre o arvoredo e os faróis se apagaram, todos sentiram descer sobre si uma doce acalmia. A cabina ficou inundada pelo vapor das respirações. Bob foi o primeiro a mexer-se.

«Venham. Tem de ser algures por aqui.»

Janny ajudou a mãe a descer da camioneta e pegou em Liselotte. A chuva fustigou-lhes os rostos cansados. Sobre as suas cabeças, as árvores rangiam com o vento enquanto os seus passos eram abafados pela camada de folhas que cobria um trilho que lhes pareceu não levar a lugar algum — ou a uma espessa muralha de escuridão. Ao bosque.

Janny olhou para Bob, que levava Robbie pela mão. O pequeno sentia-se demasiado exausto para chorar. Encolheu os ombros e prosseguiram. Fietje avançava de braço dado a Jaap, que amparava a mãe com firmeza. A senhora tremia de frio. O resto do grupo ainda vinha a caminho — Eberhard com o pai, Lientje com Kathinka. Era muito perigoso viajarem juntos.

Quando chegaram aos limites do bosque, viram uma serventia

que começava no trilho. Surgia à direita de um matagal, desaparecendo por entre as árvores do lado esquerdo. Bob esboçou um aceno e todos mergulharam no bosque. Assim que Janny se viu no meio dos troncos escuros, os seus ombros descontraíram — um peso a menos. Sentiu-se em casa.

À direita da serventia estreita, surgiu-lhes uma enorme sombra. Em volta, os ramos rangiam, as árvores agitavam-se ao ritmo do vento, mas ali estava a casa, sólida, imperturbável e não se deixando, de todo, impressionar.

A chuva parou e um luar ténue irrompeu através das nuvens, acima do vasto terreno nas costas do grupo. Eles mantêm-se parados na serventia a observar a casa. Os olhos de Janny percorreram a fachada austera e encontraram uma placa branca entre as janelas dos pisos térreo e superior. Letras escuras anunciavam: Alto Ninho.

A casa, um robusto cubo com telhado de colmo, fora construída no meio de uma enorme reserva natural entre as aldeias de Huizen e Naarden. Era evidente que aquele lugar não tinha a civilização em grande consideração; ao ignorar todos os cânones da arquitetura burguesa, parecia, pelo contrário, fazer parte da natureza. O Alto Ninho tinha as traseiras orientadas para o acesso rodoviário e para a serventia que os conduzia até ali; a entrada para o vestíbulo principal, assim como a porta da cozinha, davam para a parte de trás. As visitas teriam de prosseguir pela serventia estreita, dar a volta à casa até às traseiras — que, com efeito, eram a parte da frente — e tocar à campainha. Neste meio-tempo, os habitantes conseguiriam espreitar quem chegava por uma das muitas janelas. Havia-as em todas as fachadas, dispersas de igual modo pelo piso térreo e primeiro andar — os seus caixilhos brancos poderiam ficar ocultos por portadas cor de sangue.

Assim, a porta principal abria para um espaçoso vestíbulo que acedia a três divisões. Em frente, a dar para a serventia, ficava a sala de estar e jantar; no lado esquerdo do vestíbulo estava a cozinha e, no direito, um quarto à parte e também um lavabo. Neste piso, até havia um telefone. Riram-se quando levaram o auscultador ao ouvido — para sua surpresa, estava mesmo ligado.

O primeiro andar possuía quatro quartos e uma casa de banho. Por cima deste, um sótão com telhado de colmo cobria toda a área da casa. Em ambos os lados do telhado foram abertos grandes janelões semicirculares, semelhantes aos das torres das igrejas, que ofereciam uma vista fantástica sobre o bosque, os terrenos envolventes e uma miniatura do Alto Ninho no jardim: uma casinha de apoio com telhado de colmo e janelas com caixilhos idênticos.

Elevavam-se da casa três chaminés, como colunas, ajudando a emprestar à construção um aspeto indestrutível. Como esconderijo, era o local perfeito.

Naquela noite, pela primeira vez em meses, Janny dormiu como um bebé. Sem bombardeamentos nos céus, sem o ruído vindo de uma aldeia próxima, sem medo de que soldados iniciassem cedo as evacuações, sem preocupações de não ter para onde ir. Nada teve senão o silêncio a embalar-lhe o corpo e dormiu até que o sol de inverno voltasse a luzir sobre a casa. A seu lado, a cama arrefecera. Bob levava os filhos para baixo para não a acordarem.

No escuro da noite anterior, em silêncio, tinham levado todos os pertences da camioneta para dentro de casa. Depois de deitarem as crianças, tinham-se sentado na sala de estar a esperar, ansiosos, a chegada de Lien e Kathinka e, depois, de Eberhard com o pai. Quando todos já estavam a salvo, foram-se deitar, demasiado exaustos para conversar, demasiado cautelosos para acenderem as luzes. Janny ainda não vira o interior da casa. Ergueu-se sobre os cotovelos e olhou em volta. Toda a divisão estava banhada em luz. Os janelões de ambos os lados do sótão não estavam protegidos senão por finas cortinas de algodão. Uma engenhosa estrutura de barrotes suportava a cumeeira, poucos metros acima da sua cabeça. A um canto, deparou com um lavatório de porcelana, um espelho e um armário com toalhas. O soalho estava, todo ele, revestido por enormes tábuas.

Lançou as pernas sobre a beira da cama e dirigiu-se à janela. Afastou com cautela a cortina de algodão e espreitou. Ninguém. Abriu-a por completo e, audaz, pôs-se diante da janela. Árvores a toda a volta, árvores até onde os seus olhos podiam ver. Nem uma casa, uma rua, gente. Sorriu. Vozes chegavam ao quarto vindas da escada e correu para baixo ao encontro dos filhos.

Já todos estavam ocupados. Jaap irrompera pela casinha do jardim, onde encontrou material e ferramentas suficientes para criar um espaço de trabalho. A mãe limpava os peitoris das janelas e tinha a porta da cozinha escancarada; uma corrente de ar gélida escorraçava o cheiro a mofo e a humidade da madeira — a casa estivera desocupada desde o fim do verão.

Janny deu um beijo a Fietje, vestiu o casaco, saiu e ficou petrificada. Pela frente, um relvado imenso como o de um parque, com arbustos altos, sebes de bétula, árvores imponentes, rododendros volumosos e canteiros redondos com flores. Olhou ao redor estupefacta.

Um pouco por todo o lado, bancos de madeira e de ferro tosco, alguns esverdeados do musgo e meio cobertos pela vegetação; outros limpos e usados havia relativamente pouco tempo. Descobriu caixas para os pássaros fazerem ninhos penduradas em algumas árvores, acima da sua cabeça. Pouco mais abaixo, um cercado vazio.

O jardim a seus pés era inclinado. Ainda não tinha percebido que a casa ficava numa elevação e só agora via a razão do nome: Alto Ninho. Estava rodeada de azinhagas e bosques em estado puro. No meio do relvado existia um abrigo quadrangular com uma cobertura pontiaguda e janelas grandes à volta. Lien estava lá com as três crianças embrulhadas em barretes e cachecóis. Janny acenou-lhes e caminhou na sua direção. Ao vê-la, Robbie fez um sorriso de orelha a orelha. Janny pressionou-lhe os lábios contra a testa, fez uma carícia na cabeça de Liselotte e Kathinka e pôs-se ao lado da irmã mais velha, ombro com ombro.

«Caramba!», exclamou Janny.

De costas para o abrigo, olharam para o Alto Ninho, sobranceiro na sua pequena colina.

«É bonita, não é?», perguntou Lien.

Janny não conseguiu mais do que um aceno de cabeça. A situação deles era demasiado precária para se sentirem alegres, mas não poderiam ter sido mais felizes. Lien apontou com o queixo uma zona atrás da casa.

«A casa mais próxima está a uma ou duas centenas de metros.»

Janny observou as proximidades, mas não viu telhados nem outros sinais de presença humana. Lien virou-se, indicando o fundo do jardim.

«Se continuares naquela direção, irás ter ao mar.»

Janny ergueu as sobranceiras e sacudiu a cabeça.

«Ao mar?»

«Ou como lhe queiramos chamar, o Ijsselmeer ou algo parecido. Água, de qualquer forma.»

Riram-se discretamente.

Janny recordou a viagem da noite anterior e procurou orientar-se.

«Então, Huizen é para aquele lado...», apontando para o lado esquerdo da casa, para a azinhaga arenosa com uma mancha de arvoredos. «E Naarden é para ali...», referindo-se ao lado direito, com árvores até onde a vista conseguia alcançar. Nisto, a cabeça de Jaap surgiu da casinha do jardim com os óculos na ponta do nariz e uma expressão aturdida. As irmãs riram-se.

«Ei!»

Janny fez-lhe sinal para falar baixo, mas Lien sossegou-a: «Aqui

ninguém te pode ouvir.»

Em Bergen, havia vizinhos, transeuntes, soldados aquartelados logo ao lado; havia sempre motivo para pedir aos outros que falassem baixo, para meter as crianças dentro de casa quando alguma começava a chorar.

Japie correu para elas com um monte de bugigangas apertadas entre os braços e o peito.

«Vejam o que encontrei!»

Abriu os braços para mostrar os achados. Um martelo comum, tabuleiros com pregos, uma caixa de charutos, corda, lona, cabos elétricos com as pontas soltas e um auscultador com o respetivo fio em espiral, mas sem telefone. Para Janny, era um monte de tralha, embora não lho pudesse dizer. Os olhos do irmão brilhavam.

«A casinha do jardim está cheia de coisas! Têm de vir ver! Começarei com um rádio e, depois, com algo para os petizes, está bem?» E lá foi ele, com as calças a escorregar-lhe pelas magras nádegas ao correr.

As irmãs falaram sobre o que seria necessário fazer nos dias seguintes. Janny teria de dar umas voltas por conta de Mik e não estaria durante o dia. Bob começaria logo a trabalhar em Weesp; por isso, a exploração da zona e as compras para todos ficariam por conta de Lien e Eberhard. Conversavam em volta dos filhos como os pastores a reunir o rebanho, vendo-os a brincar no bosque com as bochechas muito rosadas. Quando se afastavam do relvado vagueando mais para o interior do bosque, a casa desaparecia da vista e tudo o que conseguissem ver não era mais do que as portadas cor de sangue reluzindo entre as árvores.

Robbie mergulhou num monte de folhas e lançou duas mãos cheias delas à cabeça da irmã. Liselotte explodiu de riso. Kathinka aproveitou a ocasião para mergulhar de cabeça noutro monte antes que Lien lhe pudesse lançar a mão, puxando-a para fora.

Naquela tarde, os pequenos estavam exaustos e sonolentos por terem brincado ao ar livre, e pela primeira vez em meses os três caíram num sono profundo sem choros. Depois de Janny os ter deitado, foi ter com o pai. Encontrou-o na sala de estar a alimentar o lume para aquecer o ar gelado que a mulher deixara entrar quando, pela manhã, procedia às limpezas. A sua fragilidade perturbou-a. Estava tão diferente do comerciante anafado e espalhafatoso que fora em Amesterdão. Os alemães tinham-lhe levado mais do que a liberdade quando o mantiveram preso durante dez dias. E, sobretudo, a difícil e realmente muito dura viagem até ao Alto Ninho — a sua resiliência esgotara-se. Ela pegou no cepo que Joseph tinha nas mãos

e fê-lo sentar-se na confortável cadeira junto a uma das enormes janelas laterais, onde a vista para o bosque se tornava mágica.

Antes de o resto da família chegar ao Alto Ninho, Eberhard fizera algumas deslocações a Naarden transportando parte dos seus pertences. Da primeira vez, levou também Herbert, que passou para um dos seus contactos. O rapaz seguiria para um novo esconderijo, mais perto dos pais.

Sempre que Eberhard se aproximava da Estação Central de Amesterdão com uma grande quantidade de bagagem, transpirava de medo. Mas como havia constantemente enormes deslocações de gente das zonas costeiras evacuadas, conseguia misturar-se com a multidão. Tratou-se de uma migração em grande escala; homens e mulheres a precipitarem-se atordoados para as plataformas com filhos, avós, animais domésticos e mobília, alguns com um destino, outros sem perspectivas de uma nova morada.

A escadaria era um mar de gente, o átrio principal rebentava pelas costuras a desembocar para o largo da estação. A situação perfeita para Eberhard, que, carregado com sacos e malas, não chamava as atenções. Depois de proceder ao transbordo para a estação de Naarden-Bussum, ainda eram quase cinco quilómetros a pé até ao Alto Ninho — a maior parte dos quais pela azinhaga.

Reparara naquele piano na primeira vez em que entrou na casa, mas não tivera oportunidade de o referir a Lientje. Era muita coisa ao mesmo tempo. Regressou à estação de Naarden-Bussum de mãos vazias, seguiu para Amesterdão, Alkmaar e a pequena composição a vapor até Bergen. A sua derradeira viagem enquanto besta de carga.

Ao chegar a Bergen, deu com a casa de verão vazia e às escuras. Havia no ar um odor a desinfetante e as cortinas estavam corridas. Era como se ninguém tivesse ali morado. Lien partira com Kathinka com as pormenorizadas indicações de Eberhard impressas na mente.

Trancou a porta, pôs a chave na caixa do correio da casa principal e caminhou até à morada de Janny do outro lado do parque dos cervos. Esperava-o aqui uma situação idêntica. A casa imaculada, as cadeiras no sítio em volta da mesa de jantar, nem uma migalha no tapete. Nenhum rasto das crianças que por ali correram meses a fio.

No canto mais obscuro da sala de estar, Joseph esperava sentado num cadeirão.

«Venha», disse Eberhard oferecendo o braço ao sogro. Joseph não mostrou logo vontade de se levantar. Desde que ali chegaram em busca de um esconderijo, nunca saíra à rua. Eberhard segurou-o pelo

braço, ajudando-o a levantar-se, a dar o passo rumo ao novo abrigo.

No comboio para Amesterdão, o desconforto de Joseph tornava-se cada vez mais visível. Trazia uma respiração arrastada e estava sempre a olhar em redor. Na realidade, estava incapaz de ver muita coisa; a última cirurgia à vista não correrá bem e, apesar das lentes de fundo de garrafa, não conseguiria estabelecer a diferença entre um soldado e um carvoeiro. Eberhard inquietava-se, embora não pudesse tranquilizar o ancião sem deitar tudo a perder para ambos.

Quando a composição entrou na Estação Central de Amesterdão, já a noite caía sobre os canais. A multidão dissipara-se; as plataformas estavam quase desertas. Eberhard lembrou-se dos esbirros debaixo da escadaria e pediu por tudo para que o sogro se aguentasse. Na plataforma, Joseph hesitou um instante perante a placa que indicava o nome da cidade do seu coração; Eberhard acreditava que Joseph conseguiria sair e caminhar sem problemas até casa, acompanhando o canal até à Weesperstraat no sentido descendente, virando à esquerda e entrando pela porta da frente direito à sua cadeira confortável. Conseguiria lá chegar de olhos fechados. Embora sem necessidade, Eberhard apertou com mais força o braço do sogro. Joseph voltou-se e acompanhou-o em silêncio ao comboio seguinte.

A última parte foi a mais difícil. Quando saíam da estação de Naarden-Bussum, foram recebidos por uma bátega. Não havia nuvens, mas era o tipo de aguaceiro que, mal uma pessoa se apercebe, já tem o casaco encharcado e colado à pele. Estavam ambos esgotados e Joseph avançava com pequenos passos erráticos. Mas Eberhard não tinha pressa — era a sua última viagem. Só importava chegar, ainda que lhes levasse toda a noite.

De início, passaram ao lado de salas de estar bem iluminadas, pessoas sentadas nos sofás, outras dirigindo-se para a cozinha, inconscientes de serem observadas. Gente sem preocupações. Quando deixaram o centro de Naarden, as casas tornaram-se mais espaçadas e as iluminações surgem em intervalos maiores. A rua estava num sossego profundo, apenas se escutando o suave baque dos pingos da chuva no asfalto que, acompanhando-os, lhes apagava as pegadas. Os óculos de Joseph embaciaram e a água escorria-lhe pela testa sobre as lentes, para o rosto, mas o seu olhar fixava-se no chão, deixando-se conduzir pelo genro.

Depois de caminharem em silêncio, no braço um do outro, durante mais de meia hora, escutaram um claro ritmado. Pararam. Eberhard sentiu um arrepio a percorrer o velho corpo a seu lado. Não soube dizer se seria do frio ou do medo.

Eberhard perscrutou a noite, pensando se deveria empurrar Joseph para os arbustos. Acabou por identificar o som dos pedais de uma bicicleta a roçar no guarda-lamas e os pneus em contacto com a superfície molhada da estrada. Passou por eles, a pouco menos de dois metros, uma figura encurvada que não os viu. Aliviados, prosseguiram caminho.

Eberhard não sabia dizer que distância faltaria, mas quando finalmente chegaram ao Alto Ninho, compreendeu, vendo todos os rostos tensos, quão preocupados estariam. Todos os esperavam sentados na sala de estar com os cortinados corridos. Uma vela tremeluzente iluminava as profundas rugas que contornavam os lábios de Fietje. Muito grata, recebeu o marido das mãos de Eberhard e limpou-lhe cuidadosamente o rosto com uma toalha.

Eberhard confessaria mais tarde a Lien que aquela fora uma das noites mais tensas da sua vida. Mas tinham conseguido. Todos os dez.

Começava assim, em fevereiro de 1943, a extraordinária aventura Brilleslijper no Alto Ninho — lar da família, esconderijo e centro clandestino.

Os comboios com destino a Westerbork, e mais além, seguiram sem interrupções desde julho de 1942 e os judeus procuravam refúgios em todo o país. Naquele terceiro ano da ocupação, as investidas prosseguiram em força e praticava-se a ideologia nazi mesmo sem a pressão dos alemães. Como disse um jovem agente da polícia: «Não é um domingo como deve ser se não batermos num ou dois judeus.»

Ainda assim, havia muitos neerlandeses não judeus a ajudar. Mas o relacionamento era sempre enviesado. Quem estava na clandestinidade tinha bem consciência de que se alimentava com as provisões das famílias de acolhimento e que vivia num espaço que não era seu. As crianças escondidas, entregues a famílias desconhecidas, sentiam que não podiam causar estorvo; a misericórdia do anfitrião, ou anfitriã, era uma tábua de salvação que, a todo o momento, poderia desaparecer.

Janny e Bob mudaram-se oficialmente para Naarden com os dois filhos, mas o resto do grupo estava numa situação ilegal e era procurado. Joseph e Fietje por serem judeus e porque deveriam ter-se apresentado em Amesterdão. Jaap porque era judeu e trabalhara para a resistência a partir do seu estacionamento para bicicletas. Eberhard por ser um desertor alemão e culpado de desonra racial por ter tido um filho com uma mulher judia. Lien por ser judia e estar associada ao

desaparecimento de Eberhard. Janny fora afortunada por não se ter registado como judia — e ter casado com o seu homem antes de a lei vir a proibi-lo.

Uma organização perfeita e uma logística bem oleada não provocavam problemas às deportações desde os Países Baixos. Ainda assim, os alemães começavam a ter consciência da falta de grande parte dos judeus. Cerca de vinte e cinco mil pessoas tinham desaparecido; não se tinham apresentado ou os respetivos paradeiros eram ignorados.

Em março de 1943, um mês após a mudança da família Brilleslijper para o Alto Ninho, as autoridades apelaram à Coluna Henneicke: os homens que, desde o seu gabinete em Amesterdão, percorriam os Países Baixos para inventariarem os bens dos judeus deportados. Este novo serviço estava em linha com as atividades anteriores, embora lhes rendesse mais dinheiro. Iniciariam uma caçada aos judeus escondidos, obtendo uma recompensa de sete florins e meio por cabeça.

O artista livre

Em pouco tempo, a resistência começava a fazer correr as novas de um esconderijo ótimo e seguro nas imediações de Amesterdão, gerido por duas irmãs judias. Mal se mudaram para o Alto Ninho, Janny começou a trazer mais gente em perigo. Trees Lemaire, sua amiga e companheira no PBC, pediu-lhe para acolher uma conhecida: Jetty Druijff e o noivo, Simon van Kreveld, filho de um pediatra muito afamado. Pauline van den Berg chegaria via Haakon e Mieke Stotijn. Com cabelo ruivo, os olhos de um azul-aço e pronúncia de Roterdão, seria difícil não reparar nela. Dava pelo nome de Aagje Honing e chegava ali enquanto «empregada». Bram e Loes Teixeira de Mattos, dois amigos mais velhos de Bob e Janny, viajaram de Haia para o Alto Ninho com a filha Rita e o genro Willi Jaeger.

Assim, até ao fim de fevereiro de 1943, aquele lar passaria a ser composto por um grupo-base que já se elevava a dezassete pessoas. A estes juntava-se um constante fluxo de visitantes que procuravam abrigo durante pouco tempo; alguns dias, semanas, meses. Joseph pedia cautela à filha, mas Janny não cedia um palmo e, na verdade, o pai também não quis impedi-la; tempos de desespero exigiam medidas de desespero. Tornava-se cada vez mais difícil encontrar esconderijos; as pessoas tinham medo. Janny também tinha, mas nunca deixou de receber ninguém no Alto Ninho, mesmo quando chegavam a ter ali entre vinte a vinte e cinco pessoas.

A maioria era da área das artes, por via de Lien e Eberhard, e da resistência, pelo lado de Bob e Janny. A casa situava-se em pleno coração dos Países Baixos e era, por isso, um local de passagem perfeito. Por vezes, Jan e Aleid Hemelrijk traziam convidados e os seus antigos vizinhos de Amesterdão, Leo e Loes Fuks, também procuraram proteção no Alto Ninho.

Leo era especialista em ídiche e começou a ensiná-lo a Janny. Antes da ocupação, ambos tinham sido membros da Sch.-Anski, a sociedade cultural dos trabalhadores judeus oriundos do Leste, que promovia a literatura, a arte e o teatro ídiche. Leo fora o seu secretário; Lien estudou as canções em que mais tarde se especializaria. Até à chegada da guerra, Lien atuou em todo o

território dos Países Baixos como cantora a solo, sendo Eberhard o seu acompanhante habitual. Foi buscar o seu nome artístico, Lin Jaldati, à letra de uma canção hebraica: *Jalda Jaldati, Jaffa Jaffati*, que pode ser traduzida por *Menina, minha menina, Beleza, minha beleza*. Durante a ocupação, as atuações passaram a ser escassas e espaçadas, além de terem passado aqueles últimos meses em Bergen sem música. Eberhard sem piano e Lien sem disposição para cantar nem dançar. E teria sido demasiado perigoso.

Porém, o Alto Ninho era uma fortaleza: parecia firme e robusto por fora, mas por dentro era luminoso e desafogado — e pela primeira vez em muito tempo, os seus moradores sentiram-se livres para viver, para se mexerem. Aos poucos, voltaram a falar mais alto e a rir. Eberhard reclamou para si o piano da sala da frente e passava horas infinitas a tocar complexas partituras dobrado sobre o mesmo. Lien recordou o seu repertório e a todos deliciou com as cantorias; Simon no bombo que encontraram na casinha do jardim e Pauline, ou *Duende Ruiva*, como lhes chamavam, tocava violino no abrigo do relvado.

No auge da guerra, o Alto Ninho terá produzido mais ruído do que todas as férias de verão das irmãs Jansen juntas. Por vezes, após as suas voltas diárias para a resistência, Janny regressava a casa pelo bosque e era recebida por uma cacofonia de sons ainda antes de vislumbrar a casa — como se as árvores e os animais cantassem para si acompanhados pelo ribombar da terra a seus pés.

Não era fácil reunir provisões para, pelo menos, vinte pessoas. Aqui, o papel de Bob foi essencial; era ele quem trazia dinheiro para casa. Saía cedo todas as manhãs e seguia para o Centro de Abastecimento Alimentar de Weesp. De bicicleta — um privilégio já só ao alcance de muito poucos neerlandeses; os velocípedes na posse de judeus haviam sido requisitados no ano anterior e, naquela altura, também os não judeus se viam, constantemente, na contingência de entregar os seus aos soldados alemães. Tudo o que tivesse rodas fazia falta: carrinhos de bebé, carrinhos de mão, bicicletas adaptadas a veículos de transporte e monociclos. Para evitar que as suas bicicletas fossem requisitadas, havia quem lhes adaptasse rodados de madeira ou uma roda de motociclo na dianteira — os alemães olhavam de lado para tais criatividades. No entanto, o presidente do município de Naarden passara a Bob uma autorização especial a afirmar que a sua bicicleta era «necessária para o exercício do seu dever de funcionário público na Organização da Crise Agrícola». A importância do velocípede foi incomensurável, poupando-lhes uma incrível quantidade de tempo quando, após o regresso de Bob do

trabalho pela tarde, pedalavam até às aldeias dos arredores para adquirirem garrafas de leite e pesadas sacas de arroz e trigo para todos.

O patrão de Bob era o diretor do gabinete regional do Commissariado Alimentar para a Holanda do Norte, embora membro do NSB, logo, alguém que Bob não poderia trazer à sua confiança. Em vez disso, Bob desviava senhas e guias de transporte praticamente todos os dias — documentos oficiais com todos os selos necessários para obtenção de alimentos e respetivo transporte. Os controlos eram restritos; naqueles dias, não se poderia ir a lugar algum sem documentos. Bob e Janny passavam a maior parte a Mik van Gilse ou a Frits Reuter, que os faziam distribuir.

Bob recebia do Governo da Holanda do Norte cento e cinquenta florins por mês — o que, de forma alguma, não chegava para cobrir a renda e alimentação para toda a gente. Alguns dos hóspedes traziam dinheiro, embora pouco, mas a família Brilleslijper precisava, desesperadamente, de mais para alimentar todas as bocas. Pouco depois, Mik visitou o Alto Ninho e trouxe uma solução do sítio mais improvável — concebendo uma ligação direta entre a casa e a maior cervejeira dos Países Baixos.

Mik aguardava com ansiedade as viagens a Naarden. O bosque, a casa cheia de amigos em que confiava, como uma comuna de resistentes em tempo de guerra. Aquela paz e tranquilidade faziam-lhe bem. Acalmavam-no. Tinha apenas vinte e seis anos e nada conhecera senão a inquietude e o perigo. Quando apanhava o comboio na Estação Central de Amesterdão, tendo passado incólume pelos controlos, sentava-se nas carruagens cada vez mais vazias de mês para mês e os seus ombros estreitos começavam a relaxar. Ainda não chegara aos trinta e já tinha demasiadas responsabilidades — um pouco como a sua diletta amiga Janny.

Muito novo, Mik viajara até Espanha para divulgar os desenvolvimentos da Guerra Civil Espanhola, ao passo que o irmão, Janrik, aderira ao CPN. «Nunca subestimar o adversário e estar sempre alerta» sempre foi o seu mote. A sua participação na resistência fora recebida com aprovação, parecendo que um crescente número de pessoas também estava a aderir. Outro êxito foi a sua sociedade clandestina de artistas e respetiva revista, denominada *De Vrije Kunstenaar* (*O Artista Livre*).

Mik iniciara *O Artista Livre* com o pai compositor, Jan van Gilse, e um amigo escultor, Gerrit van der Veen, mobilizando uma resistência contra a *Kulturkammer* (a Câmara de Cultura do Reich). Juntou-se-

lhes muita gente — escritores, pintores, músicos, jornalistas importantes — e alguns amigos ricos que, deveras inclinados para a sua causa, lhes doavam dinheiro. Os artistas que recusaram registar-se na *Kulturkammer* perderam rendimentos e, nestas condições, algum apoio financeiro era mais do que bem-vindo.

Só que as suas atividades começavam a chamar muito a atenção; não apenas sobre *O Artista Livre* e o PBC, mas também sobre o grupo resistente CS-6, no qual participava em ações de sabotagem com o amigo Gerrit Kastein. A *Sicherheitspolizei* já lhes vinha a morder os calcanhares há algum tempo, mas até agora eles tinham sido sempre mais astutos. O Alto Ninho era o único local onde Mik conseguia recuperar o fôlego.

Naquele dia, Mik trouxe a última edição de *O Artista Livre* à família Brilleslijper; escondido na cintura, ouvia-se o papel da revista em cada movimento. Tinham produzido cerca de dois mil exemplares, uma tiragem fabulosa, que andava de mão em mão. Não era feita para guardar — teria de alcançar o maior número possível de leitores. Na primeira página, vinha escrito: «ESTE EXEMPLAR NÃO É SÓ TEU — PASSA-O». *O Artista Livre* crescera, tornando-se numa verdadeira publicação clandestina, apoiada, complementada e lida por artistas influentes e benfeitores abastados. Este pensamento preencheu Mik de otimismo e orgulho por breves instantes, embora estes sentimentos se tenham desvanecido ao recordar o perigoso plano que elaborava com Gerrit van der Veen e alguns outros amigos da resistência.

Artis, o registo de Amesterdão, situava-se no número 36 da Plantage Kerklaan, ao lado da entrada no jardim zoológico. Estavam aqui arquivados os registos de setenta mil judeus; a força motriz administrativa por detrás dos comboios nazis. O PBC tentou passar aos cidadãos judeus a maior quantidade possível de cartões de identidade falsificados, mas não foram suficientes. A posse permanente de documentos passara a ser obrigatória em 1940, o cartão de identidade foi introduzido em 1941 e, desde então, os judeus viram-se cercados pelo zelo dos funcionários públicos dos Países Baixos. Gerrit imaginou uma intervenção que resolveria todos os problemas: fazer explodir o registo. Sem baixas — o que seria de primordial importância. Tratar-se-ia de um trabalho complexo. Todas as estratégias exequíveis atravessavam o espírito de Mik durante a noite, mas ainda não tinha descoberto a perfeita.

Desceu na estação de Naarden-Bussum, ignorou a paragem da pequena composição a vapor e pôs-se a caminho do Alto Ninho. Fazia frio, mas o esforço da caminhada aqueceu-o e apreciava estar no

meio da natureza. Em todas as árvores, os botões prestes a desabrochar anunciavam a chegada da primavera.

Após o excelente acolhimento por parte de Lien, Jaap, Joseph e Fietje — Janny e Bob estavam ausentes a trabalhar —, Mik e Eberhard abandonaram a agitação da casa e caminharam sem destino até à borda de água. Eberhard sentira algum entusiasmo em Mik e, assim que se viram protegidos pelo arvoredo, envolveu com o braço os ombros do amigo, dizendo:

«Desembucha. Que tens para me dizer?»

«É assim tão evidente?»

Mik sorriu, olhou em volta como se os esquilos pudessem ouvi-los e baixou a voz.

«Escuta. *O Artista Livre* é um êxito. Na verdade, passou a ser uma ampla organização clandestina, com muitos leitores entre os artistas e também entre amigos mais endinheirados que pretendem fazer alguma coisa, mas não sabem como.»

Eberhard acenou afirmativamente.

«Temos um apoiante novo e importante. Nunca adivinharás quem.»

Eberhard ergueu as sobrancelhas, curioso, enquanto caminhavam.

«A rainha das cervejeiras. A Heineken.»

Mik virou a cara para ver a expressão do amigo. Eberhard parou, voltando-se para ele.

«Estás a falar a sério?»

«Estou», respondeu Mik. «Dirk Stikker, o diretor-geral, prometeu-nos um milhão de florins. Um milhão!»

Respiraram fundo, impressionados com tão elevado valor, e prosseguiram subindo uma pequena colina, a última barreira entre o bosque e a água. Ofegantes, os sapatos escorregavam na areia solta.

«Bem», balbuciou Mik, pondo os pés nas enormes pegadas deixadas por Eberhard, «é claro que ele está a ganhar muito dinheiro com estes *Krauts* encharcados em cerveja.»

No topo, ficaram lado a lado a recuperar o fôlego. No sopé da colina, após uma faixa de areia e um canavial, ficava o Lago IJssel. O tempo estava frio, mas estável. As águas serenas numa tonalidade acinzentada; o céu limpo e claro, sem nuvens nem raios de luz.

Mik quebrou o silêncio.

«Daqui em diante, tu e a Lien, sendo artistas na clandestinidade, passarão a receber todos os meses uma verba de *O Artista Livre* para vos ajudar a sobreviver.»

O rosto magro de Eberhard transformou-se num sorriso.

Confidenciara a Mik quão incomodado se sentia ao ver toda a gente a contribuir para o sustento daquela enorme família do Alto Ninho. Bob ganhava dinheiro para o seu agregado, a maior parte dos que chegavam contribuía com alguma coisa — apenas ele, Lien, Jaap, Joseph e Fietje estavam impedidos de ter rendimentos. Aquela quantia não se destinaria apenas a Eberhard e Lien, mas a toda a família Brilleslijper — e nem seria preciso Mik dizer-lho.

«Então, está combinado.»

Mike desceu a colina a correr de braços abertos como as asas de um pássaro. Eberhard seguiu-o. Tomaram o caminho à direita que os levaria, ao longo da margem, a Huizen.

Antes de partir, Mik deixou a Eberhard o endereço de um contacto em Laren, onde poderia ir buscar o dinheiro todos os meses.

«Entregar-te-á ainda senhas desviadas para que a vossa família lhes possa dar uso», sussurrou-lhe Mik ao abraçarem-se, «mas não fales disso a ninguém, está bem?»

Vizinhos

Certo dia, Janny recebeu uma carta da Câmara Municipal. O presidente do município de Naarden pretendia discutir com ela «irregularidades no seu cartão de identidade» e Janny teria de se apresentar no interior das muralhas, no belo edifício municipal defronte da Grande Igreja. Durante a caminhada pela azinhaga, no meio de um arvoredado despido, mas que brotava de uma forma muito promissora, interiorizou uma vez mais quão perto estavam do centro da vila e do seu presidente, desconhecedor do que sucedia nos seus próprios bosques.

Como Eberhard previra, Mussert, Hitler e o presidente do município receberam-na com animosidade na sala de reuniões. Janny mal se aguentava nos joelhos e Van Leeuwen não perdeu tempo.

«Senhora Brandes, algo não está bem com o seu cartão de identidade.»

Com as têmporas a latejar e pontos pretos trémulos diante dos olhos, Janny tentou passar por ignorante, olhando-o acanhada.

«Há dois cartões de identidade que, aparentemente, lhe pertencem. Parece impossível, não lhe parece?»

Janny abanou a cabeça, perguntando-se como tal teria acontecido. A única coisa que lhe veio à cabeça foi que o contacto no registo de Amesterdão não lhe tivesse destruído o cartão de identidade original. Isso explicaria o facto de haver dois — o original e o novo, que o homem fizera com os dados falsos. O jogo dela chegara ao fim. Acabara. Tentava engolir em seco, mas a garganta apertava-se-lhe a cada instante.

«Senhora Brandes», disse o presidente, «se eu não conhecesse o seu marido e não o respeitasse como funcionário público, teria de dar conhecimento disto. Compreende?»

Ao início, Janny acreditou ter compreendido mal estas palavras. Encarou o presidente com um olhar pasmado, mas logo se recompôs. Os pontos pretos da vista desapareceram, o latejar dispersou até aos pulsos.

«Compreendo. Claro. Não faço ideia de como isto aconteceu, mas tentarei saber o que se passou.»

«Faça-o, por favor.»

O presidente esboçou um aceno ligeiro e virou-se. A conversa terminara.

Na rua, Janny apoiou-se na parede da igreja tentando acalmar a respiração. Sentiu-se tonta. Riu-se. Tapou a boca com a mão, sabendo que escapara por pouco, e pôs-se a pensar: como terá isto sucedido?

Lembrou-se de um dia de inverno no ano anterior. Viajara de Haia para Amesterdão, com Liselotte no carrinho e Robbie pela mão, com o intuito de recolher uma encomenda para o Partido. Não sabia do que se tratava, mas era algo muito pesado. Embrulhara o pacote numa lona e escondera-o por baixo do colchão do carrinho. No comboio, o carrinho foi para o lugar da bagagem. Janny guardou o recibo e sentou-se com os filhos numa carruagem igual a tantas outras. Quando chegaram a Haia, não dava com o recibo para ir recolher o carrinho. A memória ainda estava fresca: em pé na plataforma fria, debaixo de uma carga de água, com uma criança nos braços e a outra pela mão, o funcionário dos caminhos de ferro a olhar enquanto remexia nos bolsos, nos bolsos dos filhos, em pânico. Ao descalçar uma das luvas para procurar melhor, o papel soltou-se do forro desta. Aquilo poderia tê-la denunciado. Acabou por sorrir, entregou o recibo ao funcionário e recebeu o carrinho com a carga clandestina. Pôs a filha por cima e prosseguiu com toda a calma que pôde reunir.

Quando passou diante de uma enorme loja, a montra refletiu dois homens usando gabardinas compridas logo atrás de si. Um toque no ombro.

«Cartão de identidade, por favor.»

Enquanto um analisava o documento, o outro perscrutou-a dos pés à cabeça. Janny disse para si própria que era apenas uma mãe como muitas outras, que só queria chegar a casa com os filhos, embora se tenha sentido como se fosse morrer ali mesmo.

«Brilleslijper. Não és judia?»

«De todo. O apelido da minha mãe é Gerritse e ela não é judia. O do meu pai é Brilleslijper. É meio-judeu e vive na Batávia.»

O silêncio arrastava-se e a chuva persistia. Mas não queria saber, desde que conseguisse levar os filhos dali. Liselotte começou a chorar, mas Janny não queria tirá-la do carrinho; era o escudo de proteção da sua missão secreta.

Um aceno com a cabeça e deixaram-na prosseguir. Mais tarde, Frits Reuter revelou-lhe o que era a pesada encomenda: uma metralhadora desmanchada destinada à resistência.

Depois deste incidente, o seu contacto trocou-lhe o cartão de

identidade. E só conseguiu pensar que, na altura, ele não tivesse inutilizado o documento original.

De regresso ao Alto Ninho, o pai rebentou de raiva quando ela contou o sucedido. Quase lhe encostando um dedo ao nariz.

«Arriscado! O que fazes é arriscado! E se, num belo domingo, o presidente da câmara decide vir dar uma volta até aqui para ver as vistas? E se for ao Conselho Judaico verificar a tua papelada?»

Corria a sala de estar de um lado para o outro, abrindo e fechando a boca. Não conseguia encontrar palavras para exprimir a sua preocupação com a filha.

Janny tomou consciência de que nem tinha pensado naquilo; se o seu contacto não destruiu o cartão de identidade original, o Conselho Judaico ainda teria os seus dados no rol dos cartões. Pensou e disse-o em voz alta: «o Conselho Judaico». Joseph olhou para a filha, semicerrou os olhos e murmurou:

«Aqueles sacanas.»

«Acalme-se», disse Janny segurando-lhe no braço. «Eu resolvo isto.»

No dia seguinte, Janny apanhou o comboio para Amesterdão e visitou Nathan Notowicz, um comunista apátrida da Polónia que viveu na Alemanha até fugir dos nazis. Quando a guerra começou, aderiu a um grupo de resistentes que ajudava os judeus a encontrar refúgios. Nathan tinha um bom coração, um punho de ferro e um profundo ódio aos colaboracionistas. Por norma, Janny sabia cuidar de si, mas, como era mulher, teria poucas hipóteses junto do Conselho — e aquela missão era demasiado importante para falhar.

Deslocaram-se juntos ao edifício do Conselho Judaico, no Nieuwe Keizersgracht, onde pediram com delicadeza ao administrador judeu responsável que eliminasse o registo de Janny. Recusou. Com um gesto subtil, Natham pediu a Janny que saísse.

Não teve de esperar muito. Após cinco minutos, Natham fechava calmamente a porta atrás de si, erguendo os polegares para Janny com um sorriso pernicioso. Não soube a que argumentos o amigo terá recorrido e, provavelmente, o método não foi o mais elegante, mas toda a documentação foi logo destruída.

Depois, havia a questão dos líderes nazis neerlandeses. De certa forma, uma casa de campo, governada por judeus, cheia de clandestinos e *nos* bosques de Naarden, era uma espécie de cavalo de Troia; a zona estava repleta de fascistas, o dobro da média nacional. As belas casas de Naarden e Bussum eram muitas vezes pertença de incondicionais nazis.

A maior parte dos eleitores do NSB era das classes média — empregados de escritório e empresários — e alta. Embora a ideologia nazi tivesse como destino a classe operária, o partido desfrutava nesta de uma muito menor popularidade.

Mesmo antes da ocupação, o NSB tinha muitos apoiantes em zonas mais caras de Amesterdão, bem como na zona de Hilversum, mais abastada; gente que vivia no seu conforto, relutantes em partilhar a sua riqueza e com receio de ficar numa pior situação. Os sentimentos antissemitas e a aversão a «elementos estrangeiros» também desempenharam o seu papel, mesmo considerando que quase todos os judeus eram cidadãos dos Países Baixos. Na medida em que quanto mais judeus vivessem em determinado município, mais pessoas votavam no NSB. A zona entre Amesterdão e Hilversum tinha uma comunidade judaica relativamente grande, que aumentara no final dos anos trinta quando da chegada de algumas centenas de refugiados alemães.

Em 1942, os nazis neerlandeses criaram o *Vrijwillige Hulppolitie*, VHP [Apoio Voluntário à Polícia], uma pomposa vigilância fascista de bairro. Não foi coincidência que Hilversum, Bussum e Naarden estivessem entre as dezenas de vilas e cidades em que o VHP operava.

O pai Joseph dizia muitas vezes: «Temos de ter as pessoas daqui debaixo de olho. Lembrem-se das minhas palavras. Os ricos têm sempre a cabeça virada para o lado do Sol; têm demasiado a perder para oferecerem resistência.»

Com efeito, o Alto Ninho estava literalmente rodeado por nazis neerlandeses. Na mesma reserva natural onde a casa se localizava, ficava uma outra propriedade denominada *Oud Bussum*. Distava apenas uma breve caminhada do Alto Ninho e pertencia ao muito abastado nazi Pieter van Leeuwen Boomkamp. Göring, marechal do Reich, também conhecido por Hermann Gordo, passou alguns dias em *Oud Bussum* quando visitou os Países Baixos em 1940. E apenas a quatro quilómetros do Alto Ninho, tanto em Naarden como em Bussum, estavam aquartelados muitíssimos soldados alemães. O próprio Anton Mussert, líder do NSB, proferira um discurso nas portas da cidade de Naarden no início da guerra.

E não era tudo. Este mesmo Mussert também escolhera aquela reserva natural em estado puro, um abrigo perfeito para os judeus a dois passos de Amesterdão, como seu próprio refúgio.

Anton Mussert sabia o que aí viria: a guerra. Sabia também que os neerlandeses não seriam capazes de oferecer grande resistência. Mas quando a ocupação de maio de 1940 se aproximava, começou a

preocupar-se com possíveis confrontos entre os neerlandeses e os membros do seu NSB naqueles caóticos primeiros dias após a invasão alemã. Por isso, numa reunião havida em Utrecht entre os dirigentes do seu partido, Mussert afirmou que considerava procurar abrigo durante, pelo menos, quatro dias — a resistência neerlandesa não duraria muito mais, pensava ele. Concordaram todos que a segurança do líder seria da maior importância; após a capitulação, as pessoas necessitariam desesperadamente dele como arquiteto de um novo futuro para os Países Baixos.

Durante algumas semanas, Mussert foi procurando o melhor local para se esconder junto de diversos companheiros nazis um pouco por todo o país. Tonny Kessler, seu ajudante, também procurou e deu com o local perfeito.

Kessler visitara este esconderijo em diversas ocasiões, tendo chegado à fala com os proprietários da casa, o casal Gooijers, nazis convictos. Perguntou-lhes: Estariam dispostos a esconder cerca de oitenta quilos de documentação ilegal? A resposta foi um «sim» firme. Kessler tem a certeza de que aquelas pessoas compreendiam que o futuro do NSB lhes pesaria sobre os ombros. Só faltou mencionar-lhes estar a referir-se aos quase oitenta quilos de Mussert.

O serão de quinta-feira no dia 9 de maio de 1940 foi uma bela noite de verão. Após uma reunião, Anton Mussert abandonou a sede do NSB em Utrecht e entrou no *Pontiac* descapotável que o aguardava. O motorista ligou a ignição e conduziu-o a Bilthoven, onde ficaria.

Nas primeiras horas da manhã seguinte, como muitos neerlandeses, Mussert acordou com trovejar dos sons da guerra. Escutou a rádio e esperou até às sete e meia da manhã, hora em que os empresários de Bilthoven se preparavam para sair de casa. Chamou o motorista e seguiram até junto de Tonny Kessler, em Naarden. Daqui, partiram para o esconderijo, a referida e afastada casa do amigo Gooijer. Nem a esposa de Mussert teve conhecimento do local deste seu exílio voluntário.

Os soldados mandaram parar o automóvel em três postos de controlo, mas em todos eles foi-lhes autorizada a passagem. O *Pontiac* estacou em Naarden, onde Mussert e Kessler se despediram do motorista e prosseguiram a pé em silêncio por uma longa azinhaga. Naarden ficava para trás e Huizen pela frente. Seguiram pela Naaderstraat, a antiga estrada que unia as duas localidades. O elétrico e restante tráfego tinham sido desviados para a Nieuwe Bussumerweg, paralela àquela via; por isso, não se via uma alma.

A estrada ia estreitando e, nas bermas, árvores altas apontavam

as suas espessas folhas aos céus. À sua direita, os homens passaram por um antigo casinhoto de portagem sem uso havia muitos anos. Pouco mais adiante, à esquerda, ficava o seu destino.

O ajudante e a sua distinta companhia detiveram-se junto de uma simples casa de campo de piso térreo e sótão. A estrada está deserta e a casa isolada, oculta na folhagem. Corria o dia 10 de maio, uma sexta-feira; a invasão alemã estava a começar e Anton Mussert retirava-se para um local seguro.

A casa tinha um pequeno jardim fronteiro e uma sebe que a escondia dos olhares na época primaveril. Nas traseiras havia um terreno inculto com quase cem metros de comprimento. A reserva florestal começava a quase duzentos metros. Num dos lados da casa existia um trilho que permitia a passagem de velocípedes entre o bosque e a água; do lado oposto não havia senão campos de cultivo. Além de uma outra casa de campo à entrada da curva, no bosque, nada mais se via.

Por detrás da casa, o limite do terreno era marcado por um amontoado de ramos cortados. Por baixo destes, uma trincheira escavada na guerra anterior coberta por arbustos. Mussert apreciou muito aquele lugar.

Gooijer e a esposa haviam preparado com esmero o pequeno sótão para tão estimado hóspede. Mas Mussert não se sentia à vontade; soube pela rádio que decorriam buscas em casas de todo o país e que centenas de nazis neerlandeses foram detidos. Em lugar de se trancar no sótão, escondeu-se na trincheira das traseiras — sugestão da senhora Gooijer, uma mulher de origem alemã, orgulhosa por passar por anjo da guarda do líder.

Naqueles primeiros dias de guerra, enquanto os Países Baixos se encontravam num caos e a polícia se empenhava, fanaticamente, a dar caça aos nazis neerlandeses, Anton Mussert via-se deitado de barriga para baixo de encontro ao chão frio da trincheira, contraindo uma valente constipação e esperando para ver se aqueles dias assinalariam o fim da sua carreira ou uma primeira aparição nos livros de História do país.

Os agentes da polícia local passaram buscas à casa em duas ocasiões. Procuravam o senhor Gooijer e o seu cunhado, ambos nazis convictos. Na segunda tentativa, acabaram por encontrar Gooijer, detendo-o. Viraram a casa do avesso, bem como o celeiro adjacente, mas não foram ao fundo do terreno, à antiga trincheira, onde se encontrava o grande líder nazi neerlandês no meio das minhocas.

Naquela noite, Gooijer foi libertado e procurou Mussert por toda a casa, tendo ficado alarmado por não o ver. Correu o terreno,

murmurando por Mussert como quem procura um gato perdido, ao longo da sebe. Assobiava baixinho a melodia nazi neerlandesa de *Soldados de Negro*, com a letra a ressoar-lhe na mente:

*O combate reacendeu-se
A discórdia deve ser banida
Da nossa bela terra
Oprimida até ao presente dia
Um novo espírito abre alas
Estamos todos preparados
Que a frente unida combata
Estaremos firmes nas ruas
Vem, companheiro, toma posição
Por nós, povo, pelos nossos Países Baixos
Soldados de Negro somos nós
Apoiando Mussert nesta guerra.*

Pouco depois, Mussert surgiu do chão com o rosto coberto de areia e o parceiro Gooijers suspirou de alívio. Os Países Baixos estavam nas vésperas de cinco anos de morte e destruição e Mussert sentava-se para comer um prato de batatas assadas às fatias, alface e um ovo estrelado.

No dia seguinte, Anton Mussert festejava quarenta e seis anos de vida. Considerou ser suficientemente seguro ficar no sótão ao topo da escada, onde, amavelmente, a senhora Gooijer lhe levou um ramo de flores e comida. Os neerlandeses resistiram um dia a mais do que ele previra mas, em 14 de maio, uma terça-feira, a rádio anunciou a capitulação.

Mussert vestiu o seu melhor fato, saiu de casa e foi içar a bandeira nazi neerlandesa na sede do partido, em Utrecht. Duas austeras faixas, uma preta e outra vermelha, e, ao centro, um triângulo com um leão dourado ao meio a ondular triunfante ao vento.

A história do esconderijo de Mussert no momento-chave de depressa foi aproveitada para ser tornada ridícula nos círculos antifascistas. Ouviu-se falar de todo o tipo de esconderijos — de caravanas de ciganos a palheiros —, e nos anos subsequentes o assunto continuaria a ser um tema muito utilizado pelos desenhadores satíricos.

A casa de campo do amigo Gooijer transformou-se num local de peregrinação para os nazis neerlandeses. Afluíam às centenas para ver o local em que o seu líder se resguardara para ressurgir são e salvo. Orgulhosos, assinavam o livro de visitas da senhora Gooijer,

que ostentava a expressão «fiéis ao nosso líder» com letras elegantes na capa. Ela pôs em exposição no sótão as roupas que Mussert usara; como um altar a assinalar o refúgio temporário do líder do povo neerlandês.

Quando a família Brilleslijper se refugia em Naarden, Mussert andava mais uma vez por perto — embora, então, não se escondesse. Se bem que oficialmente baseado em Utrecht, passaria grande parte da guerra na casa da amante, após a curva de quem saía do Alto Ninho.

Mussert dedicava atenção especial às mulheres com quem se relacionava. Chegou a casar com uma tia, Maria Witlam — uma das irmãs da mãe —, dezoito anos mais velha e já bem avançada nos sessenta. Para que o matrimônio se pudesse realizar, em 1917, foi pedida a dispensa real, pois eram familiares em terceiro grau. Além do suposto esconderijo, a resistência gracejou com este relacionamento: «para alguém que pretende manter a raça pura, casar com a tia foi a solução perfeita», era um dos chistes mais ouvidos.

Ao início da guerra, conheceu Maria «Marietje» Mijnlief, uma segunda-prima. A mãe desta, Helena, era sobrinha tanto da mãe como da esposa. Mussert ficou loucamente apaixonado pela jovem. Em troca, simbólica, de um colar de diamantes, emprestou a Helena o valor para a aquisição de uma bonita moradia em Naarden, para onde ela e Marietje se mudaram em novembro de 1942. A casa *Eik en Linde* (o que pode ser traduzido por «Carvalho e Tília») tornar-se-ia no ninho de amor de Mussert durante a guerra. Visitou-a com muita frequência e, em 1943, quando a sua própria casa de Utrecht ficou desocupada devido a medidas defensivas, o lar *Eik en Linde*, muito para desgosto da esposa, passou a ser a sua residência permanente.

*

Certo dia, Japie saiu para verificar as suas armadilhas no bosque e em vez de regressar ao Alto Ninho com faisões para a mãe assar, trazia o cadáver já muito flácido de um gato bem alimentado. HorrORIZADA, Fietje pediu-lhe que fosse a correr enterrar o bicho no fundo do jardim, esperando que ninguém viesse à procura dele.

No dia a seguir à morte do gato, Janny regressava do trabalho na resistência ao início da noite. Fora um longo dia. Da estação, apanhara a pequena composição a vapor, descera na Nieuwe Bussumerweg, fizera a pé o percurso habitual pela Ericaweg até entroncar com o caminho que levava à casa. Minutos depois, escutou uma voz de mulher mais adiante. Saltou rapidamente do caminho e

escondeu-se na vegetação espessa da berma. Manteve-se agachada e vigilante, mas a voz ouvia-se cada vez mais perto.

«Bichano, bichano, bichano!»

A mulher estava a vinte passos de Janny, virada para o arvoredado, a agitar uma tigela com comida e chamava por um gato que seria o seu.

«Bichano, bichano, bichano!»

Parecia ter perdido um filho, olhando desesperada em volta.

Janny encostou as costas às plantas espinhosas sustentando o fôlego. Amaldiçoou o irmão mais novo. Tinham-lhe matado o gato e, claro, a senhora procurava-o. Deu uma corrida floresta dentro, abrindo caminho entre os arbustos e os espinhos até chegar segura a casa.

Ao contar a história, Jaap desmanchou-se a rir, mas Joseph interrompeu o filho, proibindo-o de continuar a instalar armadilhas. Jaap ficou a montar guarda à cova no jardim — um cão desenterrara o gato — e outra pessoa manteve-se de atalaia no piso de cima. Comunicou-se a todos os residentes que não saíssem de casa, não tocassem música, nem emitissem qualquer tipo de ruído nos dias seguintes até se certificarem de que o perigo passara.

Mais tarde, Janny viria a descobrir que a dona do gato era uma das mais fanáticas nazis daquela zona — era uma espécie de tia para Mussert. E quando nem lhes bateu à porta a perguntar pelo gato, foi-lhes difícil rir do assunto.

Máscaras

Eberhard teve mais tempo para a sua música do que nunca. Na vida anterior à guerra, tinham de fazer dinheiro, mas, naquele momento, escondidos no que mais parecia ser um templo em terra de ninguém, ele e Lien passaram a ter liberdade para ensaiar e tocar dias sem fim. Aderira à Biblioteca de Música de Amesterdão sob o seu nome falso com a ideia de obter arranjos para piano baseados em árias de ópera. Trouxe emprestados todos os que pôde e passava horas ao piano. Tocava até começar a ouvir as articulações a estalar e os restantes residentes darem em doidos. Isto nada tinha que ver com a sua música — a maior parte dos que chegavam ao Alto Ninho traziam o sistema nervoso no limite por andarem fugidos; por anos a desconfiarem dos outros e do medo de serem descobertos. Assim que viam que os seus únicos ouvintes eram, quase sempre, veados, raposas e texugos, rendiam-se à música.

Ao início, Eberhard e Lien ajudavam a animar as espessas paredes do Alto Ninho — que eram também uma ótima barreira contra o som —, mas depressa a sua ambição cresceu. O novo regime condenara todo o país a uma existência espartana, mas surgia do Alto Ninho uma rede de artistas clandestinos que davam vida a um singelo território, devolvendo alguma da antiga glória à ofuscante vida antes da guerra de Amesterdão e Haia.

Uma manhã, ao caminhar no bosque com Kathinka, Eberhard reparou num vulto ao longe, no meio das árvores. Magro e perfilado como um pinheiro despido, a cabeça clara brilhando. Puxou a menina para trás de si e esconderam-se num arbusto. Mas o homem aproximou-se.

«Karel?»

Eberhard ergueu-se do esconderijo e a sua voz varreu o bosque. Um pássaro assustado bateu as asas.

«Karel Poons?»

O homem deteve-se. A sua pele quase transparente, o cabelo muito branco. Os olhos aguçados e especados na direção de ambos.

«Sim?»

Alegremente surpreendido, Eberhard saltou-lhe ao caminho.

Karel era a principal figura da companhia de bailado de Yvonne Georgi; tinham-no visto dançar em palco muitas vezes. Um belo dia, Lien chegara a casa, vinda das compras, muito segura de ter visto Karel em Huizen — mas Eberhard não lhe prestara atenção. Contentes por se terem encontrado naquele estranho lugar, falaram um ao outro das suas andanças.

Em 1941, Karel Poons, bailarino judeu, fora obrigado pelos nazis a abandonar a companhia e a mudar-se para um bairro de judeus em Amsterdão. Desconfiou e decidiu evaporar-se da face da terra. Embranqueceu o cabelo com a ajuda de uma garrafa de água oxigenada e, com os seus olhos azuis-aço, mais parecia ser filho de um agricultor frísio. Assim pensara, pelo menos, mas quando Janny o viu, soltou uma gargalhada. Karel, como ela mais tarde comentaria com Lien, ainda lhe parecia deveras judeu.

No dia em que Karel e Eberhard se encontraram, já o primeiro estava escondido havia algum tempo numa moderna moradia de Huizen, onde a proprietária, Cecile Hanedoes, tinha muito espaço e ele pôde organizar uma área para dançar. Karel praticava todos os dias para manter a técnica e coreografias de bailados atuando para Cecile.

Eberhard acompanhou Karel até Lien e este encontro resultou num plano. Em Laren, uma aldeia mais abaixo na estrada, conseguiram arrendar um estúdio de dança adequado, com espelhos e uma barra na parede. Lien e Karel deslocavam-se a este estúdio duas vezes por semana para praticar e criar coreografias que pretendiam apresentar depois da guerra.

Eberhard e Karel também se tornaram amigos próximos. A primeira coisa que fizeram foi obter novos documentos falsos — o seu cartão de identidade falsificado provocou o riso em Eberhard — e senhas de racionamento para conseguirem passar a guerra.

Com Karel no grupo, o círculo artístico aumentou. Numa das suas sessões de dança no estúdio, Lien conta-lhe o que costumava representar. Eram danças judaicas, acompanhadas por Eberhard ao piano, e adoraria incluí-las no repertório que estavam a estudar. Considerava o uso de máscaras, mas gostaria de saber como evitar parecer ridícula, ou pouco profissional, envergando máscaras de papel *mâché* concebidas numa espécie de oficina de tempos livres.

Karel teve uma ideia: certa vez, a sua senhoria, Cecile, apresentara-o a uma artista plástica de Blaricum — algo estranha, mas muito talentosa. Pintava e fazia esculturas, bonecos, marionetas e, quando se conheceram, dissera a Karel que também estava a pensar trabalhar com máscaras. O seu nome era Grietje Kots e, o

mais importante, era de confiança.

Lien visitou a senhora no estúdio do bosque em que esta vivia e trabalhava. Grietje preferia não abandonar o jardim que cuidava com grande carinho e onde tantas vezes era vista a falar da vida com os amigos invisíveis do bosque, um pássaro numa mão, uma fatia de pão seco na outra. A bonita e pequena casinha com telhado de colmo, insistentemente designada de «cabana» por Grietje, não possuía cozinha nem outros confortos burgueses, mas ela era muito feliz por viver ali, no meio das árvores, dos animais e da sua arte.

Quando Lien partilhou as ideias que trazia sobre as danças ídiche e as máscaras que imaginava, Grietje sentiu-se, instantaneamente, inspirada. Ao observar Lien, dos elegantes pés de bailarina ao admirável rosto emoldurado pelos caracóis pretos, as ideias começaram a tomar forma no seu espírito. Convidou Lien a voltar com Eberhard e atuarem para si, para poder começar a trabalhar.

E assim, no início da primavera de 1943, Eberhard e Lien viam-se de regresso ao palco atuando para Grietje na sua «cabana». Ela começou logo a fazer esboços e desenhos: retratou Lien como um *Pierrot* com traços rigorosos e grossos no papel áspero. Olhos grandes e melancólicos, um nariz direito, maçãs do rosto salientes e o cabelo escuro apertado atrás com firmeza. Na mesma folha, ao lado do rosto de Lien, desenhou as máscaras que ia imaginando para ela, todas inspiradas no tema de cada canção.

Desenhou uma máscara de *golem* para uma canção baseada na lenda judaica do rabino que transforma um rude pedaço de argila num ser humano. A máscara era soturna e um tanto brutal, olhos semicerrados e muito entrados no crânio, um maxilar proeminente e lábios grossos e carnudos — no entanto, com uma forma elegante, entre o abstrato e o realista. Grietje também representou Lien de perfil, de nariz afilado e um ar atormentado, uma bela máscara de morte em grande plano. Apresentava a forma característica de um crânio, embora as órbitas oculares não fossem vazadas; tinham pálpebras, redondas e fechadas — como se a morte pudesse mudar de ideias a todo o momento.

Lien ficou encantadíssima com as máscaras. Primeiro, Grietje fê-las com jornais e papel-manteiga, simples e leves com um toque macio e uma haste de madeira para que Lien as pudesse segurar diante do rosto. Mais tarde, fazia também algumas em gesso. Eberhard e Lien trabalhavam no seu repertório de canções judaicas e depressa começaram a organizar concertos clandestinos. Grietje conhecia muitos artistas e entusiastas da região, e muitos amigos da resistência também se mostraram interessados.

E assim, em 1943, quando os nazis tiraram a sua máscara e os comboios, um a seguir ao outro, deixavam Westerbork repletos de judeus e seguiam para os campos de extermínio a leste, a cultura ídiche e outras artes floresciam no Alto Ninho. Havia danças, músicas, canções e recitais. Simon na percussão, *Duende Ruiva* tocava violino e Jaap até construiu um pequeno piano para Kathinka. Lien usava a máscara da morte para a lenda ídiche e a máscara em bruto na atuação sobre o *golem*. Na casa de Grietje, a cabana de Blaricum, Eberhard e Lien também promoveram uma sequência de concertos domésticos. As receitas destas *soirées* destinavam-se sempre a *O Artista Livre*. Mik dissera-lhes que muitos outros em todo o país faziam o mesmo: juntavam dinheiro com a realização de espetáculos clandestinos para que a publicação pudesse expandir a tiragem e a resistência.

Lien e Eberhard eram cautelosos, nunca permitindo que as pessoas chegassem ou partissem ao mesmo tempo e tinham sempre companheiros a vigiar. Enquanto tocavam descontraídos no interior e os espectadores podiam usufruir de alguns instantes de descontração, os seus vigias formavam um cordão de segurança em redor da casa, alerta a todos os ruídos ou a uma luz que subitamente surgisse do escuro. No fim, a audiência dissolvia-se no silêncio da noite — sem que um só nazi, soldado alemão ou um vizinho mais zeloso tivessem notado a sua presença.

Sócios

Os dias tornavam-se maiores e o frio soltava-se do solo. A azinhaga e o arvoredado em redor da casa começavam a florescer; Janny adorou ver a mudança da estação debaixo do seu nariz, literalmente, pela primeira vez. Conhecia apenas o Alto Ninho dos meses frios de inverno — uma casa demasiado grande para aquecer, um odor constante a fumo e humidade nas roupas. Agora, a envolvente metamorfoseava-se e Janny encantava-se ao observar a transformação daquela casa. As águas do IJsselmeer fluíam mais facilmente, um monótono cinzento cor do carvão dava lugar a um azul-aço. As ramagens, que antes arranhavam o céu que envolvia a casa, relaxavam, tocavam-se e começavam a brotar. O novo brilho do colmo da cobertura afastava as sombras escuras do bosque, o musgo esverdeado transformava-se aos poucos num amarelo ocre e as portadas, baças e pesadas nos meses pardacentos do inverno, surgiam banhadas numa nova luz, a sua cor de sangue resplandecendo admiravelmente ao sol da manhã.

Antes de os primeiros raios de sol terem atingido as enormes janelas, iluminando o sótão, Janny já fora, por norma, acordada pela animada cantoria das aves ao alvorecer. Surgiam sons de todos os lados; o exuberante chilrear dos machos a seduzir as fêmeas deliciava-a e, muitas vezes, mantinha-se imóvel na cama, a escutar aquele concerto, a respiração suave de Bob e dos filhos a seu lado.

Ao pequeno-almoço falavam dos barulhos estranhos que ouviam durante a noite. A paranoia levava-os a suspeitar de que os alemães os teriam cercado, recorrendo aos sons dos animais para comunicarem entre si. Felizmente, havia sempre alguém que sabia o que os despertara: tal uivo fora uma raposa, aquele balbuciar arrogante fora um mocho desesperado para acasalar e, a réplica, uma fêmea que ainda não estaria disponível.

A família Brilleslijper estabeleceu uma espécie de rotinas para aquele lar clandestino tais como regras domésticas, locais para dormir, turnos para a louça e horas para cozinhar. Jaap construía um rádio, em volta do qual se reuniam ao serão a ouvir as notícias de Londres. Quanto mais duraria aquilo? Quando chegariam os Aliados

para fazer vergar Hitler? Deixavam sempre que Jaap se sentasse à frente com o pai Joseph quando ligavam o rádio. Toda a gente adorava aquele tímido rapaz, as invenções, os dedos hábeis. Construíra uma linda casa de bonecas para Kathinka e Liselotte com diversos pisos e quartos, camas e cortinados, e até luzes verdadeiras com lâmpadas de bicicleta. Jaap consertava tudo o que se avariava e estava sempre enfiado na casinha do jardim, curvado sobre a bancada, com os óculos na ponta do nariz.

Tendo em conta as notícias perturbadoras que Janny trouxera de Amesterdão — as exasperadas buscas por pessoas na clandestinidade, a constante disponibilidade dos cidadãos para denunciar os judeus —, Jaap pôs-se a criar esconderijos por toda a casa. Criou pequenos espaços, em cima e por baixo dos roupeiros que havia em quase todos os quartos, onde se poderiam esconder uma ou duas pessoas apertadas. As cavidades de alguns pavimentos foram transformadas em locais de aprovisionamento e, no piso superior, também criou zonas ocultas entre as paredes dos quartos e o teto. Em todas as divisões criou um espaço de altura reduzida, ou um armário com um alçapão, conforme os casos, oculto por um tapete ou na parte de trás de um móvel.

Depois, instalou um engenhoso sistema de alarme. Montou pequenas lâmpadas em todos os compartimentos, ligando-as por cabos elétricos a um pequeno interruptor de emergência situado ao lado da porta principal ao nível dos olhos. Se alguém acionasse o interruptor, todas as luzinhas se acenderiam. Isto alertaria os residentes para um perigo iminente e todos teriam de correr para os esconderijos previamente combinados. Jaap explicou-lhes como haveriam de se esconder, com que pé deveriam entrar na respetiva cavidade e como fechar o alçapão. Ensaíram várias vezes, como num simulacro de incêndio. Todos os vestígios da sua existência podiam ser eliminados em trinta segundos.

Na fachada, colocaram um vaso chinês ao nível do andar superior, na floreira da janela do lado direito, por cima do nome da casa. Enquanto o vaso estivesse diante daquela janela, a costa continuaria limpa. Caso desaparecesse, seria o sinal para os mensageiros da resistência ou os residentes do Alto Ninho de que algo não estaria bem.

A ameaça constante provocava efeitos distintos em cada um e, por vezes, algumas tensões moderadas conduziam ao conflito. As duas jovens, Jetty e *Duende Ruiva* partilhavam o quarto da empregada no primeiro piso e, mais de uma vez, rapazes escondidos no Alto Ninho se apaixonaram por uma das raparigas, apesar de Jetty

estar já noiva de Simon.

Certa manhã, chegou o leiteiro da porta da frente — tinham dois, cada um ignorando a existência do outro, para que pudessem comprar bastante leite sem se tornarem suspeitos: havia o leiteiro da porta da frente e o leiteiro da porta das traseiras. Quando o homem foi deixar as garrafas na porta principal nas traseiras da casa, o terraço estava num inferno. Dois rapazes, apaixonados pela mesma rapariga, envolveram-se numa zaragata e um terceiro tentava separá-los, todos os três escondidos no Alto Ninho. O leiteiro assistiu àquele espetáculo de boca aberta enquanto o terceiro jovem procurava salvá-los a todos e arrefecer os ânimos dos outros dois, tentando manter-lhes os braços e as pernas afastados. «Não lhes ligue. Não passam de exercícios matinais.» E deu-lhes mais um empurrão.

O leiteiro, chocado, nunca mais voltou.

Quando, naquela noite ao jantar, debateram o incidente, quase todos riram a bom rir. Mas Janny nem se mexeu e passou um valente raspanete aos jovens. O Alto Ninho criava a ilusão de liberdade, mas, se fossem descobertos, as consequências seriam devastadoras.

*

Quando chegou a altura das limpezas primaveris, quase todas as aldeias da envolvente do Alto Ninho haviam sido declaradas *judenrein*, livres de judeus. Estes tinham sido obrigados a mudarem-se para Amesterdão e, daqui, eram enviados para Westerbork. Os funcionários judeus de instituições nacionais, como a fundação para as crianças com deficiência mental, o sanatório de Hilversum e o lar de crianças em Laren, haviam sido todos deportados. Apertava-se o laço em volta do Alto Ninho e as irmãs encontraram perto de casa um aliado inesperado.

Os meses passavam e a quantidade de residentes aumentava. Janny e Lien viam-se obrigadas a um grande jogo de cintura para alimentar toda a gente sem despertarem as atenções. Quase todos os dias faziam turnos para se deslocarem aos seus fornecedores das vilas e cidades dos arredores. Algumas das lojas e quintas ficavam a cerca de um quilómetro, outras a vários quilómetros de distância.

As irmãs davam as suas voltas como cavalos de corrida e, para evitar suspeitas, nunca compravam de uma só vez em cada estabelecimento mais do que as necessidades básicas de uma família. Conseguiam percorrer todos os caminhos em torno da casa de olhos fechados. Fizesse chuva ou sol, largavam pela azinhaga com a cara de encontro ao guiador, as costas vergadas e os dedos dos

pés esticados para chegarem aos pedais.

Compravam os iogurtes num grossista de Blaricum, os legumes e as batatas em duas ou três lojas diferentes. A carne deixara de ser fácil de encontrar e o leite era entregue em casa. O sabão e os detergentes vinham do boticário Bochove, em Huizen, a poucos minutos de bicicleta do Alto Ninho. Numa certa ocasião, Lien deslocou-se à botica para comprar artigos de higiene pessoal e ia recolhendo os itens da lista que preparara; não havia outros clientes no estabelecimento.

«Tem gente escondida, não tem?»

Era uma voz suave, mas Lien deu um salto como se alguém tivesse feito soar um gongo a seu lado. A sua mão, procurando uma prateleira, congelou a meio caminho e engoliu em seco. Rodou lentamente sobre si mesma e viu o rosto amigo de Bert Bochove. A sua cabeça tinha a forma de um ovo virado ao contrário; uma testa larga e alta que descaía como uma oval para um queixo estreito. Sorria-lhe sem ponta de ironia.

«Compra sempre tanto papel higiénico.»

Apontou-lhe para o cesto e Lien sentiu o rosto a enrubescer. Poderia ter largado tudo e corrido para a rua. O homem observou-lhe o medo nos olhos e mudou de tom. Pousou-lhe a mão no braço, olhou em redor e inclinou-se para ela.

«Não se apoquente. Nós também. Por cima da loja.»

Desde aquele dia, foram amigos e companheiros de resistência até à hora mais negra.

Não muito antes da ocupação alemã, Bert Bochove vivia a muitos quilómetros de Huizen. Explorava um moinho na Finlândia, mas, em 1939, a família pediu-lhe que regressasse para tomar conta do negócio da família com os irmãos. E assim o fez — durante algum tempo. Depressa decidiu que queria ser independente e livre, estabelecer-se por conta própria. A noiva, Annie, era farmacêutica em Amesterdão e, em maio de 1941, um ano depois de os alemães invadirem os Países Baixos, casaram-se e mudaram-se para *De Zonnehoek*, em Huizen. Abriram a botica no piso térreo e viviam por cima num apartamento espaçoso.

O boticário Bochove depressa passou a ser um nome conhecido na zona. Naquele tempo de penúria, produtos de luxo como o sabão e o detergente eram racionados. Cada família podia adquirir pouco mais de duzentos gramas de sabão por mês. Nem de perto o suficiente para uma antiga aldeia piscatória como Huizen. A construção do Afsluitdijk, o enorme dique com a respetiva estrada sobre a água, podia ter roubado o mar à aldeia e à sua frota pesqueira, isolando-a,

mas a sua prática ética laboral mantinha-se. A pele áspera das mãos das donas de casa de Huizen era reveladora da sua apetência para a limpeza. Bert Bochove compreendera-o logo: «Numa aldeia como Huizen, as mulheres não limpam apenas a cozinha; esfregam e enceram as suas bancadas para que fiquem brilhantes e impecáveis; depois, mantêm tudo e todos afastados para que continuem asseadas.»

Quando Bert se mudou para Huizen, em 1941, abriu um negócio que logo o tornou popular entre a reservada comunidade da aldeia. Jaap van Rijn, um velho amigo, possuía uma fábrica de tintas. A sua mercadoria foi confiscada pelos alemães, embora tenha conseguido enterrar alguns barris com milhares de litros de óleo de linhaça no seu terreno antes de eles chegarem. Com este óleo, Jaap teve uma ideia para a farmácia de Bert e Annie. Produziu blocos de sabão, duros como rocha, com quase dez quilogramas cada e entregou-os a Bert. Este, por sua vez, transformou estes blocos em cerca de cinquenta e cinco quilogramas de sabão macio, que cortou em pedaços para vender. As novas sobre Bochove, Rei do Sabão, viajaram depressa e gente de toda a região correu à sua loja para o adquirir. Era prova da sua natureza amável o facto de Bert e Annie nunca terem vendido os sabões mais caros do que o preço que praticavam antes da guerra. Isto era muito pouco habitual nesse tempo e a classe operária de Huizen teve-os em muita consideração por isso.

O negócio prosperava até ao dia em que Bert chegou à casa do amigo para ir buscar mais um carregamento, apenas encontrando a mulher deste. O contabilista da fábrica de tintas traíra Jaap e falara aos alemães da mercadoria em falta. Jaap recebera uma chamada naquela manhã — teria de se apresentar na esquadra para interrogatório. Vestiu o casaco, pegou na bicicleta e disse à esposa para não se preocupar; ainda estaria para chegar o dia em que os alemães lhe meteriam medo.

Bert ficou alarmado com a notícia, mas não surpreendido. Jaap fora sempre um homem de palavra. Desde o primeiro dia da ocupação alemã, exibira sempre o seu dedo de desaprovação a todos os nazis neerlandeses que por ele passavam, avisando-os de que a sua atitude desprezível teria sérias consequências! Ainda assim, a mulher de Jaap estava receosa e angustiada. Escondiam um casal procurado por serem ambos membros ativos da resistência. Tinha receio que os alemães lhe fossem a casa depois de interrogarem o marido e pediu a Bert para os levar para Huizen.

Bert concordou e levou o casal para casa. Foram as primeiras pessoas escondidas no apartamento por cima da loja de Bert e Annie,

na De Zonnehoek (A Esquina Soalheira), e muitos mais se seguiriam.

Jaap van Rijn nunca regressou a casa.

Bert e Annie Bochove tornaram-se amigos fiéis e companheiros de luta das irmãs Brilleslijper no Alto Ninho. Janny fornecia-lhe informações que obtinha da resistência, muitas vezes em Amesterdão, e Bert passava-lhe as novidades da aldeia. Chegaram a trocar pessoas que procuravam abrigo, como Hennie Juliard e a esposa, Pam, que passava por uma gravidez muito avançada em 1944. Para o casal Bochove, terem sido aceites na antiga comunidade piscatória não foi apenas uma situação excecional, mas também, e acima de tudo, muito valiosa. As aldeias de Naarden e Bussum regurgitavam de alemães e pró-nazis abastados; o medo e a ambição transformaram grande quantidade de dignitários em capachos dos nacional-socialistas. No entanto, em Huizen, os fascistas foram recebidos com desconfiança — tal como sucedia com todos os recém-chegados. Esta curiosa divergência não surpreendeu Bert. Muitas das pessoas de Huizen ajudavam os judeus, pensou, porque se tratava de uma aldeia de pescadores, obstinados por natureza, trabalhadores que sabiam como combater as suas próprias batalhas.

Em Amesterdão, a caça aos judeus seguia a todo o vapor. As ruas eram bloqueadas bem cedo todas as manhãs e uma força superior de agentes da polícia revirava as casas à procura de esconderijos. As investidas rapidamente se alargaram às cidades mais pequenas e aldeias, e também à zona em torno do Alto Ninho. De súbito, as informações que recebiam de Bert Bochove tornaram-se vitais.

Quando se mudaram para o Alto Ninho, Janny acordava assustada de noite com o silêncio profundo. Numa fração de segundo, pensava ter desaparecido: ter sido varrida da face da terra, caído num poço sem fundo onde ninguém a ouviria, muito menos Bob e os filhos. Aproximava-se do corpo quente de Bob a seu lado e esperava. Em poucos minutos, havia sempre um mocho a chirriar ao fundo do jardim, os uivos lancinantes das raposas, que, pontualmente curiosas, saíam do bosque e vinham até à porta da frente, onde Eberhard e Lien, certa noite no regresso de um espetáculo em casa de Grietje, as encontraram.

Depois, punha-se a pensar na Amesterdão do antigamente, no velho quarto com Lientje deitada a seu lado, os ruídos da cidade como uma mãe entoando uma cantiga que as embalava para o sono e a verdadeira progenitora a trabalhar na loja no piso de baixo. Os canais, o mercado, o Teatro Carré, a passagem lesta dos elétricos. Alguma vez lá voltaria? E o pai, a mãe e Japie? Voltariam alguma vez a ser

bem-vindos na sua própria cidade? Haveria espaço para eles naquele mundo?

É um mecanismo muito peculiar: quando se escuta algo vezes suficientes — mesmo algo tão absurdo como a recusa de toda a nossa existência —, isso acaba por se instalar na nossa cabeça. A única pessoa acordada naquela enorme casa, os corpos quentes e adormecidos à sua volta, o odor da madeira queimada misturando-se lentamente com o ar frio, por vezes Janny questionava-se se não teria inventado tudo aquilo: a guerra, a opressão, a violência. Mas depois as investidas aproximavam-se daquela zona e as dúvidas dissipavam-se — mesmo durante a noite.

O casal Bochove mantinha-os informados. Bert tinha contactos na polícia de Huizen, que participavam em todas as investidas, informando-o no dia anterior sobre uma que estivesse prevista. Assim que era posto a par, Bert ligava para o Alto Ninho dizendo apenas: «Esta noite, não pendurem roupa a secar!» E todos sabiam o que fazer: verificar se toda a gente estaria prevenida, objetos suspeitos arrecadados, os esconderijos acessíveis para que se pudessem logo lá enfiar — como se nunca tivessem existido.

Normalmente, começavam pelas quatro da manhã. Não obstante o quanto tivessem feito para se manterem acordados, preparados para tal, a aproximação da coluna seguinte punha-os sempre em polvorosa, deixando-os inertes e confusos. Menos as crianças, que continuavam a dormir. Todas as outras divisões estavam apinhadas de pessoas, deitadas imóveis em camas ou colchões, sustendo a respiração, escutando os barulhentos jipes, o chiar dos pneus dos carros da polícia, com a maior concentração. Por vezes, uma sirene anunciava-os ao longe. Cerravam os olhos, apertavam os punhos, levantavam as orelhas. Que caminho tomam? Virão para aqui ou afastam-se? Deveriam acionar o alarme para que todos corressem para os esconderijos, ou seria melhor aguardar mais uns segundos? Mas a coluna acabava por não subir a colina. O Alto Ninho ficava bastante fora de mão.

Por vezes, quando uma coluna parava perto e os residentes do Alto Ninho viviam uma ansiosa expectativa, ouviam tiros e latidos a rasgar o silêncio. *Stacatto* e penetrante, o ruído ecoava pela azinhaga. Quando ligavam os motores e o barulho se dissipava vagarosamente, toda a casa respirava à uma e todos começavam a levantar-se do chão. O Sol anunciava o ganho de mais um dia.

Este padrão repetia-se com intervalos de poucas semanas. Entretanto informado pela polícia, Bert transmitia-lhes se alguém tinha, ou não, sido encontrado. Em Huizen, parecia existir uma rede

invisível de gente que fingia nada ver. Certa noite, Lien cantou no aniversário de Annie Bochove; no dia seguinte, Bert encontrou o seu vizinho na rua — o homem resmungou que deveriam ter sido mais discretos quanto às pessoas que traziam escondidas.

Causava-lhes nervos, mas sempre que Janny ou Lien entravam incólumes na loja da Esquina Soalheira, riam-se para Bert e Annie. «Pelo menos, voltámos a precisar de muito papel higiénico!» E com as últimas notícias e os cestos cheios, pedalavam de regresso ao Alto Ninho.

Mik viajava no comboio para Naarden vendo, pela janela, Amesterdão a ficar para trás. Sentia-se menos tenso do que da última vez que se dirigiu ao Alto Ninho. Em pouco tempo, muita coisa mudara. Cada um tinha escolhido de que lado ficar — ação alguma, tão-pouco esperar para ver, poderia impedir que decisões fluidas se tornassem irreversíveis e definitivas. Os membros da resistência também enfrentavam a dura realidade. Uma abordagem inicial *ad hoc* e ingénua dera lugar a uma estrutura organizada e planos ambiciosos. Os alemães tinham-se tornados mais violentos, mas o apelo à contraviolência também se fazia ouvir mais alto. Em primeiro lugar, a resistência concentrou-se mais nas falsificações, nos esconderijos, na imprensa clandestina e nas ações de sabotagem, embora o número de alemães e colaboracionistas eliminados aumentasse — assim como o número de retaliações.

Como perdiam cada vez mais gente, as decisões que Mik tem de tomar pesavam-lhe bastante no espírito. Quão longe estaria disposto a ir? Continuava a debater longamente com o seu companheiro Gerrit van der Veen acerca do potencial ataque ao edifício do registo — uma ação que teria enormes consequências. O outro grupo de resistentes com quem mantinha um contacto estreito, o CS-6, redirigira as atenções para as agressões que ocorriam desde o início das deportações e o seu amigo Gerrit Kastein elaborara uma lista de colaboracionistas a eliminar pelo grupo.

Mik tinha consciência de que as irmãs ficariam muito aborrecidas com as novidades.

Da estação de Naarden-Bussum, caminhou ao longo dos campos coloridos de ocre até ao Alto Ninho sem ver ninguém. Não havia ruído, trânsito, perigo algum aparente, embora não conseguisse afastar os pensamentos sombrios. Curva à esquerda para o troço final que percorria o bosque. Parou de olhar em redor e os olhos focaram-se nas desgastadas capas das botas. Pôs-se a caminhar ignorando as voltas e revoltas do percurso, alheado, quiçá com essa intenção, por

cima de cogumelos e ervas, a sua passagem deixando um rasto, até decidir parar e levantar os olhos. No meio das árvores, as portadas do Alto Ninho refletiam a luminosidade.

Janny organizava cartões de identidade enquanto Eberhard tocava piano na sala da frente quando Mik entrou na cozinha e os cumprimentou rispidamente, pedindo-lhes para saírem ao exterior. Deram alguns passos até ao jardim e foi direito ao assunto: «O Gerrit Kastein saltou pela janela em Haia. Na Praça do Parlamento. Com a cabeça no empedrado. Morreu.»

Gerrit Kastein era um neurologista com nervos de aço — obstinado, mas infelizmente sem força bastante para escapar ao seu destino. Janny e Gerrit eram amigos desde os vinte e poucos anos, altura em que trabalharam para o Socorro Vermelho Internacional, oferecendo ajuda aos antifascistas em Espanha. A Guerra Civil Espanhola acabou por ser o ensaio geral do que se passou a seguir.

Gerrit e Janny tinham aderido ao comité Ajuda para Espanha, a secção neerlandesa do Socorro Vermelho Internacional. A missão principal de Janny era reunir dinheiro para comprar roupa, de que a Espanha necessitava desesperadamente, ao passo que Gerrit esteve ao comando do hospital de campanha neerlandês na frente.

Gerrit regressou aos Países Baixos três meses depois, à sua vida civil de médico, obtendo o doutoramento na Universidade de Leiden em 1937. Porém, a chama ideológica não se extinguiu; foi um dos editores da publicação comunista mensal *Política e Cultura* e promoveu palestras sobre a Guerra Civil Espanhola. Escreveu alguns artigos e, em 1938, publicou um livro intitulado *O Problema Racial*. Era um tratado científico sobre as diferenças de classe e o antissemitismo na Alemanha, concluindo com a tese de que, inevitavelmente, o racismo conduziria à guerra. Como ficou comprovado.

*

Quando o Partido Comunista dos Países Baixos, o CPN, foi ilegalizado pelos alemães em julho de 1940, os comunistas passaram à clandestinidade para organizarem ações de sabotagem. O doutor Kastein, que vivia em Haia com a esposa e as duas filhas, marcou presença na primeira reunião da secção do clandestino CPN na sua cidade. Gerrit também foi o iniciador de diversos grupos de resistência, tendo liderado o CS-6, um grupo de resistentes de Amesterdão.

Quando as deportações de judeus foram iniciadas em 1942,

Gerrit ficou convencido de que a resistência teria de começar a implementar medidas radicais; os colaboracionistas neerlandeses deveriam ser eliminados. Convenceu o grupo CS-6 a ajudá-lo a fazer desaparecer quem entusiasmadamente auxiliasse as forças de ocupação e elaborou uma lista.

A primeira vítima seria Hendrik Seyffardt, general aposentado do exército neerlandês com setenta e dois anos que, desde julho de 1941, comandava a Legião Fascista Voluntária dos Países Baixos, um grupo nacionalista que combateu na Frente Oriental integrando as Waffen-SS. Acabara de ser designado adjunto no governo-sombra, sendo expectável que chegasse, em breve, a ministro da Guerra. Era um alvo óbvio para a resistência.

No dia 5 de fevereiro de 1943, ouviu-se a campainha da casa de Seyffardt, no número 36 da Van Neckstraat, em Haia, a duzentos metros da residência de Kastein. De nada suspeitando, o general foi à porta. Abrindo-a, deu com dois jovens desconhecidos: Jan Verleun e Leo Frijda, ambos do grupo de resistentes CS-6. Quiseram ter a certeza de que era a pessoa certa perguntando-lhe o nome; «tinha uma bonita voz», recordou mais tarde Frijda. Verleun disparou logo que Seyffardt confirmou a sua identidade. Os dois jovens puseram-se em fuga, assumindo que o alvo tivera morte instantânea.

Seyffardt ficou gravemente ferido, mas transmitiu ao *Sicherheitsdienst* que os atacantes eram apenas «dois estudantes» e que a sua morte não deveria ser vingada. Morreria no dia seguinte e, contra a sua vontade, os estudantes sofreram investidas. Mil e oitocentos rapazes entre os dezoito e os vinte e cinco anos, incluindo seiscentos alunos, foram detidos e levados para o campo de concentração de Vught.

Verleun passou à clandestinidade na posse da pistola que utilizara no ataque. Entretanto, Gerrit Kastein escolheu o alvo seguinte. Desta feita, chamaria a si a ação e, por isso, teve de obter rapidamente uma nova arma. Foi ao encontro de um companheiro da resistência, Lucas Spoor, que lhe entregou — gesto que assinalaria o fim de Gerrit.

Dois dias depois, em 7 de fevereiro de 1943, Gerrit cometeu o segundo ataque pré-definido, agora sobre Hermannus Reydon. Jurista circunspecto, era membro destacado do Partido Nazi dos Países Baixos e fora nomeado presidente da Câmara da Cultura dos Países Baixos, o organismo do Estado responsável pela «arte saudável para o povo ariano» ao qual todos os artistas do país teriam de aderir.

Ao início da noite, Kastein tocou à porta da residência de Reydon

em Voorschoten. Respondeu a esposa. Gerrit assassinou-a a sangue frio, fechou a porta e esperou no vestibulo escuro que Reydon chegasse a casa. Após algum tempo, ouviu a chave na fechadura; assim que a porta da rua se abriu, disparou. Reydon fora atingido no pescoço e Kastein pôs-se em fuga. Reydon ficou gravemente ferido e passaria seis meses no hospital, paralisado, acabando por morrer.

Gerrit Kastein foi quem puxou o gatilho, mas desconhecia que Reydon e a esposa haviam sido deliberadamente sacrificados pelos alemães com o intuito de lhe criar uma armadilha, de acordo com o mote nazi que não vinha nos livros: «Um resistente morto é mais importante do que um nazi neerlandês vivo.»

Kastein teve a infelicidade de enfrentar um homem que lhe era igual na ambição, embora o superasse na falta de escrúpulos. Sob o comando de Heirich Himmler, o *SS-Sturmabführer* Joseph Schreieder ascendera a *Kriminalrat* e, neste papel, assumiu a responsabilidade da contraespionagem do *Sicherheitsdienst* nos Países Baixos. O seu objetivo primordial era a eliminação dos grupos de resistentes — independentemente dos meios.

Lucas Spoor, o alegado amigo da resistência que passara a pistola a Gerrit, era, nada mais, nada menos, Anton van der Waals, um espião neerlandês infiltrado nos grupos de resistentes a trabalhar para o SD — um homem recordado como um dos piores traidores de sempre numa época em que os havia em grande número.

No dia a seguir ao ataque a Seyffardt, quando Kastein lhe perguntou se lhe forneceria uma pistola, Van der Waals correu para o seu chefe Schreieder, que não pensou duas vezes; claro que entregariam uma arma a Kastein. Quando este disparasse sobre alguém, seria efetuada uma autópsia; se o calibre dos projéteis confirmasse que aquele novo amigo utilizara a arma, poderiam também assumir que ele teria matado Seyffardt.

Assim, ao início da manhã de 6 de fevereiro, Anton van der Waals, no papel de um resistente chamado Lucas Spoor, entregou uma pistola a Gerrit. Schreieder e os restantes colegas aguardavam, ansiosos, o resultado da sua roleta russa na sede do SD. Quem iria morrer?

Schreieder não teria de esperar muito pelos seus cadáveres. Reydon acabou no hospital com ferimentos graves, embora, felizmente para eles, tivessem conseguido autopsiar o corpo da esposa. Schreieder ficou encantado com as notícias: a bala saíra de facto da pistola que entregara ao seu infiltrado. Foi uma pena o general e a mulher terem morrido, como alvitrou, mas sobravam ainda muitos nazis neerlandeses.

Quando Anton van der Walls foi ao encontro do chefe para lho transmitir, esperava-o uma surpresa desagradável: Schreieder não pretendia prender Kastein. Pelo contrário, pediu-lhe que Van der Waals fomentasse algum à-vontade com o mesmo de modo a obter novas informações sobre as ações e os seus companheiros da resistência. Tendo testemunhado o sangue-frio de Kastein, Van der Waals não apreciou muito a ideia. Era um fecundo traidor; mas não muito corajoso. Receava poder vir a perder o jogo. Van der Waals tentou convencer Schreieder, mas o seu superior nem sequer considerou suspender a operação. Com efeito, encarava-a como um interessante confronto entre este infiltrado de topo e Kastein, o comunista fanático. Caso Anton se saísse menos bem, seria, em simultâneo, uma conclusão e uma solução.

Em 19 de fevereiro de 1943, Van der Waals reuniria novamente com Gerrit Kastein e foi aqui que o problema ficou resolvido — um esquadrão de assalto do SD deteve Kastein pouco antes deste suposto encontro. Schreieder ficou furioso, suspeitando que o seu cobarde espião o tivesse enganado com a ajuda de outra pessoa.

Enquanto isso, Kastein foi algemado e levado para uma viatura de serviço que o conduziu ao complexo de Binnenhof, local das sedes da *Sicherheitspolizei* e do SD, o departamento de investigação política e os serviços secretos.

Mas Gerrit era tido como um opositor fora de série; não permitiria que os alemães o deportassem manso como um cordeiro. Quando sai da viatura, na Praça do Parlamento, no complexo de Binnenhof, vislumbrou uma oportunidade: algemado, fez disparar uma arma de pequeno calibre de um bolso cosido por dentro das calças. Um polícia foi ferido numa perna e outra bala ainda fez ricochete antes que pudessem desarmá-lo.

No interior, quatro homens vigiavam Gerrit esperando para o interrogar. Após algum tempo, dois dos agentes foram buscar café e um terceiro foi à casa de banho. Um só homem do SD seria uma brincadeira para Kastein. Lançou-o ao chão, pontapeou a janela e saltou do segundo piso.

Aos trinta e dois anos, o médico acabou por não resistir, batendo com a cabeça no empedrado do Binnenhof — exatamente no mesmo local onde, uma semana antes, diante de uma fileira de braços estendidos, tinham decorrido as grandes cerimónias fúnebres da primeira vítima da sua lista, o tenente-general Seyffardt.

No Alto Ninho, todos ficaram devastados com as notícias. Regressado do trabalho no centro alimentar de Weesp, Bob

encontrou-os na sombria sala da frente com os rostos pálidos e tensos. Janny chamou o marido de parte e contou-lhe o que sucedera. Bob e Gerrit eram amigos chegados da rede comunista. Quando Janny lhe transmitiu as causas da morte, as estranhas circunstâncias do acidente, a pasta que Bob trazia quase lhe caiu das mãos. Sabiam, claro, que Gerrit executava perigosas operações para o Partido, desempenhando um papel crucial nas investidas sobre os colaboracionistas neerlandeses, se bem que, estranhamente, o imaginassem intocável.

Depois do jantar, assim que as crianças se deitaram, todos evocaram Gerrit. Falaram dos anos da Guerra Civil Espanhola, do trabalho na resistência, dos núcleos que criara desde o início da ocupação. E da sua perspectiva estratégica e talento organizativo, o que nunca foi desculpa para não sujar as próprias mãos.

Também especularam sobre os motivos para ter saltado da janela. Muito provavelmente, Gerrit procurara iludir o inimigo mais tempo; os ferimentos da queda tê-los-iam obrigado a levá-lo ao hospital, de onde talvez pudesse escapar. Não só seria um lugar diferente com outras oportunidades, mas também porque, enquanto neurologista, conhecia o seu funcionamento interno. Não quis saber dos danos que infligiria ao corpo, porque era a mente que teria de preservar para a luta. Mas sofreu uma tal queda naquele maldito Binnenhof que não viveu para contar a sua história.

A morte de Gerrit era uma prova tangível de uma nova fase da ocupação: seguir-se-iam novas vítimas de ambos os lados a uma velocidade alarmante.

Pouco antes de regressar a Amesterdão, Mik chamou de parte ao vestíbulo Lien, Eberhard, Janny e Bob. Um olhar circunspecto num rosto jovem; a pressão da guerra mais forte do que a do tempo.

«Sejam cautelosos, não aceitem *demasiada* gente. Pode acabar por correr mal.»

«Mik», reagiu Lien indignada, «se alguém precisar, não teremos outra opção senão ajudar!»

«Só quero avisar-vos: tenham cuidado.»

Despediram-se de Mik, um derradeiro abraço e acompanharam os seus passos com os olhos enquanto saía do jardim e penetrava no bosque.

O verão chegara. Os novos residentes do Alto Ninho nunca antes tinham visto tal espetáculo; era de tirar o fôlego, como um fogo de artifício. Correram aquelas terras, admirando toda a beleza de perspectivas diferentes. A relva tornava-se tão espessa e verde que

mais parecia terem um tapete de veludo debaixo dos pés. Acondicionavam a comida num grande cesto e sentavam-se numa qualquer parte do relvado para almoçar quase todos os dias. Os rododendros, a figueira defronte da casa, as amoreiras junto à empena, as pereiras e as macieiras no pomar das traseiras, as roseiras a invadirem as paredes da casinha do jardim, a sebe de faia protegendo-o dos animais selvagens — sem êxito —, as ervas daninhas que cresciam até à altura dos ombros numa só noite, a videira com as gavinhas a brotar, as árvores em volta curvando-se como sombrinhas, a urze de um forte violeta ao longe e as águas do IJsselmeer brilhando como mil espelinhos colados uns aos outros. Um espetáculo em constante mudança, gratuito e apenas para os seus olhos.

Todas as manhãs, Joseph e Fietje sentavam-se muito aconchegados numa banqueta encostada à empena da casa com uma chávena de chá. Já não falavam tanto, tentando acima de tudo tornar-se úteis naquele enorme lar. Era um pouco como trabalhar na loja: a mercadoria, as senhas, as compras, o consumo, as tarefas da cozinha e outros afazeres. Desde que a temperatura subira, discretamente, acima dos dezoito graus, passavam ali um bocadinho todas as manhãs, a receber os primeiros raios de sol, escutando o chilrear dos passarinhos. O muro de pedra protetor nas suas costas, o telhado de colmo paternalmente sobre as suas cabeças e a serventia coberta de conchas soltas, na frente, a servir de alarme caso alguém se aproximasse.

Os relatos de todo o país eram alarmantes. A «evacuação» de judeus decorria sem incidentes; as províncias de Friesland, Groningen, Drenthe, Overijssel, Gelderland, Limburg, Zeeland e Brabant do Norte tinham sido declaradas *judenrein*. Por outro lado, os combates na Frente Oriental prolongavam-se e eram bastante mais severos do que Hitler previra. As reservas alemãs estavam a ser seriamente afetadas e, a partir do verão de 1943, o Exército Vermelho começou a rechazar os alemães e a fazê-los recuar.

Isto, infelizmente, implicou consequências para os Países Baixos: para produzirem equipamento militar e aprovisionamentos, os nazis precisavam de mais mão de obra. A partir de maio de 1943, todos os homens entre os dezoito e os trinta e cinco anos teriam de se apresentar ao *Arbeitseinsatz*, o trabalho obrigatório, na Alemanha. Não responder à chamada era passível de punição e seguiram-se investidas de larga escala para serem enviados mais jovens para o Terceiro Reich. Os mais relutantes em apresentar-se passaram também à clandestinidade — o medo e o caos estavam em toda a

parte.

As ruas de Amesterdão haviam mudado e em poucos anos ficaram irreconhecíveis. O centro histórico não fora destruído, como sucedeu em Roterdão, e o rio continuava estoicamente a correr entre a Estação Central e o Teatro Carré, mas a maior parte dos que davam um colorido à cidade tinham desaparecido. Comerciantes, operários e empregados de escritório; atores e músicos; intelectuais e notívagos; bibliotecários, os costumeiros ébrios e o guarda do jardim zoológico — com dezenas de milhares de outros, foram levados dos seus lares, postos nos comboios e enviados para Westerbork. Tão simples quanto isto. Deu-se uma mudança súbita no *Zentralstelle für Jüdische Auswanderung*, onde se guardava a listagem de cartões de identidade dos judeus registados. O arquivo «Amesterdão» ficou praticamente vazio no ano de 1943.

As últimas grandes investidas ocorreram em maio e junho. Em 26 de maio, os judeus do centro da cidade foram reunidos na estação de Muiderpoort. Crianças com os brinquedos preferidos apertados junto ao peito, mulheres exibindo bonitos chapéus, homens vestindo os melhores fatos, avós com permanentes acabadas de fazer. Após horas de espera, chegava o comboio que os levaria a Westerbork. *Storm*, a publicação semanal das SS, noticiou com pormenor os acontecimentos na edição de 4 de junho:

Tivemos de dizer adeus, adeus a pessoas que «partilharam» do nosso pão durante séculos, guardando sempre para si os melhores nacos. Despedimo-nos e acenámos-lhes o último adeus em Amesterdão-Este, na Polderweg. Usavam insígnias, estrelas de seis pontas, comprovando pertencerem ao grupo em viagem para a Polónia [...]. A quantidade de sangue ainda contaminado pelos judeus e a quantidade de bastardos que andam nas nossas ruas apenas puderam ser entendidas ao testemunhar-se estas cenas. Números mortos ganharam vida. A prática confirmou a ciência. Pior ainda. Seguíamos na direção da criação de um belo e novo tipo de judeu quase com características arianas. Ali estavam eles, aqueles judeus, homens e mulheres. Estava ali uma muito conhecida mulher de cabelo louro, louro platinado, para que ninguém suspeitasse do seu sangue judaico. Dezenas das que ali estavam poderiam, facilmente, ter casado com um belo rapaz ariano sem que ele soubesse estar a casar com uma judia. Era um perigo e um perigo muito grande. Foi uma boa coisa terem sido tomadas medidas ativas. E assim se foram os judeus. Vimo-los partir nos comboios. Não ficámos tristes com a separação.

No dia 20 de junho de 1943, um domingo, seguiu-se a grande investida de Amesterdão-Sul e Amesterdão-Este. Os derradeiros

judeus não clandestinos foram deportados para Westerbork naquele mesmo dia, um total de cinco mil e quinhentos. Foram seguidos, em setembro, pelos membros do Conselho Judaico, que cessava oficialmente a sua existência.

Em 1 de outubro, foi dissolvida a Coluna Henneicke e os seus caçadores de judeus. O último transporte de judeus, arrastados dos seus esconderijos, deixou a capital no dia 19 de novembro de 1943. Menos de três anos e meio depois de o *Heeresgruppe B* ter invadido os Países Baixos sob o comando do general Fedor von Bock, Amsterdão estava *judenrein*.

Encontros indesejados

Pânico no Alto Ninho. As irmãs Jansen decidiram fazer-lhes uma visita. Estava-se no pico do verão, uma época que habitualmente passavam na sua casa de campo em plena natureza e não na cidade abafada; viam-se desesperadas por passar um dia fora. Como era evidente — embora não o tivessem referido —, a razão da visita passava por ver se a casa e o jardim estariam a ser bem tratados.

Após aquele telefonema alarmante, teriam poucos dias para pôr tudo com um ar apresentável. Lien e a mãe puseram toda a gente a limpar enquanto os homens começaram a levantar os colchões e a pôr no lugar camas, armários, cadeiras e mesas, fazendo parecer que apenas duas famílias, os verdadeiros locatários, ali viviam com os filhos: Janny e Bob com Robbie e Liselotte; Lien e Eberhard com a pequena Kathinka.

No dia da visita, os residentes clandestinos esconderam-se pelo bosque como ovos de Páscoa. Emitiriam sinais previamente combinados quando pudessem reaparecer. Felizmente estava um dia quente.

A pequena composição a vapor deixou as senhoras a horas na paragem mais perto da casa e, ao chegarem ao Alto Ninho, tiveram a mais acolhedora receção. O Sol brilhava bastante e a casa, no cimo da elevação e rodeada por um mar de flores, deliciava-se com a luz.

Lien e Janny conduziram as irmãs ao interior, até à sala de estar, para a cena seguinte daquela absurda atuação. Com efeito, era um privilégio morar ali, as passagens das estações do ano simplesmente avassaladoras, não haveria problemas com a renda, assim esperavam. Talvez as senhoras quisessem tomar algo?

Quiseram. Seria a vez de *Duende Ruiva* representar mais uma cena audaz. Lien fez soar uma pequena campainha e a empregada, envergando um avental branco bem engomado e uma touca, entrou transportando, numa bandeja de prata, um bule, chávenas e um prato cheio de biscoitos. *Duende Ruiva*, com os cabelos ruivos bem puxados e presos de lado em duas tranças, esboçou uma vénia enquanto Janny e Lien mordiam os lábios para não se desmancharem a rir.

«Boa tarde, minha senhora», disse, cumprimentando cada uma das visitantes. «Prefere leite ou açúcar?»

Duende Ruiva verteu o chá com elegância. As irmãs Jansen observavam visivelmente impressionadas e curiosas.

«É de aqui perto, menina?»

«Sou, minha senhora.»

«E qual é o seu nome?»

«Aagje Honing, minha senhora.»

Uma das irmãs pousou a chávena numa mesinha de apoio e aplaudiu com júbilo.

«Que querida! Conhecemos a família Honing de Huizen! É parente da tia Betsie Honing?»

Duende Ruiva não vacilou. «Receio que não, minha senhora. Há duas famílias Honing por aqui.»

Lien conduziu rapidamente a conversa noutra direção enquanto Janny despachava *Duende Ruiva* para fora da sala.

«Bem», disse Lien apontando com discrição para a sua têmpora, «a moça é um bocadinho simples, mas sempre muito diligente e meiga.»

Depois do chá, as senhoras quiseram dar uma vista de olhos pela casa. Visivelmente agradadas, passaram pela cozinha luminosa e asseada, pelo vestíbulo arejado e subiram a escada, onde não havia vestígios, em nenhum dos quartos, de brincadeiras de crianças, muito menos das dezenas de pessoas que ali dormiam. No piso térreo, passaram os olhos pelo antigo louceiro que continha o caríssimo serviço de porcelana.

Janny e Lien sustiveram a respiração. No inverno anterior, um dos residentes passara uma pilha de louça pelo passa-pratos da cozinha com um pouco mais de brusquidão. A louça aterrara do lado oposto com grande ruído, partindo-se em mil bocados no soalho de madeira. Foi como se a tensão que envolvia a casa se tivesse abatido sobre eles e ficaram em choque. Sentiram que o estrondo tinha trespassado as paredes e ecoado pelo arvoredado. Quando, após o que pareceu uma eternidade, viram que não lhes tinham aparecido à porta alemães nem nazis neerlandeses, puseram-se a rir, dos nervos, uma para cada lado antes de se ajoelharem para apanhar os cacos. A partir de então, Janny e Lien começaram a jogar à descoberta da porcelana em falta — implorando-a ou roubando-a — por onde quer que passassem. Cada novo prato saído das suas malinhas de mão e acrescentado à colorida coleção do louceiro era recebido com grande gáudio.

Ora, naquele momento, as irmãs Jansen estavam especadas

diante do dito louceiro de olhos aguçados. Lien colocara as chávenas e os pires do serviço original na parte da frente para ajudarem a encobrir a amálgama de peças substituídas. Caso sobrevivessem à guerra, pagariam tudo aquilo e muito mais — mas, por enquanto, aquela disposição das louças teria de resolver o problema.

As irmãs Jansen viraram-se para Janny e Lien com um sorriso rasgado, devolvido com algum constrangimento.

Após algumas esgotantes horas sentadas ao Sol na banquetta do jardim vendo o movimento da sombra na relva, folhinha a folhinha, finalmente, as senhoras levantaram-se, alisaram as saias e despediram-se com amabilidade. Do alto, Janny e Lien acenaram-lhes, riram com ansiedade e correram para o bosque para libertar as pessoas dos seus esconderijos.

O verão parecia nunca mais acabar. Lien e Eberhard concentraram-se nos espetáculos em casa, criando novas atuações e escrevendo artigos para *O Artista Livre*; Janny e Bob trabalhavam arduamente para a resistência. Além de tudo isto, havia as compras quotidianas, em si também um trabalho a tempo inteiro.

A constante ameaça passara a ser a nova normalidade. Tinham menos vontade de ouvir rádio e dificilmente falavam dos supostos progressos das forças aliadas. Todos tentavam encontrar um botão de pausa interior que lhes permitisse sobreviver àquela incerteza. Um ano antes, quase toda a gente estava absolutamente convicta de que a guerra, naquela altura, já teria acabado. Que teria regressado às respetivas casas, negócios e empregos. Que, caso não tivessem perdido alguém, poderiam retomar a sua vida normal. Porém, muitos parentes e amigos haviam sido deportados para um destino desconhecido. Só conseguiriam suportar tudo isto olhando para o horizonte. Deixando de sonhar. Pensando em termos de meses em vez de dias.

Antes, Janny nunca ansiara pelo inverno, o frio, a escuridão e os dias pequenos, mas estes tinham passado a ser um buraco que a chamava para poder desaparecer. Mal podia esperar pelo fim do verão; o Sol levava toda a gente ao exterior e havia mais pessoas nas ruas, nas aldeias e nos comboios. O colorido e toda aquela canícula estimulavam alguma despreocupação, descuidos até, nos residentes do Alto Ninho, ao passo que o inimigo não se revelava menos implacável. Entre si, insistiam: não deveremos confiar em ninguém.

Um dia, Eberhard caminhava para Huizen com Kathinka. No papel de pai Bos e sua filha, os dois muito louros, sentiam-se relativamente livres para ir onde pretendessem. Seguiam de mãos

dadas pela Naarderstraat, quando um grupo de soldados alemães dobrou a esquina e se dirigiu na sua direção. Os joelhos dos militares movimentavam-se ritmados e a estrada parecia estremecer quando as suas botas batiam no chão a compasso.

Eberhard baqueou, apertando a mão de Kathinka. Não tinham saída. A perpendicular mais próxima ficava atrás dos soldados e virar-lhes as costas não era opção. Tudo o que poderiam fazer seria continuar a andar. Eberhard tentou acalmar a respiração, descontraindo os ombros sem passar a inquietação a Kathinka, que saltitava alegremente a seu lado.

Os soldados estavam apenas a alguns metros e eram liderados por um oficial. Quando os seus olhos cruzaram os de Eberhard, este ficou pregado ao chão puxando o braço de Kathinka para trás. O oficial era o seu velho amigo Kurt Kahle.

O homem nem desviou o olhar, passando com os seus homens germânicos por aquele pai e filha como se não existissem. Eberhard compreendeu que seria o fim. Para si e para todos os outros do Alto Ninho. Kurt reconhecera-o, sem dúvida, e iria detê-lo a qualquer instante. Kathinka falava, puxava-lhe o braço, mas o pai tapa-lhe a boca da filha com a mão, olhando para as costas do cortejo. Eles prosseguiram a marcha e Eberhard observou-os até o chão debaixo dos pés deixar de estremecer e os militares parecessem pontos negros ao longe, dissolvendo-se na urze violeta.

Quando os joelhos lhe libertaram os movimentos, correu de volta a casa com Kathinka para avisar os outros.

Kurt Kahle também pertencera a um grupo de artistas amigos de Amesterdão. Era um fotógrafo berlinense que, como muitos outros alemães, fugiu da ascensão do nacional-socialismo para os Países Baixos no início dos anos trinta. Kurt era um dos que estavam sempre a entrar e a sair da casa de Mik no Keizersgracht. Fizera amizade com Eberhard e discutiam os mais recentes desenvolvimentos da sua pátria — na altura, sentiam-se ambos extremamente indignados.

Eberhard recordou a convocatória que a Wehrmacht lhe enviara para se apresentar. As conversas com Lien, o medo, a dúvida, Rhijn, o falhado emagrecimento forçado e, a seguir, a questão mais importante da sua vida: desertar ou não. *Fahnenflucht*. Kurt recebera a mesma convocatória e enfrentara uma escolha idêntica. Poderia Eberhard acusá-lo de ter decidido ir por outro caminho?

Kurt não mostrou tê-lo reconhecido, mas não poderiam correr o risco. Em casa, Eberhard discutiu a questão com os restantes e todos concordaram: havia a probabilidade de Kurt ter desertado e, nesse caso, poderia regressar e ir à sua procura na zona da Naarderstraat.

O único que poderia facultar-lhes uma resposta exata seria Mik.

Lien pedalou tão depressa quanto pôde até Laren, onde vivia um dos seus contactos, que estava de partida para Amesterdão, e explicou-lhe a situação. Este prometeu falar com Mik e dar-lhes uma resposta assim que possível.

Naquela noite, houve uma reunião de emergência no Alto Ninho. Vislumbrava-se a possibilidade de terem de sair dentro de um ou dois dias. Para onde iriam? Em Huizen, Bochove poderia acomodar uma ou duas pessoas; alguns outros contactos também, mas ninguém conseguiria acolher o grupo completo.

A resposta de Mik trouxe um grande alívio após uma noite em branco. Kurt Kahle estava do lado deles. Primeiro, ficou no comando militar, na Estação Central de Amesterdão, onde seria suposto fornecer informações aos viajantes alemães, mas na realidade passara meses a ajudar a resistência na distribuição de folhetos clandestinos antifascistas. Ainda assim, no início de 1943, acabou por ser recrutado e destacado para o *Sicherungsregiment 26*, na base Crailo, em Laren. A partir de lá, canalizava agora munições e armamento para a resistência. A mensagem de Mik foi muito clara: não teriam de se preocupar.

No dia 2 de outubro de 1943, Lien fixava o olhar no jornal sobre a mesa à sua frente, os caracteres da primeira página tornando-se, aos poucos, ilegíveis. Piscou diversas vezes os olhos, mas as palavras misturavam-se umas nas outras e nada mais sobrava senão os enormes cabeçalhos. «A SITUAÇÃO NA FRENTE ORIENTAL» era um dos que se podiam ler no lado esquerdo. Deslizou o olhar com cuidado para o lado direito. «AVISO», um pouco mais ao centro, uma qualquer ordem judicial sobre entregar aparelhos de rádio. Foi a coluna ao lado desta, no canto inferior direito, que lhe chamou a atenção. Inspirou, ruidosamente pelo nariz, e leu de novo com algum esforço: «PUNIÇÃO PELO HOMICÍDIO DO GENERAL SEYFFARDT, DO MINISTRO POSTHUMA E OUTROS».

Como anunciado pelo *Höhere SS-Polizeiführer Nordwest*, em 30 de setembro de 1943, o *Polizeistandgericht* de Amesterdão condenou os seguintes neerlandeses à morte.

Seguia-se uma lista com dezanove nomes, a maioria dos quais seus conhecidos. Estudante de Medicina Leo Frijda, de Amesterdão. Estudante de Biologia Hans Katan, de Amesterdão. O nome Boissevain vinha referido três vezes. Anton Koreman, guitarrista,

também um velho amigo. Mas a meio, o número doze:

Jornalista Maarten van Gilse, de Amesterdão, nascido em 12 de junho de 1916, em Munique [...]. As sentenças de morte, após ponderações de clemência, foram executadas nas primeiras horas do dia 1 de outubro de 1943.

Quando todos regressaram a casa naquela noite, Lien chamou a família de parte ao jardim e contou-lhes o que lera. Ficaram em silêncio sobre a relva alta. O pai olhando para os sapatos, a mãe passou-lhe a mão sobre os lábios enrugados. Bob, que segurava a mão de Janny, deixou cair o braço. O Sol desaparecia, lentamente, atrás do arvoredado criando uma sombra no telhado ocre da casa. Fietje estremeceu. Joseph segurou-lhe a mão. «Vem», disse, e caminhou para dentro com a família a seguir-lhe os passos.

Janny soube do que se passara pelos seus contactos. Mik e a namorada tinham encontrado abrigo no sótão do estúdio de um amigo escultor do Prinsengracht, nas proximidades da Westertoren. Daqui, coordenava as atividades de *O Artista Livre*, do grupo resistente CS-6 e do centro dos cartões de identidade. Trabalhavam noite e dia. Quando a casa foi cercada pela polícia, barricaram a porta na maior urgência, acendendo a salamandra para queimarem toda a papelada que lhes fosse possível: documento falsos, contactos e moradas de resistentes, o bloco de notas — tudo. A polícia batia à porta e Mik saltou da janela para o telhado na altura em que os agentes irromperam pelo esconderijo e detiveram a namorada. Mik foi atingido por um disparo, ficando ligeiramente ferido e sendo depois capturado. Prisão, horas de interrogatório, semanas a fio, embora se tenha vindo a saber que nada revelara. Por fim, a pena de morte: uma bala em cheio no peito, no dia 1 de outubro, nas dunas das proximidades de Bloemendaal.

A edição de novembro de *O Artista Livre* incluiu um extenso obituário. Eberhard leu-o em voz alta ao serão quando todos se reuniram em volta da mesa do jantar:

Morreu Maarten Van Gilse.

Mik era jovem, jovem na idade, jovem nos ideais, na fé nas pessoas, nas expectativas, na sinceridade e no ímpeto [...]. Nascido e criado como um cosmopolita, inquieto por natureza, viajou por muitos países, ganhando o sustento com a sua pena, a fazer amigos onde quer que fosse, apreciando muito a parte boa da vida [...]. Ainda não podemos falar das suas atividades em tempo de guerra; mas podemos afirmar que lutou como um homem, tendo a sua indefetível coragem e o seu

indestrutível otimismo sido um grande apoio para muitos, a sua perseverança alcançou aquilo de que outros, confusos e desanimados, desistiram. Houve muitos da geração de Mik que partilhavam as suas crenças, muitos com os mesmos ideais, que, até ao dia 10 de maio de 1940, se orgulhavam das suas mentes abertas e profundo entendimento. Contudo, foram muito, muito poucos, os que aceitaram, como ele, as consequências — mesmo as mais extremas — quando chegava a hora da necessidade, que perseveraram quando a tempestade se levantou, que arriscaram as vidas, dia após dia, que não pararam diante de nada — de nenhuma provação, de nenhum perigo — para transportarem o seu bem mais precioso, através do fogo e da morte, na direção de um futuro melhor.

O milhafre

Um sábado de novembro. Jetty celebrou o seu aniversário e todos estiveram muito animados ao longo do dia. Lien cantou algumas canções, Eberhard tocou piano para todos e com os escassos recursos de que dispunham — alguma massa, maçãs do pomar em conserva e uma pitada de canela —, conseguiram fazer algo que passou por um bolo.

Por volta das dez e meia da noite — quando as crianças e alguns dos adultos já estavam deitados, o lume a arder, alguns a ler um livro e uns poucos à conversa na mesa do jantar, na sala de estar —, ouviram, de repente, uma batida ritmada. Suave e distante, como se uma broca nas profundezas do solo estivesse a perfurar no sentido ascendente, fazendo estremecer a terra debaixo da casa. Pediram silêncio entre si. Os rostos ficam tensos. Sustiveram a respiração e puseram-se à escuta.

O ruído vinha do exterior. Aumentava. Identificaram-no, pondo-se de pé quase em câmara lenta. Ao início, algum pânico, mas depois o bem ensaiado plano de emergência foi posto em ação.

As botas em passo de marcha aproximavam-se rapidamente, suspenderam o avanço junto à serventia coberta de conchas. Deram alguns passos que provocaram nelas um suave estalar e depois viraram na direção da casa. Uma mão acionou o interruptor de emergência ao lado da porta da frente e todos voaram para os respetivos esconderijos. Fietje, Joseph e Japie arrancaram as crianças às camas e esconderam-nas consigo. Lien, Janny, Bob e Eberhard livraram-se de algumas peças de vestuário, endireitaram as costas e prepararam-se para o confronto.

«O Bram ainda está na casa de banho!», dizia Loes Teixeira de Mattos agarrada ao braço de Janny. Esta sussurrou-lhe que, ainda assim, Loes teria de ir para o andar de cima; mas já não havia tempo. Com um aceno ríspido, Janny mandou-a para um esconderijo do piso térreo debaixo da banquetta dos arrumos ao lado da lareira.

O puxador da campainha da frente oscilou para a frente e para trás; o seu tilintar rasgou o silêncio.

«*Aufmachen!* Abram!»

Janny e Bob ainda corriam, livrando-se de objetos suspeitos. A mesa com demasiados copos, um jarro de água, muitas pontas de cigarro no cinzeiro, uma publicação clandestina deixada por ali. Lien atravessou o vestíbulo até à porta da frente, apoiou-se nas pontas dos pés, abriu o postigo quadrado e disse para os homens no exterior: «Por favor, tenham a amabilidade de dar a volta. Eu abro a porta da cozinha.»

Ganharam mais alguns segundos.

Com grande algazarra, fazendo correr desajeitadamente os ferrolhos, destrancou a porta da cozinha. Olhou por cima do ombro e Janny ergueu-lhe um polegar. Lien abriu a porta e viu mesmo à sua frente um soldado alemão em uniforme. O cinto de couro reluzia no escuro e o vapor da respiração antecipava-lhe as palavras.

«Peço-lhe que me desculpe o incómodo, minha senhora. Poderá indicar-nos a direção do mar, por favor?»

Atrás deste, outros soldados assentindo educadamente.

Lien teve de sorrir. «Com certeza», respondeu.

«Perdemo-nos do nosso grupo. Podemos pedir-lhe um copo com água?»

Procurando as palavras, Lien desviou-se e escancarou a porta.

«Não há problema. Entre.»

E todos entraram na cozinha; mais de uma dúzia de soldados alemães, o comandante, sem contar com Janny, Lien e Eberhard. Apertaram-lhes as mãos e apresentaram-se. Piet Bos. Antje Bos. Janny Brandes. Bob ainda se afadigava na sala de estar.

Além do copo com água, ofereceram aos rapazes iogurtes frescos que tinham sobrado do pequeno-almoço.

«Por favor, não se incomode», começou por dizer o comandante, mas depois todos eles comeram deliciados.

Os homens pareciam estar com frio e exaustos.

«Esta noite estamos em exercício e temos de encontrar o caminho para a água», disse o líder entre duas colheradas.

«Bem, então estão quase.» Lien tentou mostrar-se o mais amável possível. Apontou pela porta da cozinha na direção do fundo do jardim, o bosque escuro e a água seria logo a seguir. «Sigam pela estrada do bosque, ao longo da azinhaga, sempre em frente. Continuem pelo caminho estreito, que leva mesmo à água.»

«Poderá acompanhar-nos e mostrar-nos o caminho no meio da escuridão?» O soldado que o perguntara olhou para Eberhard e este respondeu num neerlandês fluente.

«Não, lamento, não podemos. Passa da hora do recolher obrigatório.» Ergueu as mãos num tom apologético, mas o soldado

começou a remexer na sua mochila.

Janny e Lien trocaram um olhar inquieto.

«Ora, faculto-vos um salvo-conduto», disse alegremente, pousando uma folha de papel em cima da bancada da cozinha.

«É permitido que o senhor e a senhora Bos deixem a sua residência durante o recolher obrigatório», ia dizendo ao escrever.

O riscar da caneta era acompanhado pelo tilintar das colheres.

«Assinatura, carimbo, feito.»

Com um largo sorriso, entregou o papel a Eberhard, que o dobrou e guardou no bolso. Vestiram os casacos e meteram-se pelo caminho do bosque.

Meia hora depois, ao regressarem, Janny e Bob já tinham feito toda a gente sair dos esconderijos, sossegando-os. Os residentes estavam aterrorizados, inconscientes do que se passaria no piso inferior e a ouvir todo aquele vozear. Lien e Eberhard falaram-lhes do passeio que foram obrigados a dar.

«E ali estávamos nós», disse Lien ainda meio abalada, «um desertor alemão e uma judia neerlandesa a conduzir uma unidade militar alemã de vinte soldados, durante a noite, pela azinhaga escura até um lago que em tempos foi um mar.»

Nisto, a porta da casa de banho abriu-se e surgiu Bram — o pobre velho homem tinha hemorroidas.

«Que se passou?», balbuciou, e todos se desmancharam a rir.

O salvo-conduto, com datas falsas, seria utilizado muitas vezes naquele inverno.

Chegava a segunda primavera que ali passavam e Janny interiorizava não ter havido outro lugar onde tivessem vivido tanto tempo juntos — pelo menos, desde o início da guerra. No Alto Ninho, sentia-se em casa, apesar das tão especiais circunstâncias. Como era evidente, havia uma constante ameaça, o receio de serem descobertos punha-lhes a vida em suspenso, com uma permanente pressão sobre o peito. Mas também tinham a liberdade do bosque, da azinhaga, da água. Havia dias, por vezes semanas, em que não se via ninguém nas imediações. Alturas em que não se ouviam grandes ruídos, exceto música vinda de todos os cantos da casa em qualquer momento. E lá estava Jaap, assomando a cabeça coberta de pó da casinha do jardim para mostrar mais uma engenhoca — algo que um dos residentes lhe pedira ou uma nova invenção. Tinham comida, água e tabaco; quase tudo o que precisavam.

Por vezes, Janny sentia-se condoída ao olhar para os petizes: Liselotte, Kathinka e Robbie. As meninas iam nos dois anos e meio e

Rob era um menino crescido; tinha quatro anos e meio, mas dizia que já tinha quase cinco. Sentiam a tensão, eram obrigados a crescer num mundo que não tinha lugar para eles. Porém, quando ela pensava em todas as crianças que ia conhecendo — escondidas com amigos resistentes não judeus, ou que ficavam um dia no Alto Ninho quando passavam por ali —, cujos pais tinham sido deportados ou mortos, tendo sido separadas de irmãos e irmãs, acolhidas por perfeitos estranhos, Janny encontrava conforto no facto de que, pelo menos, os seus filhos estavam juntos, ao lado dos pais, avós e do tio Jaap.

A presença de tantos adultos tornava-os bastante astutos. Pouco tempo antes, Lien fora às compras com a filha e estavam na fila da mercearia quando Kathinka decidiu cantarolar uma antiga canção popular. Os clientes olhavam deleitados para a pequena enquanto ela saltitava a entoar *Hop, Marjanneke (Ei, Mariana)* no tom certo. Porém, alguém ensinara novas palavras à pequena e, em lugar de serem os soldados franceses a perseguir o príncipe neerlandês, tinham passado a ser os «*Krauts* carecas». Lien ficou chocada e tapou logo a boca da filha com a mão. Na loja, as mulheres olharam umas para as outras, rindo-se. Quando Lien contou a situação a Janny, esta também achou graça. Ainda assim, Lien pediu a Eberhard para nunca mais ensinar versos daqueles à filha.

Haviam-se tornado todos em filhos do bosque. Subiam às árvores, pulavam de tronco em tronco, corriam de braços abertos pela azinhaga e construíam cabanas no fundo do jardim. Nos dias mais quentes, passeavam até ao lago, no extremo oposto do bosque, levando toalhas, fruta e água. As crianças só podiam molhar-se até aos joelhos, mas no regresso a casa sentiam-se como se tivessem conquistado os mares. Iam para a cama a cair para o lado e dormiam profundamente em lençóis acabados de lavar.

Pela manhã, quando Janny descia ao piso térreo e encontrava a mãe a coordenar os turnos dos pequenos-almoços, olhava para toda aquela gente a quem davam guarida — novos e velhos, sós ou com as famílias, todas aquelas diferentes personagens, vozes e dialetos — e por um instante era como se, em pleno coração do bosque, estivesse de volta a Amesterdão.

Comia qualquer coisa, encetando uma breve conversa com os pais, vestia o casaco a Robbie e saía para o trabalho, por vezes levando também Liselotte. Entrava na pequena composição a vapor ou caminhava até à estação, onde apanhava o comboio para Utrecht, Haia ou Amesterdão, dependendo das instruções recebidas. Recolhia uma encomenda, entregava cartões de identidade, distribuía folhetos clandestinos ou levava algumas guias de transporte desviadas do

escritório de Bob. Nunca sabia se os seus contactos apareceriam ou se teriam sido traídos, detidos ou deportados. Quando chegava ao ponto de encontro e não via ninguém, ou via uma pessoa inesperada, Janny ajoelhava-se como que para compor o casaco da filha, olhava em redor para avaliar a situação e regressava discretamente à estação e, daqui, para casa.

Ao caminhar, era sempre acompanhada por uma sensação de estar a ser seguida, mas tinha de manter a calma. Não ceder ao desejo permanente de largar a correr com a filha... Para onde? Não haveria escapatória. Sendo apanhada, tudo acabaria, e até lá seria melhor agir com tranquilidade e manter-se concentrada.

Regressava sempre a casa, o Alto Ninho. Como sucedia com o milhafre do fundo do jardim, onde o enorme relvado era engolido pela escuridão do bosque. Todas as noites, após o pôr do sol, a ave dava-lhe conta, com um piar bem audível, de também ele ter regressado. Janny ficou de olho nele, eram espíritos irmãos. Durante o dia, entregava-se à caça, analisando aos poucos o território, ganhando velocidade com umas asinhas afiladas, para depois pairar até mergulhar rumo à ação. Por vezes, Janny tinha sorte e conseguia observá-lo suspenso no ar — uma das coisas mais belas a que já assistira. Sereno, aguardando o momento perfeito, escolhido por intuição. A cauda e as asas estiradas inteiramente alinhadas com a cauda e o pescoço, como se tempo e céu se imobilizassem. A parte posterior num belo castanho-avermelhado, a cabeça cinzenta igual à cauda com as suas pontas escuras. De súbito, lançava-se em direção ao solo como se mergulhando para a morte e, em segundos, ressurgia no alto, com um rato do campo ou um pintainho no bico.

Certa noite, Janny estava deitada na cama com os olhos fixos nas vigas de madeira. Por vezes, sentia-se dominada por toda a agitação da casa, mas, naquele instante, tudo estava tranquilo. Demasiado tranquilo. Fechou os olhos com firmeza, tentando filtrar o suave ronco de Bob a seu lado, e pôs-se à escuta. Lembrou-se, de repente, haver algum tempo que não escutava o milhafre. Teria sido no dia anterior? Dois dias antes? Andava tão ocupada que nem fazia ideia. Naquela noite, estava certa, não o ouviu. Janny começou a enervar-se, como se não fosse um bom presságio.

Adormeceu com um ouvido nos ruídos do exterior e, ao nascer do Sol, saiu de mansinho e pés descalços. Toda a casa ainda vivia um sono profundo. Um odor doce pairava entre as paredes. Atravessou o jardim no lusco-fusco da manhã. Os pés sentindo o orvalho frio da relva. Passou pelo abrigo no meio do relvado, onde se viam a casa de bonecas das crianças e o seu conjunto de porcelana em miniatura, e

avançou pelo pomar até ao fundo do terreno, nas franjas escuras do bosque. Sumiu-se por entre o arvoredor. Os espessos braços das heras enrolados nas velhas cascas das árvores. Aqui e ali, amontoados de folhas secas do outono, amareladas e quebradiças após os quentes meses do verão. As ramagens arranhavam-lhe a pele e um espinho prendeu-se-lhe à camisa de dormir de algodão, mas Janny prosseguia, cautelosa, com a cabeça deitada para trás e os olhos nas espessas copas do alto.

Após alguns passos, deteve-se, sustentando a respiração. Lá estava ele, empoleirado no rebordo de um enorme ninho construído antes por corvos, as garras cingindo as ramas, os olhos luzentes nos de Janny, preparando-se, tudo o indicava, para atacar. Atrás, a fêmea chocava os ovos; as penas da cauda maravilhosamente matizadas.

Janny virou-se com cuidado, deixou o bosque para trás, correu a passo largo sobre o relvado e enfiou-se na cama, junto de Bob, com um sorriso muito vivo nos lábios. Tudo estava no devido lugar.

Cantiga de outono

Sempre que regressava a Amesterdão, Janny encontrava a cidade mais vazia. Quando apanhava o elétrico na Estação Central e ia olhando pela janela, parecia que nada mudara. As imponentes casas dos canais, as pontes e os toldos com os nomes das lojas antigas e habituais — ainda tudo ali estava. Mas sem pessoas.

Era como passar por uma cidade-fantasma; memórias sombrias em todo o lado. A família com as três filhas que com ela andaram na escola — desapareceu. O comerciante de queijo e o talhante — desapareceram. O abastado homem de negócios e a respetiva família da casa com os espessos cortinados cor de vinho — desapareceram. Todas as pessoas do mercado que conhecera através do pai — desapareceram. Em alguns sítios, os cortinados e tudo o mais tinham sido levados por estranhos. O estômago revirou-se-lhe quando viu uma mãe amamentar o filho sentada numa cadeira que não era dela. Uma antiga colega de escola que vivia *ali*, uma rapariga com quem Lien dançava e que vivia *acolá*. E «vivía» significava um ano antes.

Quando tinha de ir buscar algo ao antigo Bairro Judaico, Janny seguia ao longo do rio Amstel e da Waterlooplein. As ruas estavam desertas. A sensação era a de caminhar sobre a planta da cidade, num empedrado varrido e por pisar até onde os olhos podiam ver. Nada lhe evocava o bulício e a azáfama que tornara aquela zona tão bela, uma vida que, com os pais, a irmã e o irmão, tanto soubera apreciar. Naquela versão, com as cortinas corridas, as casas pareciam devolutas e as únicas pessoas que via eram agentes da polícia. O Bairro Judaico fora, completamente, despejado de vida; séculos de um património arrasados.

Um dia, na primavera de 1944, Janny regressava ao Alto Ninho após mais uma jornada passada na moribunda Amesterdão. Antes de dar a volta à casa, foi recebida por vozes de mulheres que se ouviam da porta da cozinha. A descontração foi imediata. Mais adiante, no abrigo do relvado, as crianças brincavam com a casa de bonecas, e das entranhas mais profundas da casa chegavam-lhe as notas do piano. Os rapazes jogavam ao berlinde no terraço. Ao aproximar-se, a mãe acenou-lhe da janela da cozinha. Janny limpou os sapatos e, ao

entrar na cozinha, percebeu que a ambiência da capital não tinha soçobrado. Eles trouxeram um pedacinho de Amesterdão para o Alto Ninho.

De noite, muitíssimos aviões britânicos sobrevoavam aqueles céus. Na manhã seguinte, ligavam o rádio, dizendo à mãe: Escute! As coisas estavam a melhorar na Frente Oriental. O Exército Vermelho ganhava terreno e as forças aliadas chegariam em breve. Não levaria muito.

No seu quarto, Joseph tinha um enorme mapa onde assinalava, depois dos noticiários, a evolução dos acontecimentos na Frente Oriental. Quando, à mesa, uma pessoa afirmava alguma incorreção sobre as manobras militares, corrigia-a citando designações de lugares de que eles nunca tinham ouvido falar antes da guerra: Kursk, Vyazma, Bryansk. No verão anterior, Joseph acompanhara de perto a Batalha de Kursk e cada vitória sobre os soldados fascistas que ele assinalava, por muito insignificante que fosse, fora celebrada pelos residentes como mais um passo em direção à libertação. Como é evidente, também vinham assinalados no mapa os contingentes de soldados aliados enviados para a Sicília, bem como a rendição das tropas alemãs e italianas na Tunísia em maio de 1943. Mas estas não eram mais do que pontuais — literalmente — alfinetadas quando comparadas com as sangrentas batalhas a leste. Passara tanto tempo desde então — e ainda não fora posta em marcha uma segunda frente.

Todas as semanas, a família Brilleslijper tentava imaginar algo que levantasse o moral do grupo, uma noite de música ou uma caça ao tesouro no jardim. Que pudesse evitar a ansiedade, o aborrecimento e, no pior dos cenários, o pânico. Continuavam a criar peças para apresentar no Alto Ninho com as partituras de ópera que Eberhard trouxera emprestadas da biblioteca de Amesterdão. Eberhard estudava-as, Lien cantava e ele fazia as vozes graves e de tenor sempre que necessário. Desta forma apresentaram as suas peças preferidas de Mozart, as óperas *As Bodas de Fígaro* e *A Flauta Mágica*. Também apresentaram *Fidélio* — a única ópera de Beethoven. Contava a história de Leonore, que, disfarçada de carcereiro, de nome Fidélio, libertou o marido, Florestano, de uma masmorra de presos políticos — e o ambiente no Alto Ninho ficou consideravelmente carregado. Os residentes tinham-se reunido na sala de estar, em redor da mesa de jantar, nas confortáveis cadeiras ou de pernas cruzadas no chão. No exterior, estava escuro e a sala era alumiada com algumas velas sobre o piano. Lien cantava acerca da batalha pela justiça e os medos de Florestano na cadeia. Seguia-

se a libertação e o coro dos prisioneiros entoava uma ode à liberdade: «Oh, que alegria, estou livre. Novamente livre para respirar! [...] A esperança murmura-me suavemente ao ouvido! Seremos livres, encontraremos a paz.»

No dia 1 de maio, todos ajudaram a fazer um jantar especial. A *Duende Ruiva* concebeu ementas com elegantes floreados e foram preparadas não menos do que sete iguarias. A comida não foi mais entusiasmante do que o habitual — principalmente batatas, legumes e peixe, além de um pedacinho de carne para cada um —, mas a sua criatividade fez toda a diferença. Serviram *salade de prolétariat*, *viande rouge*, *pouding à la révolution* e, como sobremesa, uma *tarte des plongeurs*.

Com um teto de barrotes de madeira, a sala da frente parecia um restaurante dos mais chiques. A enorme mesa de jantar coberta por louça roubada, copos, velas, ementas e papel higiênico dobrado na forma de flores servindo de guardanapos. Depois do jantar, Eberhard tocou piano, os restantes entoavam ou cantarolavam e, por uma única noite, esqueceram-se do caos que existia fora das paredes de tijolo.

Não pretendiam enganar-se dizendo que o fim de tudo estaria perto; as coisas evoluíam bem na Frente Oriental. Mussolini rendera-se e as forças aliadas movimentavam-se para o sul de Itália. Estaline apelava desde 1941 a uma segunda frente para aliviar a pressão a leste. Não poderia durar mais, estavam seguros.

Os relatos dos campos de concentração já se tinham espalhado por toda a Europa, e se até eles, nos seus esconderijos, sabiam o que se passava havia muito tempo, seguramente o mundo não poderia fingir que não via durante muito mais tempo. Janny e Lien ouviram falar de Auschwitz pela primeira vez em 1942; que inúmeros judeus tinham sido gaseados; na rádio, houve informações sobre fumos de escape e, depois, sobre câmaras de gás. Dezenas de milhares de judeus transportados de Amesterdão para Westerbork, comboio após comboio. Seguiam todas as semanas vagões de carga com mais de mil e quinhentos prisioneiros de Westerbork para Auschwitz. Na Rádio Londres também ouviram falar dos campos de Majdanek, Treblinka e noutras localidades polacas. No outono anterior, já tinham calculado que pelo menos setenta mil judeus neerlandeses haviam sido deportados no espaço de um ano. Aquilo ficava para lá de qualquer entendimento. Todas aquelas casas abandonadas, escolas e lojas vazias. Toda aquela gente enfiada em comboios; uma viagem que, segundo os seus cálculos, durara pelo menos um ou dois dias. Em vagões de carga! Tentavam convencer-se entre si de que a maioria dos deportados acabava em fábricas de armamento. Apegavam-se à

ideia de que seria impossível matar tanta gente em tão pouco tempo.

Embora nunca o referissem, os residentes do Alto Ninho sabiam que, por cada dia que estivessem a salvo, enfrentavam um maior perigo. Bert Bochove mantinha-os informados sobre as descobertas de esconderijos na região. Aparentemente, estava menos *judenrein* do que inicialmente se supôs; foram descobertos abrigos em Naarden, Bussum, Laren, Blaricum, Huizen e Hilversum. Os judeus eram deportados para Westerbork e os não judeus para campos em Vught ou Amersfoort.

Assim, na primavera de 1944, o Alto Ninho era uma panela de pressão, com demasiadas pessoas e muito tensas que tentavam encontrar escapes. Jaap depressa encontrou o seu: pôs-se a escavar um túnel entre as fundações da casa e o jardim. No compartimento dos arrumos do piso térreo, nas traseiras da casa, perto do local em que o jardim se funde no bosque, criou um alçapão no espesso chão de madeira — as frechas não eram visíveis e ficariam tapadas com um tapete. Tratava-se da divisão de Lien, Eberhard e Kathinka, onde dormiam e tomavam o pequeno-almoço na privacidade do seu pequeno agregado.

Quando saíam do quarto, Jaap começava a trabalhar, dia após dia. Para avançar mais depressa, pediu a dois rapazes que ali se escondiam para o ajudarem. Escavavam a areia por baixo da casa, transportando-a para a azinhaga em baldes, um a um. Aqui, tinham de voltar a espalhá-la para evitarem atrair suspeitas. Foi um trabalho duro e extenuante, e os progressos lentos, mas Janny sabia que Jaap não o interromperia até conseguir mostrar-lhe, orgulhoso, o seu término.

«Janny, isto não pode continuar.»

Janny caminhava pelas dunas ao lado de Frits Reuter. A brisa que varria a azinhaga assemelhava-se a uma onda púrpura dirigindo-se para o horizonte. Subiram mais um pouco, o bafo quente e a areia solta de encontro às pernas. Pararam no cimo de uma duna. Janny sentiu-se observada. Ele esperava uma resposta. Exausta, afastou uma mecha de cabelo do rosto.

«Eu sei.»

Desceram com os calcanhares enterrados na areia e Janny sabia que Frits queria ouvir o seu plano. Só que ela não tinha nenhum. Tanta gente na casa, todos aqueles rostos, cada qual com a sua história, tantos olhos esperançosos em cima dela quando regressava a casa: está prestes a acabar, não é assim?

A quem pediria para sair? Imaginou-os, um por um; a pequena *Duende Ruiva* e o seu avental, as suas graças. Jetty e o seu sorriso

traquina que fazia girar a cabeça de todos os rapazes. Os queridos anciãos Bram e Loes, sempre juntos — recordou o olhar atônito de Bram quando os soldados entraram pela cozinha. Pensou nos amigos tombados: Gerrit, Mik e todos os outros cujo destino desconhecia. Quando Frits chegou, disse-lhes que também tinham perdido Janrik van Gilse. No dia 28 de março, seis meses após Mik, o seu irmão mais novo, ter sido atingido, fora morto pela *Sicherheitspolizei*.

Aconteceu tanta coisa em tão curto espaço de tempo. Por vezes, Janny pensava que todos se encontrariam depois da guerra, beberiam café junto ao canal falando do futuro. Só queria poder continuar a receber quem precisasse, todos os judeus ainda não deportados, todas as pessoas da resistência que ainda não tivessem sido executadas, e todos viveriam juntos naquele sítio do bosque.

Encaminhavam-se para o lago e Frits impacientava-se: «Como farás isso?»

Janny suspirou.

«Estou a pensar, Frits. Já enviámos duas pessoas para outro lugar. Vou perguntando aqui à volta para os outros. Ao Bert e à Annie em Huizen, à Grietje em Blaricum, ao meu contacto em Laren. Amesterdão deixou de ser opção, mas há casas vagas mais abaixo, no bosque. O anfitrião do Karel Poon pode saber de um local para uma ou, talvez, duas pessoas.»

Ela olha para o lado. Frits não pareceu impressionar-se.

«O assunto será resolvido», disse Janny. «Sei que temos de fazê-lo, estou a fazer o melhor que posso.»

Ouviram-se risos além da última colina que os separava da água. Lien, Eberhard e Bob tinham levado as crianças ao lago e eles haviam seguido na direção da floresta para os apanhar. Cor Snel, a namorada de Frits, também ali estava. Chegados ao cimo da colina, viram-na acenar entusiasticamente, com o Sol refletido no cabelo louro. «Venham!», dizia com gestos, movimentando os lábios como um peixe. Janny riu-se e desceu a duna a correr.

*

Quase tinham perdido a esperança quando, de súbito, chegou — 6 de junho de 1944. O Dia-D. A segunda frente por que tanto esperaram em desespero. A Rádio Londres emitiu os dois primeiros versos de *Cantiga de Outono*, poema de Paul Verlaine — uma enigmática mensagem a anunciar que a invasão estaria próxima.

*Des violins
De l'automne
Blessent mon coeur
D'une langueur
Monotone*

Os longos lamentos
Dos violinos
Do outono
Ferem o meu coração
Com uma languidez
Monótona

E foi assim; ingleses e norte-americanos desembarcaram na costa da Normandia. Com um mau tempo pavoroso, vagas de encontro aos íngremes penhascos, navios de aço robusto desceram as rampas de desembarque e milhares de soldados irromperam pelas ondas com a retaguarda coberta por disparos de navios de guerra. Os bombardeamentos abriam crateras na areia para que as tropas da linha da frente tivessem pontos de abrigo, embora a visibilidade fosse deficiente; milhares de projéteis falharam os alvos, acabando por acertar na água. Os jovens soldados tiveram de percorrer cerca de quinhentos metros de areia sem proteção. Enjoados com a viagem por mar e encharcados com o desembarque. A areia solta entranhava-se-lhes nas botas de combate e as mochilas pesavam-lhes extraordinariamente nas costas. Ao longo de cerca de meio quilómetro, eram alvos reais para os tanques germânicos.

Da perspetiva alemã, a água estava pejada de navios aliados. Vista dos ares, contudo, depressa a praia ficou colorida de vermelho-sangue. Horas depois, com o avanço do mar e as vagas reconquistando, aos poucos, o areal, a areia regressava ao seu tom amarelado. Verificaram-se enormes perdas, mas os Aliados obrigaram os alemães a recuar e marcharam na direção de Paris.

Por toda a Europa, todos os que se encontravam escondidos pensaram o mesmo: a libertação seria não mais do que uma questão de tempo.

Quando as notícias do desembarque chegaram ao Alto Ninho pelo rádio, o cinto que sentiam apertar-lhes a cintura pareceu rebentar. Pela primeira vez em meses, os residentes sentiram-se novamente livres para respirar. Regozijaram-se e abraçaram-se, ficaram petrificados ou explodiram em lágrimas. Lien agarrou no braço da irmã para dançarem de alegria, mas após alguns passos Janny já rodopiava livre. Dirigiu-se à garrafeira a um dos cantos da sala da

frente, pegou numa faca da mesa de refeições e escancarou-lhe as portas de madeira. Estava recheada de garrafas de vinho tinto caro com rótulos amarelos e letras elegantes; tirou quatro, pô-las em cima da mesa e pediu a Jaap que trouxesse copos da cozinha. Joseph e Fietje trocaram um olhar, encolheram os ombros e verteram o líquido. Brindaram com pouca discrição — «*Mazze//tov!*» —, sentindo o odor do vinho até se sentirem zonzos e bebericando pequenos goles, saboreando o vinho na boca. O álcool subia-lhes às cabeças e dava cor aos rostos, embora se mantivessem colados ao rádio.

Enquanto os outros bebiam e escutavam as notícias, Janny deixou na garrafeira um bilhete para as irmãs Jansen. Depois da guerra, substituiriam as garrafas em falta. Mais tarde, viria a lamentar não ter acabado com toda a reserva naquele dia.

O vaso chinês

Bob e Janny levantaram-se cedo. Toda a casa ainda posta em sossego, ouvindo-se sussurros em alguns quartos. Sentaram-se em silêncio na cozinha a beber uma chávena de café e a comer uma côdea de pão. O frio da noite atardava-se nas pesadas paredes de tijolo, mas quando Janny abriu a porta sentiu na pele o ar abafado. Mais um dia quente. Despediram-se com um beijo; Bob saía para o escritório e ela tinha um compromisso importante em Amesterdão.

Robbie acompanhava-a, saltitando contente a seu lado; nos controlos policiais, as crianças ofereciam uma certa proteção. Apanharam o comboio de Naarden-Bussum para Amesterdão, onde, antes de tudo, passaram pelo registo para recolher alguns cartões de identidade. O seu contacto solicitara cartões novos, verdadeiros, em nome de pessoas que tinham morrido — estas mortes teriam de ser registadas após a guerra. Era tão difícil falsificar cartões de identidade, que esta era a maneira mais segura.

Com os cartões resguardados no sutiã, prosseguiu o caminho por Amesterdão até à Roelof Hartplein, onde arranjou maneira de se encontrar com a amiga Trees Lemaire, que ainda trabalhava no Centro dos Cartões de Identidade. Recebia os documentos de Janny para os fazer seguir para a clandestinidade.

De pé, Janny esperava naquela praça para onde confluíam as Roelof Hartstraat, J. M. Coenenstraat e Van Baerlestraat segurando a mão de Robbie. Tinha uma boa perspetiva sobre todas estas artérias, mas não via Trees. Robbie impacientava-se, choramingava e puxava-lhe a saia. Janny começava a enervar-se. A amiga nunca se atrasava. Ninguém se atrasava, não poderiam dar-se a esse luxo.

Os segundos arrastavam-se, mas nada. Não se via mais ninguém na praça — sentiu-se desprotegida. O Sol subia lentamente para o zénite sobre a cidade e, debaixo daquela capa quente, ela começava a ceder. Os cartões de identidade queimavam-lhe o peito. Varreu com o olhar uma das ruas. Um edifício imponente assinalava uma esquina com inúmeras janelas que a observavam do alto. Começou a andar de um lado para o outro.

Recordou o dia que se seguiu à busca em Haia, quando um

rapaz lhe pediu as chaves da gráfica e combinou o encontro com ele junto à estátua de Guilherme III, em Noordeinde. Os *Krauts* estavam à coca atrás de cada coluna.

Robbie berrava. Os gritos ecoavam pela praça e espalhavam-se pelas três ruas. Janny resistiu à vontade de lhe tapar a boca com a mão, e em vez disso tenta acalmá-lo: «Já vamos outra vez para o comboio, vais gostar.» Olhou por cima da cabeça dele, observando a envolvente. Havia passado pelo menos dez minutos. Sentia que algo correria mal. Puxou pela mão de Robbie e saiu da praça em passo acelerado, na direção de Concertgebouw.

Acelerou até que Robbie, bem apertado pela mão, parasse de protestar, concentrado em acompanhar o passo da mãe sem tropeçar, agarrado ao seu desgastado colchete. Janny já sentia a respiração da *Sicherheitspolizei* no pescoço, uma mão a tocar-lhe no ombro. Imaginava automóveis vindos de todas as ruas, sirenes, cercando-a; seguiu sem olhar para trás, o peito oscilando em sincronia com o bater dos seus passos.

Um elétrico parado — subiram. Estação Central. Percorreu o vestíbulo da gare com um Robbie mudo e que arrastava os pés. Sabia da existência de esbirros por toda a parte. Teria de agir com normalidade, com calma, ou um boche mais moralista poderia prendê-la por abuso infantil. Deteve-se, ajoelhou-se e envolveu o rosto de Robbie com as mãos. «Está tudo bem, não está?» Deu-lhe um beijo, levantou-se, olhou em redor e seguiu recomposta para a plataforma, onde o comboio para Naarden estava prestes a partir.

A paisagem rural desfilava no exterior e Robbie segurava nas mãos o volante de um automóvel imaginário com as pernas penduradas no banco, longe do chão. O coração de Janny ainda batia descompassado e os documentos suados junto ao peito escorregavam-lhe. Escutava a cadência lenta do comboio, tentando acompanhá-la com a respiração. Trees teria sido apanhada? Se a interrogassem, falaria? Diria tudo, falaria do Alto Ninho? Não, Janny recusava-se a acreditar. Trees preferiria morrer. Porém, havia outros, que... Um aperto no estômago, como um punho fechado, bloqueou-lhe a respiração logo abaixo do diafragma.

Estação de Weesp, descer, ainda havia compras para fazer.

Robbie saltitava a seu lado de mão dada; parecia ter-se esquecido de tudo. A caminho do lavrador para trazer uma saca grande de trigo. Seria transformado em farinha para pão com ajuda do moinho de café. Ainda era cedo, mas quando regressou à estação de Weesp com dois pesados sacos, Janny já sentia as solas dos pés a arder.

Mais alguns minutos de comboio até Naarden. As carruagens estavam quase desertas; o comboio ganhava velocidade e a sua respiração regressava ao normal. Ninguém os seguira e os anteriores pensamentos obscuros eram substituídos por cenários alternativos. Trees simplesmente adormecera. Ou tinham-lhe transmitido a hora errada. Ou talvez o local. Também já lhe sucedera. Entregaria os documentos de outra forma. Encostou a cabeça ao assento e suspirou.

Quando chegaram à estação de Naarden-Bussum, a pequena composição a vapor estava mesmo a partir. Robbie correu à frente, Janny ficou para trás dado o peso que carregava. Conseguiram apanhá-lo — com uma ponta de sorte. Em certas ocasiões, iam a pé para casa azinhaga fora, mas naquele dia não, com todas aquelas compras.

Aparearam-se na Ericaweg, caminharam mais dez minutos ao longo do percurso não pavimentado e apertado entre a natureza até desembocar no Alto Ninho, mesmo após os limites do bosque. O peso dos embrulhos cansava-lhe os braços; quase os arrastava. Avançava alguns passos e tinha de parar para descansar. O Sol ia alto, as urzes sugavam as últimas gotas de água do solo, mas as extremidades já estavam ressequidas e ressoavam como erva seca.

Quase a chegar. Janny foi percorrida por uma sensação de alívio, largou os embrulhos e secou a testa. Robbie corria à frente, parou e virou-se à espera da mãe.

«Vai lá», pediu-lhe Janny, «e pergunta se alguém me pode vir ajudar. Eu espero aqui.»

E lá foi ele. A mãe sorriu ao vê-lo correr como se não houvesse amanhã. O petiz saiu da azinhaga e desapareceu-lhe da vista no bosque.

Janny deixou-se cair para cima da saca de trigo enquanto esperava. Demorou muito. Demasiado. Mais cinco minutos. Guardou os sacos atrás de uns jovens carvalhos e uma muralha de arbustos que espreitavam por entre os seus troncos delgados, tirou os cartões de identidade do sutiã e escondeu-os por baixo das mercearias. Viu, então, que as mãos lhe tremiam descontroladamente.

Avançou pela azinhaga a passo largo, começou a correr, os torrões soltos de terra atrapalhavam-na, torceu um tornozelo, mas prosseguiu. O cansaço desaparecera. Não havia sinal de Robbie. O ruído quebradiço dos pés na serventia das conchas, a casa surgindo de entre o arvoredor. O olhar disparou para as portadas da janela do primeiro andar, do lado direito, por cima da designação da casa. O enorme vaso chinês desaparecera. Os joelhos cederam-lhe e as mãos

tentaram agarrar um apoio que não estava ali. Foi atravessada por um pensamento: se, *naquele instante*, voltasse atrás e corresse para o bosque, teria alguma hipótese.

Liselotte. Robbie.

Abriu o portão em câmara lenta e seguiu pelo caminho que levava às traseiras, onde ficava a porta principal. Sob os pés, o chão mexia-se parecendo de borracha; dá passos largos, mas mal conseguia avançar. Só agora se apercebe do silêncio. Todas as portas e janelas estavam fechadas. Ninguém no jardim, nada de música, ninguém a dar ao serrote na casinha do jardim. Muito menos o cântico ensurdecedor da passarada. A casa, imóvel, continuava no topo da colina, mas desprovida de toda a vida.

Ali estava ela, diante da porta principal pintada de vermelho-sangue com um postigo quadrangular e um singelo gradeamento branco. Olhou uma vez mais para trás, perscrutando o céu brilhante e azul. O milhafre não andava por ali. Tocou à campainha.

A porta abriu-se; surgiu na soleira um homem de cabeça rapada e olhos fulminantes. Era Eddy Moesbergen, um dos caçadores de judeus mais bem-sucedido da Coluna Henneicke. Este grupo fora dissolvido em outubro de 1943, assim que Amesterdão foi declarada *judenrein*, e Moesbergen juntara-se à polícia da capital, que, por sua vez, trabalhava para o SD. Moesbergen prosseguira a caçada por sua própria conta com o fito na dupla compensação de quinze florins por judeu.

Uma das suas informadoras era a gerente de uma pensão de Amesterdão que certa vez detivera por esconder judeus. Quando foi libertada, Moesbergen ameaçou enviá-la para um dos campos a menos que lhe fornecesse informações. No dia anterior, 9 de julho, a desesperada senhora entregara-lhe um bilhete amassado onde se podia ler «Bos, casa Alto Ninho, Driftweg, 2, Naarden». Recebera o endereço em setembro de 1943 numa esplanada de Amesterdão. Passara-lho um resistente judeu anónimo enquanto possível refúgio para quem dele precisasse, embora nunca o tivesse utilizado.

Moesbergen guardara o bilhete e, naquela manhã, viajou para Huizen com dois colegas: Harm Krikke e Eillem Punt, ambos do SD. Na esquadra da zona pediram que dois agentes à paisana os acompanhassem e puseram-se a caminho para ver o que se passaria. Para seu espanto, Moesbergen descobriu um enorme grupo de judeus escondidos numa remota casa de campo. Nisto, aparecia-lhe mais uma à porta.

Janny olhou fixamente o rosto de Moesbergen. Num repente, viu

Robbie atrás dele, no vestíbulo, com uma expressão de terror. Antes que pudesse proferir o nome do filho, o homem agarrou-a por um braço e puxou-a para dentro com brusquidão, gritando-lhe perto da cara: «Quem és tu?»

Perplexa, Janny lançou-lhe: «E se me disseses primeiro quem és tu?»

De mão aberta, o homem bateu-lhe — várias vezes — no rosto.

Robbie gritava: «Mãe! Mãe!»

Janny cambaleou, as paredes em rodopio, mas conseguiu manter-se de pé. Moesbergen arrastou-a para a sala da frente; Robbie agarrou-se a uma das suas pernas quando a mãe passou. A porta abriu-se; estavam todos sentados no chão de madeira. Ao verem Janny e Robbie, arquejaram. Eles não! Tiveram esperança de que o truque do vaso funcionasse.

Estavam todos ali. Lien, Eberhard e Kathinka. Jaap. *Duende Ruiva* — graças a Deus — com Liselotte ao colo. Jetty. Simon. Loes e Bram, este com uma longa marca vermelha no pescoço. Não, não estavam. Janny contou-os à pressa. Faltavam quatro: o pai, a mãe, Rita e Willi.

Ao ver uma das faces da irmã mais nova vermelha por causa das bofetadas, Lien levou a mão à boca com um soluço audível. Eberhard puxou-a mais para si. Bram Teixeira de Mattos observava Janny atenta e longamente, abanando a cabeça com discrição. Ela leu-lhe os lábios: «Não tens culpa.» Outro homem acertou-lhe e ele tombou para o lado.

«Sem conversa!»

Janny também foi atirada ao chão e Robbie correu para se aninhar na mãe. Ela sentou-se, cruzou as pernas, lançou um aceno tranquilizador a Liselotte e a *Duende Ruiva*, que olhava para Janny com os seus grandes olhos, o lábio inferior a tremelicar e os braços muito apertados em volta da criança.

Ouviam-se pesados passos por toda a casa; na escada e nos quartos, enquanto a polícia virava tudo do avesso com brutalidade. Os candeeiros por cima da mesa de jantar abanavam. Todos observavam silenciosos, e depois desviavam rapidamente o olhar. Um dos homens do SD, o inspetor Punt de Amesterdão, recebera ordens para os vigiar e, depois da forte pancada na cabeça de Bram, ninguém quis provocá-lo.

Pelo passa-pratos da cozinha ouviam Moesbergen e outro colega a devorarem-lhes as provisões. Gritavam para os agentes no andar de cima, atiravam-lhes algo para comer, mastigavam ruidosamente, riam e prosseguiram a busca. Exclamavam ameaças obscenas para que

quem estivesse, eventualmente, escondido saísse do seu esconderijo. Janny fechou os olhos e pensou no pai e na mãe, estendidos dentro do alçapão, ignorando o que se passaria e os que já teriam sido apanhados. Passou as pontas dos dedos pelo rosto, que inchava devagar.

Sentada no chão procurando manter a calma, escutava o estrondo dos homens e repetia os seus nomes como um mantra:

Moesbergen
Krikke
Punt
Hiemstra
Boellaard

Ter-se-ão alguma vez acreditado intocáveis? Que a pequena colina do Alto Ninho teria uma atmosfera própria, indetetável durante as investidas e sempre negligenciada pelas autoridades? Não, não viviam num mundo de fantasia. Estiveram sempre vigilantes e muito conscientes dos riscos das suas atividades; tinham instalado um alerta com o interruptor de emergência e os alçapões poucos dias antes.

Todos lhes haviam dito que era uma insanidade; judeus a gerir um esconderijo para judeus. Bert e Annie Bochove, da aldeia. Mik, sempre que falavam com ele. Frits e Cor, Jan e Aleid, Karel Poons e tantos outros. Porém, para Janny e Lien sempre estivera fora de questão: não sobreviveriam apenas com a família, ajudariam também tantos quantos lhes fosse possível. Fizeram aquilo que tinha de ser feito, aquilo que *puderam* fazer.

Assoberbados com as pessoas que procuravam abrigo, resistentes de passagem, haviam tomado, de facto, medidas de segurança. Algumas pessoas tinham saído para outros locais, deixaram de aceitar desconhecidos e criaram um protocolo para os contactos da clandestinidade de visita à casa. Tinham um alarme secreto, esconderijos para todos os residentes, um túnel, uma rede de informadores nas autoridades. E o vaso em frente da janela, na fachada, era sinal suficiente para avisar, a alguma distância, de que algo não estaria bem. Mas não se conseguiam armar contra a traição.

Lien, Eberhard e Kathinka tinham acabado de tomar o pequeno-almoço no quarto, no piso inferior, do lado do bosque, quando de súbito escutaram grande algazarra no exterior. Ainda não eram nove horas — Bob e Janny já tinham saído, mas todos os outros ainda estavam a acordar; a maior parte ainda nos respetivos quartos, a aproveitar alguma calma e tranquilidade antes de mergulhar na azáfama do dia. Lien e Eberhard estacaram, olharam um para o outro

e, pelo canto do olho, viram um cenário que tantas vezes os sobressaltara durante o sono; desconhecidos a deambularem no terreno.

Eberhard pôs-se em ação. Enrolou o tapete, abriu o alçapão e enfiou por ali abaixo o baú com tudo o que fosse comprometedor: jornais clandestinos, letras de canções ídiche, panfletos da resistência, os livros sobre a cultura judaica que Lien estudara com Leo Fuks e tudo o resto. Kathinka observava com cara de espanto e Lien sussurrou-lhe: «Não digas a ninguém, querida!» Alçapão fechado, tapete por cima, com as mesas e as cadeiras.

Pancadas na porta da frente.

«Abram!»

Eberhard apertou a mão de Lien e abriu a porta do quarto, que dava para o vestíbulo. Dirigiu-se à porta da frente, acionou o interruptor de emergência, pedindo por tudo que todos estivessem acordados no andar de cima e fizessem de acordo com o que tanto haviam ensaiado. Como as batidas e os gritos persistiam, fingiu atrapalhar-se com a fechadura para ganhar tempo. Quando abriu a porta, entrou-lhe pela casa dentro um homem furioso e selvagem como um touro.

«*Sicherheitsdienst!*»

Um segundo homem seguiu-lhe os passos e, atrás deste, Eberhard reparou noutros três no jardim a observar atentamente em redor. Assustou-se com as indumentárias civis; por alguma razão, considerava que os homens de uniforme eram menos ameaçadores, como se as suas funções lhes fossem impostas e que, nalgum entretanto, as pusessem novamente de lado. Os homens falavam neerlandês.

«Onde estão eles?», gritou o líder em cima do rosto de Eberhard. As palavras foram acompanhadas de uma chuva de perdigotos.

Eberhard mostrou-se surpreendido. Lien tentava manter alguma discrição, comprimindo as costas contra a parede do vestíbulo, mantendo Kathinka junto a si para que a pequena não assistisse àquela cena.

«Quem?», perguntou Eberhard.

«Siga para a sala da frente!»

O homem recuou até à porta da frente, inclinou-se para fora e fez um sinal para que os homens de vigia se aproximassem. No vestíbulo, todos receberam instruções.

«Punt, vigia aqueles três. Hiemstra, vem comigo.»

Subiu a escada. Hiemstra, um homem de fraca figura, olhos frios e pele pálida e escamada, correu atrás dele com passadas largas. O

agente do SD que entrara antes ficou a fazer buscas no piso térreo.

Eberhard, Lien e Kathinka estavam sentados na sala da frente, com o inspetor Punt de olho neles, aguardando ansiosos o que os homens descobririam no andar de cima. *Duende Ruiva* e Liselotte foram as primeiras a ser arrastadas até à sala. A pequena estava com febre e aninhou-se no colo da primeira como um gatinho. Os homens prosseguiram as buscas.

«Lá fora, eu poderia jurar ter visto um rapazinho à janela», escutaram de alguém no piso superior através do teto de madeira.

Lien susteve a respiração — teria sido Willi. Quando viu as luzes de alerta, terá espreitado para o exterior para ver o que se passaria. Tinham pedido a toda a gente para nunca o fazerem. O alerta significava: escondam-se *já*!

De vez em quando, Moesbergen descia para lhes gritar. Tirou-os da sala, um a um, com ameaças para falarem — mas eles mantiveram o silêncio. Até então, os homens não tinham descoberto mais ninguém. Lien estava satisfeita por, pelo menos, Bob, Janny e Robbie não estarem em casa e lembrou-se do sinal combinado. O vaso chinês em frente da janela, no primeiro andar, teria de desaparecer! Desconhecia os compromissos de Janny para aquele dia, tinham combinado nunca trocar este tipo de informações, nem a que hora estaria de regresso. Talvez já viesse a caminho.

Quando Punt deixou a sala por um breve instante, ela sussurrou ao ouvido de Kathinka: «Corre escada acima até ao quarto grande da frente. Eu vou atrás de ti. Agora!»

Deu um empurrão à filha e Kathinka correu para o vestíbulo, subiu os degraus e entrou no enorme quarto com a mãe no seu encalce. Os agentes do SD começaram a gritar, para elas e entre si. Lien fingiu lançar-se sobre a filha e, com o braço, empurrou o vaso do parapeito da janela. O barulho estridente da porcelana a quebrar-se foi abafado por um rugido de Moesbergen para os seus homens. Kathinka não compreendeu o que se passara — e explodiu em lágrimas quando Lien a puxou para os seus braços.

O agente Hiemstra levou-as para baixo, devolvendo-as a um atropelado Punt. Ao tranquilizar Kathinka, Lien exibiu a Eberhard um olhar triunfante. O vaso desaparecera.

«É a vossa derradeira oportunidade: onde estão os outros?»

Lien olhava para Moesbergen — uma veia saltava-lhe do pescoço, de cima a baixo. E outra ao longo da testa. Inclinou-se sobre Lien.

«Eu sei que há mais gente escondida. Onde estão?»

Lien ficou pálida de medo. Teriam estado a observá-los? Terão

sabido sempre da presença deles? Nesse caso, estariam perdidos. Um dos contactos na resistência teria sido detido e falado. Ou um dos antigos residentes, talvez. Uma pessoa dificilmente suporta a tortura; sabiam-no e compreendiam. Mas, que diabo, quem teria sido?

«Não faço ideia do que fala», respondeu com calma.

Eberhard e *Duende Ruiva* nada diziam, mas quando Moesbergen levou Kathinka da sala, entraram em pânico. Cinco minutos depois, a pequena regressou e afirmou orgulhosa: «Ele disse que me dava um chocolate, mas disse que não queria. Não disse nada, mamã, só lhe disse que é um senhor muito mau.» Lien apertou a filha com força contra o peito.

Mais de uma hora depois, ouviram passos cambaleando na escada. A porta escancarou-se e Bram e Loes Teixeira de Mattos eram atirados para o meio da sala, cabisbaixos e de olhos no chão. Moesbergen contemplou brevemente o grupo reunido no chão à sua frente; depois, ordenou que Bram se levantasse e o acompanhasse. O velho homem ergueu-se com dificuldade e seguiu-o até ao vestíbulo. A porta fechou-se, mas conseguia escutar todas as palavras.

«Então, és judeu?», berrou Moesbergen como se falasse para uma multidão.

«Não, senhor», ouviram Bram responder com a voz suave abafada pelas paredes grossas. Loes, chorosa, baixou a cabeça e chorou, cobrindo o rosto com as mãos.

«Temos aqui um judeu que nem sequer sabe que é judeu!»

Risos. Ouviram-se alguns encontrões do vestíbulo, ruídos tenebrosos, móveis arrastados, pancada com certeza. Todos com os olhos na porta e os rostos arrasados de medo.

«E agora, ainda não és judeu? Terei de fazer de ti um judeu?»

Na sala da frente, o grupo encolhia-se a cada palavra.

A porta abriu-se. Bram entrou a cambalear com as mãos no pescoço, os olhos vermelhos de sangue, a respirar pesadamente. Sentou-se com dificuldade no chão ao lado de Loes, que se encostou ao marido, mas este recuou com os olhos no pavimento, ofegante, com a boca muito aberta. Depois, apenas silêncio.

Uma hora depois: Jaap, Jetty e Simon.

«Vejam!», disse Moesbergen com um sorriso e um gesto dramático, empurrando-os para a sala. «Encontrámos mais um lote. Vai tudo preso. Todos!»

Tinham demolido os painéis das paredes, os pavimentos de madeira e descoberto os esconderijos.

Por volta das duas da tarde, o golpe fatal: Janny e o pequeno Rob. O vaso partido não os defendera daquele destino.

Já estavam na sala da frente havia algum tempo e os restantes pareciam difíceis de encontrar. Janny começava a pensar com clareza. O pânico inicial desvanecera-se e sentia-se possuída por uma fria serenidade. Haveria coisas prementes a fazer. Bob teria de ser avisado no trabalho. Quem ainda não fora descoberto teria de continuar nos seus esconderijos. As crianças teriam de sair dali. Leu a expressão de Lien e soube que ela pensava exatamente o mesmo. Foram conseguindo adiá-lo, mas chegara a altura: tinham de separar-se dos filhos.

«Senhor», disse Janny a Punt com a tranquilidade possível, «a minha filha tem febre.» Apontou para Liselotte, aninhada em *Duende Ruiva*, com as faces rosadas e olhos de sono, como um pequeno palhaço. Aquele encolheu os ombros e observou-a com ar interrogativo.

«Tem de ir ao médico. Na prisão, não sobreviverá.»

Punt desviou os olhos para fora da janela. Não queria saber.

Janny olhou para Lien e acenou com a cabeça.

«Não te assustes», disse Lien ao ouvido de Kathinka, e começou a guinchar como um porco.

Kathinka saltou do colo da mãe, que caiu para trás de braços muito afastados, a cabeça oscilando para um lado e para o outro, sem parar de gritar.

Todos ficaram em choque, incluindo Punt, que parecia ter visto um fantasma. Queria atacar, mas não sabia por quem começar.

«As crianças não! As crianças não!»

Lien gritava, chorava. Fingia estar a ter um ataque, mas o seu desespero era real. Cuspiu, babou-se, rolou pelo chão. Punt teve de dar um salto para o lado e ordenou-lhe que parasse, mas Lien foi mais longe.

«Leve-me! Mas as crianças não! Por favor, as crianças não!»

Os olhos de Janny encheram-se de lágrimas. Os outros observavam — viram que era um ardil, mas também entenderam o que estava em jogo.

«Pára com isso, mulher! E para onde deverão ir as crianças? Pára!» Punt olhou para a porta receando que Moesbergen entrasse e visse que não tinha conseguido, uma vez mais, lidar com a situação.

«Podem ir ao médico», disse Janny, calmamente, de um dos cantos da sala.

Punt virou-se. «O quê?»

«Aqui perto, há um médico de clínica geral. Estou certa de que poderá ver a pequena. Por favor. Vou ligar-lhe.»

Lien continuava a gemer como um animal ferido e a dizer «as

crianças não». Punt receava que ela tivesse mais um ataque a todo momento. Esboçou um ligeiro aceno para Janny, mas depois Moesbergen entrou.

Deu ordens a Punt para levar o grupo, exceto o casal mais velho, Teixeira de Mattos, para a esquadra de Huizen. Ninguém compreendeu por que razão Bram e Loes não iriam — talvez pela dificuldade em andar, talvez por os agentes pensarem poder sacar mais informação daquelas pessoas frágeis. Os dois agentes da polícia local que acompanharam os homens do SD naquele dia, Hiemstra e Boellaard, serviriam de escolta a Punt.

«Vão. Já!»

Os três homens empurraram-nos para o exterior e perfilaram-nos em frente ao Alto Ninho. Era evidente que a descoberta fora uma completa surpresa; nada havia sido previsto — transporte, reforços, planeamento.

O grupo seguiu a pé até Huizen. Lien e Janny continuaram a fazer a cabeça de Punt pelo caminho; as crianças eram meio-judias — leve-as ao médico, nós vamos consigo. Quando se descobrir que estamos a mentir, pode sempre levá-las depois. O médico mora a seguir à esquina, estamos quase lá, veja, é a casa dele. Vá lá, por favor.

Punt cedeu. Enviou um dos agentes com os restantes detidos para a esquadra, pedindo ao outro que o escoltasse até ao médico. Viraram para a Nieuwe Bussummerweg, onde vivia o doutor Van den Berg, e tocaram à campainha.

O médico abriu a porta e ficou chocado ao ver as duas mulheres, brancas como a cal, à sua porta. As senhoras Brandes e Bos com os três filhos bem seguros pela mão; ajudara-as antes, sabia que eram ambas judias e tinham pessoas escondidas no Alto Ninho. Vinham dois homens com elas. Punt apresentou-se como sendo agente do SD; o colega era da polícia de Huizen. Poderiam entrar? Antes que o médico respondesse, os homens já estavam no interior.

Daqui para a frente, tudo se passou muito depressa. O médico e a esposa estavam dispostos a ficar com as crianças, por enquanto. Punt ordena que as crianças estejam sempre ao dispor do SD: uma pesquisa provisória revelara que as duas mães tinham contraído matrimónio com arianos, o que sugeria que os pequenos não seriam completamente judeus. Caso se viesse a confirmar o contrário, seriam recolhidos e deportados.

Robbie tinha quase cinco anos. Compreendeu logo ali o que estava para acontecer. Desviou os olhos daqueles estranhos homens até à mãe, os seus dedinhos apertavam-lhe a carne e estava prestes

a chorar. Janny ajoelhou-se e pôs-lhe as mãos em torno do rosto. Encostou o nariz ao dele, fitou-o bem nos olhos, murmurando: «Não tenhas medo. Eu volto, prometo-te. O papá virá buscar-te e tu dizes-lhe que eu virei ter convosco. Está bem?»

Tinha os olhos muito abertos e o corpo tremia-lhe, mas Robbie acenou devagar que sim, permitindo que a mãe lhe deixasse um último beijo nos lábios molhados. Janny afastou-o suavemente e o polícia levou-o. Depois, pegou em Liselotte, ainda muito corada da febre e Lien fez o mesmo com Kathinka. As duas meninas tinham quase três anos e choramingavam, ignorando o que se passava, se bem que deveras conscientes de que algo terrível estaria para suceder.

«Portem-se bem, mantenham a calma, tudo ficará bem», sussurrou Lien junto aos cabelos de Kathinka.

Janny pressionou Liselotte contra o peito uma vez mais e, depois, o médico levou as três crianças para a sala de estar.

Quando a porta se fechou atrás deles, havia um sossego de morte. Janny e Lien desceram o caminho até à rua e olharam para trás mais uma vez. Os três pequenos estavam à janela — sem acenar.

Um empurrão nas costas e seguiram.

A bala

Com efeito, o SD não esperava uma captura tão numerosa; já quase não havia judeus no país. Um ou dois judeus, terão pensado, mas encontraram, nada mais, nada menos do que oito — não incluindo as crianças: Janny, Lien, Jaap, Bram, Loes, Jetty, Simon e *Duende Ruiva*. E o desertor alemão, o traidor. Nem Moesbergen fizera, muitas vezes, uma descoberta tão substancial.

Todos ficaram detidos na esquadra de Huizen, à exceção de Bram e Loes. Punt regressou ao Alto Ninho por breves momentos para ajudar os colegas Moesbergen e Krikke, que ali ficaram para prosseguir a busca. Estavam convictos de que mais pessoas estariam escondidas na casa do bosque, em engenhosos compartimentos secretos. Arrancaram pavimentos e painéis de parede, levantaram tapetes e gritaram injúrias tentando expulsar mais alguém dos abrigos, batendo com martelos nas paredes.

No entanto, tudo continuava num sossego lúgubre, as pedras do Alto Ninho não queriam falar. Os homens ameaçaram cravar a casa de balas, fingiram desistir, fecharam a porta da frente, voltando sorrateiramente para o interior, mas nada. Ficaram furiosos. *Teria* de haver mais alguém. Tinham contado os colchões dos quartos e as escovas de dentes nos lavatórios.

Entretanto, o grupo de nove elementos teria de ser levado para a sede do SD, em Amesterdão, para interrogatório. Mas como? Não se tendo precavido, não havia camionetas da polícia disponíveis em Naarden ou em Huizen. Os agentes do SD fizeram algumas chamadas procurando alugar camionetas, mas sem sucesso. Poderiam levar o grupo de comboio? Demasiado arriscado. Acabaram por ter de esperar que um dos colegas do SD de Amesterdão se deslocasse até ali com uma camioneta para os levar.

Neste meio tempo, Janny rabiscou o número do escritório de Bob num pedaço de papel e aguardou que surgisse a pessoa certa para o passar. Com a sua experiência, sabia que existiam pessoas boas na polícia de Huizen; agentes que fechavam os olhos em momentos cruciais, que até passavam informações para os resistentes da região e para as pessoas na clandestinidade. Fez deslizar o bilhete para a

mão de um dos agentes que estiveram com eles todo o dia. «Por favor, ligue: *não* venhas para casa!» Disse-o entre dentes, mal se percebendo. O agente apertou-o na mão e nada disse. Agora, restava-lhe esperar pelo melhor.

A tarde já ia longa quando a camioneta do SD chegou de Amesterdão. Deixaram a esquadra da polícia e, no caminho, ainda passaram pelo Alto Ninho para recolher Bram e Loes; o casal estava muito pálido e fragilizado. Quem vinha na camioneta ignorava o que, entretanto, lhes teria acontecido, mas os quatro restantes — Joseph, Fietje, Willi e Rita — aparentemente, não haviam sido descobertos nem denunciados.

Todos iam calados a caminho de Amesterdão; receavam que quaisquer palavras denunciassem os outros. Lien e Janny mal conseguiam olhar uma para a outra, transtornadas por terem deixado os filhos para trás e inquietas com o pai e a mãe dentro do alçapão.

Quando estavam a chegar a Amesterdão, sentaram-se muito direitos. Para todos, menos para Janny e Eberhard, era a primeira vez que ali estavam em muito tempo. Entraram na cidade por Weesperzijde e seguiram para sul, onde se situava o quartel-general do SD. Amesterdão parecia adormecida. As ruas sem alvoroço nem azáfama, apenas muitos soldados e polícias. No final daquele luzidio dia de verão, hora em que a cidade normalmente explodia em bulício e atividade, mais parecia haver uma nuvem negra sobre as pessoas e os edifícios.

Atravessaram a ponte, passaram pela Amstellaan, pela Rijnstraat e, depois, pelo proeminente edifício na Apollolaan — a Torre do Trabalho, como costumavam chamar-lhe. Um esqueleto de aço revestido a vidro, o altivo arranha-céus do Banco da Segurança Social. Muito poucos anos antes, as irmãs tinham visto, de boca aberta, como o lavador das janelas se equilibrava na sua plataforma; o primeiro nos Países Baixos. Deveria ser terrivelmente assustador, mas o homem acenara-lhes sorridente. Naquela altura, a Wehrmacht dotara o topo da torre com holofotes e baterias antiaéreas. No Alto Ninho, a ocupação não era mais do que sentida; aqui era visível.

A seguir: a Euterpestraat e o edifício da antiga escola.

«Saiam!»

Da camioneta para o átrio principal e logo para uma cave escura. Estreitos beliches de madeira encostados à parede. A porta fechou-se e continuaram todos juntos, em fila como se estivessem no posto do correio. Uma escuridão húmida e só uma lâmpada no teto. Sentaram-se no chão frio e sentiram a presença de outras pessoas no compartimento. Ninguém falou.

Ao início da noite, uma camioneta da polícia transportou-os para outro edifício, relativamente mais moderno, na Marnixstraat. Depois de uma noite desassossegada e ansiosa, pela manhã, regressaram à cave da Euterpestraat. O *bunker* dos interrogatórios.

Haviam discutido diversas opções de fuga, embora os guardas das SS nunca os largassem. Foram levados um a um para fora da cave. Willi Lages, *SS-Sturmabführer*, líder alemão do SD na região da Holanda do Norte, era um experimentado torturador e estivera envolvido em diversas execuções. Promessas, chantagem e injúrias; serviu-se de tudo, embora todos tenham mantido a boca fechada. Ameaçou ir buscar as crianças para os fazer falar; nesse caso, Janny e Lien recusaram não conseguir manter o silêncio. Lien estava aterrorizada com a possibilidade de eles descobrirem que, afinal, não era casada com Eberhard. O que, oficialmente, tornaria Kathinka completamente judaica e uma candidata à deportação.

Naquela noite, Bram e Loes Teixeira de Mattos regressaram à estação da Marnixstraat e foram levados para o campo de Westerbork. Com o moral em baixo, Janny e Lien caminhavam pelos corredores na direção das celas e mal puderam crer nos seus olhos: Joseph e Fietje estavam ao fundo do corredor. Velhos e frágeis. Uma mão tocando ao de leve num braço, os olhos cruzando-se o tempo suficiente para verem o semblante abatido. O pai envolveu a mãe num braço protetor com a consciência de que tal gesto não bastaria.

«Aguentámo-nos tanto quanto possível», sussurrou Joseph, desculpando-se. Baixou os olhos. «Também descobriram os outros. E os papéis do Eberhard.»

Tinham de continuar a andar até à cela. Lien cambaleava, tentando ir ao encontro dos olhos de Janny: tudo acabara.

Assim que se mudaram para o Alto Ninho, Eberhard tinha enterrado os seus documentos alemães numa caixa de chumbo no fundo do jardim, incluindo o cartão de identidade original. Após o Dia D, com um otimismo generalizado, tinham-na desenterrado para verificar em que estado estava a papelada. Molhada e retorcida. Num dos quartos, havia uma lareira que não estava a uso; Eberhard deixara ali os papéis a secar. Pretendia embrulhá-los melhor para voltar a enterrá-los. Agora, sabiam quem ele era de facto. Jean-Jacques Bos tinha hipóteses. Eberhard Rebling seria enforcado.

Entretanto, na sede do SD, todos estavam entusiasmados com a descoberta: dezasseis clandestinos, incluindo duas crianças. Por enquanto, estas seriam deixadas em paz; os *Mischlinge* não seguiriam nos transportes. Com a terceira criança, a história seria outra. Como lhe encontraram os documentos alemães, passaram a saber que

Eberhard nunca chegara a casar com a mulher judia; a filha era completamente judia.

Moesbergen ficou satisfeito com estas novidades e ordenou ao doutor Van den Berg que entregasse, pessoalmente, a criança no gabinete do SD de Amesterdão logo que possível.

Todos os adultos, à exceção de Janny, Lien e Eberhard, foram levados para a Casa de Detenção de Weteringschans no terceiro dia. Poucos meses antes, o seu amigo Gerrit van der Veen, companheiro de Mik em *O Artista Livre*, cometera um assalto sobre esta mesma prisão na tentativa de libertar outros resistentes. O ataque ao registo de Amesterdão, em março de 1943, fora parcialmente bem-sucedido, o que não impediu Gerrit de tentar de novo a sorte no covil do leão. Invadiu Weteringschans em maio de 1944, foi baleado pelas costas, mas escapou.

Apesar de tudo, poucas semanas depois, foi preso e executado nas dunas junto a Haarlem em junho. A família Brilleslijper e os seus hóspedes não chegariam a sabê-lo. Na altura, estavam detidos em Weteringschans — tinham morrido dois dos três fundadores de *O Artista Livre*: Mik van Gilse e Gerrit van der Veen. O terceiro, o compositor Jan van Gilse, pai de Mik e de saúde já debilitada, sucumbiria meses depois. A luz de *O Artista Livre*, porta-estandarte dos artistas da resistência, apagava-se para sempre.

Lien e Eberhard passaram a noite de 12 de julho sozinhos na mesma cela. A sua derradeira noite juntos. Abraçaram-se em silêncio, prepararam-se para a despedida e pensaram em Kathinka sem proferirem o nome.

«Se sobrevivermos, encontramo-nos na casa de Mieke e Haakon, na Johannes Verhulststraat, combinado?»

Eberhard olhou para Lien com um ar interrogativo e ela assentiu. Só aquelas palavras interessavam, embora esse cenário fosse altamente improvável. Lien chorou e Eberhard envolveu-a nos braços. Janny dera-lhe um *Luminal*, um sedativo que fazia adormecer um cavalo. Lien partiu o comprimido em dois, entregando metade a Eberhard para que pudesse dormir um pouco. Teria de estar em boas condições para aguentar o interrogatório do dia seguinte. Dormiram como se estivessem anestesiados e, na manhã seguinte, 13 de julho, uma quinta-feira, foram separados.

Pouco depois, todos menos Eberhard e Janny eram postos no comboio para Westerbork: Joseph, Fietje, Lien e Jaap. As raparigas, *Duende Ruiva* e Jetty. Simon. Bram e Loes. A filha destes, Rita, e o genro, Willi. Já não faziam falta.

A partir daquele momento, o SD concentrou-se no desertor alemão e na mulher judaica da resistência. Juntos, tinham feito praticamente tudo o que a bíblia ariana proibia e só sobrava uma questão: quem deveria tombar primeiro?

Contudo, os agentes neerlandeses da esquadra da polícia de Marnixstraat tinham sido bons para eles, parecendo, inclusivamente, ter pena do seu destino e Janny aproveitou o ensejo: e se pudessem comprar a liberdade? Os agentes responderam que ajudariam se pudessem, mas, simplesmente, não era possível. Os SS estavam por todo o lado — não confiavam em ninguém e também os vigiavam de muito perto.

O padrão continuou o mesmo: dormiam na Marnixstraat e eram interrogados na sede do SD na Euterpestraat. Willi Lages, *Sturmabführer*, interrogava-os à vez. Estava em boa forma, este homem de elevada estatura e cabeça em forma de ovo, lábios finos e um nariz arrebitado que parecia estar sempre a ser apertado. Janny não conseguia olhar para ele; tinha uma expressão demasiado acutilante. Batiam-lhe para que Eberhard falasse. Batiam em Eberhard para que ela falasse. Ambos mantinham o silêncio e Lages fazia chacota.

«De qualquer forma, o teu destino está selado», zombava para Eberhard. «Pena de morte por *Fahnenflucht*, *Landesverrat*, *Sabotage und Rassenschande*!»

Profanação da raça: cuspiu-lhe estas últimas palavras na cara com nojo. Ter uma filha com uma mulher judia — aquele seu compatriota não poderia ter descido mais baixo.

«Amanhã, vais a tribunal marcial e, depois, estás acabado!»

Janny e Eberhard passaram uma derradeira noite na esquadra da Marnixstraat com a execução a aguardá-lo no dia seguinte. Janny mexeu-se toda a noite, inquieta, procurando febrilmente uma forma de salvar Eberhard da bala fatal, mas nada lhe vinha à ideia. Quando, por fim, conseguiu adormecer, sonhou que caía de costas para um poço profundo, os dedos impotentes para alcançar um rebordo e ainda não tinha chegado ao fundo quando um guarda a foi buscar à cela ao princípio da manhã de 14 de julho.

Seguindo atrás de Eberhard para a furgoneta da polícia que os aguardava no exterior, a cabeça de Janny quase explodia com uma enxaqueca. O sol da manhã ascendia num céu sem nuvens e já brilhava mais do que os seus olhos conseguiam suportar. As portas traseiras da furgoneta estavam abertas de par em par; tinha bancos de madeira ao longo das laterais. Os agentes empurraram-nos para o interior do veículo, onde já estava um velho detido, a olhar para as

pontas dos sapatos. Dois polícias à civil sentaram-se a seu lado e fecharam as portas; as janelas estavam abertas para permitir a entrada de ar fresco. Eberhard, Janny e um dos agentes sentados num dos bancos; o outro detido e o segundo agente de frente para eles, no outro. Quando a furgoneta arrancou, todos os cinco se viraram para as janelas traseiras, contemplando as ruas de Amesterdão que deixavam para trás.

Estranhamente, dirigiam-se para norte. O quartel-general do SD, na Euterpestraat, ficava na zona sul da cidade. Haarlemmerstraat. Janny e Eberhard trocaram um olhar rápido. Spaarndammerstraat.

«Para onde vamos?», perguntou Janny. Escutou o eco da voz na chaparia da furgoneta como se não fosse a sua.

«Amesterdão-Norte. Temos de ir buscar uma pessoa primeiro», respondeu um dos agentes.

Viajaram em silêncio. Pontos negros oscilam diante dos olhos de Janny; a cabeça rebentava-lhe de encontro às têmporas, embora não quisesse fechar os olhos. Queria ver a cidade porque não sabia quando regressaria. Se alguma vez regressasse.

A viatura deteve-se. Esquadra da Spaarndammerdijk. O agente ao lado de Janny levantou-se — «Volto já» — e bateu com a porta. Janny piscou os olhos, uma vez, dez vezes, para que os pontos negros desaparecessem. Eberhard virou-se para ela tentando cruzar o olhar; olhou para a pega da porta ao lado dela. E se ela...? Janny inclinou-se e aproximou o rosto da cara do guarda diante de si. Trazia uma arma no coldre. Dirigiu-se-lhe com uma voz aveludada.

Eberhard compreendeu a sua ideia — teria de agir *de imediato*. Mas fica parado. De súbito, Janny lançou-se para os braços do guarda. «Sai!», gritou. Eberhard, nas suas costas, atirou-se pela janela da furgoneta. Apalpou o tornozelo, puxou a ponta da gabardina, que se rasgou, tomou balanço e saiu disparado pelo empedrado, para longe do veículo, com a gabardina ao vento nas suas costas.

O agente afastou bruscamente Janny do seu colo e desceu para a rua, disparando para o ar — «Para!» —, mas Eberhard já ia demasiado longe. Uma barulheira, magotes de gente ao redor, Janny também desceu e viu Eberhard desvanecer-se na cidade. O latejar da cabeça desaparecera; subitamente sentiu-se tão leve como um balão a sobrevoar a azinhaga. Depois ficou tudo escuro e colapsou sobre as pedras do pavimento.

Janny estava inconsciente quando a levaram para o interior da esquadra. Vinha a si, desfalecia, despertava, desfalecia, mas sempre com a mesma ardente sensação de triunfo: Eberhard conseguira

escapar.

Num primeiro momento, os agentes neerlandeses responsabilizaram-se pela sua guarda, mas os alemães acabaram por vir buscá-la. Enfiaram-na na furgoneta e regressaram ao quartel-general do SD na Euterpestraat. Estavam furiosos. Com ela, uns com os outros e com o desertor alemão. Nisto, surgiu o *SS-Sturmbannführer* Willi Lages.

Começaram enquanto o elevador descia para a cave. Espancaram-na, bateram-lhe e pontapearam-na dos pés à cabeça. Quando caiu, Willi Lages colocou-lhe todo o seu peso em cima das pernas; outros batiam-lhe através das barras do elevador com tudo o que tivessem à mão. Lages não descansava — utilizou um chicote, soqueiras, bastões. Atiraram-na para uma arrecadação escura como breu. Janny não via nada, nem um rasgo de luz — uma escuridão sufocante.

Inconsciente, desperta — passara um minuto ou uma hora. A dor, o escuro. Passos acima da sua cabeça, uma dor extrema em todo o corpo. Tateou as paredes com os dedos, chamou por socorro, caiu num sono profundo. Vinha a si por momentos, escutava passos, distantes, e gritava de dor até perder a voz; ninguém vinha.

Durante a noite, tudo em sossego.

Passou um dia e, por fim, a porta abriu-se. Willi Lages, especado de pernas afastadas.

«Havemos de apanhar-te. Hás de ir ao encontro do pelotão de fuzilamento.»

Uma luz ténue iluminou as pernas de Janny através dos contornos dele — uma amálgama de sangue. Passou a mão com cuidado pela pele: ferimentos por toda a parte; o corpo numa lástima, dos pés à cabeça. Ergueu a cabeça e encarou Lages diretamente. Um pequeníssimo brilho nos olhos, uma sensação de triunfo dissipando a dor. Teve a certeza de que seria fuzilada, mas, para seu espanto, algemaram-na e foi levada para a prisão na Amstelveenseweg.

Janny foi conduzida a uma cela aos tropeções e exausta; tiraram-lhe as algemas e fecharam-lhe a porta. Uma cela para dois ocupada por seis. Foi bem recebida; todos lhe perguntaram o que lhe sucedera. Um pouco por todo o lado, ouviram-se pancadas nas grades e na tubagem do aquecimento noticiando a recém-chegada. Os outros detidos ajudaram-na, limparam e trataram com delicadeza os ferimentos e, poucas horas depois, chegou uma trouxa de roupa lavada de uma outra cela especialmente para Janny. Uma fronha limpa, supremo luxo. Trazia um bilhete no meio. Abriu-o e os olhos percorreram as letras: «Eberhard está a salvo e as crianças também.

Bob.» Escapou-se-lhe um grito da garganta, os olhos inundaram-se. Tapou a boca com a mão, os ombros sacodem. Não queria chorar, mas estas eram lágrimas de alegria.

Na Casa de Detenção II, na Amstelveenseweg, aquela cela para duas pessoas era partilhada por seis; por vezes, oito. Nos primeiros dias, sentiu o temor de que a cara de Willi Lages lhe surgisse atrás da porta da cela e tivesse de enfrentar um pelotão de fuzilamento. Mas nada. Aparentemente, ninguém falara; suspeitavam bastante do seu trabalho na resistência, mas de nada sabiam.

Mas a denúncia continuava a atormentá-la. Quem saberia do Alto Ninho? Passava horas a juntar nomes na cabeça; os residentes, os elementos da resistência, gente na clandestinidade, contactos, os proprietários dos estabelecimentos onde se abasteciam, os passantes da azinhaga, agentes da polícia, nazis neerlandeses, um dos encontros esporádicos, velhos amigos entretanto capturados.

De noite, sentia uma comichão dentro da cabeça como se milhares de insetos estivessem a andar no interior do seu crânio, ouvia o seu matraquear contra o osso. Dava em doida, murmurando os nomes até adormecer, quase em delírio:

Moesbergen
Krikke
Punt
Hiemstra
Boellaard

Os dias transformavam-se em semanas enquanto era consumida por outra incerteza: como estariam Jaap, o pai, a mãe e todos os outros residentes? Que teria sucedido a Kathinka? O bilhete de Bob referia-se às «crianças»; teria pretendido dizer as três? Ou os alemães teriam ido buscar Kathinka? Os seus companheiros de cárcere sofriam com questões idênticas quanto aos seus entes queridos, o que não tornava o ambiente daquela acanhada cela muito saudável. Discutiam pelas coisas mais ínfimas. Alguns perdiam o controlo, ao passo que outros continuavam a tentar passar despercebidos. A tia Betty, do bairro Jordaan de Amesterdão estava na mesma cela. Muito ofendida por ter sido presa — só dois dos seus avôs eram judeus —, exalava todos os dias a sua raiva. No entanto, todas as manhãs, quando recebiam um recipiente com água para se lavarem, a tia Betty gritava: «Meninas, não se esqueçam do traseiro!» e ninguém conseguia evitar uma risada.

Entretanto, no centro de Amesterdão, a pouco menos de dois quilómetros, foi encontrado um outro grupo de judeus, que, como os residentes do Alto Ninho, viam o fim da guerra reluzindo no horizonte.

No dia 4 de agosto de 1944, o SD descobriu um enorme abrigo atrás de uma estante giratória numa das casas do canal, no número 263 do Prinsengracht, que escondia oito pessoas. Eram as instalações da sede neerlandesa da Opekta, uma empresa alemã que produzia a pectina — um ingrediente para o fabrico de compotas, entre outros. Em 6 de julho de 1942, Otto Frank, o seu diretor judeu, Edith, a esposa, e as duas filhas adolescentes, Anne e Margot, tinham passado à clandestinidade no anexo das instalações da fábrica, um pequeno espaço dividido entre dois pisos. Depressa se lhes juntaram um colaborador, a sua mulher e filho e um outro refugiado. Ficaram ali durante mais de dois anos, mas naquela soalheira manhã de sexta-feira, um grupo de agentes neerlandeses do SD surgiu no número 263 do Prinsengracht para efetuarem a busca que conduziria à sua descoberta.

Westerbork

Westerbork. *Judendurchgangslager* — campo de trânsito para judeus. Este campo podia parecer mais do que uma instalação provisória, pois possuía um hospital com quase mil e oitocentas camas e cento e vinte médicos, uma clínica dentária, um centro de dia, uma escola, um gabinete da administração e uma loja onde as pessoas podiam pagar com dinheiro para circulação específica no campo, embora não se previsse que as pessoas ali ficassem muito tempo.

Ironicamente, o campo foi criado em 1939 enquanto Campo Central de Refugiados de Westerbork, um refúgio seguro para refugiados judeus vindos de outros países europeus. Depois de as SS assumirem o controlo, em 1942, passou a ser uma antecâmara para os muitos campos de concentração do outro lado da fronteira. Empreiteiros neerlandeses edificaram um grande número de novas camaratas de grandes dimensões, cada uma com cerca de oitenta e quatro metros de comprimento por dez de largura, no interior do campo já existente e, no auge da guerra, havia vinte e quatro casebres de madeira cheios de correntes de ar com gente até ao teto.

Para que as deportações fossem decorrendo sem problemas, os dias no campo eram um decalque da vida comum. Os alemães introduziram a *Jüdischer Ordnungsdienst*, a polícia judaica do campo. Estes «agentes SS judeus», como lhes chamavam, eram muitas vezes jovens e envergavam uniformes verdes e uma braçadeira com uma sigla: OD. Tinham um cargo honorífico controverso, que lhes ia prolongando a vida, mas que dava com eles em loucos. Nos primeiros anos, esta OD teve o apoio da polícia militar neerlandesa, embora agentes da força policial de Amesterdão tenham ocupado o seu lugar pouco antes da chegada dos residentes do Alto Ninho.

A função essencial do pessoal judaico do campo era de natureza administrativas. Todas as semanas, o comandante do campo e SS-*Obersturmführer* Albert Gemmeker fornecia-lhes o número de pessoas a deportar e os assistentes administrativos elaboravam as temidas listas de transporte. O próprio Gemmeker nunca seleccionou ou deportou um único homem, mulher ou criança; deixava-o a cargo dos

judeus.

Quando os comboios começaram a partir de Westerbork para o leste em julho de 1942, os transportes eram semanais, às segundas e às sextas. No fim do ano, tinham sido transportadas 39 762 pessoas, a maioria para Auschwitz. Desde o início de 1943 até 15 de fevereiro de 1944, uma terça-feira, saíram novos transportes às terças, semana após semana. O resultado pretendido tornava-se visível; a comunidade judaica ia-se reduzindo e os comboios de Westerbork tornavam-se menos frequentes. Os comboios passariam a sair de dez em dez dias, às quartas, sextas-feiras e até ao domingo — cada vez com menos pessoas. Já não ultrapassavam as mil, nem mesmo as duas mil pessoas, como nos meses anteriores. Levavam agora 809, 732, 599, 453. Em 1943, 50 919 pessoas foram deportadas dos Países Baixos.

Entre junho de 1942 e setembro de 1944, um total de 107 mil pessoas — entre judeus, sintios, ciganos, membros da resistência e homossexuais; homens, mulheres e crianças — foram transportados em noventa e três composições pela Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro dos Países Baixos; subtraídos da sociedade neerlandesa e levados diretamente para a fronteira alemã, com a maior eficiência e força logística.

Sempre que o timbre ritmado do comboio desaparecia no horizonte a caminho do leste, o campo de forma quadrangular ficava suspenso numa aura sinistra. Uma mistura tóxica de alívio e desespero. Quando o comboio abandonava o campo, a tensão voltava a crescer gradualmente até que, nos dias anteriores à revelação das listas, toda a gente ficava, literalmente, doente. Quando eram anunciados os nomes por barracão, aqueles a quem se pedia para fazerem as malas sentiam-se como que libertos. Talvez a incerteza fosse mais cruel do que o próprio veredito.

A denúncia do Alto Ninho, as semanas vividas em Westerbork, a inquietude com Eberhard e Kathinka — ainda não sabiam o que sucedera à menina — e a irmã na prisão de Amesterdão, tudo isto deixava Lien no maior desalento. Todas as noites, após um longo dia vergada sobre as imundas bancadas da oficina de baterias, Fietje recorria a toda a sua energia para instilar alguma coragem na filha mais velha. Como estavam no *Strafbaracke* (barracão de punição), era-lhes vedado trabalhar no exterior do campo. Os transgressores eram colocados no barracão de punição por crimes cometidos no campo ou antes de ali chegarem. Quem tentara esconder-se, escapar, quem, de uma forma ou de outra, ousara violar as regras alemãs.

A vida no campo era estruturada, deliberadamente, como a vida de todos os dias; por isso, ninguém se apercebe de que era a sala de espera dos campos de extermínio, não provocando alarido, embora as condições fossem, ainda assim, abomináveis. No Alto Ninho, tinham vivido grandes ansiedades, receando sempre serem descobertos, denunciados, mas tinham todos os confortos de um lar, sossego, espaço e ar fresco. Mesmo escondidos com mais vinte pessoas, podiam sempre procurar algum isolamento numa das muitas divisões, no abrigo do relvado, na casinha do jardim ou no bosque. Em Westerbork, estavam amontoados em barracões sobrelotados que inchavam como cadáveres no verão. Cada centímetro estava ocupado por alguém, preso num cheiro a suor e gases corporais. Empilhados em beliches triplos com toda a gente a olhar e a respirar para cima deles para onde quer que se virassem. A roupa lavada era pendurada no teto para secar. Em Westerbork, não havia espaço para estar sozinho; foi-lhes subtraído cada pedacinho de vontade própria. Até quando enfiavam a cabeça debaixo das cobertas para obterem alguma privacidade, a comichão provocada por pulgas e piolhos recordava-lhes tal impossibilidade. Aqueles dias tinham passado. Só uma questão os mantinha de pé: quanto mais tempo duraria aquilo?

Atrás da vedação que separava o barracão de punição dos restantes, Lien conseguia ter uma visão ampla do resto do campo. Por vezes, via Jetty, Simon ou um dos outros antigos residentes do outro lado. Não eram obrigados a usar fatos-macaco com um S de *Strafgefangener*, «reclusos», sobre uma faixa branca, como Lien e o resto da família Brilleslijper. Quem trazia um S estava no topo da lista de deportação. Do lado de Lien, homens e mulheres estavam separados; do lado oposto da vedação, não; havia, inclusivamente, pequenos barracões especiais familiares, mais pequenos, onde as pessoas podiam viver com as suas famílias. Era-lhes possível adquirir bens na mercearia do campo e as pessoas dos barracões comuns tinham, também, mais probabilidade de serem enviadas para Bergen-Belsen ou Theresienstadt em vez de Auschwitz, campos em que as perspetivas eram consideradas melhores. Chegavam-lhes rumores de que em Bergen-Belsen, um campo da linha da frente alemã, a Cruz Vermelha tinha a possibilidade de enviar gente mais para norte, para próximo da Suécia, onde os judeus seriam trocados por prisioneiros de guerra alemães. Algumas famílias abastadas tinham pagado uma pequena fortuna para fazerem parte desta lista — os resultados ainda não eram conhecidos.

Todos os prisioneiros preferiam trabalhar; não apenas porque qualquer coisa seria melhor do que ficar a ver o tempo passar até ao

comboio seguinte, mas também porque toda a gente sabia que os menos úteis iam primeiro. Lien e a mãe tiveram a sorte de serem colocadas na oficina de baterias. Sam Polak, irmão mais novo de Ben e Hans Polak, amigos chegados de Haia, ajudaram-nas a obter este trabalho sujo e pesado. Primeiro, abriam as baterias com um martelo e um formão; depois, retiravam o alcatrão e as placas de carbono, que lançavam para cestos diferentes; por fim, removiam a tampa de metal, com uma chave de fendas, que atiravam para um terceiro cesto. Em pouco tempo, os dedos ficavam tão negros que era impossível dizer onde começava a bateria e acabavam as mãos.

O pior era a tosse seca e incômoda provocada pelos compostos químicos tóxicos que as envolviam e desciam até aos pulmões. Os ataques de tosse partiam costelas, ouviam-se pelas frestas da madeira dos barracões e deambulavam pela charneca mesmo durante a noite. Mas pelo menos os prisioneiros podiam falar na oficina e cada dia que não passavam no interior de um comboio a caminho do leste contava — com os pulmões desfeitos ou não.

Lien ocupava os dias a trabalhar, a inquietar-se e à espera. No campo, todos se deitavam a adivinhar os futuros transportes desde Amesterdão. Por vezes, alguém estacava no meio de nada com a respiração acelerada a olhar para o chão seco; alguma vibração dos carris? A chegada de um comboio? Apenas desejavam que aqueles que ainda não tivessem sido descobertos conseguissem chegar ao fim da guerra, que fossem mais astutos do que os alemães.

Infelizmente, os anos da ocupação prolongavam-se e parecia que a habilidade para localizar judeus escondidos se estava a aprimorar. Mesmo com a libertação à vista, os caçadores de judeus neerlandeses sentiam a necessidade de não parar de procurar, por sua conta, e os cidadãos do país continuavam a ter necessidade de denunciar vizinhos, amigos, estranhos. Era tudo profundamente humilhante, incompreensível, apesar de também haver otimismo no campo. Prisioneiros mais antigos disseram a Lien que em abril apenas saíra uma deportação de Westerbork para leste. A seguinte só acontecera em maio. Houvera outra no início de junho e a seguinte não deveria ser antes dos finais de julho. Assim, começaram a espalhar-se pelo campo os mais singelos murmúrios: iremos conseguir.

Na família Brilleslijper, cada um tinha uma forma diferente de lidar com a situação e com os relatos que chegavam ao campo. Japie conheceu uma rapariga e após alguns dias de trocas de olhares furtivos, sentia-se já confiante o suficiente para percorrer o arruamento principal do campo a seu lado. Atrás das lentes cobertas pela poeira,

os olhos cintilavam-lhe pela primeira vez em muito, muito tempo.

Fietje mantinha-se animada, como sempre, e todas as noites tentava encorajar a filha mais velha no barracão das mulheres. Já tinham passado por tanto e as crianças estavam a salvo; teriam de manter a fé. Aquilo já não poderia durar muito mais. Mas Lien estava farta daquela conversa e não era a única. Joseph passava os dias no interior do escaldante barracão; a visão estava demasiado fraca para que lhe permitissem trabalhar com os restantes homens na oficina de reparação de cabos. Murmurava e resmungava consigo próprio, fulminando com o olhar os supervisores judeus, que tão impiedosos e corruptos teriam de ser para se prestarem àquele serviço no intuito de obterem privilégios da direção do campo. Ser vigiado pela sua gente levaria-lhe a derradeira fé na humanidade.

Certo fim de tarde, Lien dirigia-se ao barracão de punição, exausta e imunda com o trabalho nas baterias, encadeada pelo brilho do Sol, quando vislumbrou o pai ao longe, sentado no barracão dos homens. Não mais do que uma sombra escura, ombros descaídos, pescoço fino e curto. Recordou-se do tempo em que os pais iam à ópera — no Teatro Carré, no Palácio da Frederiksplein, no Teatro Flora, na Amstelstraat. Ao regressar a casa, o pai parecia sempre dez centímetros mais alto, de queixo levantado e peito para fora. Ficara tão comovido com *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare, que decorou o monólogo de Shylock e estava sempre a recitá-lo no seu pequeno apartamento do andar de cima:

[...] e porquê? Porque sou judeu! Um judeu! Não terá ele olhos, não terá ele também mãos, um corpo, órgãos, sentidos, afeições e paixões, nutrir-se-á ele diferentemente, não é ele vulnerável como os cristãos, não o molestam as mesmas queixas, não o curam os mesmos remédios, não tem nele igual ação o frio do inverno e o calor do verão? Fira-me, e o meu sangue gotejará como o do cristão; o contacto inesperado dos seus dedos far-me-ia estremecer como qualquer cristão; se me ofender, como ele me vingarei.¹⁰

Observando a sombra do homem que o pai fora, Lien compreendeu que a maior humilhação não foi ter-lhe sido roubada a humanidade, mas saber que, provavelmente, nunca se vingaria das ofensas feitas à sua família.

*

Um belo dia, Sam Polak aproximou-se de Lien pedindo-lhe que o acompanhasse até aos portões dos barracões das famílias; alguém

queria vê-la. Lien ficou alarmada. Em todas aquelas semanas, nunca soubera de Janny — mas a falta de notícias já eram boas notícias e cada dia sem um comboio de Amesterdão era um dia ganho. Tinha a esperança de que a irmã não chegasse a vir para Westerbork e que ficasse em Amesterdão até à libertação. Relutante, acompanhou Sam aos portões.

Para surpresa sua, do outro lado viu Lily aproximar-se com a pequena Anita pela mão. O rosto tenso de Lien transformou-se num sorriso enquanto as suas mãos procuravam as da amiga. Porém, como tinham uma vedação a separá-las, deixou-as tombar. Estavam separadas por quase dois metros, de olhos uma na outra, contentes por se reencontrarem, porém tristes dadas as circunstâncias.

A última vez que se tinham visto fora na Casa de Detenção de Weteringschans. A prisão de Amesterdão servia de repositório para as pessoas descobertas em esconderijos e para os principais elementos da resistência. Na manhã em que Lien se despedira de Eberhard, 13 de julho, ele fora de novo levado para a sede do SD, para interrogatório, e ela atirada para uma cela com outras cinco mulheres e uma jovem. Não queria saber delas para nada. Perdera a filha e, naquele mesmo dia, o seu homem enfrentaria um pelotão de fuzilamento.

Um ruído metálico selara o fecho da cela nas suas costas. Lien procurou um lugar entre as restantes mulheres. Uma destas apiedou-se, tentando incutir-lhe algum ânimo — embora, com a filha pequena de oito anos também ali fechada, já tivesse preocupações suficientes. Eram Lily e Anita, e como ficaram algum tempo na mesma cela, agarraram-se umas às outras.

Carolina Biet-Gassan, *Lily*, fora casada com Samuel Gassan, oriundo de uma conhecida família de lapidários de diamantes. Dois anos antes, em 1943, Lily divorciara-se de Samuel, que escapou aos alemães a tempo de fugir para a Suíça. Desde então, Lily e a pequena Anita tinham andado escondidas; primeiro, enfiadas numa pequena saleta com outra família na casa de um agregado com cinco filhos. Tinham de permanecer silenciosas noite e dia para que os cinco descendentes não se apercebessem dos hóspedes ilegais. Pouco depois, mãe e filha mudaram-se para uma pensão, onde foram denunciadas e capturadas.

Lily e Lien encorajaram-se mutuamente numa altura em que já não dispunham das suas próprias reservas. Lien animava Anita narrando-lhe os contos de fadas que costumava ler a Kathinka antes de dormir. Cantou para ela, muito baixinho, para que os guardas não ouvissem. Por seu lado, Lily faria algo por Lien que, talvez, lhe viesse

a salvar a vida.

Lien falou de Eberhard, pai da sua filha pequena, Kathinka, com quem não lhe fora permitido casar por causa das Leis de Nuremberga. Para evitar que os judeus escapassem à deportação, em 25 de março de 1942 os casamentos mistos passaram também a ser proibidos nos Países Baixos: judeus deixavam de poder contrair matrimónio com não judeus. Lien e Kathinka tinham ficado à margem da lei, ao passo que Janny, que casara com Bob *antes* das novas medidas, passou a ser mãe de dois *Mischlinge*.

Antes que Lien terminasse a frase sobre a impossibilidade de casar com Eberhard, Lily agarrou-lhe na mão, inclinando-se para ela.

«Temos de te arranjar um certificado de casamento falso tão depressa quanto possível. Poderás ter uma hipótese. Eu conheço uma pessoa!»

Lien olhou para ela embasbacada.

«Vais escrever o que acabaste de me contar e, depois, tentaremos fazer sair a carta daqui e entregá-la a alguém que a possa levar ao Nino Kotting em teu nome. Eu conheço-o; é um grande advogado daqui de Amesterdão. O Nino já ajudou muitíssimos judeus desta maneira.»

Lily tinha algum dinheiro e os contactos certos, sabia perfeitamente, entre os guardas, quais os que não eram nazis e encontrou forma de fazer chegar a Lien um pedaço de papel e um lápis. Lien pôs-se a escrever. Endereçou a carta aos seus queridos amigos da família Stotijn, de Amesterdão, tentando compor a mensagem tão curta e clara possível.

Meus queridos!

Esta é a minha derradeira oportunidade para vos escrever. Por favor, tentem ir buscar o meu certificado inglês de casamento e levem-no ao senhor Kotting. Tentem tirar-me daqui, olhem pela criança e enviem-me um pacote com roupa, comida, etc. Nada tenho. Por favor, ajudem-me.

A J [Janny] está na AVW [prisão da Amstelveensweg]. Tentem tirar-me o S [*Strafgefangene*] também.

Cumprimentos a todos e muitos beijos, Lien.

Certa madrugada, pelas quatro horas, as mulheres foram levadas da cela e enfiadas num elétrico. Ao passarem pelo condutor, Lien deixou cair a carta sem selo para a sua mochila com a maior discrição possível.

Da Estação Central, a viagem continuou sobre carris, para nascente, cada vez mais e mais para longe da civilização. O comboio deteve-se nos terrenos baldios de Westerbork. Lily e a filha Anita

foram conduzidas aos barracões das famílias — em resultado da sua abastança, provavelmente — e Lien tivera de ir para o outro lado da vedação, destinado aos *Strafgefangene*. Desconhecia se o seu derradeiro grito de ajuda seguira caminho ou ter-se-ia perdido para sempre no meio dos papéis de um condutor de elétrico anónimo.

Porém, ali estava Lily do lado de lá da vedação. Lien teve esperança em boas notícias do advogado.

Lily trazia-lhe uma mensagem muito diferente. Falara com uma velha amiga de Lien, Ida Rosenheimer — a pianista que a acompanhava quando passou a ser demasiado perigoso para Eberhard e uma das primeiras pessoas a deixá-la a par do objetivo último dos nazis: as câmaras de gás. Infelizmente, Lien nunca acreditou nela. Lily vinha dizer-lhe que Ida e alguns outros amigos de Westerbork tinham juntado dinheiro para a tirarem do *Strafbaracke*, trazê-la para o seu lado da vedação e colocá-la na lista dos privilegiados, os que seriam deportados para Theresienstadt, um campo de concentração na Checoslováquia.

Lien escutou-a, sensibilizada por os seus amigos terem pensado em mais alguém, mesmo naquelas condições. E, em silêncio, abanou a cabeça.

«Desculpa, mas fico aqui. Não quero deixar o meu irmão mais novo nem os meus pais. Além disso, não tenho a certeza se a Janny também virá para este campo — caso venha, também acabará, decerto, neste lado da vedação.»

Lily abriu a boca, fechou-a e baixou a cabeça. Aproximava-se um agente da polícia do campo; teriam de terminar a conversa.

«Compreendo», murmurou por fim, mal se ouvindo.

Lien acenou agradecida. Virou-se e foi ao encontro da mãe.

10 Tradução em português adaptada de William Shakespeare, *O Mercador de Veneza* — *Drama em Cinco Actos*, tradução livre, Lisboa, Imprensa Nacional, 1879, pp. 57 e 58. (NT)

O último comboio

No início de agosto de 1944, finalmente, as portas da cela abriram-se. Ainda era manhã cedo quando, pela primeira vez em semanas, Janny foi levada para o exterior. O frio da noite ainda se sentia, mas o ar fresco a entrar-lhe nos pulmões soube-lhe bem. Amesterdão ainda dormia profundamente e o Sol começava, lentamente, a aquecer as ruas. Olhou em volta; o Vondelpark começava ali — conhecia bem aquela zona. Os guardas escoltaram o seu grupo a um elétrico que os levará à Estação Central. Janny olhou pela janela, viu passar Amesterdão-Sul, os canais, o centro, aquela bonita cidade. Todos estavam em silêncio, receando o que se aproximava — apenas se ouvia o ranger do ferro e as juntas dos carris. Registava na memória todas as imagens, absorvendo todos os pormenores — as empenas dos edifícios e o azul do céu como fundo, o empedrado do pavimento, um galeirão a deslizar na água.

Largo da estação, descer, entrada lateral, subir para a plataforma. Uma sombra glacial tombou sobre Janny quando entrou naquele edifício escuro. Naquele exato momento, um outro grupo era levado para o interior e também se dirigia ao cais de embarque. Rumavam calados para o mesmo destino; sentido único na Estação Central — tudo demasiado surreal.

Velhos e jovens, homens e mulheres, pais e filhos. Janny reparou numa família em traje desportivo; os pais desalentados, as filhas adolescentes de mochila como se partindo de férias. Cercados por paredes, guardas e companheiros de infortúnio. Um artil. Durante todos aqueles anos, Janny tentara manter as pessoas, tantas quanto conseguisse, longe dos portões que para ele se abriam. Subia os últimos degraus e, lentamente, surgiam-lhe os contornos da plataforma. Um comboio de passageiros aguardava com as portas escancaradas.

Descer do comboio. O ar quente bafejou o rosto de Janny. O campo era grande, muito maior do que ela pensava. Uma aldeia numa charneca desolada. Gente e mais gente. Homens, mulheres, crianças; de olhos cerrados, parecia um sítio quase normal — o largo de uma

aldeia num qualquer faroeste. Mas a realidade estava nos pormenores. Tudo demasiado perpendicular, construído em madeira, bem compartimentado. O terreno era quadrangular, rodeado por fossos profundos e vedações altas encimadas por arame farpado. Torres de vigilância que evocavam as estruturas dos nadadores-salvadores apoiadas em suportes longos. Celeiros enormes em fileiras bem organizadas. Hangares em madeira suficientemente espaçosos para albergar aviões verdadeiros ao lado de outros mais pequenos. O solo árido fazia levantar nuvens de pó que se deslocavam pelo campo, serpenteavam por entre o ripado das construções e emprestavam à pele de toda a gente uma tonalidade opaca.

Eram aguardados por gente de uniforme. Os bonés bem enfiados nas cabeças e as beatas cintilando no suposto sítio dos olhos. Para seu espanto, Janny não ouve uma palavra de alemão, apenas neerlandês. Alguns dos guardas pareciam ser judeus e não nazis neerlandeses nem agentes da polícia. Foi levada da zona central do campo para uma secção isolada atrás dos carris. Uma prisão dentro de outra prisão. O barracão de punição.

Por fim, Janny juntava-se à família. O reencontro deu lugar a lágrimas, mas foi discreto. Doze dos dezassete residentes permanentes do Alto Ninho estavam, então, em Westerbork. O pai, a mãe, Lientje, Jaap: toda a família Brilleslijper. *Duende Ruiva* também. Os outros seis tinham ido parar aos barracões das famílias, do outro lado da vedação: Jetty e Simon e toda a família Teixeira de Mattos (Bram, Louise, a filha Rita e o marido desta, Willi). Ao ver os rostos dos familiares, tensos, mas ilesos, os ombros de Janny foram-se abaixo.

As feridas abertas das pernas começavam a sarar, os hematomas no resto do corpo passavam de um azul brilhante para um roxo escuro e castanho-amarelado. No entanto, tinha o tornozelo partido e mal podia apoiar nele o peso do corpo. Foi óbvio para a família o que Lages e os seus homens lhe tinham feito depois de ajudar Eberhard a fugir.

Janny falou-lhes das boas notícias que recebera na prisão, de Bob e as crianças estarem a salvo — assumindo que ele se referira às três. Aparentemente, o agente da polícia de Huizen ligara para o trabalho de Bob a avisá-lo. Eram centelhas de esperança: a ideia de que alguns deles tivessem estado um passo à frente dos alemães e saberem que ainda havia gente corajosa o bastante para pensar e agir autonomamente.

Lien recusava-se a aceitar que Eberhard estivesse a salvo. Era um cenário demasiado cor-de-rosa para ser verdadeiro e o otimismo

ingênuo era um luxo a que já não se podiam permitir havia muitos anos. Lien acreditava que ele fora capturado ao fugir da polícia, que não conseguira encontrar abrigo ou que tivesse sido, mais uma vez, denunciado — estava convicta de que não tinha acabado bem e Janny não era capaz de lhe fazer ver que o oposto também poderia ser verdade.

Com a chegada do novo transporte, os barracões de ambos os lados da vedação voltaram a encher-se. Era fácil identificar os recém-chegados. Olhos muito abertos em rostos tensos, pessoas com as roupas limpas, as malas e as trouxas meticulosamente arrumadas procurando uma cama livre, os olhos nervosos de um lado para o outro observando os barracões, o campo e os seus guardas judeus. Alguns dos recém-chegados tinham estado escondidos meses, anos até, e destacavam-se pelos rostos muito pálidos e uma áspera pele amarelada.

Para eles, esta fora a primeira vez, em muito tempo, que estiveram no exterior, ao ar livre. Sentados nos assentos das carruagens de passageiros, esticaram as pernas e viram a paisagem neerlandesa a desfilar. Apenas deram conta da realidade quando o comboio abrandou, o som das juntas dos carris se extinguiu lentamente e os passageiros de ambos os lados olhavam ansiosos pelas janelas. Até onde conseguiam observar, terra de ninguém. Depois, uma torre de vigilância anunciando a ponta mais próxima do campo logo que o comboio entrou na estação de Westerbork.

Todas as pessoas que, poucos dias antes, tinham sido descobertas atrás de uma estante no enorme edifício do número 263 do Prinsengracht também foram destinadas ao barracão de punição: o pai e a mãe Frank com as duas filhas, Anne e Margot. Estas e a mãe, Edith Frank, foram postas a trabalhar na oficina das baterias. Janny também foi colocada ali.

E assim se cruzaram os caminhos de duas famílias judias que tinham passado muito tempo escondidas, os seus rostos ficando, em conjunto, cada vez mais escuros do pó de alcatrão que pairava por toda a oficina. Como o trabalho era simples e entediante, permitiam-se conversar. Edith revelou as suas preocupações com o destino das filhas. Disse a Lien que estiveram escondidos no anexo de um grande edifício durante dois anos e um mês, oito pessoas alojadas em cinco compartimentos secretos. No piso térreo, havia um armazém cujos funcionários nada sabiam e, por isso, durante o dia cada movimento, cada ataque de tosse, cada objeto que deslocassem poderia ser o seu fim. Uma ideia desesperante, principalmente para as suas meninas de apenas quinze e dezoito anos. Quase tinham conseguido, pois a

investida surgiu como uma verdadeira surpresa — tal como acontecera no Alto Ninho.

Depois sucederam duas coisas que trouxeram esperança a toda a família, nomeadamente a Lien. Em primeiro lugar, tinha sido entregue uma carta em seu nome, na qual, para sua surpresa, encontrou a cópia de uma certidão oficial de casamento em inglês.

Eberhard Rebling e Rebekka Brilleslijper, com 26 e 25 anos, casaram-se no dia 28 de março de 1938 em Londres.

Assinatura, carimbo e tudo. Revirou a folha de papel vezes sem conta como se não acreditasse, mas era mesmo o que dizia. Não só o agente da polícia de Huizen, mas também o condutor do elétrico de Amesterdão tinha arriscado a vida para ajudar uma estranha: entregara a carta a Haakon e Mieke. O documento tremelicava-lhe nos dedos imundos, as unhas pretas contrastando com o branco imaculado do papel. Nunca seria capaz de agradecer àquele homem, muito menos sabia o seu nome. E como poderia, alguma vez, agradecer a Lily, que lhe passara o nome do advogado que tinha na manga tal artimanha administrativa?

Para ajudar a dar andamento à «Solução Final para o problema judaico», os alemães tinham criado um departamento para resolver as situações ambíguas. Quando alguém considerava ter sido injustamente registado como «judeu», poderia interpor um recurso para a *Abteilung Innere Verwaltung* (Administração Interna Geral). O diretor deste departamento era Hans Calmeyer, um advogado alemão, que recebeu milhares de apelos — quase todos questões de vida ou morte. O advogado Nino Kotting e o seu colega forneciam aos seus clientes todo o tipo de documentos falsos — acreditavam que leis injustas não teriam de ser cumpridas — e, ao verificar os papéis, Calmeyer fechava os olhos. Num notável bailado entre estes dois advogados, um neerlandês, o outro alemão, milhares de pessoas «deixaram» de ser judeus.

Graças a Kotting, Lien estava na lua, o seu relacionamento passava a estar registado enquanto «matrimónio misto» e ela tinha agora o mesmo estatuto da irmã, Janny — o que, como esperavam, reduziria as probabilidades de as separarem. Correu com o documento à administração do campo, que foi acrescentado ao seu ficheiro.

No portão, foi entregue um outro pacote para Lien. Quando chegou a Westerbork, enviara uma carta a Mieke pedindo com

urgência que lhe fossem enviados cobertores, toalhas, artigos de higiene e algumas canções ídiche. Nem acreditava que a amiga lhe tivesse respondido tão depressa e rasgou logo o papel do pacote.

Fietje estava sentada a seu lado, na cama, curiosa para saber o que chegara. Com efeito: cobertores, os outros itens que pedira a Mieke e, no fundo, pautas com símbolos musicais e letras. Lien tirou os papéis da caixa e segurou-os com cuidado, as mãos tão hirtas como se estivesse a pesar ouro. Leu os rabiscos; os lábios apertados e os olhos muito abertos enquanto murmurava as letras em ídiche: «*Rajsele, wer der erschter wet lachn.*»

Lien virou o rosto para Fietje.

«É o Eberhard!» Apontou um dedo ao papel. «Foi escrito pelo Eberhard! É a caligrafia dele, está a salvo!»

Lien folheou as folhas procurando outra pista de Eberhard. Encontrou uma velha canção satírica ídiche que tinham ensaiado juntos no Alto Ninho — infelizmente, nunca tiveram oportunidade de representá-la em palco. Leu alto os primeiros versos:

*Wos bistu barojges,
Wos geystu arobgelost di nos?
Un efscher wilstu wissn majn jiches
Un fun wanen un fun wos.*

E prosseguiu:

*Si is baj di fun 't hof,
Di mame ganwet fisch in mark...*

Estes versos eram novos para ela — não pertenciam à canção. Olhou para Fietje, que encolheu os ombros. Lien semicerrou o olhar; que estaria Eberhard a tentar dizer-lhe? *Si is baj di fun 't hof*. Ela está com as pessoas da corte. Da corte real? De la Court! Os amigos Albert e Cilia de la Court, de Wassenaar, e os seus cinco filhos. Kathinka era a sexta criança em casa deles. Lien encostou o papel ao peito, fechou os olhos e respirou fundo.

Desde que se despedira de Kathinka, obrigara-se a pensar nela o menos possível, com medo de nem conseguir levantar-se da cama pela manhã. Quando, no mais fundo do seu espírito, pensava que a pequena pudesse ter sido levada da casa do médico, em Huizen, pelos nazis, sentia os joelhos a tremer. Então, sacudia a cabeça, pressionava as unhas contra as palmas das mãos até quase sangrarem e concentrava-se nos contínuos choros e lamentos em seu

redor até ter afastado a filha da ideia.

Mas naquele instante em que soube que Eberhard e Kathinka estavam a salvo, reconquistava a força que a ajudaria mais uma vez a acreditar: iriam conseguir.

De facto, os Aliados estavam a progredir. Depois do Dia-D, as suas tropas tinham avançado para leste e para norte, tendo libertado muitas das principais cidades francesas em agosto de 1944. O Exército Vermelho alcançara a vitória na Roménia, além de recuperar a Bielorrússia e a Polónia Oriental. O dia 25 de agosto assinalou uma vitória importante, quando Charles de Gaulle marchou sobre Paris e declarou a libertação da capital francesa.

Sobibor, um pequeno campo no leste da Polónia, exclusivamente concebido para o extermínio, foi encerrado pelos alemães após uma grande revolta dos prisioneiros em outubro de 1943. Mas não sem antes terem sido mortas pelo menos cento e setenta mil pessoas — incluindo quase todos os 34 313 neerlandeses para ali deportados —, num processo altamente mecanizado, em menos de dezoito meses. Nunca se saberá o número exato de vítimas porque quase ninguém conseguiu sair vivo de Sobibor.

A cada novo dia, as irmãs Brilleslijper e Frank percorriam a distância que separava o *Strafbaracke* da oficina, onde contabilizavam a quantidade de baterias que desmanchavam, esperando que aquelas fossem as últimas dez, vinte, cem antes da libertação.

Neste meio tempo, falavam bastante. Uma delas, referindo-se à marcha vitoriosa de Paris para a Bélgica, disse que os soldados britânicos estavam quase em Arnhem. Outra estava certa de que os transportes haviam terminado e outra ainda afirmava ter ouvido que, se saísse mais um comboio, não seguiria para Auschwitz, mas para Wolfenbüttel, um outro campo de trabalho. Sam Polak disse-lhes que até Gemmeker, o comandante do campo, começava a ficar nervoso porque se dizia que os Aliados tinham chegado a Limburg.

O único que se recusava a ser contagiado pela onda de otimismo era Joseph Brilleslijper. O pai não estava bem, nem mental nem fisicamente. As dificuldades de visão esgotaram-no, perdeu peso e mal suportava o sufoco dos barracões no meio de tantos prisioneiros. Quando mais uma vez, certa noite, escutou as filhas a construírem castelos nas nuvens sobre a iminente libertação, explodiu.

«Parem com esse absurdo, parem de se enganar! Pensam que, simplesmente, nos deixam ir quando os Aliados chegarem? Que não se vingarão antes de eles se chegarem ao portão?»

Arfou e abanou a cabeça, frustrado com a ingenuidade das filhas

— quiçá com a sua própria incapacidade de alterar a sua situação.

Joseph não se encontrava sozinho na sua ansiedade: todo o campo se achava suspenso da prometida libertação. Pela noite, quando os prisioneiros se amontoavam nos seus beliches triplos e a poeira assentava nos barracões debaixo do céu estrelado, a maioria estava bem acordada em cima das suas enxergas de palha. Não conseguiam dormir por causa do calor que trespassava o ripado de madeira, do cheiro a suor, do choro das crianças. Inquietavam-se com os familiares deportados e com o que os aguardaria. Perguntavam-se como teriam acabado naquela situação ou o que teriam feito para merecer tal destino. Estão bem acordados porque não deixavam de contar pelos dedos os dias que tinham passado desde que os últimos comboios haviam saído de Westerbork em 31 de julho, como se, com cada dia a mais, se afastassem do veredito e, em seu lugar, viajassem para um novo horizonte.

Um daqueles derradeiros comboios seguira para Theresienstadt, levando Jetty Druifff e Simon van Kreveld, que com eles tinham vivido no Alto Ninho. Um segundo, com destino a Bergen-Belsen, levava a bordo Lily Biet-Gassan e Anita, a sua filha.

Corria o dia 2 de setembro, um sábado, quando foi proferido o veredito — o anúncio de 1019 nomes para deportação.

Com a exceção de Willi e Rita, todos estavam na lista.

Brilleslijper, Joseph
Brilleslijper-Gerritse, Fietje
Rebling-Brilleslijper, Rebekka
Brandes-Brilleslijper, Marianne
Brilleslijper, Jacob
v. d. Berg-Walvisch, Pauline
Teixeira de Mattos, Abraham
Teixeira de Mattos-Gompes, Louise
Frank, Otto
Frank-Hollander, Edith
Frank, Margot Betti
Frank, Annelies Marie

O último comboio para Auschwitz deixaria Westerbork na manhã seguinte.

Rapto

A casa da colina parecia abandonada. No interior, nada na mesma; a mobília arrastada, os colchões virados ao contrário, os cortinados arrancados das varetas. Na cozinha, um prato com migalhas e uma faca com alguma manteiga testemunhavam, em silêncio, o destempero da polícia.

O doutor Van den Berg não estava preparado para receber três crianças pequenas. Perguntou ao SD se poderia mandar duas para o doutor Schaaberg, um dos colegas da aldeia. Prometeu ficar com Kathinka e cuidar bem dela. Van den Berg também pediu permissão para ir buscar algumas das coisas dos pequenos. O SD condescendeu e o médico levou Robbie e Liselotte para a outra morada.

Enquanto as respetivas esposas olhavam pelas crianças, os dois médicos deslocaram-se ao Alto Ninho para recolherem as camas dos pequenos e alguma roupa. No caminho de volta, com tudo nas mãos, discutiram a situação.

«Os agentes fizeram-me jurar que ficaria com as crianças até verificarem que elas não são completamente judias», afirmou Van den Berg, pensativo. «Veja se não fogem ou o SD virá pedir-me contas!»

Schaaberg anuiu em silêncio. Compreendia o que estava em jogo. Pararam para descansar diante da casa de Van den Berg. No interior estava a pequena Kathinka, exausta com os acontecimentos daquele dia. Esperando sozinha que aquele homem estranho regressasse. Schaaberg pegou nas coisas que lhe diziam respeito e despediu-se do colega com um aceno. Depois, encaminhou-se para sua casa, cerca de quatrocentos metros mais adiante, onde Robbie e Liselotte estavam, muito quietos, sentados no sofá da sala de estar.

Quando Jan Hemelrijk recebeu a notícia de que o Alto Ninho fora alvo de uma denúncia e as crianças estavam instaladas, provisoriamente, noutro local, soube que todos os minutos seriam importantes. Robbie e Liselotte, meio-judeus, estavam a salvo, mas seria uma questão de tempo até o SD compreender que Lien e Eberhard não eram casados e, por isso, que Kathinka era completamente judia. O que significaria a sua deportação.

Hemelrijk contactou de imediato o doutor Van den Berg, pedindo-lhe para lhe entregar a menina tão depressa quanto possível. Van den Berg recusou. Dera a sua palavra ao SD, consciente do que o esperaria caso ajudasse a esconder uma judia — ainda que com apenas três anos.

Jan Hemelrijk apelou a dois amigos da família Brilleslijper que moravam perto do médico. O primeiro foi Karel Poons, o bailarino louro-oxigenado. Como este e Lien ensaiavam todas as semanas, Karel tornara-se num amigo próximo de Eberhard e do resto da família. A segunda era uma jovem de nome Marion van Binsbergen.

A guerra aproximou Karel e Marion por mero acaso. Ele estava escondido em Huizen, no abrigo do jardim de Cecile Hanendoes, e Marion, uma estudante de Amesterdão, nos seus vinte e poucos anos, com o curso acabado de concluir, mudara-se para a casa do lado em 1943. Filha de um juiz livre-pensador e de uma mãe inglesa com problemas de autoridade, Marion fora desde muito nova estimulada a pensar por si. Ao início da ocupação alemã, estudava Trabalho Social em Amesterdão. Encontros pontuais com fascistas causaram-lhe má impressão e depressa aderiu à resistência.

Um destes acontecimentos decisivos passou-se num belo dia da primavera de 1942. Marion passava de bicicleta por um orfanato judeu quando o mesmo era evacuado pelos nazis. A investida ainda decorria quando ela parou no meio da rua. Todas as crianças do lar choravam. Marion viu-as serem atiradas, uma a uma, para um camião. Bebés, crianças que mal andavam, meninos e meninas de oitos anos — todos lançados para a caixa de carga por cima da aba traseira como sacos de batatas, por um braço, uma perna, um rabo de cavalo.

Ao verem aquilo, duas mulheres aproximaram-se e lançaram-se sobre os alemães sem hesitação. Foram ambas dominadas e atiradas para o camião com as crianças. Marion vira tudo, decidindo que a partir dali participaria na resistência — ainda que viesse a morrer.

Registou bebés judeus como sendo seus, procurando-lhes esconderijos em todo o território dos Países Baixos. Vivia consigo, havia meses, um menino de dois anos de quem fingia ser mãe. Ajudou uma judia grávida em fim de tempo, pois a família que a antes acolhera não queria esconder bebés. Após o parto, levou o recém-nascido de Amesterdão para Roterdão, onde encontrou uma família com quatro filhos que se disponibilizou para adotar o bebé. O seu ato mais corajoso, contudo, seguiu-se ao pedido para encontrar um lugar a salvo para Freddie Polak e respetivos filhos de quatro, dois anos e duas semanas.

Corria o mês de agosto de 1943 quando nasceu a mais pequena,

Erica Polak. A mãe pertencia à resistência e, pouco depois de dar à luz, foi detida e levada para a cadeia. Marion encontrou refúgio para esta família nas cercanias de Amesterdão, na aldeia de Huizen — ora, mesmo ao lado do local onde Karel Poons se escondeu. Marion logo se mudou para junto de Freddie para olhar pelas crianças ao mesmo tempo que trabalhava na sua tese. Foi como uma mãe para os pequenos, fazendo os vizinhos acreditarem que seriam os seus filhos cristãos. Ainda assim, preocupava-a muito o facto de virem a ser descobertos. Criou um espaço oco debaixo de algumas tábuas do pavimento, protegidas por um tapete, onde Freddie e os filhos se deveriam esconder no caso de um ataque iminente. Para manterem a bebé Erica sossegada nos momentos mais críticos, chegaram a dar-lhe um comprimido para dormir.

No entanto, certa noite não correu bem. Quatro agentes das SS invadiram a casa sob a vigilância de um agente da polícia local, um conhecido nazi neerlandês. Os homens revistaram-na, nada encontraram e foram-se embora, mas o agente local aguardou pelo lusco-fusco. Marion conhecia bem esta tática e pediu a Fred que continuasse escondido.

Entretanto, os pequenos começaram a ficar agitados e ela teve de os retirar — desta vez, não tinham tomado comprimidos para dormir. O agente contornou a casa, esgueirou-se para o interior e deu de caras com as três crianças judias. Marion só tinha um instante para se decidir. Pegou na arma, na estante a seu lado, e disparou.

Pôs-se em ação uma rede de ajudantes silenciosos. Marion entrou em pânico, inquieta com o que poderia suceder à família Polak se a morte fosse descoberta, e procurou ajuda no seu amigo e vizinho Karel Poons. Pensaram juntos num plano. Marion queria enterrar o cadáver no jardim das traseiras, mas Karel teve uma ideia melhor. Ignorou o recolher obrigatório, correu no escuro até ao padeiro da terra, em quem confiava, pedindo-lhe para ir recolher o corpo com a sua furgoneta. O padeiro quis ajudar e levou-o ao cangalheiro. Marion implorou a este último que se livrasse do corpo para salvar as vidas de três crianças. Ele assim o fez. O polícia morto foi depositado num caixão ao lado de outra pessoa acabada de falecer, tendo sido levado a enterrar no dia seguinte pelos insuspeitos familiares desta.

Passaram dias, semanas, meses e Marion aguardava em grande ansiedade que alguém lhe fosse bater à porta à procura do agente da polícia que desaparecera da face da terra. Familiares, colegas ou os quatro agentes das SS que o tinham acompanhado naquele dia; alguém teria dado pela sua ausência. Mas ninguém aparecia. Aparentemente, Marion não foi a única a sentir alívio por deixar de

temer aquele homem.

E foi a este casal que Jan Hemelrijk pediu que salvasse a vida da pequena Kathinka antes que fosse demasiado tarde. Contou-lhes que pedira a Van den Berg para lhe entregar a criança. Como o médico recusou, Jan tentara sozinho ir buscar Kathinka. Quando entrou na casa do médico, a senhora Van den Berg pôs-se a gritar como uma sirene enquanto o marido ligava para a polícia. Jan teve de se pôr em fuga. A polícia passou a vigiar a casa.

Marion e Karel responderam que sim no mesmo instante, embora ela fosse da opinião de que deveria ir sozinha; se Karel fosse apanhado, como era judeu, estaria feito; ao passo que ela, provavelmente, apenas seria detida. Karel não pensava assim. Kathinka era filha dos muito amigos Lien e Eberhard, que lhe obtiveram os seus documentos falsos; estava determinado a evitar que a menina fosse deportada. Jan Hemelrijk deu-lhes as instruções; teria de acontecer na manhã seguinte.

No dia 14 de julho de 1944, pelas oito horas e trinta minutos, Karel e Marion seguiram juntos para a aldeia. Enquanto Karel distraía o polícia de vigia e o médico com conversa na parte da frente, Marion esgueirou-se para dentro pela porta das traseiras e procurou Kathinka. Encontrou a mulher do médico com os filhos, na casa de banho do piso superior, a procederem à higiene matinal. Kathinka também ali estava, toda vestida e pronta. Quando a senhora viu a intrusa, pôs-se novamente aos gritos, mas Marion empurrou-a para dentro da banheira sem piedade.

Marion agarrou na menina, correu escada abaixo e saiu pelas traseiras. Pô-la no cesto da bicicleta e deu aos pedais com todas as forças. Da janela aberta, ecoavam pela rua gritos e lamentos, mas a criança seguia muda na parte de trás do velocípede — como se compreendesse o que estava em jogo.

Marion pedalou mais de três quilómetros em linha reta até Blaricum, onde entregou a menina na morada de dois amigos da resistência. Regressou a Huizen em ritmo de passeio, aliviada por a criança estar a salvo. Entretanto, Karel fugira das imediações da casa do médico por entre todo aquele alarido.

Hora e meia depois, a Gestapo chegava a casa de Van den Berg para proceder à deportação de Kathinka.

Os alemães tinham encontrado os documentos de Eberhard no Alto Ninho. Willi Lages percebeu que o casal não tinha contraído matrimónio e ordenou que os seus homens fossem buscar Kathinka. Antes de a deportar, pretendia utilizá-la para fazer o pai falar.

Os agentes do SD ficaram furiosos ao saber que a criança tinha

sido levada por uma desconhecida de bicicleta. O doutor Van den Berg enfrentou toda a fúria dos agentes, mas acabou por ficar em liberdade.

Foram espalhados cartazes com a fotografia de Kathinka por toda a Huizen com a seguinte legenda em letras grossas:

PROCURA-SE!
Kathinka Anita Bos
Nascida em 8/8/1941

Nem uma pista; a criança evaporara-se.

Robbie e Liselotte ficaram algumas semanas com o doutor Schaaberg, em Huizen, tendo depois sido levados para casa dos seus avós não judeus em Haia. No dia da investida, Bob foi, com efeito, avisado pelo agente da esquadra de Huizen. Após o trabalho, não regressou ao Alto Ninho e foi direito a Trees Lemaire, em Amesterdão. Depois de Janny o ter ajudado a fugir da furgoneta da polícia, Eberhard procurou refúgio junto de Eva Besnyö, em Leidsekade, também em Amesterdão. Os dois homens encontraram-se em segredo em casa de Eva. Bob disse a Eberhard que Kathinka estava a salvo — Jan Hemelrijk contara-lhe tudo. Por sua vez, Eberhard contou a Bob como Janny lhe salvara a vida.

Pouco depois da operação de salvamento, Karel Poons e a sua senhoria, Cecile Hanedoes, tinham-se esgueirado ao longo do bosque e da azinhaga até ao Alto Ninho a meio da noite. Queriam salvar alguns pertences e documentos incriminatórios que ainda lá estivessem.

Enquanto Karel ficava de guarda no exterior com um riso nervoso, Cecile subiu pelo tubo de queda, quebrou uma janela e vasculhou toda a casa. Tentou recolher tudo o que pudesse acusar os residentes levados dali à força, incluindo a caixa com pautas e canções escondida debaixo do pavimento por Eberhard e negligenciada pelos alemães. Chegou, por Bob, a Eberhard, que enviaria parte da música a Lien — com uma mensagem oculta —, em Westerbork, esperando que a ajudasse a reunir coragem.

Bob, Robbie, Liselotte, Eberhard e Kathinka estavam inquietos e dispersos pelo país — mas, milagrosamente, a salvo. Bob e Eberhard pediam por tudo para que as suas mulheres, toda a família Brilleslijper e os antigos hóspedes continuassem em Westerbork até que a libertação iminente se tornasse realidade.

TERCEIRA PARTE

SOBREVIVER



«Sentíamo-nos muito tristes, exaustos, com frio; ficámos sem comida durante dias, debilitados por isso — nem estávamos certos de ter fome ou não, porque se desvanece, não sei se já passou por isso... Felizmente, nunca saberá, meu Deus, por favor, que nunca venha a saber.»

Janny Brandes-Brilleslijper

A viagem para leste

Foram convocadas mais de mil pessoas e, após um breve momento de ceticismo, o pânico espalhou-se pelo campo. Para onde seguiria aquele transporte? Caos por toda a parte. Alguns corriam sem rumo tentando encontrar as pessoas certas, procurando isenções ou mais informação. Outros juntavam-se às famílias sem saber que fazer. Manterem-se juntos? Tentar fugir na próxima noite? Sair de Westerbork estava fora de questão. Seria melhor subirem para o comboio e saltarem em andamento. E as crianças, onde poderiam escondê-las? E se — no melhor dos cenários — o comboio fosse para um campo de trabalho, não seria melhor estarem com os filhos e esperarem juntos pela libertação? Outros fingiam sintomas de doença ou imploravam ajuda aos médicos do hospital do campo. Em Westerbork, havia médicos judeus que faziam tudo para salvar gente, mas para a família Brilleslijper esta via não seria opção. Como estavam no barracão de punição, não podiam percorrer o campo livremente como os outros; seriam necessários vários procedimentos para entrarem em contacto com um médico.

Desde que os seus nomes foram anunciados, Fietje Brilleslijper fora inflexível: teriam de ficar juntos. Fossem para Bergen-Belsen, Theresienstadt, Wolfenbüttel ou Auschwitz, o que interessava era não serem separados.

Todos os cinco se sentaram, abraçaram-se e discutiram os cenários. Auschwitz parecia menos plausível; o Exército Vermelho já estava na Polónia e dizia-se que Lublin, uma cidade do sul, a meros quatrocentos quilómetros de Auschwitz, fora libertada. Porém, Janny fez uso do seu lado prático, como sempre.

«Não podemos fazer suposições. Nem sequer sobre se os outros campos serão melhores. Toda a gente fala de Theresienstadt como sendo uma felicidade ir lá parar, mas como poderemos ter a certeza? Quantas pessoas foram vistas a regressar de Theresienstadt?»

O pai estendia-se na cama tolhido pela impotência. Os outros, nervosos, caminhavam em volta dos barracões sem um propósito específico, à procura de uma solução que pudesse salvar-lhes as vidas. Japie buscava a companhia da rapariga que conhecera em

Westerbork. Otto Frank corria de um lado para o outro a tentar obter informações. Acreditava que seriam enviados para Theresienstadt e que as coisas se iriam compor.

O tempo era o inimigo. A cada minuto, o comboio que os transportaria devorava metros e mais metros de carris, travessa após travessa.

Após um longo dia em que alguns prisioneiros andaram às voltas desesperados e outros se remeteram ao silêncio a arrumar os seus pertences, reuniram-se todos no interior e em redor dos barracões ao crepúsculo. O calor era menos intenso do que em agosto e o chão arrefecia mais depressa durante a noite. As famílias sentadas lado a lado, filhos nos colos, braços envolvidos uns nos outros. Fietje sentou-se na cama reunida com o marido e os filhos. Quis falar-lhes antes que cada um se deitasse para a noite que os levaria ao início da viagem. Inclinou-se para a frente para se fazer ouvir e quando começou a falar tudo em seu redor entrou num profundo silêncio.

«Aproveitem ao máximo cada um dos últimos momentos que nos restam. Tão bem quanto puderem.»

Fietje olhou atentamente para os filhos, enfatizando cada palavra, com a expressão dócil de sempre. As rugas entre o nariz e as bochechas estavam mais vincadas.

«E lembrem-se: isto também passará.» Agarrou na mão de Joseph. Depois virou-se para as filhas. «Janny, Lientje: nunca se separem! Não se preocupem com o pai nem comigo, nós olharemos um pelo outro.»

Olhou para Joseph, de sobranceiras levantadas, que acenou afirmativamente. Ele observou uma filha e outra com uma súbita determinação no olhar, revelando um vislumbre do homem de quem tanto sentiam falta.

Fietje prosseguiu: «O Jaap ficará bem. É jovem, forte e tem energia suficiente por todos nós.»

Ao dizer aquelas derradeiras palavras, tentou sorrir para o mais novo, que estava encostado a uma das camas de braços cruzados sobre o peito. Mas o rosto de Japie permanecia tenso; não conseguia retribuir o sorriso da mãe, nem por uma questão de educação. Claro que ficaria bem, mas estava apavorado pelas irmãs e pelos pais.

Depois, quando já não havia mais palavras a dizer, levantaram-se e abraçaram-se. Anteviram que, no dia seguinte, seria o caos completo, quando mais de mil pessoas fossem empurradas para o mesmo comboio, sem nada poderem dizer — nem sequer adeus.

Manhã de domingo. Ainda fazia escuro, mas quando a *Ordnungsdienst* irrompeu aos gritos pelos barracões, ninguém acordou assustado. Tudo estava pronto para partir, alguns vestindo cinco pares de calças e dois camisolões de lã, algumas mulheres escondendo pó de arroz no sutiã, um batom num sapato. Fotografias e cartas dos entes queridos cuidadosamente disfarçados no bolso de uma camisa.

Toda a gente desceu dos beliches por vontade própria, doentes e velhos movimentando-se com dificuldade, os mais pequenos ainda esfregando os olhos com sono. Pais e mães agarrando os filhos pelos braços — os dedos já totalmente sem cor, e ainda nem sequer tinham abandonado os barracões. As pessoas agarraram nos pertences e saíram incitadas pelos rudes gestos dos guardas.

«Mexam-se!»

«Rápido!»

«Sem muita tralha!»

Entre o barracão de punição e a via-férrea, viram aproximarem-se centenas de pessoas vindas do outro lado do campo. Até o comandante, Albert Gemmeker, marcou presença àquela hora da madrugada — seria difícil ignorar-lhe o brilho das botas. Com os seus agentes das SS e dois enormes cães, observava de lado, descontraído, mas com olhos de falcão, dizendo piadas, mas levando muito a sério o trabalho que tinha entre mãos.

Janny e Lien, colando-se uma à outra e tentando manter-se junto à família, buscavam na multidão os rostos dos amigos que tentariam saltar do comboio em andamento — esperando conseguirem acompanhá-los. Então, foi iniciada a chamada e o caos instalou-se. Gente a andar em contracorrente, familiares a gritar entre si. Um último empurrão e separaram-se: Janny e Lien para um lado, Joseph e Fietje para o outro. Jaap desapareceu na multidão — o olhar de surpresa com as sobranceiras arqueadas foi a última expressão que lhe viram.

O comboio. Não era uma composição de passageiros com assentos, coxias e janelas como aquela que trouxera Janny da Estação Central de Amsterdão para Westerbork, mas rústicos vagões de gado, minibarracões de madeira como os do campo, com rodas e fechados até cima — não se viam entradas de ar. Os vagões exalavam um cheiro pungente. Um odor amargo que lhes picava o nariz por dentro.

O comboio parecia não ter fim. Magotes de gente amontoada diante dos carris, empurrões, tropeções, mas Gemmeker e os seus homens rejubilavam ao verem que todos, lenta mas organizadamente,

se dividiam e desapareciam dentro dos vagões. As irmãs viram como Fietje e Joseph foram acondicionados no mesmo vagão do casal de anciãos Teixeira de Mattos e depois perderam os pais de vista. Só desejavam que Jaap estivesse com eles.

Dezenas de pessoas por vagão — sessenta, setenta, oitenta, mais a bagagem — até ficarem abarrotados, com dedos e narizes espetados para fora. As pessoas junto às portas olhavam para a plataforma, mas os olhos não descortinavam o chão, cerca de um metro mais abaixo, prestes a ser deixado para trás sob os seus pés. Depois, a porta deslizou diante dos seus rostos; o campo e o Sol desapareciam. Uma barra de ferro rodava cento e oitenta graus, trancando-os no interior, e o número de prisioneiros era registado a giz no exterior do vagão. Próxima.

As pessoas entreajudavam-se a subir para os vagões, Lien e Janny agarraram a roupa uma da outra com medo de se separarem no derradeiro instante. Mas não. Seguiram no mesmo vagão, provavelmente por terem ambas a designação de «*Häftlinge* (prisioneiras) políticas».

Viram-se no interior do vagão, apertadas entre corpos estranhos. Todos tentavam mexer-se, movimentar-se, os mais velhos tentando manter o equilíbrio, as crianças desaparecendo entre as pernas das mães, os homens como que grudados uns aos outros e tudo suportado por quatro tabuados de madeira que não cediam por nada.

Um ripado fino no topo permitia a entrada de ar, mas o aperto daquele local fora evidente ainda com a porta aberta. Deixaram-lhes um pequeno tonel vazio e um balde com água. «Mãos! Pés!», gritou um guarda, e toda a fila da frente tentou recuar mais alguns centímetros. A seguir, a porta fechou-se.

O vagão ficou na mais profunda escuridão; era como se tivessem sido enterrados vivos. Toda a gente gritava, respirava a custo, as crianças em pânico por nada enxergarem. Alguém pisava um outro, uma tosse persistente a um canto dava conta dos nervos. Lien estava assustada, o peito sufocava e ao tentar mexer-se, viu que tinha os pés bloqueados entre dois outros. Guinchou, começou a arfar. Janny beliscou-lhe a mão entre o polegar e o indicador, onde sentiria mais dor.

«Fica quieta, não te mexas, mantém a calma», repetiu com vagar a Lien para lhe desviar os pensamentos e a irmã lhe afastasse a mão.

Ouvem gritos no exterior, passadas fortes na plataforma, alguns alemães a rir e a gracejar. O ruído esmoreceu, instalando-se uma lenta acalmia, inclusivamente no interior do vagão. Ficaram ali à espera durante o que lhe pareceu uma eternidade. Então, após uma

valente sacudidela, gritaram em uníssono e não fossem as paredes de madeira teriam tombado como peças de dominó com o arranque do comboio. Os êmbolos de aço começaram, muito devagar, a ranger e até as crianças se calaram. Um solavanco, outro, com crescente vigor, até os rodados passarem sobre as juntas dos carris numa cadência constante.

O Sol subia aos céus de Westerbork e os vagões de gado com 1019 pessoas a bordo desapareciam, vagarosamente, ao longe.

Apesar de tentarem encolher-se ao mínimo, o conteúdo do vagão parecia multiplicar-se. Alguns, poucos, tentaram sentar-se em malas, no chão, mas a maioria teve de ficar em pé. Cada espacinho vago à partida ficou ocupado e o tudo-nada de oxigénio que passava pelo ripado parecia ser absorvido por mais e mais bocas. E a viagem começara havia não mais do que uma ou duas horas. Alguns dos mais velhos carpiam com discrição sem que os restantes soubessem como reconfortá-los, as mães diziam aos filhos para não chorarem, que ficassem quietos e que não podiam fazer xixi. Alguém vomitou. O odor era nauseabundo, mas tiveram de se habituar.

Entretanto, sentiram reduzir a marcha. Janny e Lien apertaram-se, tentando obter atenção mútua, mas estava demasiado escuro. O comboio deteve-se. Todos exprimiram um silêncio de morte, sustendo a respiração. Já? Seria bom sinal?

Ouvem-se ruídos no exterior, gritos em alemão, a mesma passada forte para a frente e para trás como se nunca tivessem deixado Westerbork. Um remexer hesitante na porta, o ferro a ranger: a luz brilhante do Sol. Olhos semicerrados e bocas abertas. Levas de ar fresco percorreram o vagão e todos o inspiraram, tragando o oxigénio como se água fosse. Estava fresco para aquela época do ano, por volta dos quinze graus, sentiram os músculos e ossos amolecidos a enrijar lentamente.

O alívio foi de curta duração. Chegaram guardas empurrando gente à sua frente; rostos conhecidos do campo. Imobilizaram-se diante do vagão aberto, ouviram-se ordens — subir. Confusão — não seria possível, não havia espaço, sussurram detrás, mas teria de haver. Encolheram-se recuando curtos centímetros, metade da largura de uma mão, as pessoas puseram-se nas pontas dos pés de braços estendidos e todos entraram, os rostos quase encostados aos da fila da frente. A porta fechou-se nas suas costas. Que sucedera? Os recém-chegados contaram a sua história.

Houvera uma tentativa de fuga num dos vagões da retaguarda. Bem-sucedida para alguns: uns poucos de prisioneiros tinham conseguido saltar do comboio em andamento por uma abertura feita

na parte da frente do vagão. Alguém conseguira esconder uma pequena faca de pão e revezaram-se para usar a serrilha até criarem um entalhe no painel de madeira, perto do engate com o vagão seguinte. Depois, abriram mais um corte até criarem espaço suficiente para uma pessoa se esgueirar.

O primeiro lançou as pernas para fora, apoiou os pés nos batentes de aço entre os vagões enquanto, mais baixo, as travessas da via-férrea passavam a uma velocidade louca. Sem hesitar, mergulhou para o buraco e desapareceu sob o comboio em marcha. O seguinte, uma vez no exterior, ergueu-se sobre os batentes, as pernas a tremer, até alguém gritar que saltasse para permitir a saída dos outros. Saltou. Ninguém soube dizer se foi, ou não, apanhado pelos rodados.

Depois, uma mulher. Passou os pés pela abertura, saiu apoiada nas nádegas até ao frio dos batentes. O vento batia de encontro aos vagões que avançavam a grande velocidade. Ficou ali sentada de olhos muito abertos. Ninguém acreditou que conseguisse, mas acabou por fazê-lo; tombou de costas enquanto o comboio prosseguia caminho.

E assim, um total de seis ou sete pessoas conseguiu sair daquele vagão de gado — mortos ou vivos, ninguém saberia — antes de os alemães o perceberem e mandarem parar o comboio. Os restantes passageiros foram rudemente empurrados para fora do vagão, então com um enorme rombo na parte dianteira, que foi desengatado e foram divididos pelos restantes.

Quando os rodados reiniciaram a marcha, um dos recém-chegados referiu que as fugas e a paragem teriam sucedido nas imediações de Zwolle — dissera-o alguém que conhecia a zona. A discussão sobre o destino recomeçou. Não seria suposto irem para leste? Então, por que razão passariam em Zwolle? Janny escutava e nada dizia. Sabia que todos os comboios que partiam de Westerbork teriam, antes de mais, de entrar no ramal de Assen-Zwolle, onde era iniciada a viagem com destino à Polónia. Ainda assim, não acreditava que percorreriam todo o caminho até Auschwitz, nem mesmo Wolfenbüttel; o Exército Vermelho estaria, seguramente, a chegar a Berlim? Não, não viajariam para muito longe.

Durante as horas que se seguiram, encostaram-se uns aos outros naquele vagão superlotado a toda a brida sobre os trilhos. De início, tentaram ter cuidado com as pessoas que os rodeavam. Se um vizinho pretendesse sentar-se um pouco, levantavam-se; se uma criança quisesse passar por entre as pernas até à irmã mais velha, as pessoas ao lado deixavam-na passar. Caso alguém estivesse quase a

perder os sentidos por não conseguir respirar, permitiam que obtivesse algum ar fresco sob o ripado e se, por acidente, alguém desse um pontapé ou empurrasse outra pessoa, pedia «perdão». Porém, o civismo não é mais do que uma questão de circunstâncias e, em pouco tempo, a boa-educação deu lugar à autodefesa. Janny e Lien continuavam muito coladas e quando o mal-estar geral aumentou naquele espaço apertado, as irmãs criaram o seu próprio escudo protetor.

Com o avançar do dia, algumas pessoas deixavam de conseguir ter-se em pé e caíam, outra ficava presa e gritava. Quem encontrava espaço no chão ou, menos mal, num pedacinho de palha, sentia-se preso, recebia pontapés ou era atingido no rosto por um joelho. Quando uma criança sossegava logo outra começava a chorar e, aos poucos, o ambiente tornou-se insuportável. Ao início, estavam todos no mesmo barco, mas a maior parte sentia-se tão miserável que o seu único objetivo passara a ser sobreviver à viagem; se necessário, por todos os meios.

Havia um tonel de madeira do tamanho de um balde onde podiam satisfazer as necessidades básicas, embora nas primeiras horas apenas as crianças o tenham utilizado. Ao fim da tarde, a composição não mostrava intenções de abrandar e os adultos cederam à pressão das respetivas bexigas, um a um. Apertados entre estranhos, sentavam-se no balde pondo de lado a derradeira réstia de dignidade. O tonel quase transbordava e o ar abafado exalava um odor tão pavoroso que conseguiam senti-lo na ponta da língua.

Quando a noite caiu, perderam completamente o rumo como se tivessem mergulhado numa escura camada de óleo. Nada haveria a fazer senão entregarem-se e, aos poucos, o vagão ficou em silêncio. Janny e Lien encontraram forma de passar pelas brasas. De pé, costas com costas, equilibrando-se mutuamente. Esta sensação de terem os corpos muito pressionados de encontro à outra recordou-lhes Amesterdão, o lar, a antiga cama. Era, literalmente, tudo quanto ambas tinham para se agarrar.

4 de setembro de 1944

Um solavanco, um ligeiro avanço, outro solavanco, o comboio pára. Os corpos oscilaram com o vagão, embora incapazes de se mexer. Sem barulho, sem choro, as últimas vinte e quatro horas tinham esgotado toda a gente. Erguida a barra de ferro, a porta abriu-se. Sol matutino. Ninguém se moveu, continuavam sentados, deitados, em pé onde estavam, especados a olhar para o que se lhes oferecia, de olhos meio abertos.

«Fora!»

Sem resposta.

«*Dalli, dalli!* Rápido!»

Começaram a mover-se; permitiram que cerca de vinte prisioneiros descessem para o cais, esvaziassem os toneis de urina e enchessem os baldes com água. De regresso ao vagão, porta fechada, ferrolho rodado. Tudo escuro de novo, o odor do dia anterior, como se nada tivesse acontecido. O comboio ganhava velocidade e em pouco tempo sentiam outra vez o baque constante das juntas.

Janny descobriu que, além das frestas oblíquas junto ao teto, existiam na parede duas telas de malha de arame que permitiam a entrada de algum ar. Muito lentamente, ela e Lien tentaram deslocar-se para perto delas; avançaram na sua direção com os rostos voltados para cima como se tentassem inspirar ar fresco. Os corpos, colados uns aos outros, agitaram-se: havia oxigénio junto às malhas, mas também se sentia uma aragem. Lien abria uma nesga para Janny, esta abria uma nesga para Lien, e assim se foram aproximando.

Perto do ferrolho da porta, viram um terceiro orifício. Com alguma sorte, poderiam espreitar para fora. Por fim, quando Janny conseguiu encostar o rosto à madeira e viu o mundo, exalou bem fundo, gravando na mente cada imagem, cada cor, cada som do exterior. Não havia uma nuvem no céu e o azul brilhante estendia-se até ao amarelo-ocre dos campos de trigo. Alguém tentou afastá-la, mas ela não cedeu. Espreitando pelo orifício, tudo era tão soalheiro, colorido e pacífico que, durante alguns segundos, se esqueceu das condições desesperadas em que o corpo se encontrava. Nisto, foi empurrada para o lado, o que pôs fim àquele momento tão particular.

As irmãs tentaram contar as horas, mas as suas cabeças tinham deixado de funcionar. Apertadas no meio de toda a gente dentro de um vagão; as noções de tempo e espaço dissiparam-se em simultâneo com a percepção dos seus membros. Tinham um pedaço de pão duro, mas sentiam-se tão exaustas, e o cheiro era tão doentio, que não conseguiriam comê-lo ainda que quisessem. As pessoas ao redor divagavam, as crianças choramingavam baixinho, sentiam o estremecer das agulhas e dos desvios e o aço rangia até que todo aquele som de fundo conduziu a mais uma noite interminável.

5 de setembro de 1944

Estendiam-se uns sobre os outros como sacos de areia amontoados — uma perna acabando numa mão, numa cabeça, num pé. Uma arca deslizava, vagorosamente, para trás e para a frente acabando por parar de vez. Sempre que a composição mudava de

linha, todos acompanhavam o mesmo solavanco, os cabelos varrendo o chão imundo como leques. O pequeno tonel deixara de ser usado. Já não espreitavam pelo orifício. De vez em quando, as irmãs trocavam um olhar. Wolfenbüttel não era assim tão longe, certamente não iriam...

O comboio parou na terceira noite. Portas destrancadas, holofotes iluminando os vagões do alto do céu negro. Latidos, ordens em alemão, berros ao longe. No vagão das irmãs, as mãos tateavam procurando gente morta. Ouviu-se uma voz fanhosa, como num estádio, mais estridente do que tudo o mais.

«*Alle raus, schneller, schneller!*»

Todos para fora, mais depressa, mais depressa!

«*Austreten, alle Koffer hinlegen!*»

Para fora, larguem a bagagem!

As irmãs ergueram-se com dificuldade, encadeadas, as pernas e as pálpebras pesadas, muito pesadas. Ainda no vagão, tropeçaram num corpo, perdendo o equilíbrio ao descerem para a plataforma, mas foram ajudadas por um par de mãos estranhas; um homem de fato às riscas murmurou: «*Ihr seid gesund. Lauf. Nicht auf die Wagen gehen!*» Vocês têm saúde. Caminhem. Não entrem nas viaturas! Não compreenderam, deram as mãos e avançaram cingidas pela luz espessa dos holofotes, pequenas partículas de poeira pairando sobre elas como flocos de neve.

Lien olhou para trás; o cobertor novo que Mieke lhes enviara ficara no comboio. Mas ao passarem pelos outros vagões, viam malas arrancadas de mãos e lançadas para o cais em grandes montes. «*Alles gepäck liegen lassen, nichts mitnehmen!*» Larguem a bagagem, não levem nada convosco.» Ao lado dos amontoados de bagagem, erguiam-se pilhas de cadáveres que os guardas lançavam para fora dos vagões como se fosse um jogo. Lobos-de-alsácia erguiam-se nas patas posteriores, as suas trelas enroladas em volta de mãos firmes que surgiam das mangas de uniformes que incluíam botas altas de couro. Os dentes aguçados estavam aterradoramente próximos. Rápido, continuem a andar, sigam pela plataforma.

Formavam-se filas. Homens de um lado, mulheres e crianças do outro. Um oficial das SS de pé num estrado alto, com a silhueta alta e escura recortada pela luz intensa. Abria e fechava a boca, as veias do pescoço muito inchadas. Que dizia? Que teriam de fazer? Janny e Lien continuavam de mãos dadas.

«*Alte un Kinder auf den Lastkraftwagen!*»

Que velhos e crianças entrassem nos camiões. As pessoas com cinquenta anos e mais, lutando para se manterem em pé após tão

esgotante viagem, assim como as crianças, foram levados das filas e empurrados para as viaturas com o olhar fixo no vazio. As mães correram atrás dos filhos.

As irmãs perscrutaram a multidão tentando descortinar rostos familiares. Pensando ter visto Jaap ao longe, com as suas sobrelanceiras arqueadas sobre um mar de coroas escurecidas, Lien levantou uma das mãos. Não teve a certeza, pois o rapaz esfumara-se. Janny pensou que teria entrevisto o pai e a mãe junto a um camião, mas as silhuetas foram obrigadas a avançar.

«*Dalli, dalli! Schneller!*»

Na fila, juntas e de mãos bem apertadas, tentavam esquecer o cheiro do comboio e, depois, também ali o sentiram. Um cheiro que nunca mais esqueceriam.

Na noite de 5 para 6 de setembro de 1944, logo após a Terça-Feira Louca¹¹, quando os neerlandeses se puseram a exhibir bandeiras e faixas do seu país esperando a chegada dos libertadores a todo o momento, a família Brilleslijper entrava em Auschwitz.

*

No alto, o oficial das SS continuava aos gritos. A fila das irmãs encolhera, mas ainda se viam centenas de pessoas ao longo da plataforma.

«*Ruhe!*» Silêncio!

Olhavam para cima, esticavam-se, mas havia muito ruído e caos.

«Irei dizer cinquenta nomes! *Extra Schutzhaftbefehl!*»

Ordem de detenção extraordinária. Um silêncio súbito. O homem baixou a cabeça e leu os nomes do papel que segurava.

«Brandes, Marianne [...] Rebling, Rebekka.»

Estavam juntas; resultado do certificado falso de casamento. Os homens chamados foram logo levados — as mulheres teriam de se dirigir a um *Scharführer* (líder de grupo) que tinha uma prancheta nas mãos. Voltou a ler-lhes os nomes. O grupo delas era relativamente pequeno. Enquanto esperavam, sentiam o cheiro a queimado em cada inspiração. O céu por cima dos holofotes ainda estava escuro como breu. Seguiu-se uma caminhada.

Torres de vigilância. Postes de betão erguem-se acima delas — encurvados no topo, parecendo saudar quem passava. O arame farpado que os unia estava eletrificado em alta voltagem. Janny e Lien trocaram um olhar e pensaram o mesmo. Não era um campo de trabalho. Arrepios, talvez do cansaço. Ignoravam que uma pessoa chegasse a tal exaustão sem acabar morta. Lien mal conseguia

levantar os pés do chão, como se caminhasse sobre asfalto derretido. Os joelhos tocavam-se, os tornozelos cediam e as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Estava a desistir. Com rapidez, Janny agarrou-lhe no braço e segurou-a para que se mantivesse de pé. Lien limpou o muco do nariz e deixou-se levar.

A velha senhora à frente delas também estava prestes a colapsar e ajudaram-na, uma de cada lado agarrada a um braço. Leve e frágil como porcelana, teria pelo menos setenta anos. «Obrigada», murmurou. Perguntaram-lhe o nome, tentando que não perdesse os sentidos. «Luise Kautsky.» Mal se ouviu, mas Lien e Janny reconheceram-no. «Esposa de Karl Kautsky?» Um aceno afirmativo e um quase sorriso ao recordar-se. O marido, checo-austriaco, fora um bem conhecido político e teórico da social-democracia. As irmãs sabiam que morrera no exílio, em Amesterdão, pouco antes da guerra. Bob e Eberhard falavam muito do seu trabalho. Aquele estranho momento de contacto humano, e a memória das suas vidas passadas, embalou-as para os poucos metros restantes. Mandaram-nas entrar num edifício baixo e perderam Luise de vista.

Uma longa sala de pedra fria e cinzenta. Oficiais das SS fardados e prisioneiros de fato às riscas por todo o lado. Mesas compridas, como se estivessem a inscrever-se para uma prova de natação.

«*Ausziehen, alle Kleider hinlegen!*»

Dispam-se, deixem a roupa no chão!

A voz do oficial das SS era anasalada e as suas instruções ecoaram pelo espaço. Nenhuma das mulheres se despia, trocando olhares interrogativos. Não havia cubículos para troca de roupa, nem cortinas, e o sítio estava cheio de gente.

«*Dalli, dalli, schneller!*», gritou o homem de novo.

«*Ihr werdet desinfiziert!*», vocês serão desinfetadas! E chamou um prisioneiro de fato às riscas.

Janny e Lien viraram-se, aflitas, uma para a outra, mas as outras mulheres começaram a despir-se e elas seguiram-lhes o exemplo com relutância. Não tinham forças para resistir e estavam rodeadas de guardas que aproveitariam todas as ocasiões para atacar. Despiram a roupa que tão cuidadosamente tinham escolhido em Westerbork para, esperavam, ficarem com boa apresentação. Westerbork. De repente, este nome pareceu-lhes o eco de um passado longínquo, como o nome de uma rua onde se morou em criança. Sapatos e meias, roupa do corpo. Hesitação.

Sutiã.

Cuecas.

Descalças no chão frio, braços cruzados diante do peito, os olhos

no chão para não se verem nos olhos de estranhas.

«Mexam-se!»

Diante das mesas, mais depressa. Os oficiais SS apressavam-nas com chicotes e cães. Tanta gritaria estava sempre a provocar-lhes sustos, metiam a cabeça entre os ombros e levantavam as mãos para se defenderem. Janny seguia mais à frente e Lien acelerou o passo para ter a certeza de ficar ao lado da irmã. Prisioneiros com fatos do campo esperavam-nas com navalhas nas mãos e expressões vazias nos rostos. Dispersos. Não interessava a quem se dirigir, seria tudo rapado — não importando se por um homem ou por uma mulher. Braços para cima. Axilas. Pernas afastadas. Pelos púbicos. Virar. Os cabelos agarrados e cortados curtos num só movimento.

Adiante, ainda mais despidas do que antes. Mais mesas. Agarraram-nas por um braço, uma agulha. Não há dor. O seu traço arrastado deixava na pele uma sequência de cinco algarismos na parte superior do braço esquerdo. Enquanto o homem lhe perfurava a pele, injetando-lhe gotas de tinta, Janny olhou para o lado, para Lien. A irmã observava o vazio, ao longe, de braço estendido, o cabelo desgrenhado e os lábios descaídos.

88420.

Janny só teve de ver o número uma vez e ficou-lhe na memória para sempre.

Um balneário. Um finíssimo fio de água alternando entre quente e frio. Todas tremiam. Uma corrente de ar uivava pelas paredes. Por entre os corpos das outras tentaram juntar algumas gotas de água com as mãos em concha, esfregar a pele com os dedos húmidos, mas tinham sujidade por todo o lado. Braços e pernas tremiam com tal violência que os seus movimentos se assemelhavam a convulsões. Algumas pareciam ébrias, cambaleando de um lado para o outro, apressadas pelos guardas com recurso ao chicote para, ao mesmo tempo, as manterem afastadas.

«*Schneller!*»

Luise Kautsky, a velha senhora, caiu e foi deixada em cima da laje do pavimento. Uma mulher ajudou-a a levantar-se. Muitas das mulheres andavam de mãos em concha por baixo dos chuveiros em vão. O vapor acumulava-se à altura das cabeças e, pela primeira vez, deixavam de ver os guardas. Janny e Lien entreolharam-se e deram um abraço, breve, como dantes.

«Temos de sair disto», disse Janny.

Sem palavras, apenas com os lábios. Estava decidido. Anuíram com um aceno.

11 *Dolle Dinsdag* em neerlandês. (NT)

Conheces o Mosselmann?

Uma noite de verão em Amesterdão, jantar em casa dos pais. Tendo viajado de comboio desde Haia, Janny caminhava por ruas das quais conhecia todas as pedras, todas as irregularidades do caminho. Acenava para todos os rostos conhecidos. As lojas a fechar, os velhos amigos a caminho do *pub* e as águas do Amstel batiam suavemente nas margens. Terminava a azáfama da Waterlooplein e as pessoas tomavam a direção do Teatro Carré. Ouvia-se o apito desafinado de um navio, ruídos vindos da janela aberta de uma cave; um menino ensaiava com um instrumento de sopro atrás de uma partitura. Ciclistas subiam a custo a íngreme ponte Magere Brug. Alguns desmontavam, levando os velocípedes pela mão, divertidos com a sua inépcia.

Janny cortou à esquerda na recôndita esquina do Nieuwe Achtergracht e entrou no número 14/II. O pai dava um ralhete a Lientje, que entretanto chegara, por causa da sua absurda carreira de bailarina. A irmã entrou e ela fez rolar os olhos. Abraçaram-se. Quando o rosto distraído de Japie surgiu atrás da porta, saudaram-no em uníssono. A mãe estava na cozinha, os tachos a fumar. Uma ordem. Janny foi ajudá-la. Fietje pediu a Joseph que abrisse uma janela. Entrou uma brisa quente e o bulício do centro da cidade transformou-se num zumbido de fundo.

À mesa. Tantas histórias, planos e sonhos para partilhar. O negócio, a família, as preocupações financeiras. Jaap quase terminara as aulas noturnas e pensava continuar os estudos. Lien pôs de lado algumas das batatas do prato. «Estou demasiado gorda», amouu. «Tu não estás gorda, nós é que somos baixos», argumentou a mãe sem tirar os olhos do prato. Janny começou a resmungar sobre o trabalho; não sabia o que fazer. Nos meses anteriores, trabalhara como ama na casa de uma família importante de Haia, uns tais aristocratas De Brauw e seus filhos, embora não tivesse sido muito do seu agrado. O trabalho no Socorro Vermelho Internacional, esse sim, era útil. Como poderia ficar a tomar conta de crianças quando os fascistas estavam a subir ao poder um pouco por todo o lado? O mundo estava a ferro e fogo! Como poderia o pai negociar com os alemães quando tinham

um homem horrível como líder?

Ainda estava zangada com o pai por este ter vendido uma grande quantidade de fruta e legumes a uma fábrica de aço alemã; tiveram alguns desentendimentos acesos por este motivo. Em parte por causa disto e também porque o pai pensava que o trabalho dela no Socorro Vermelho era demasiado perigoso, resolvera sair de casa e mudar-se para a casa da irmã para Haia. O pai abanava a cabeça, considerava que a filha exagerava bastante, mais uma vez, mas não quis estragar o ambiente. Já tinham tido aquela discussão vezes sem conta. Não pretendia saber o que Janny fazia na sua «batalha contra o mal», como ela costumava dizer, acreditando que tudo acabaria por correr bem. Tinha o seu próprio negócio para explorar, o que já era suficientemente complicado naqueles dias.

«Um dia, serei uma estrela!» A meio da conversa, Lien atirou as mãos ao ar e começou a cantar, prolongando as sílabas do fim dos versos numa toada festivaleira. À mesa, todos explodiram numa gargalhada, desanuviando a tensão. Na rua, o sino de cobre da furgoneta dos gelados vibrava ao ritmo de *Conheces o Mosselmann?* 12 — todos olharam logo para a mãe, três pares de sobrancelhas interrogativas levantadas. O toque era cada vez mais audível, pois aproximava-se do canal. Fietje exibiu um ar austero por um momento, mas depois o rosto iluminou-se-lhe. Acenou com a cabeça e todos desataram a correr como crianças.

Levantar, correr para a rua, rápido. Quase tropeçavam uma na outra com a pressa, uma atrás da outra, lado a lado, ultrapassando-se para não serem as últimas da multidão que começava a formar-se. Começou a chover. Não eram radiosas gotinhas primaveris, mas uma bátega como se descarregada de um camião sobre as suas cabeças. Surgiram nuvens cinzentas que rapidamente espelharam no céu o breu do solo.

Janny pôs-se na fila olhando de relance para Lien, mesmo atrás de si. Boa! Virou-se para a frente e avançou. A água escorria-lhe pelo rosto, as gotas a pingar das pestanas. Em poucos minutos, as suas roupas, ainda húmidas do aguaceiro anterior, ficaram encharcadas. Estremeceu por baixo dos panos finos que estavam sem secar havia dias. As socas afundaram-se na lama e começavam a encher-se de água. Ficaram muito contentes quando as receberam. Ainda se aguentaram durante o primeiro mês, mas nada suportaria aquelas circunstâncias. Afundou-se no charco até aos tornozelos e tentava retirar levantar as socas, uma de cada vez, com muito cuidado, para que ninguém visse. Cada movimento poderia ser demasiado. As *Kapos* gritavam, as mulheres ainda correram, demasiado tarde,

bateram-lhes e caíram no lamaçal. Não podiam ser as últimas, não podiam ficar no fim da fila, teriam de se fazer discretas, nada poderia denunciá-las. Ela e Lien tinham a sorte de serem baixas.

As horas passavam e a contagem prosseguia. Um engano, recomeçar tudo, do início, centenas de cabeças alinhadas num gigantesco tabuleiro de xadrez. Por vezes, alguém perdia os sentidos criando um espaço vazio. Janny olhava para as costas da mulher à sua frente, lutando contra o desejo de resistir aos contínuos gritos das *Kapos* e das *Aufseherinnen*, as mulheres guardas, ignorando a chuva, a fome, o formigueiro das dores no seu contraído corpo. Como uma cebola, as mulheres tinham sido descascadas, camada por camada, até ficarem despojadas de tudo menos da essência da sua existência. Primeiro, haviam-lhes tirado os empregos, as escolas, os lares e a sua cidade. Os vizinhos e os amigos. Depois, as famílias e a liberdade. Por fim, as roupas, o cabelo, o aspeto. Mas não a essência, onde se deveriam concentrar, e isso não lhes levariam.

Elas conseguiam perceber o que sucederia se assim não fosse olhando para os mortos-vivos que por ali deambulavam. Os *Müselmann*. Tinham-se rendido e desistido de si próprios mesmo antes de os nazis os terem empurrado além dos limites. Para os fascistas, o aspeto comatoso dos *Müselmann* talvez fosse um triunfo ainda maior do que as chaminés fumegantes do campo. Homens e mulheres jaziam, vagueavam e arrastavam-se por ele. Exaustos, desfigurados, entorpecidos e mudos, os maxilares como grampos de ferro e os olhos como berlindes que já nada registavam. Nas seleções, os *Müselmann* eram os primeiros a ser postos de lado com um simples gesto, antes ainda dos enfermos, das grávidas, das crianças e dos velhos; nas suas mentes, já tinham percorrido o caminho até às câmaras de gás. Não gritavam, não choravam, estavam já alheios ao que os rodeava, ou quiçá demasiado conscientes da sua desesperança. Razão pela qual eram evitados pelos restantes prisioneiros.

A chuva caía sobre a cabeça de Janny, as roupas encharcadas desfaziam-se misturando-se com a pele. Estremeceu dentro da camisola. Sem roupa interior, sentiu-se atravessada pelo vento. Com o frio, sentiu os pés tão dormentes que as socas de madeira lhe pareciam não mais do que uma extensão das pernas. Porém, de cada vez que a essência lhes parecia fugir, encontravam o que faltava a quase todos — alguém a seu lado. Uma ajudava a outra a lembrar-se daquilo que eram porque a outra recordava-as do que tinham sido: duas irmãs de Amesterdão.

- 12 Cantiga infantil tradicional dos Países Baixos, *Kent gij Jan de mosselman?*, que poderá ser traduzida em português como *Conheces Jan, o Homem dos Mexilhões?* Por outro lado, a expressão ortograficamente semelhante *muselmann* passaria, depois, a ser aplicada de forma geral aos prisioneiros dos campos de concentração nas piores condições higiénicas e de subnutrição. (NT)

O olho roxo de Lien

As irmãs depressa compreenderam que a vida no campo se baseava numa pirâmide de humilhações que atirava todos contra todos. Embora, à primeira vista, Auschwitz-Birkenau se assemelhasse a um caos mergulhado num lamaçal, era, com efeito, uma máquina mortífera perfeitamente orquestrada, concebida em grande pormenor nos gabinetes das SS — incluindo as câmaras de gás e os crematórios —, levantada sobre os pântanos que rodeavam a aldeia polaca de Brzezinka. A própria construção do campo tirara a vida a dezenas de prisioneiros. Quando do lançamento das fundações, os trabalhadores foram engolidos pelo solo pantanoso. Por ordem de Hitler, o *Reichführer* SS Heinrich Himmler instalaria depois aqui o seu perfeito campo de extermínio.

A abordagem de Himmler não foi exatamente experimental; tinha já uma longa experiência. Em 1933, criara em Dachau, nas proximidades de Munique, o primeiro campo de concentração nazi para prisioneiros políticos. Este homem bem constituído, com um crânio oval como o de um empregado de escritório, de lábios finos e óculos sem aros tinha mais lealdade a Hitler do que amor à mãe, além da obsessão de criar uma raça nórdica pura, considerando-se um higienista racial supremo. Não sem surpresa, concentrou-se principalmente nas mulheres. Seria fundamental o rápido extermínio das mulheres judias porque elas produziriam a nova geração de judeus, decidida a vingar os pais; e as mulheres arianas teriam de reproduzir tão rapidamente quanto possível. Janny e Lien foram ao encontro deste conceito, e do campo de Auschwitz-Birkenau, que assinalava um dos destinos finais para aquele objetivo.

A hierarquia começava no comandante do campo, oficial das SS, e percorria todo o caminho até à base, nos blocos. Prisioneiros selecionados exerciam aqui o derradeiro pedacinho de poder. Denegrir com golpes tão duros quanto possível ajudava-os a manter as posições — de importância vital. Um estatuto mais elevado significava um naco de pão a mais quando todos os outros passavam fome ou uma eventual medida de exceção quando os restantes eram enviados para as câmaras de gás. Ter prisioneiros a proceder à

vigilância poupava dinheiro e, ao mesmo tempo, criar conflitos entre as vítimas era uma forma eficiente de destruir uma noção de comunidade, ou o que dela restava, de dentro para fora.

Havia uma *Stübenälteste*, líder de cada bloco, que obedecia a uma *Blockälteste*, líder de um conjunto de blocos, que tinha de se curvar perante as *Kapos*, que respondiam perante as *Aufseherinnen*, que estabeleciam o mote com as suas abordagens violentas, cada uma à sua maneira. Uma fazia estalar, estoicamente, o seu chicote sobre as prisioneiras, outra batia no crânio de uma rapariga até que o seu cérebro se derramasse a seus pés. Os prisioneiros não eram apenas massacrados por esta hierarquia vertical; as divisões eram estimuladas em toda a parte. Atiravam polacas contra russas, russas contra húngaras, húngaras contra europeias ocidentais. As irmãs depressa repararam que quase todas as *Kapos* eram polacas com uma especial aversão por francesas e neerlandesas.

Janny e Lien ficaram num conjunto de blocos à parte com prisioneiras políticas de todas as nacionalidades: vêm da Grécia, França, Itália, Rússia e Dinamarca. Todas famintas e exaustas, sentindo a falta dos seus filhos e das suas famílias. Apesar das febris tentativas para obter informações da família, as irmãs ainda não tinham conseguido dar com o paradeiro de Jaap, do pai, nem da mãe. Nem vestígios de *Duende Ruiva*, tão-pouco do casal mais velho, Loes e Bram Teixeira de Mattos, mas isso poderia não querer dizer nada: o campo de Birkenau, sozinho, era maior do que trezentos e cinquenta campos de futebol juntos e albergava dezenas de milhares de prisioneiros em centenas de blocos. Ainda havia o campo principal, Auschwitz I, e, mais adiante, Auschwitz III. Neste, estava a zona industrial, onde se situava, entre outras, a empresa de produtos químicos IG Farben, onde os escravos do Terceiro Reich ajudavam a fabricar borracha sintética. Quando, como tantas vezes, não conseguiam dormir de noite, amontoadas entre os corpos das outras mulheres inquietas nos estrados de madeira, punham-se a imaginar o pai, a mãe e Jaap na linha de montagem. Exaustos e imundos, mas com os corações ainda a bater. Ou talvez tivessem acabado num dos quarenta campos mais pequenos da região e estivessem agora a amanhar a terra. Descortinavam estes cenários otimistas nas longas horas noturnas, mas durante a chamada na manhã escura, a primeira coisa que viam era novamente a chaminé, erguendo-se triunfalmente sobre o campo.

Na sua primeira manhã em Auschwitz, quando por fim uma mulher de fato às riscas as levou para um bloco de quarentena, tinham passado por um daqueles edifícios térreos com uma enorme

chaminé.

«Que fábrica é aquela?», perguntou alguém do mesmo grupo.

A mulher não mexeu os olhos, nem um único músculo.

«Fábrica?», retorquiu, apontando com o queixo para a chaminé.

«É a forma de saírem daqui. Pela lareira, como costumamos dizer.»

Elas queriam muito acreditar que o resto da família estaria bem, mas em cada novo dia sem a chegada da libertação, os fornos queimavam uma nova carga. Sem interrupções. As irmãs nunca deixavam de estar cientes de tal coisa por causa do cheiro que cobria o campo e pela voz, que lhes soava todos os dias mais rouca ao proferirem as primeiras palavras da manhã.

Os dias eram preenchidos com trabalho inútil e as intermináveis chamadas. Seis, por vezes, doze horas seguidas; muitas vezes dia e noite até que o aquoso sol polaco voltasse a nascer. No primeiro mês, a penugem dos braços ainda dava sinal de si, lançando-se na direção da fonte de calor como rebentos, proporcionando um alívio de curto prazo enquanto elas ficavam para ali, a perecer, ao lado de mil, tantas vezes duas mil pessoas em blocos de vinte e cinco. Mas quando setembro deu lugar a outubro, um obscuro véu celestial transformou-se num dilúvio atrás do outro e depressa o chão duro como rocha se transformou numa espessa camada de lama fétida. As roupas já não secavam e os blocos tornaram-se em estábulos húmidos onde os fungos e os vermes se multiplicavam à velocidade da luz.

Os beliches triplos dos blocos não passavam de simples estrados para empilhar gente. Cada um dos níveis estava destinado a duas pessoas, mas com a sobrelotação do campo, deitavam-se cinco ou seis mulheres em cada um. O que correspondia a dezoito corpos tiritantes por beliche. Com sorte, haveria alguma palha, mas o mais das vezes era apenas madeira que rangia perigosamente, uma ponta de cobertor e a própria mão como almofada.

De noite, os movimentos e as reviravoltas eram insuportáveis. O traseiro ossudo de uma estranha de encontro à barriga, uma boca cheia de feridas e chagas a respirar-lhes para a cara, o tossicar constante, o pranto de quem não conseguia afastar o pensamento dos filhos perante o fim. O nariz sobre a pele escamosa do cocuruto de uma vizinha, um joelho nas costas, uma ferida aberta de outrem a roçar-lhes a pele. Alguém lhes tentava abrir uma mão fechada para se apossar dos seus objetos de valor. Uma mulher doente no estrado de cima tudo largava, outra delirava, uma terceira tornava-se agressiva.

Mas todo este desconforto pouco era quando comparado com a comichão. Um prurido enlouquecedor que rastejava debaixo da pele e

entrava na corrente sanguínea em direção ao cérebro. Sem fim. Janny punha-se a pensar que muitas daquelas pessoas perdiam o tino mais em resultado da comichão do que de todas as restantes provações juntas. Piolhos, pulgas, percevejos e outras criaturas estão por toda a parte: nas roupas, na cabeça, nas pestanas, entre os dedos dos pés, nas axilas e nas virilhas. Dezenas, centenas de ferradelas minúsculas por todo o corpo, a cada minuto, a cada segundo, de manhã, à tarde, à noite. Nas chamadas, nas latrinas, nos beliches. Os insetos eram tantos e tão minúsculos que mais parecia estarem a ser devoradas vivas por um exército invisível — as pessoas ficavam doidas. Com as unhas, dentes e metal afiado arrancavam grandes pedaços de pele. Coçavam as cabeças até criarem feridas, que aos poucos provocavam danos internos. Nada fazia parar a comichão e o maior desafio foi renderem-se a ela sem se entregarem por completo.

Janny dizia sempre à irmã: temos de sobreviver a isto. O que só sucederia caso continuassem juntas, com a cabeça no sítio e olhando uma pela outra. Sem pensar nos filhos. Mantendo-se limpas. Comendo o que pudessem. Sem coçar a pele até criar feridas. E acima de tudo: não serem selecionadas por Josef Mengele e a sua equipa de médicos das SS.

A *Selektion* era uma ameaça constante, o momento que todos mais receavam. Naturalmente, a seleção principal ocorrera na *Rampe*, na plataforma, à chegada. Debilitados, enfermos, bebés e crianças com menos de quinze anos seguiam do comboio para as câmaras de gás. E não era tudo. O médico das SS, Josef Mengele, chegava e selecionava de modo aleatório; uma vez por mês, uma vez por semana; por vezes, passavam dois bem-aventurados meses sem que ele aparecesse. Decidia quem poderia continuar a trabalhar, quem serviria para as suas experiências médicas e quem se tornara completamente inútil. Enviava as pessoas para as câmaras de gás como se fossem moscas — com um simples gesto. Para os que coubessem numa das restantes categorias miseráveis, pelo menos, restava-lhes a esperança.

As seleções costumavam suceder logo após a *Zählappell*, a contagem de cabeças. Como naquele dia; após a interminável espera, não se dispersaram pelo campo e deu-se uma enorme algazarra. Guardas, cães, *Kapos* nervosas, uma gritaria mais forte do que a habitual.

«*Großer appel! Antreten zur Selektion!*»

«*Schnell!*»

Chamada principal! Alinhar para seleção!

Rápido!

Toda a gente dispersou, cada uma correndo para o respetivo bloco, despindo-se. O pânico espalhou-se pelos blocos. Mulheres despidas às voltas, esbarrando umas nas outras, à procura das famílias, filhos, amigas do campo. O tempo era curto, mas inspecionavam o corpo ansiosamente, virando-se para as do lado e para as melhores amigas procurando ajuda.

«Esta marca na pele vê-se?»

«Estas manchas serão feridas?»

«Terei perdido mais peso?»

«Aperta o braço contra o corpo, não deixes que te vejam essa ferida.»

Alguém esfregava um pedaço de margarina, cuidadosamente guardada, no rosto para emprestar algum brilho à pele pálida. Uma mulher esbofeteava-se com força para dar alguma cor ao rosto cinzento, outra mordida os lábios e espalhava o sangue. Um pedaço de batom valia uma fortuna, três rações diárias de pão pelo menos: alguma cor poderia salvar uma pessoa do *Malach há Mòwes*, como chamavam ao médico Mengele em ídiche. O *Anjo da Morte*.

Já despida, Janny olhou para Lien e viu como emagrecera. A sua bonita irmã, sempre com os rapazes à sua volta quando eram jovens, com uma silhueta invejável e um volumoso cabelo preto, parecia agora frágil e derrotada naquele instante, o cabelo espetado e revoltado na cabeça como arame farpado. Lien observava, desesperada, o caos nos blocos; as inquietações constantes sugavam-lhe toda a energia. Janny tinha uma pele menos sensível, era mais recatada, por vezes até estoica como a mãe; era a mais resiliente.

A vista direita de Lien ostentava uma mancha azul-escura ao alto que testemunhava a sua costumeira impetuosidade. Dois dias antes, uma rapariga do mesmo bloco roubara-lhe as socas onde apoiara a cabeça de noite e, quando Lien lhe perguntou por elas na manhã seguinte, envolveram-se numa rixa. Puseram-se as duas aos gritos agarradas a uma das socas e, antes que Lien pudesse arrebatá-lhe a outra, a moça usou-a para lhe bater com força na cabeça. Lien viu estrelas, mas conseguiu reaver as socas.

«Lientje!», Janny agarrou a irmã pelos ombros. «Presta atenção. Temos de sair disto. O pai, a mãe e o Japie estão algures lá fora à nossa espera, nós *não* podemos ser selecionadas, estás a ouvir-me?»

Lien acenou resignada, dificilmente reunindo forças para se preparar para enfrentar Mengele. Estavam, havia horas, à espera da chamada, ela está cansada, com fome e só queria deitar-se. Só por um bocadinho. Quando Janny a abanou, a sua cabeça baloiçou como uma tulipa com o caule quebrado.

«Sonhei com o Eberhard.» O suspiro de Lien mal se ouviu; os olhos pesavam-lhe.

As mulheres corriam para fora. Impaciente, Janny olhou para a irmã. De súbito, Lien ergueu os olhos.

«Janny, quando descobrirem que a Kathinka é judia, nunca mais volto a ver a minha menina. E tens razão ao dizer que o Eberhard fugiu, mas...»

Um soluço escapou-lhe da boca e os ombros descaíram-lhe ainda mais. Janny puxou-lhos para cima e aproximou tanto o seu rosto do de Lien que os seus narizes quase se tocaram. Os seus olhos pretos soltavam faíscas enquanto falava.

«Para! Eles estão a salvo. E, que diabo, temos mais coisas que nos preocupem!»

Gritava num bloco praticamente deserto. Janny voltou a abanar a irmã até que esta se irritasse, lhe afastasse o braço e começasse a resmungar. Não desistiu até que Lien ficou furiosa e se voltou a ela numa zaragata como quando eram novas, o rosto corado e os olhos a chispar. A seguir, deu um passo atrás e respirou fundo.

«Muito bem», disse Janny. «Agora, sai e mantém o queixo para cima.»

Os cães enfureciam-se, os oficiais SS ladravam para que as mulheres avançassem. Rápido, corram, pés descalços sobre a lama fria como gelo, o vento soprando contra os seus corpos desnudos. Estão apavoradas com os grand-danois que lhes rangiam os dentes nas suas mandíbulas quadradas, a baba projetada contra a sua pele enquanto passavam.

Perfilar e passar pela seleção, uma a uma. Mengele, acompanhado pelo seu pessoal médico, esperava-as. Os seus olhos inspecionavam todos os corpos com o maior esmero. O uniforme impecável, como sempre, o rosto simétrico com o cabelo muito aparado dos lados desaparecendo debaixo do boné, os olhos castanhos entusiasmados para ver o que daria a seleção daquele dia. Sentia um êxtase particular por gémeos, que eram raros nas cargas mais antigas — ele tendia a ir buscá-los à plataforma. O seu zelo pelo trabalho não tinha precedentes; mesmo nos seus dias de folga, aparecia no meio dos restantes médicos, ansiando por uma boa presa.

Em Birkenau, pôde prosseguir sem restrições a sua investigação científica sobre higienização racial que conduzia na Universidade de Frankfurt — e muito mais. Menos de dez anos antes, Mengele, então com vinte e poucos anos, obtinha o seu doutoramento com uma tese sobre «diferenças raciais na estrutura do maxilar inferior». Mas as

suas fantasias arianas não tinham limite e a disponibilidade de cobaias em Birkenau era total. Mengele tentou produzir olhos azul-escuros e trabalhava numa experiência para ligar as correntes sanguíneas dos gêmeos. As mulheres tinham ouvido dizer que ele cosia gêmeos jovens um ao outro, veias e tudo o mais, costas com costas, pulsos com pulsos. No entanto, também havia relatos de que trazia leite e biscoitos às crianças. Já não sabiam no que acreditar.

«Próxima!»

A torrente de mulheres em pele e osso ia avançando como uma passadeira rolante de gente. Examinava a parte da frente. Virar, as costas. Virar de novo e aguardar o seu gesto. Para o lado esquerdo significava trabalho ou bloco de experimentações, para o lado direito, câmara de gás. O rosto de Mengele era brando e não tenso como a maioria dos rostos dos restantes oficiais das SS; dava uma volta rápida, apontando para aqui e para ali, o seu rosto angelical como um preciso modelo de charme.

Uma prisioneira russa disse, certa vez, que Mengele chegara a lançar camiões carregados de crianças com menos de cinco anos para uma grande fogueira porque, naquela idade, eram muito difíceis de levar para as câmaras de gás. Cerca de dez camiões-basculantes cheios de crianças recuaram até ao rebordo da vala, após o que oficiais das SS, supervisionados por Mengele, os lançavam às chamas por um braço ou uma perna. As crianças chamuscadas que tentavam subir da cova eram empurradas com estacas compridas.

«Próxima!»

Um passo em frente. Estão quase. Aproximava-se a vez de Lien. Nada poderiam fazer senão olhar para as mãos de Mengele a dar indicações como um polícia-sinaleiro.

Esquerda.

Direita.

Caminhou, brevemente, entre as filas, cordial, direito como um cavaleiro sobre a sua montada. Passavam poucos segundos entre cada um dos vereditos silenciosos.

Esquerda.

Direita.

Toda a gente no campo perdera peso e cada uma estava em pior condição do que a do lado.

Aquilo debaixo do umbigo seria uma protuberância? Para a direita, não queria ali grávidas.

Aquilo é uma erupção? Inspeção mais atenta. Foi chamado outro médico e examinaram juntos a rapariga nua. Um gesto; para a direita.

Apertou-se o braço de uma mulher; ainda tinha alguma gordura e

poderia trabalhar? Para a esquerda.

Alguém apresentava uma corcunda. Foi despertado o interesse de Mengele; bateu no local, percorreu com os dedos a coluna da mulher, sentiu-lhe as costelas a despontar como o casco aberto de um navio e gesticulou com aprovação. Para o bloco de experimentações.

Tu, estende as mãos, volta-te! Tens sarna, *Krätze*: para a esquerda, para o *Krätzeblock*. O ácaro da comichão estava disseminado pelo campo todo; a pequena criatura enterrava-se na pele para pôr os seus ovos. Aquilo provocava uma comichão infernal e erupções cutâneas, mas não matava. Após o tratamento, os prisioneiros podiam regressar ao trabalho. Foi por isso que mandaram Anne para o *Krätzeblock*, separado do campo por um muro alto. Margot fingiu não estar bem para poder acompanhar a irmã. Janny não as viu desde então.

Esquerda.

Direita.

O grupo de mulheres ia diminuindo, as pessoas afastando-se como o mar quando Mengele passava por elas. Quase na sua vez, Janny, que estava um pouco atrás de Lien, não tirava os olhos da irmã. O médico, satisfeito e entusiasta como sempre, caminhava entre as mulheres, aproximava-se de uma, observava-a e fazia um sinal.

Parou diante de Lien e riu-se. Janny suspendeu a respiração. Mengele apoiou os polegares atrás do cinto de forma casual. Dirigiu-se à irmã — Janny tentou ouvir.

«*Was hast du gemacht?*» O que é que andaste a fazer? Divertido, pendendo a cabeça para um dos lados, observou-a; Janny reparou no brilho no espaço entre os seus dentes da frente. Lien não retorquia. Janny viu os seus ombros e pescoço ficarem tensos. Por que motivo não falava? Mengele aproximou-se mais dela e apontou-lhe para o rosto sorrindo.

«*Woher hast du denn das Veilchen?*»

Lien não compreendeu. Encolheu um ombro e abanou brevemente a cabeça. *Veilchen* — uma violeta? Falaria da flor? Que pretendia dizer? «*Ich habe keine Blumen.*» Não tenho flores, respondeu ela, hesitante.

Nisto, caiu em si. Recompôs-se — Janny soube-o vendo as costas mais descontraídas da irmã. Lien ergueu o queixo e olhou para o médico sem receio.

«*Ach so. Ja, ich habe mich mit einem Mädchen getritten, und sie hat mich mit einem Holzschub aufs Auge geschlagen.*» Ah, já percebi. Sim, eu discuti com uma rapariga e ela acertou-me na vista com uma soca.

Mengele soltou uma gargalhada, deu-lhe uma palmada leve nas nádegas despidas e apontou para a esquerda. Lien poderia avançar.

Janny fez descontrair os punhos sentindo as unhas a saírem-lhe da carne.

A mulher a seguir a Lien mostrou grande ansiedade quando Mengele se virou para ela. As irmãs conheciam-na, era de uma reputada família de fabricantes de molduras de uma cidade das imediações de Amesterdão. Não dizia uma palavra em alemão e, quando ele se lhe dirigiu, quase hiperventilava. Mengele descaiu o queixo, observou-a e ergueu uma sobrancelha.

«*Und du? Was hast du dann gemacht?*» E tu? Que andaste tu a fazer?

Desagradado, olhou para a barriga dela, ainda não tão cavada como a de quase todas, à espera de uma resposta. A mulher viu-se completamente desesperada, sem entender o que ele queria, até que Mengele lhe apontou para o ventre.

«*Nein, nein...*», gaguejou, abanando descontroladamente a cabeça. «Eu... *ich...* tenho... um pequenino em casa, dois anos.» Gesticulava com a mão à altura do joelho, chamando a atenção do médico de olhos muito abertos, esperando que ele compreendesse. Não compreendeu.

Direita.

«Não!», gritou ela, implorando em neerlandês, mas Mengele tinha a decisão tomada e quis avançar.

A mulher começou a chorar, gritando que fora um mal-entendido, o branco dos olhos a explodir de vermelho. Janny mordida o lábio inferior, quase sem se conseguir controlar. Mengele deu um passo atrás e atingiu a mulher com força na cabeça. E ordenou aos guardas que a levassem.

Segundos depois, chegou a vez de Janny e Mengele também lhe deu luz verde. As filas estavam quase no fim, sendo poucas as pessoas que sobravam; deveria estar aliviada, mas sentiu-se tão revoltada com o que sucedera àquela neerlandesa que palmilhou o campo a deitar fumo de raiva. Reparou numa *Aufseherin* neerlandesa, uma guarda das SS. Sem pensar, correu para ela e agarrou-a por um braço.

«Aquela mulher não está grávida e a senhora sabe-o! É prisioneira-política, não é judia. Se for gaseada, a responsabilidade será sua!»

Janny era baixa, mas falou-lhe cara a cara sem medo. Deu meia-volta e regressou ao seu bloco. Como por milagre, a mulher neerlandesa foi de facto arrastada para longe das portas da câmara

de gás e, mais tarde, as duas ainda se encontrariam.

La Marseillaise

Janny e Lien tinham algum receio dos *Kapos*. Também prisioneiros, homens e mulheres, ficavam satisfeitos por humilhar os seus congêneres. Eram designados pelas SS, parecendo mais terem sido recrutados entre criminosos do que entre professores. Logo na primeira semana, as irmãs questionaram-se sobre a razão de a sua *Blockälteste*, uma rapariga polaca judia, de nome Rosa e com boa aparência, as tratar de forma tão sádica, mas, entretanto, viram a forma como Rosa era destrutada pelas *Kapos*. Se não estivesse ao seu nível, poderia morrer. Não faltava muito para que Lien fizesse estalar a raiva de uma daquelas *Kapos*.

Ruth Feldman era uma robusta neerlandesa do mesmo bloco, uma antiga enfermeira-chefe do Hospital Central Israelita. Viera de Westerbork para Auschwitz no mesmo vagão e, à chegada, também passara pela «sauna» com elas — o edifício onde foram marcadas.

Certo dia, as irmãs e Ruth estavam na *casa das necessidades*¹³, como chamavam às latrinas: uma construção de alvenaria com uma fileira de buracos redondos de um lado ao outro, onde podiam satisfazer as necessidades. Cheirava terrivelmente mal e estava mais imunda do que uma pocilga. Por esta razão, era um dos poucos locais onde os SS não entravam e se podia falar à vontade durante alguns instantes. Janny e Lien estavam despachadas, mas Ruth, a sofrer de diarreia, não conseguia libertar-se do respetivo buraco. Passado pouco tempo, uma *Kapo* entrou por ali dentro tentando expulsá-las. Como Ruth não se levantou — doente como um cão e com receio de se sujar —, a mulher ficou furiosa. Aproximou-se e tentou empurrá-la pelo buraco, para o meio da imundície.

As mulheres berravam enquanto, desesperadamente, Ruth tentava soltar-se. Sem pensar, Lien pegou numa das suas socas de madeira e lançou-a com grande força à cabeça da *Kapo*. Soou como uma rolha a sair de uma garrafa. A *Kapo* largou Ruth e os gritos pararam. Lien deu meia-volta e correu para salvar a vida, com a *Kapo* a praguejar no seu encalço. A mulher depressa a perdeu de vista no meio da amplitude do campo e, na altura em que chegaram os reforços, já Lien tinha sido absorvida pela turba.

Muito mais tarde, quando regressou ao seu bloco, e antes de lhe cair nos braços, Janny repreendeu-a — ambas sabiam que se a *Kapo* a tivesse apanhado, sová-la-ia até à morte. Ainda assim, aquele incidente ter-lhes-á salvado as vidas porque quando voltaram a estar com Ruth, esta disse-lhes: «Propus-me para enfermeira e vocês vêm comigo.»

Independentemente de quão profunda era a tentativa de os nazis despojarem os prisioneiros da sua personalidade, nos blocos persistia uma derradeira réstia de humanidade. As irmãs imitaram um oficial das SS, o maxilar inferior saído como o de uma piranha, passeando-se pelo campo nas suas curtas pernas e pondo-se em sentido sempre que passava por um superior. Cochichavam sobre determinada *Kapo* e o seu camisolão macio de angorá, a saia curta, botas altas e cabelo apanhado. Janny fantasiava sobre enfiar aquele camisolão na lama polaca até que não sobrasse um pedacinho de penugem.

Mas a maior parte das conversas no bloco era sobre comida. Falavam de almôndegas e puré de batata com espaço a meio destinado ao molho, *pasta al dente* com molho à bolonhesa e grossos pedaços de parmesão sobre costeletas de borrego assadas com mel e tomilho. De vinho tinto saído de barris de madeira, de café feito com grãos pretos bem torrados e de limonada caseira com os cubos de gelo a tilintar no vidro do copo. Falavam até que o buraco das barrigas se enchesse de comida imaginária.

Quando pareciam estar a divertir-se um pouco mais do que a conta, entrou a *Kapo*.

«*Jetzt wird nicht gefressen, jetzt wird gestorben!*» Não estão aqui para comer, estão aqui para morrer!

Quando saiu pela porta, uma mulher magra de camisola esfarrapada correu atrás dela, uma perna para cada lado, imitando-lhe a pose arrogante e o aspeto imundo — ainda todas se riram nos três estrados dos beliches.

Era uma batalha diária; lutavam por comida, pela vida; lutavam por qualquer coisa que lhe fora roubada, por um bom lugar na fila da torneirinha, onde algumas mulheres tiravam as tijelas das mãos de outras para obterem uma simples gota de água; lutavam por um pedaço de cobertor que encontravam no estrado depois do trabalho; os retalhos das cobertas podiam ser presos nas cuecas para aliviar a comichão que sentiam debaixo das camisolas. Mas, ao mesmo tempo, tentavam animar-se mutuamente com o espírito combativo que lhes sobrava. Janny ria com as fúrias das mulheres italianas e adorava a inventividade das francesas. Com um caco de vidro e um pente com

três dentes, compunham os cabelos espetados e as sobrancelhas peludas; com alguma terra húmida desenhavam uma elegante sobrancelha em arco por cima dos olhos. Apertavam um pano ao pescoço, exibindo um sorriso garrido. Não era vaidade, mas *esprit*, como Janny explicaria à irmã, carregando bem na pronúncia da palavra em francês que acabara de aprender.

Todo o sofrimento não fora bastante para calar a voz de Lien. Por vezes, entoava ao de leve algumas canções para Janny; as canções de embalar que cantara para as crianças e as canções ídiche do seu repertório com Eberhard. Tudo isto as transportava aos tempos do Alto Ninho, onde tinham medo, mas não estavam a morrer — e, acima de tudo: estavam juntos. Por vezes, parecia-lhes ter sido numa outra vida. No entanto, quando Lien cantava, Janny fechava os olhos e imaginava-se a caminhar da paragem na Ericaweg, da pequena composição a vapor, até casa após um longo dia, o milhafre pairando no alto, no azul brilhante do céu. O bosque, a serventia das conchas, o portão, as portadas vermelhas — alguém sentado na sala da frente, à mesa, lhe acenava. Depois, a casinha do jardim, um olá a Japie debruçado na bancada. Lien ao fundo com as três crianças — cantando junto ao abrigo do relvado. Se esticasse os dedos, quase poderia tocar-lhes.

Certo dia, foram todas expulsas do bloco.

«*Läusekontrolle! Alles ausziehen! Raus, raus!*» Controlo de piolhos! Dispam tudo! Para fora, para fora!

Algumas centenas de mulheres soltaram para o chão os andrajos que vestiam e correram despidas para aquela fria manhã de outubro. Não se tratava de uma chamada; deixadas por sua conta no meio do campo, reuniram-se em grupos. Os pés descalços afundavam-se na lama.

«Não é nenhum controlo de piolhos», afirmou uma mulher do grupo das irmãs, «despir a roupa significa câmara de gás.»

Todas estremeceram. Quando eclodiu uma epidemia de febre tifoide, souberam do caso em que Mengele mandara expulsar mil ciganos despidos do seu bloco para os enviar para as câmaras de gás. A sua abordagem eficaz em situações de epidemias valera-lhe uma medalha, que ficara conhecida por «medalha do tifo» pelos prisioneiros ao gracejarem sobre o assunto. Mas agora não era caso para rir.

Esperavam em silêncio naquele terreno estéril, debaixo de um sol de outono polaco, assemelhando-se a marcianas, os corpos mirrados e enormes cabeças hesitantes. De repente, Michelle, uma francesa do mesmo grupo, começou a cantar. Com uma voz suave de soprano,

entoou as primeiras notas de *Chevaliers de la Table Ronde*, uma canção popular francesa para acompanhar a bebida sobre os Cavaleiros da Távola Redonda e muitas vezes ao som de violino, pandeireta e viola. A letra dizia respeito a provas de vinhos, beber com alegria e ao desejo de ser sepultado numa adega com a boca virada para a torneira. O coro, «*Oui, oui, oui, non, non, non*», era entoado por quem assistia enquanto rodopiavam de braços dados. As restantes olharam para ela, espantadas.

Michelle cantarolava, confiante, e de olhos brilhantes trocava a letra original por versos satíricos sobre Hitler e os seus cobardes colaboracionistas de Vichy — referindo-se à zona não ocupada de França, onde o governo era simpatizante nazi. Assim que apanhou a melodia, Lien juntou-se-lhe e outras mulheres também as acompanharam baixinho.

Com o término das derradeiras notas, Lien começou a cantar uma canção ídiche. Era uma música animada com uma letra engraçada. Cada vez mais mulheres se juntavam e quem a conhecia também cantou baixinho. A voz de Lien ecoou sobre as cabeças quase sem cabelo, envolveu-as e uniu-as enquanto as *Kapos* lhes reviravam o bloco. A seguir, Lien iniciou uma canção militante ídiche, *Zog nit keyn mol, as du geyst dem letstn veg* — «Nunca digas que o final do caminho está próximo» — e algumas polacas acompanharam. Ficaram surpreendidas ao escutá-la, pois só recentemente surgira no gueto polaco de Vilna e era divulgada pelos judeus no resto da Europa. Lien ainda não conhecia a letra completa, mas as polacas ajudaram-na. Em menos de nada, viram-se rodeadas por todas as mulheres do seu bloco, despidas, a tremer de frio e viradas para o centro de uma grande roda a cantar as partes que sabiam.

Antes de terminar, Lien olhou para Michelle, que lhe ensinou *Le chant de la libération*, hino da resistência francesa. A um sinal de Michelle, começaram a entoar este hino de combate. Todas as francesas aderiram, mas quem havia escutado a Rádio Londres também o conhecia; a BBC começara a utilizá-lo como indicativo. Principalmente desde que os nazis baniram *La Marseillaise*, *Le chant de la libération* fora adotado enquanto hino nacional alternativo — com a natural exceção de Vichy.

Ami, entends-tu le vol des corbeaux sur nos plaines?
Ami, entends-tu les cris sourds du pays qu'on enchaîne?
Ohé partisans, ouvriers et paysans, c'est l'alarme!
Ce soir l'ennemi connaîtra le prix du sang et des larmes.

Amigo, escutas o voo negro dos corvos sobre as nossas planícies?

Amigo, ouves os gritos mudos do nosso país acorrentado?

Apoiantes, trabalhadores e camponeses, é dado o alarme!

Esta noite, o inimigo conhecerá o sabor do sangue e das lágrimas.

Por norma, esta cantiga era acompanhada por tambores, sendo perfeita para uma marcha sem sair do sítio — o que elas fazem também. Todas cantavam baixinho erguendo os joelhos em simultâneo, os pés batendo ao ritmo das palavras. Por um instante, esqueceram-se da chaminé que fumegava nas suas costas, do frio, da fome, do número que traziam no braço. Juntas eram uma só voz e cada um dos pés descalços a chapinhar na lama ajudava o sangue a fluir com um pouco mais de vigor.

Naquele dia, ninguém acabou nas câmaras de gás. Até Rosa, a responsável do seu bloco, sempre fria como gelo, foi levada às lágrimas pelas cantigas ídiche, tendo oferecido a Lien um naco de pão a mais.

Apesar de tudo, poucos dias depois, Michelle era sovada até à morte e um enorme grupo de francesas foi levado dali. Mas quando o camião arrancou na direção das câmaras de gás, ainda se ouviu o hino proibido, *La Marsellaise*, em voz alta atrás da lona.

*Allons enfants de la Patrie,
Le jour de gloire est arrivé!
Contre nous de la tyrannie
L'étendard sanglant est levé.
L'étendard sanglant est levé:
Entendez-vous dans les campagnes
Mugir ces féroces soldats?
Ils viennent jusque dans vos bras
Égorger vos fils, vos compagnes!*

Avancemos, filhos da pátria,
O dia da glória chegou!
Contra nós, da tirania,
Ergueu-se o estandarte ensanguentado.
Ergueu-se o estandarte ensanguentado:
Ouvís nos campos
A rugirem aqueles ferozes soldados?
Vêm até vossos braços

E então Lien adoeceu. Todas sentiam sempre a maior infelicidade, mas desde que conseguissem acordar pela manhã e manterem-se despertas durante a chamada e o trabalho, conseguiriam atravessar a névoa que pairava sobre os pântanos dia após dia, após dia. Havia quem tentasse fugir durante a chamada, mas era em vão. Acabavam enforcadas e toda a gente era obrigada a assistir. Depois, de volta ao trabalho. Dobravam plástico destinado a material aeronáutico, separavam sapatos com a última réstia das suas forças e arrastavam pedras de um local para outro qualquer indicado pelas *Kapos*. Desconhecem o propósito de nenhum daquele trabalho, mas não devem fazer perguntas. Apenas continuar — Janny repetia-o como um mantra, mesmo quando a dor nos exaustos tornozelos subia até aos dentes. Uma das raparigas do mesmo grupo ignorou o conselho: abriu a boca, queixando-se, e teve de pagar por isso. De joelhos sobre uma grande pedra, teve de segurar um pedregulho por cima da cabeça durante todo um dia; sempre que baixava os braços alguns centímetros, o chicote estalava sobre o seu descarnado corpo.

Certa manhã, Lien quase desistiu. Ainda fazia escuro quando tiveram de se apresentar à chamada, pelas quatro ou cinco da manhã, e não poderiam atrasar-se. Mas ela já não queria saber. Abrir os olhos seria pedir muito, quanto mais lançar as pernas para fora da cama e aguentar de pé aquele fraco corpo. Preferia estar morta. Sentia-se quente como um forno e as forças a faltarem-lhe. Janny sabe que tem de agir. Uma rapariga do mesmo bloco debatia-se com escarlatina, uma infeção na garganta facilmente transmissível com a tosse. Só o perceberam quando a moça ficou coberta por erupções encarniçadas — na língua, na cara, em todo o corpo — talvez tivesse infetado metade do bloco. Com relutância, Janny levou a irmã ao *Krankenblock*, a enfermaria, deixando-a ali com o coração nas mãos. Era a primeira vez que se separavam.

Janny rondava a enfermaria como um predador nos dias que se seguiram. Nada tranquilizada, mantinha os médicos e as enfermeiras debaixo de olho. A linguagem corporal, os sussurros, as conversas de quem saía do bloco; procurava indícios em tudo. Os médicos das SS também andavam à caça pela enfermaria, levando os mais fracos para a *Selektion* — mas em que alturas? Lien dormia, e dormia, e ninguém sabia de que mal padecia. A febre drenava-lhe as últimas forças e deixara de falar. De noite, a pouco mais de meia-dúzia de metros, deitada e desperta, Janny só pensava nas palavras da mãe na última noite antes do transporte, quando todos os cinco se

sentaram lado a lado em Westerbork: *Nunca se separem!*

Ao terceiro dia, Janny interveio. Foi até à entrada da enfermaria e falou com uma médica checa. A mulher escutou-a, assentiu e entrou. Parou diante da cama de Lien.

«*Komm mit*, levanta-te. A tua irmã está lá fora.»

Lien levantou as pálpebras, suspirou e fechou-as de novo. Abanou ligeiramente a cabeça.

«Não posso. Estou doente.»

A mulher agarrou-a por um ombro, puxou-lhe o algodão da camisola, insistiu.

«Vem, ela não sai daqui sem te levar.»

A mulher manteve-se junto à cama até que Lien arrastasse as pernas esqueléticas para o lado e se levantasse. A médica amparou-a pelas axilas. Na entrada, entregou Lien a Janny, que lhe acenou agradecida. A irmã ainda não tinha recuperado, mas a febre diminuía.

«Se não me tivesses ido buscar, mandavam-me gasear», disse Lien à irmã dias depois, ainda fraca, mas livre da maleita.

Souberam que se aproximava nova seleção. Janny encolheu os ombros. Se não olhassem uma pela outra, tudo acabaria.

Contra o brilho do holofote, o homem não era mais do que uma silhueta, mas, sem dúvida, não poderia ser outro. A mão atrás das costas, um leve sorriso e enérgico como sempre. Diante de toda a gente como um maestro perante o seu coro. Ansiosas, todas expectantes pelo gesto seguinte da sua mão. A seu lado, uma enorme mesa com outros SS com canetas e papéis a postos. Entre elas e a mesa, as balanças. O espaço estava a abarrotar; a ordem de serviço era longa.

Mengele fez um sinal e a primeira mulher avançou. Despida e de cabelo rapado. A caixa torácica como um telhado bicudo para uma barriga cavada, dois retalhos de pele no lugar dos seios, a espinha dorsal descendo pelas costas como um colar de contas. A mulher seguinte igual, e a outra, e a outra. Para a balança. Não conseguia ficar imóvel, os joelhos flácidos. A mão de Mengele.

Direita. Rejeitada.

Próxima.

Um decalque da anterior, embora o corpo sugerisse um pouco mais de robustez. Uma pequenina diferença.

O gesto de Mengele.

Esquerda.

Próxima.

O grupo da direita avolumava-se. Demasiado velhas. Demasiado

doentes.

«Tenho vinte e nove!», gritou uma mulher para Mengele. «E nunca tive diarreia!»

Ele nem piscou.

«Direita!» A voz ecoou por todo o espaço. Sem emoção, como se constituísse equipas num pavilhão desportivo.

Próxima.

Edith Frank avançou. Mengele decidiu no momento.

Direita.

Ela baixou-se sob o foco do holofote, virando-se rapidamente; esta é a parte mais importante.

«Próxima!»

Anne e Margot avançaram. O corpo de Anne estava coberto de crostas das antigas feridas de sarna. Acabara de ter alta da enfermaria; Margot estivera sempre a seu lado. Juntas, avançaram até ao foco de luz, em frente à mesa de seleção. Margot deu com o cotovelo na irmã e Anne endireitou as costas.

«Esquerda!»

Uma caneta rabiscou numa folha. As raparigas passaram pelo holofote metálico e desapareceram no escuro do lado oposto.

Edith respirou fundo.

«Meninas! Meu Deus... Meninas!», gritou-lhes, mas já ali não estavam.

Corria o dia 30 de outubro de 1944, e terminara a seleção final em Auschwitz-Birkenau.

13 «shithouse», no original. (NT)

14 «Come, children of the fatherland, / The day of glory has arrived. / Against us the bloody flag / Of tyranny is raised; / The bloody flag is raised. / Do you hear in the countryside / The roar of those savage soldiers? / They come right into your arms / To cut the throats of your sons, your men!», tradução para inglês no original. (NT)

Campo Estrela

Um naco de pão, um pedaço de salsicha e uma fatia de queijo duro. Avançar, plataforma seguinte. *Dalli, dalli*. Cães, chicotes e berros. Até aqui, conheciam os procedimentos. Mexam-se, mexam-se, mexam-se. Esperavam-nas vagões de gado como em Westerbork.

«*Schneller! Hier rein!*» Mais depressa! Subam!

Subir, entrar, outra vez o mesmo cheiro. Não interessava, pelo menos estavam a sair de Auschwitz ou, pelo menos, assim parecia. Entrava mais gente; arrastavam-se para a frente. As irmãs deram as mãos para não se perderem. A conhecida sensação de estranhos pressionados contra o corpo — só que, agora, os corpos eram mais esquálidos. Foram empurradas panelas com água por entre as pernas, para dentro dos vagões, antes de fecharem as portas, um baque surdo e a cortina caía. Escuro como breu. Por mais que piscassem os olhos, não fazia diferença. Sentia a respiração de Lientje a seu lado. Leve, esquelética. Janny não lhe descortinava o rosto, mas sabia que a encarava. Olhavam-se sem conseguirem ver-se.

«Estamos a ir embora», murmurou Janny, e soube que a irmã anuiu.

Sentiam-se a andar para trás. Para trás no tempo, para trás no espaço, de regresso aos Países Baixos. O roçar dos rodados nos trilhos, o ritmado das juntas em baixo a marcar o tempo. Contaram cada baque até sentirem as cabeças a rodopiar, até que os minutos, mais uma vez, se transformassem em demasiadas horas e só contassem com os velhos truques para se manterem de pé. Ficar o mais perto possível das portas, inspirar o ar das fendas, junto das ilhargas do vagão; ajudaria a protegê-las. Dormitar costas com costas. Desta vez era diferente. Sentiam-se muito mais fracas. Não eram capazes de manter um ar de civilidade; passara a ser cada uma por si.

Paravam constantemente, cobrindo uma curta distância antes de voltarem a escutar uma sirene de alerta de um ataque aéreo. Primeiro, o som da ignição de um motor; depois, uma longa aceleração, cada vez mais forte, até que um coro de sirenes, vindo de todos os lados, lhes abafava a batida dos corações. Tiros, grandes estrondos,

guardas a saltar do comboio para se esconderem enquanto elas permaneciam no vagão imóvel, petrificadas, perguntando-se que raio se passaria no exterior. A sensação era a de que uma bomba podia tombar sobre as suas cabeças a todo o momento. Todo o entusiasmo sobre o avanço das forças aliadas fora-se.

Um dia. Uma noite. O colapso das primeiras pessoas, elas ficam estendidas entre as suas pernas. Cobertores arrancados dos cadáveres. Paragem, porta aberta, um naco de pão e alguma água, a porta fechada. O ar do interior do vagão era denso e pesado, mal conseguiam respirar, os músculos enfraqueciam e a cabeça explodia. Os rostos de encontro às laterais do vagão, as bocas contra as fendas em busca de algum oxigénio. Frio, tanto frio, mas nem este dissipava o fedor. Os rodados voltavam a trilhar os carris. Desconhecendo para onde, sabiam que enquanto os escutassem estariam vivas.

Outro dia. Outra noite. Deixaram-nas sair por breves instantes. O horizonte, campos, árvores ao lado de uma vala; tudo escuro, cinzento e ensopado, mas uma bênção. Alguém disse que estariam na Alemanha; de facto, andaram para trás. Para dentro, rápido, não largar as mãos. Entrar por último, para junto das portas, perto das fendas. Na parte de trás do vagão, no chão imundo, rostos conhecidos de olhos muito abertos, os maxilares inferiores rígidos. Porta fechada e ferrolho de ferro. Escuridão. Os êmbolos a retomarem, lentamente, a ação.

Ruído no exterior — estão parados. O chiar do aço de outras composições à sua volta, silvos agudos, trocas de palavras em alemão do lado de lá da porta, risos. Um sussurro rouco num canto escuro.

«Deve ser Ravensbrück.»

O campo para mulheres das imediações de Berlim? Relatos de crianças lançadas vivas ao fogo, bebés abandonados em compartimentos vazios. Janny e Lien estremeceram e abraçaram-se, dedos rígidos agarrados a braços descarnados, uma coberta para cavalos suja enrolada nos ombros. Um solavanco para a frente; o comboio retomava viagem.

Novo dia. Nova noite. Procuravam oxigénio como peixes moribundos. Quem ainda vivia pressionava-se de encontro às ilhargas do vagão, esgravatando a madeira com as unhas. Elas pensavam nada mais ter que lhes pudesse ser tirado, mas foi uma ilusão. O pai, a mãe e Jaap; por vezes, ao levantarem os olhos, estavam todos sentados a seu lado, vivos. Quase poderiam tocar-lhes. Porém, ao esticarem os dedos, afagavam uma estranha. Um resmungo, uma palmada.

Onde estariam os seus entes queridos? Teriam ficado em Auschwitz? Têm os rostos febris, os corpos gelados e estas imagens assaltavam-lhes os espíritos. Os parentes desaparecidos, as famílias desaparecidas, as mulheres e as raparigas a seu lado em Auschwitz, desaparecidas. O vagão sacudia em todas as agulhas, alguém caiu por cima delas, afastaram-na. Ninguém falara horas a fio, talvez nem voz tivessem. Ninguém sabia quem ainda estava consciente ou se já se fora. Até o mau cheiro deixara de as incomodar. Um aperto num dedo, ainda estás aí? Aperto devolvido.

E então pararam.

Haverá algo mais agradável do que o cheiro a pinheiros no outono? Vai direito ao cérebro desde os pelos do nariz, límpido e fresco como o início de um novo dia. Camas feitas de lavado, o algodão bem vincado nos pés, as primeiras flores da geada surgindo nas janelas. Escada abaixo, para fora da porta da cozinha, os vapores da respiração, o ar que bate no rosto como ferro congelado, embora não tão glaciado como nos meses vindouros. Uma volta pela azinhaga de mão dada com Bob.

A paisagem ondulante, um suave nevoeiro sobre os arbustos prolongando-se até onde os olhos podiam ver — como caminhar sobre as nuvens do céu. Janny não via onde punha os pés, um passo acompanhava o seguinte. Flutuavam sobre bolas de algodão. À sua frente, um casal no mesmo preparo. Outro diante deste, e mais outro. Uma grinalda sem fim de silhuetas encurvadas serpenteava pela azinhaga, desaparecendo no horizonte púrpura. O Sol branco desaparecia atrás de nuvens escuras e ela sentiu na pele as primeiras gotas. Olhou para cima. Os céus fechavam-se sobre as suas cabeças, cobrindo a azinhaga com uma lona de sombra. Teriam de regressar ao Alto Ninho antes da borrasca. Janny virou-se, alguém lhe tocou. Atrás, a fila também não tinha fim. Bob puxou-a pela mão, arrastando-a.

«Janny, vem!» Lien chamava a irmã, puxando-lhe o braço.

Avançaram tropeçando nas raízes das árvores e nas pedras do caminho. Teria de levantar mais os pés dormentes. Não se viam nuvens. Janny soube onde estavam; estação de Celle, Alemanha. Foram obrigadas a sair do comboio e mal se puderam ter nos pés.

«*Raus!*»

Tinham de arrastar os mortos para fora do vagão, mas estavam demasiado exauridas. As mãos labutavam e puxavam, mas o resto do seu ser estava ausente. Deixar os corpos na plataforma, pesados e pálidos, um pé para cada lado. Rápido, cães e guardas davam-lhes

pressa.

Apertaram melhor a coberta para cavalos, mas o frio ferrava-lhes as barrigas das pernas nuas. Começou a chover. O vento corria mais célere, mas os ares da floresta ainda sabiam bem. Pulmões, coração, andar.

Ao caminharem pela cidade na primeira parte da viagem, o sangue começou a fluir-lhes mais depressa e as mentes deram acordo de si. Civilização. Gente comum. Os guardas e os cães formavam uma linha entre aquela procissão de esqueletos trôpegos e os cidadãos. De permeio, as irmãs tentavam vislumbrar-lhes os rostos, cruzar-lhes os olhares, rua após rua, quilómetro após quilómetro. Um homem, uma mulher, um padeiro, um açougueiro, um grupo de crianças, um casal de idosos. Mas, assim que os olhos se tocavam, os outros desviavam-nos. Pessoas na direção oposta, de bicicleta, em carroças, cediam passagem fingindo não as ver. Transeuntes de ambos os lados detinham-se a observar. Mas ninguém falava.

Prosseguiam. Quantos quilómetros faltariam? Tinham deixado Celle há horas. Aquele caminho florestal terminava num troço de azinhaga. A céu aberto. A chuva estalava-lhes no rosto e escorria numa corrente para o pescoço preenchendo o vazio por detrás das clavículas. As rajadas de vento ganhavam ímpeto em campo aberto, subindo e tentando derrubá-las; alguém escorregou. Não parar. Levantar, em frente. As que não acompanhassem o ritmo estariam perdidas. As gotas transformaram-se em granizo, o vento num temporal. Uma tempestade terrível. As ordens mal se ouviam. Os corpos inclinados para a frente. Arame farpado. O campo.

Bergen-Belsen.

As irmãs entreolharam-se, apertaram-se com força e respiraram fundo. Fragmentos brilhantes de granizo caíam-lhes dos cabelos, sobre os olhos, para o rosto. Quando alguém o mencionara na estação de Celle, não quiseram acreditar, mas era verdade. Aquilo era bom. Bergen-Belsen era bom. Não havia câmaras de gás. Era um simples campo.

Foram abandonadas como animais num curral. Sem chamadas, sem filas, sem trabalho, sem gritos. Era não mais do que um local nebuloso, árido e repleto de silhuetas pardacentas à chuva, em tendas e barracas até onde conseguiam ver. Janny e Lien mergulharam num monte de areia embrulhadas uma na outra, puxando as cobertas encharcadas até ao nariz. Era como se estivessem debaixo da terra; via-se fumo e vapor por toda a parte, as pessoas agachadas, tentando passar despercebidas, caminhando encurvadas como se sob um teto baixo. Um adolescente deambulava, nada vestindo senão uma camisa

às riscas, as pernas despontando do andrajo de algodão como galhos. Uma mulher, no chão, agarrou a mão de um guarda que passava pressionando-lhe os lábios — não a largou sem que este lhe desse um encontrão na testa, fazendo-a cair de costas sobre a lama. Alguém remexia uma panela em cima de uma fogueira. Uma mulher com a parte superior do corpo desnuda inclinou-se para a frente enquanto outra lhe despejou um balde de água gelada sobre a cabeça. Uma nuvem de vapor elevou-se no ar como se de um incêndio se tratasse.

As irmãs enfiaram-se mais nas cobertas. Já não sentiam fome; o vazio do estômago era um conhecido bloco de cimento que ali tinham havia meses. Mas o frio nos ossos, o frio que lhes transformara a pele numa lixa rosada e lhes mantinha os maxilares bem apertados, era impossível habituarem-se a ele.

Uma silhueta disforme aproximou-se por entre a chuva. Eram duas cabeças rapadas pespontando como passarinhos congelados. Olharam-se. Um brilho quente, os maxilares soltaram-se. Um grito de alegria brotou do vento. Largaram as cobertas e as quatro caíram nos braços umas das outras a chorar. Eram Anne e Margot.

Bergen-Belsen não foi criado para ser um campo de extermínio; nascera nas charnecas da Alemanha destinado a prisioneiros de guerra, onde se incluía um grande número de soldados russos. Durante a guerra, o campo cresceu até uma dimensão de onze quilómetros quadrados com diversas secções. Devido às péssimas condições e a um elevado número de doenças infecciosas, a maioria dos soldados sucumbiu. Enfermidades como a disenteria e o tifo eram transmitidas entre prisioneiros e transportadas por piolhos e ácaros. Quando alguém contraía a doença, a vida esvaía-se-lhe literalmente por todos os orifícios. Quase todos os uniformes inimigos se viram vazios praticamente sem ter sido preciso disparar um tiro.

Em 1943, apenas um ano antes da chegada das irmãs, as SS tomaram conta da administração do campo e Bergen-Belsen também se tornou num campo para troca de judeus. A ideia seria permutar estas pessoas por prisioneiros de guerra alemães detidos noutros países. Os judeus selecionados pertenciam à designada Lista Palestiniana e foram levados para *Sternlager*, o Campo Estrela, onde eram obrigados a exibir uma estrela amarela na roupa. Na realidade, as trocas não sucediam, mas a maior parte dos prisioneiros não era obrigada a trabalhar nem a envergar fatos de prisioneiros — e, o mais importante, não havia câmara de gás. Assim se difundiu por toda a Europa o rumor de que este seria um dos melhores destinos.

Este mito desapareceria em poucos meses. Na primavera de

1944, os alemães decidiram ir buscar aos guetos milhares de mulheres polacas e húngaras e também transferir todos os judeus doentes, mas não em fase terminal, dos outros campos de concentração levando-os para Bergen-Belsen, para «recuperação». De modo a facilitar a tarefa, foram acrescentados novos alojamentos. Ergueu-se um *Zeltlager*, um acampamento com enormes tendas de circo para albergar alguns milhares de mulheres. Por vezes, eram contabilizadas sete mil pessoas em simultâneo. Não havia assistência médica, saneamento, água corrente, aprovisionamento alimentar extraordinário, nem alguma forma de organização para as receber, quanto mais para as ajudar a recuperar.

No fim do verão de 1944, quando as tendas tinham acabado de surgir nas charnecas de Lüneberg, ocorreu um desastre logístico. Comboios sobrelotados descarregavam na estação de Celle, a mais de dezasseis quilómetros, chegando todos os dias aos portões do campo hordas de macilentos prisioneiros. Homens, mulheres e crianças; o afluxo era imenso. As SS depressa ordenaram aos prisioneiros que construíssem novos blocos, tendo sido escutado uma chamada no Campo Estrela referindo-se às novas remessas de pacientes esperadas de Birkenau; cerca de três mil mulheres. Também era suposto que o transporte das irmãs ficasse alojado nestes blocos, mas não ficaram prontas a tempo.

Neste meio tempo, as tendas foram-se acumulando de moribundos até às costuras — por vezes, cerca de mil em cada, e na altura em que Janny, Lien, Anne e Margot chegaram, no início de novembro de 1944, o número de prisioneiros em Bergen-Belsen duplicara. Mas a avalanche ainda estava para chegar.

O Exército Vermelho avançava e cada vez mais campos de concentração nazis seriam evacuados nos meses seguintes. As irmãs Brilleslijper e Frank encontravam-se na vanguarda da evacuação em massa; e tiveram a felicidade de ter viajado em vagões de gado. Após o Ano Novo, os alemães empurraram centenas de milhares de homens, mulheres e crianças que mal se conseguiam ter em pé, à frente das colunas em caminhadas mortíferas e sem fim. Morriam pelo caminho como moscas — exaustos, com frio ou assassinados no local pelos guardas. Muito poucos sortudos conseguiriam chegar a Bergen-Belsen.

No inverno de 1944-1945, Bergen-Belsen sucumbiu em força à enfermidade e ao caos. Não houve como lhes pôr cobro. Em poucos meses, morreram dezenas de milhares de prisioneiros e os corpos foram empilhados em redor do campo como madeira seca no fundo de um jardim.

A tempestade

As tendas abarrotavam. Todos os três níveis dos estrados que faziam de camas estavam tomados e as quatro passaram os primeiros dias juntas e estendidas em palha do chão. Janny e Lien acolheram sob sua proteção as irmãs Frank, dez anos mais novas; todos os dias verificavam se faziam a higiene na pequena torneira no exterior, ainda que soprasse um vento gélido e se mostrassem relutantes em afastar as mantas e despir os seus finos vestidos ao frio. Seria importante manterem-se asseadas, alimentadas e juntas.

Quando as raparigas as encontraram no monte de areia, a alegria foi indescritível. Tinham feito uma longa viagem — dos Países Baixos até à Polónia e, depois, para a Alemanha —, tendo perdido tanta gente de vista desde Westerbork. Perguntaram umas às outras em que vagão tinham viajado e quem viram durante o transporte. E onde estaria, Edith, a mãe?

«Selecionada», respondeu Anne, sem mais.

Sentiam-se exaustas e dormiram muito, apesar dos piolhos que lhes corriam pelas cobertas. Neste campo, também havia bicharocos por tudo quanto era lado; nas roupas, nas cabeças, nas virilhas. Por vezes, Janny ficava hipnotizada ao ver o crânio rapado de outra prisioneira — a pele parecia mexer-se. Ao pensar ter, de facto, batido no fundo, observava a camada viva de piolhos a percorrer a cabeça daquela pessoa como um capacete.

Durante o dia eram postas a trabalhar em blocos poeirentos, onde tinham de remover, manualmente, as solas de velhos sapatos de couro. Em troca recebiam um quase nada de uma sopa aquosa e um naco de pão. Era um trabalho duro. As unhas e as pontas dos dedos depressa se transformavam em cotos sangrentos; as pessoas que para ali vinham morriam com infeções no sangue. Anne e Lien desistiram. Margot e Janny aguentaram-se mais tempo.

Chuva novamente. Ligeira, de início, umas gotas inocentes sobre a tenda, mas o chuvisco rapidamente se transformou num dilúvio que se abatia sobre a lona. O vento soprava rasteiro e as tendas estalavam como chicotes. O chão fica encharcado, a palha ensopada e as cobertas a pingar. Na noite de 7 de novembro, a tempestade

desabou pujante sobre o campo.

Ao fim da tarde, quando toda a gente tinha novamente de procurar um lugar para dormir, Anne e Margot estavam à chuva, a discutir. As tendas estavam apinhadas de mulheres doentes e confusas. Era quase impossível entrar ou sair; como se toda a assistência de um estádio utilizasse a mesma entrada. Uma vez no interior, não era fácil sair antes da manhã seguinte; na tenda fazia escuro e havia centenas de mulheres acotoveladas. Sair para urinar não seria opção. De qualquer forma, as latrinas — buracos a céu aberto repletos de diarreia — estavam demasiado imundas para serem utilizadas na escuridão. Recorria-se a uma diversidade de subterfúgios não muito diferentes do que sucede nos estádios. Algumas estavam sempre na parte da frente porque queriam os melhores lugares; outras deixavam-se apenas levar pelo destino. Janny e Lien utilizaram sempre a mesma estratégia: observavam de longe as pessoas a empurrar-se e a brigar; quando a maior parte estava instalada, entravam por último na tenda e procuravam um lugar com tranquilidade. Todavia, naquela noite, as irmãs Frank não esperaram por elas. O tempo estava pavoroso; quiseram entrar na tenda o mais depressa possível.

Janny e Lien continuaram no exterior ao frio, a observar, uma após outra, figuras encurvadas a desaparecerem por baixo da lona da tenda; as filas pareciam não ter fim. Assim que todas entraram, deslizaram para o interior. A tenda estava mais cheia do que nunca — todos os dias chegava mais gente — e tiveram de escalar até ao topo para encontrarem lugar.

Estava escuro e as habituais tossidelas, gemidos e discussões desvaneciam-se no ruído da tormenta e das bátegas. Todo o campo parecia abanar até às fundações. O vento colava-se à tenda, sugando e empurrando as lonas à vez. O granizo tombava sobre a cobertura, a água encharcava as roupas, os rostos, o chão. Em alguns pontos, a lona já começava a ceder — as irmãs quase conseguiam tocar-lhe. Encostaram-se uma à outra. Quando começaram os relâmpagos, todas se calaram. Viam-se os clarões através da tenda, iluminando-lhes as caras tensas do medo. Um trovão começou a ressoar e rebentou sobre as suas cabeças com um grande estrondo — imaginaram que a terra se abria e a tenda desaparecia nas suas entranhas. Estendidas nos estrados, as mulheres estavam petrificadas. Nisto, um grito, um barulho dos infernos, lona rasgada, madeira rachada, estrados a tombar, uma pancada nas suas cabeças e uma sensação de afogamento. Elas não conseguem respirar, tudo está escuro, as vozes soam abafadas e ao longe. Os postes tinham

cedido, a lona rompera-se e toda a tenda, com algumas centenas de mulheres por baixo, colapsara.

Escuro como breu, braços vacilantes, um pontapé num maxilar, para cima, sair de baixo da lona, oxigénio. A chuva massacrava-lhe o crânio, uma inspiração profunda — Janny estava livre. Onde estaria Lien? Aqui, estou aqui. Afasta-se, rápido, por cima das cabeças e dos corpos; ouvem-se gritos e gemidos sob a lona, elas não conseguem ver nada.

Afastaram-se para um espaço aberto; tudo estremecia, os dentes batiam. Mulheres feridas por todo o lado; caíram mais tendas, criando um vazio na paisagem no local onde antes se situavam aqueles volumes sombrios. Corpos sem vida enfiados na lama. A lona contorcia-se no solo como um dragão chinês enquanto centenas de mulheres tentavam libertar-se de gatas pelo chão. Janny e Lien tiveram sorte; os seus estrados eram os de cima, não acabaram enterradas no meio dos corpos das outras e conseguiram arrastar-se para fora por um rasgão da lona.

Por fim, chegavam os SS a correr. Os seus gritos evaporavam-se na tempestade; não viram mais do que gente de boca aberta. Aquelas que conseguiram salvar-se foram levadas para a tenda-cozinha. Ficaram horas ali, umas de encontro às outras, tremendo, até que os primeiros raios de um sol triste revelassem os estragos.

O terreno ficara coberto de detritos, madeira, roupas, pessoas. Mulheres feridas deambulavam pelo campo, gemendo e desorientadas; não tinham sabido do abrigo da cozinha para passarem a noite. Todo o *Zeltlager* fora apagado do mapa. Já não havia água, comida nem assistência médica. As mulheres foram levadas da tenda-cozinha para os blocos dos sapatos, onde encontraram Anne e Margot. Tremendo de frio, mas ilesas. Abraçaram-se, observando toda a confusão: mesas cobertas de sapatos desfeitos, montes de trapos, uma espessa camada de terra a cobrir o pavimento.

Deixaram de acreditar que a viagem para Bergen-Belsen fora a sua salvação.

As sobreviventes da tempestade noturna foram transferidas para um pequeno campo para mulheres. Os guardas ergueram uma grande cerca de arame farpado e fardos de palha para que se mantivessem afastadas do Campo Estrela, ao lado. Aproximarem-se demasiado da vedação e falar com alguém do outro lado era punível, quanto mais passar objetos ou comida. Quem fosse apanhado seria severamente castigado: ficarem sentadas no chão gelado todo um dia a segurar

uma pedra por cima da cabeça ou, inclusivamente, serem fuziladas. Ainda assim, as pessoas procuravam chegar aos prisioneiros do Campo Estrela, pois tinham melhores condições. Para algumas, valia bem a pena arriscar a vida por um camisolão quente ou uma lata de comida.

Havia muito poucos blocos neste novo campo para mulheres. Algumas foram instaladas noutras zonas do mesmo, mas os transportes prosseguiram e não havia, simplesmente, espaço suficiente para todas. À noite, ficavam à espera para ver se encontravam sítio onde dormir e as que não o conseguissem a tempo eram abatidas. Era tanto o caos que Janny e Lien ignoraram o paradeiro das irmãs Frank dias seguidos.

Tudo piorava de dia para dia. Em Birkenau, as mais fracas desapareciam quando a saúde se deteriorava e as mais robustas, como as irmãs, continuavam. Aqui, eram testemunhas desta deterioração e de todos os pequeninos passos do processo até que determinada mulher soltasse o último suspiro a seu lado. O pequeno crematório rugia, cuspidando nuvens negras de fumo, mas não era suficiente. Todas as noites, extinguíam-se centenas de vidas por todo o imenso campo e, pela manhã, os corpos eram empilhados no exterior dos blocos. Grandes grupos de prisioneiros chegavam todos os dias ao portão, mas apesar de todos os recém-chegados, a população do campo não aumentava significativamente.

As rações de comida eram cada vez mais insignificantes, a água potável escassa e as latrinas cheias de excrementos, partilhadas todos os dias por dezenas de milhares de prisioneiros, eram focos de infeções: febre tifoide, tuberculose, disenteria. Uma pessoa com quem se tivesse falado na noite anterior poderia estar na pilha defronte dos blocos na manhã seguinte. Ninguém se habituava a tal coisa.

Depressa algo ficou claro: só, ninguém teria hipótese alguma. Janny e Lien procuraram caras conhecidas para criar um grupo, tendo reunido Anne, Margot e algumas outras mulheres. A partir daquele instante, nunca se separariam.

No mesmo bloco havia três pares de irmãs dos Países Baixos: Janny e Lien Brilleslijper; Anne e Margot Frank; e Annelore e Ellen Daniel. Juntaram-se-lhes duas outras mulheres que haviam chegado juntas num dos transportes mais recentes: Sonja Lopes Cardozo e a senhora Auguste van Pels. Sonja tinha apenas dezanove anos e fizera o mesmo trajeto das irmãs Brilleslijper e Frank: capturada na clandestinidade, foi enviada para Westerbork e, depois, para Auschwitz, onde deixaria para trás os pais e o irmão mais velho, Matthieu. Não fazia a menor ideia se ainda estariam vivos. Os pais

eram Greetje van Amstel e Lodewijk Lopes Cardozo. Viviam na Kerkstraat, em Amesterdão, conhecidos de Janny e Lien antes da guerra. Sonja era uma rapariga alegre e inteligente de quem todas muito gostavam. Nunca se queixava, tentando sempre animar-lhes o espírito; fazia bonecos de pão para lhes oferecer — o que nunca deixava de as fazer sorrir.

Auguste van Pels estava escondida no anexo com as irmãs Frank e, com quarenta e tantos anos, era a mais velha do grupo. Algumas pensavam que fosse mãe de Anne e Margot, por serem tão chegadas. Rachel van Amerongen-Frankfoorder, uma mulher judia com um passado socialista e que trabalhava para a resistência, também estava no mesmo bloco. Passara pelo campo de Westerbork com as famílias Brilleslijper e Frank, acabando também em Auschwitz.

Todas olhavam umas pelas outras, animavam-se e procuravam alimentos para partilhar. Havia sempre alguém à procura de algo para comer; se não se encontrasse um lugar na frente da fila, as oportunidades daquele dia desapareciam.

Anne e Margot partilhavam o estrado por baixo de Janny e Lien e as quatro tentavam preencher as horas vazias trocando histórias. Histórias infantis, contos de fadas, anedotas, memórias de Amesterdão e, como é evidente, conversas sobre cozinhados elaborados. Algumas mulheres do bloco detestavam quando outras se punham a falar de comida, ficavam enjoadas e iam-se embora a praguejar. Mas as quatro irmãs não. Equiparam uma cozinha fantasma digna de *chefs* distintos e elaboravam ementas descrevendo com grande pormenor os pratos que comeriam quando regressassem a casa.

Certo dia, sonharam com o imponente Café Américain de Amesterdão; todas as quatro fazendo generosos pedidos da ementa. Enquanto as outras se imaginavam a entrar naquele deslumbrante café de tetos abobadados, engolindo a saliva de olhos fechados, Anne irrompeu bruscamente em lágrimas. Sabia que as hipóteses de alguma vez voltarem a Amesterdão diminuía todos os dias e que já nem os mais belos castelos no ar poderiam ajudá-las a escapar daquela realidade.

No fim de 1944, o bloco das irmãs recebeu muitas mulheres e raparigas deportadas da Hungria, Checoslováquia e Rússia; eram judias, ciganas e prisioneiras políticas. A barreira da língua tornava a comunicação muito difícil. Certa manhã, quando Janny estava na fila da chamada, uma rapariga húngara dirigiu-se-lhe num alemão imperfeito. Estava num pânico total, mas Janny não entendia o que

ela pretenderia. Pouco depois, a rapariga regressou com uma amiga e uma mala cheia de coisas. Janny percebeu que o seu bloco iria sofrer uma desinfestação; as raparigas ficariam sem nada do que haviam trazido. Janny poderia tomar-lhe conta dos pertences? Sem pensar, pegou na mala e escondeu-a no estrado mais alto que partilhava com Lien. As raparigas húngaras, muito aliviadas, regressaram naquela noite para levar a mala e desejavam retribuir o favor a Janny. No campo, as trocas eram muito frequentes; um pedaço de pão, uma cebola, um camisolão quente ou roupa interior feita a partir de um retalho de manta. Janny recusou; nada fizera de especial e sentia-se satisfeita por ter ajudado.

Esta mala escondida assinalou o início de uma aliança com um grupo de prisioneiras políticas húngaras que viriam a ajudar as irmãs em tudo quanto lhes fosse possível. Algumas trabalhavam na cozinha das SS e desviavam constantemente comida para elas. Uma cebola, uma batata, algum chucrute para Lien, que passava por uma crise de diarreia, e, certa vez, uma caneca de leite. Este sabia a azedo e tinha grumos, mas foram estas pequenas coisas que as salvaram das pilhas dos mortos. Talvez mais importantes do que a comida tivessem sido as notícias trazidas pelas húngaras. Por gestos, e num alemão erróneo, Janny obtinha informações delas durante a noite e passava-as às amigas neerlandesas do bloco. As forças aliadas estavam a chegar, Hitler estava quase de joelhos e, caso aguentassem um pouco mais, só mesmo um pouco mais, sairiam dali vivas. Verdade ou ficção, ninguém saberia dizer, mas nada mais tinham para se agarrarem.

No dia 1 de dezembro de 1944, Josef Kramer passou a ser o novo comandante do campo de Bergen-Belsen. As irmãs recordavam-se dele de Birkenau. Com uma constituição volumosa, o rosto como um sapo de cabeça larga e lábios franzidos, era o bruto ao lado de Mengele, o delicado *Anjo da Morte*. Mengele procedia à seleção com luvas de veludo, ao passo que Kramer se encarregava da viagem até às câmaras de gás. Antigo contabilista de Munique, sem grande inspiração para guarda-livros, entusiasmou-se logo que aderiu às SS e, nos dez anos anteriores, tivera uma gloriosa carreira nos campos de concentração. Começando como guarda, percorreu todo o caminho até chegar a comandante de campo. Quando Kramer chegou a Bergen-Belsen, nenhum prisioneiro poderia erguer um só dedo contra os nazis, mas ainda assim, introduziu um reinado de terror. Desde tortura e cães lançados sobre os prisioneiros até às execuções de grupos inteiros junto a valas comuns, Josef Kramer ficaria para a história como a *Besta* de Bergen-Belsen.

Desde janeiro de 1945, mais de duas mil pessoas por semana morreriam no campo. Todas as manhãs, cerca de trezentos novos cadáveres eram empilhados diante dos blocos, sendo impossível incinerá-los. No exterior do campo, surgiram valas tão grandes como piscinas onde eram enterradas as vítimas do moribundo regime nazi; túmulos anónimos, mas cujos despojos ficariam para sempre associados à Charneca de Lüneburg.

A festa

Janny observava a deterioração da irmã e das irmãs Frank; com as cabeças rapadas e as maçãs do rosto salientes assemelhavam-se a caveiras. As húngaras diziam que os Aliados estavam a fazer rápidos progressos, elas teriam de permanecer juntas até à chegada dos soldados aos portões. Janny teve a ideia de celebrarem o Natal, a Véspera de Ano Novo e o *Hanukkah*, ao mesmo tempo, na última noite de dezembro. Ficaram todas entusiasmadas; só os preparativos já serviriam para lhes animar os espíritos. A partir dali passaram a guardar todos os dias o miolo do pão e as amigas da cozinha das SS ofereceram a Janny duas mãos-cheias de cascas de batata. Anne obteve um pé de alho, as irmãs Daniel «encontraram» milagrosamente um nabo e uma cenoura. Lien entoou algumas canções para as guardas, o que lhe valeu algumas fatias de pão e uma colher de chucrute. Na manhã do grande dia, todas guardaram uma parte da mistela castanha nos copos de latão para também terem algo para beber à noite.

À noite, juntaram-se ao seu grupo dos Países Baixos nos estrados mais altos dos beliches, logo abaixo do teto dos blocos de alvenaria e distribuíram a comida. Estavam ali todas: Janny, Lien, as irmãs Frank, as irmãs Daniel, Auguste, Sonja. Conversaram com entusiasmo, comeram e contaram histórias de dar água na boca sobre o que fariam quando voltassem para casa. Anne sonhava com essa perspetiva; a primeira coisa que queria fazer seria comer no restaurante elegante da esquina da Leidsestraat com o Prinsengracht: Dikker & Thijs. Juntaram-se-lhes outras mulheres do seu bloco, curiosas para ver que ruído seria aquele a romper com o humor sombrio geral. O frio, as dores nos ossos e a falta dos entes queridos eram esquecidos por alguns instantes enquanto celebravam com aquele jantar festivo, de pernas cruzadas sobre estrados de madeira. Então, uma delas começou a cantar uma música infantil:

*A carrocinha subia a velha estrada arenosa
Radiosa era a Lua, larga era a estrada
O cavallinho trotava com alegria*

*Sabia o caminho, palmilhando a areia
E o condutor dormia como um justo
Que chegues bem a casa, meu amigo, meu amigo
Que chegues bem a casa, meu amigo.*¹⁵

Cantaram juntas, balançando lentamente nos seus estrados ao ritmo da música. Continuaram com *Constant Tinha um Cavalo de Baloio*, seguida de *Clink, Clank, Relógio* e *O Solzinho Abandonamos*.¹⁶ Aplaudiam como as crianças de uma creche na aula de música, pronunciado as palavras em neerlandês como se nunca tivessem escutado nada mais belo. Algumas das mulheres do bloco, incomodadas com todo aquele folguedo, assobiaram-nas para que parassem — em francês, russo e com palavras que não conheciam mas cujo significado compreendiam. Não importava; a energia que lhes tinha sido retirada dos corpos tanto tempo antes fluía-lhes pelos membros e fazias-as sentirem-se leves.

Num repente, as mulheres checas reagiram com mais animosidade do que as restantes, inclinando-se para fora dos estrados com os dedos de encontro aos lábios.

«Chiu! Chiu!»

Assustadas, Janny e as amigas interromperam a cantoria. Tinham estabelecido amizade com aquele grupo e não compreenderam que mal teria. Quatro mulheres checas começaram a cantar e todo o bloco se silenciou. Foi maravilhoso. Cantavam numa harmonia a quatro vozes, uma melodia perfeita, o neerlandês macarrónico:

*Constant had een hobbelpaard
Zonder kop of zonder staart
Zo reed hij de kamer rond
Zomaar in zijn blote...
Constant had een hobbelpaard*

Constant tinha um cavalo de baloio
Sem cabeça nem cauda
Cavalgava por todo quarto
Completamente nu...
Constant tinha um cavalo de baloio

E continuaram a cantar. Quebrou-se a tensão no bloco e as raparigas e mulheres dos Países Baixos, que quase tocavam no teto, choraram, aliviadas por já não precisarem de se conter.

No início de 1945, a morte empunhava a sua gadanha e Janny não conseguia fazer mais do que apagar o incêndio com dedais. Ela e Lien tentavam ajudar todos os que pudessem ser salvos. No pequeno campo de mulheres, quase todas tinham adoecido bastante, demasiado fracas para poderem trabalhar. Anne, Margot, Sonja e Auguste ficaram no bloco, um viveiro de bactérias. Lien também adoeceu. De noite, as coberturas deixavam entrar água gelada para cima dos estrados e, pela manhã, embrulhavam as que morriam nas suas próprias cobertas e lançavam-nas para o monte.

Janny ofereceu-se mais uma vez para servir como enfermeira e, sem lhe perguntar, também levantou o braço de Lien quando as SS procuraram candidatas: passavam a ser a enfermeira e a enfermeira-auxiliar. Podiam usar uma faixa branca no braço, ter acesso à farmácia do campo e andar mais livremente pelo mesmo. Janny corria tudo como uma formiga muito atarefada, dava ordens e delegava funções. A cada dia, o corpo contraía-se, sentindo a cabeça mais pesada, mas mantinha a promessa que fizera à mãe e aos filhos: ela e Lien haveriam de sair dali. Necessitavam de água para as doentes beberem, mas também para lhes lavarem os corpos e a roupa. A bomba de água não era um local seguro — demasiado caos, demasiadas pessoas — e, no caminho de regresso ao bloco, alguém poderia arrancar-lhes a água das mãos. Janny criou uma escolta de acompanhantes para poder ir à água sem problemas. Corriam de um lado para o outro com canecas, malgas e tachos, mantinham as pessoas limpas, passavam por água as roupas sujas e secavam-nas no frio gélido. Eclodiu uma epidemia de tifo, mas nada tinham para combater a doença. Para permitir aos seus pacientes alguma réstia de humanidade, Janny desviava da farmácia mãos-cheias de produtos malcheirosos para se livrar dos piolhos e das pulgas.

Certa manhã, Lien pediu à irmã que fosse com ela a um pequeno bloco no seu lado do campo que acabara de ser ocupado com recém-chegadas. Para surpresa de Janny, todas as mulheres que ali se apertavam eram neerlandesas. Havia algumas idosas e também duas crianças muito pequenas. Conhecia uma ou outra, como Marianne «Sis» Asscher e os seus três pequenos. As crianças tinham um ar muito sofrido e algumas das mulheres não se aguentavam de pé. Não se ouviam gemidos nem choros, apenas rostos expectantes com olhos enormes que mal conseguiam registar o que viam.

Não se tratava, afinal, de mais um transporte; as mulheres afirmaram que antes tinham estado noutra área do campo com os respetivos maridos. Todas eram familiares de negociantes de diamantes que tinham passado algum tempo em Bergen-Belsen, mas

ficaram a aguardar os seus destinos por terem efetuado pagamentos. Quando deixaram de ter diamantes e ouro para pagar ao comandante do campo e aos seus oficiais, os seus homens acabaram nos transportes. Até então, tinham sobrevivido por estarem juntas, mas quando as famílias foram separadas todo o grupo colapsara como um castelo de cartas. Tinham perdido a vontade de viver; seguira com os seus homens nos comboios.

As irmãs deitaram mãos à obra imediatamente. Mandaram as companheiras ir buscar água, as mais velhas foram ajudadas a subir para os estrados, as crianças lavadas no frio gélido do exterior e muitíssimo bem enxugadas com trapos. Tentaram encontrar-lhes alguma comida. «Sis» Asscher estava apática. Os dois filhos, os pequenitos Bram e Jopie, ficam perto dela e a filha, Truusje, nascida em Westerbork no final de 1943, estava deitada num carrinho de bebé imundo, como uma boneca, uma perna para cada lado. Os olhos de Janny e Lien cruzaram-se com o mesmo pensamento. Liselotte. Kathinka. Sacudiram a ideia e puseram-se ao trabalho. Não haveria tempo a perder.

As novas mulheres e crianças encontravam-se em tão más condições que Janny e Lien foram designadas cuidadoras a tempo inteiro dos blocos pequenos, tendo-se mudado para junto delas. Pediram a Anne e a Margot que as acompanhassem, mas esta última estava com diarreia e não obteve permissão para deixar o bloco devido ao risco de infeção da febre tifoide. Anne procurou cuidar o melhor possível da irmã mais velha, e Janny e Lien mantiveram as raparigas debaixo de olho. As irmãs Brilleslijper passavam a ser responsáveis pelos doentes e mortos nos seus novos e pequenos «blocos-diamante», e teriam de obter água e alimentos para toda a gente e manter os blocos asseados. Passavam horas a fio a tirar piolhos das cobertas e das roupas na esperança de lhes proporcionar algum alívio.

Também fazia parte do grupo das mulheres-diamante uma senhora de nome Henriëtte van Amerongen. Janny e Lien disseram-lhe que também havia uma Van Amerongen no seu bloco antigo: Rachel. Era a sua nora. Foram a correr buscar Rachel e, embora o encontro tenha sido um bálsamo para a senhora Van Amerongen, não foi suficiente; estava muito doente para recuperar e faleceu pouco depois. Janny e Lien fecharam-lhe os olhos e levaram-na para a pilha. Retiraram-lhe o casaco de pele e a aliança de casamento — antes que algum estranho o fizesse — e entregaram-nos a Rachel no mesmo dia.

Todos os dias, na chamada, Janny tinha de comunicar às

guardas das SS a quantidade de pessoas que já não conseguiam deslocar-se ou manter-se de pé. Em certa ocasião, uma guarda inclinou-se sobre o carrinho de Truusje Asscher e deu um salto para trás. A barriga da pequena estava inchada como um balão e os braços e as pernas distendidos como galhos. Assustada, a guarda rabiscou uma senha para um galão diário de papas de leite. Truusje soltou o último suspiro nessa tarde, mas Janny utilizou a senha para alimentar muitas outras crianças.

Noutro bloco, os alemães tinham posto de lado crianças neerlandesas que pudessem não ser totalmente judias. Janny e Lien tentaram animar as irmãs Frank pedindo-lhes que as ajudassem a olhar por estas crianças. Ler-lhes, brincar com elas, cortar-lhes as unhas e o cabelo — tudo o que as ajudasse a passar o dia. Anne e Margot acompanharam-nas algumas vezes, cantaram-lhes canções infantis dos Países Baixos e contaram-lhes contos de fadas, mas depressa ficaram demasiado doentes para poderem sair do seu bloco. Margot deixara de se ter nos pés e Anne não saía da beira da irmã.

Numa derradeira tentativa de soprar alguma vida às raparigas, Janny e Lien fizeram-se acompanhar por Jopie e Bram, os restantes filhos de «Sis» Asscher, mas as duas irmãs não chegariam a brincar com os pequenos. Tinham-se enfiado num mundo sombrio e estavam demasiado fracas para interagir com eles.

Lien e Janny reuniam comida para as raparigas sempre que podiam, mas, certo dia, deram com as camas vazias; Anne e Margot tinham sido transferidas para a enfermaria. Isto são más notícias; ali não receberiam cuidados e estariam expostas a novas bactérias. Todos os doentes da enfermaria eram terminais, sofrendo de disenteria ou febre tifoide.

Lien e Janny visitaram-nas, tentando convencê-las a saírem consigo, mas sem êxito. Como a enfermaria era aquecida, mantinham-se quentes e podiam partilhar a mesma cama. Anne respondeu que pretendia ficar ao lado de Margot. Esta deixara de falar.

15 *The little cart drove on the old sandy road / Clear was the moon, wide was the road / The little horse walked with delight / It found its way, alone, through the sand / As the driver was sleeping so tight / I wish you safe home, my friend, my friend / I wish you safe home, my friend.* Tradução para inglês no original. (NT)

16 No original em inglês, os títulos das músicas são, respetivamente, *Constant Had a Rocking Horse*, *Clink, Clank Clock* e *The Little Sun is Leaving Us*. (NT)

Cidade dos mortos

Janny estava de pé no rebordo de uma grande vala a olhar para as estrelas que cobriam a Charneca de Lüneburg. A Lua crescente brilhava sobre os corpos no chão. Ombros descaídos, apertando a manta entre os dedos — acabada de recuperar do cadáver nu de uma mulher — e a cabeça de cabelo ralo erguida aos céus. O cheiro da decadência era pungente; forçava a entrada pelo seu nariz mesmo quando pressionava os lábios e sustinha a respiração. Pássaros em bando esvoaçavam por cima dos corpos, lançando-se sobre a vala. Imóvel, Janny olhava para o céu buscando um sinal das estrelas.

As caminhadas mortíferas continuavam a trazer vagas e vagas de gente, mais do que o campo podia albergar. Em cada um dos blocos, antigas casernas concebidas para oitenta soldados, acumulavam-se mais de mil e quatrocentas mulheres. As recém-chegadas tinham de se bater com as restantes prisioneiras por um lugar no chão sujo. Muitas simplesmente desistiam, permitiam ao corpo o descanso que tanto pedia, tombando de joelhos onde estavam.

Os piolhos sempre foram um problema, mas com a falta de controlo e a abundância de novas prisioneiras, abriam-se as comportas e uma praga séria apoderou-se do campo. Centenas de milhares de pequenas criaturas invadiram os blocos, sugando o sangue humano e tecendo uma malha de febre tifoide por toda a gente. Não havia forma de escapar à doença. Começava com uma dor de cabeça, náuseas, dores em todos os músculos e febre alta. Após uma semana, o corpo ficava coberto por erupções cutâneas e a maior parte dos pacientes entrava em delírio. Acabavam num limbo entre a morte e a vida, e no inverno de 1945 quase não havia alguém que tivesse conseguido escapar.

Também Lien adoecera e continuava de cama. Margot já estava doente havia algum tempo e piorava a cada dia. Janny corria de bloco em bloco a fazer o que podia e entre os turnos ia acompanhando as irmãs Frank. Margot padecia de uma febre elevada e não emitia mais do que murmúrios. Anne não saía da sua beira, mas também se sentia febril, com o rosto corado e os olhos inchados. Tentava cuidar de Margot, mas Janny conseguia perceber que a irmã já estaria com

um pé no outro mundo. Era tão pouco o que podia fazer para as ajudar.

Janny também se sentia adoentada — a face vermelha, a visão turva. Uma corrida contra o tempo. Teria de continuar, a correr de bloco em bloco, mantendo Lien asseada, amputando dedos congelados de mãos e pés, buscando água para a interminável fila de doentes, mastigando-lhes previamente o pão duro, mas as vidas esvaíam-se como areia por entre os dedos. Uma mulher do seu bloco expirou com o bebé ainda vivo nos braços. Era como trabalhar numa linha de montagem; fechava os olhos de quem deixava de precisar deles, despojava-os de tudo o que outras prisioneiras ainda pudessem utilizar e carregava os cadáveres para as pilhas. Um trabalho de Sísifo. Os corpos dispersos pelo campo como mato bravio, os membros apontados ao céu. Os blocos e o campo em geral viviam no silêncio, embora a população tivesse aumentado até à grandeza de uma pequena cidade.

De súbito, Anne apareceu diante de Janny. Nada vestia senão uma manta que lhe cobria os ombros esqueléticos. Fazia bastante frio, a neve começava a derreter entre o arvoredado. Janny puxou-a para si.

«Que fazes aqui? A tua roupa?»

«A Margot está muito mal.» A rapariga falava com dificuldade. «E os piolhos...» Abanou a cabeça, coçando-a com os dedos finos como patas de aranhas.

«Toda a gente está doente, Anne. Vem cá», disse Janny, juntando peças de roupas e pressionando-as nas mãos de Anne.

Também quase não havia comida; os funcionários do campo chegavam a recusar-lhes alimento durante dias, mas entregou a Anne algum do último pão que guardara para Lien.

«Leva isto e não saiam do vosso bloco. Assim que possa, irei ter convosco. Agora, vai.»

Pouco depois disto, Margot caiu da cama, batendo com a cabeça no cimento do chão; nunca mais acordou. Anne já dera como assumida a morte do pai e da mãe, e se a irmã desaparecesse deixaria de ter motivos para viver. Também se deixou ir.

Quando Janny e Lien as foram visitar poucos dias depois, encontraram a cama vazia. Procuram nas pilhas de cadáveres e deram com os seus corpos sem vida. Com a ajuda de duas outras mulheres, embrulharam as irmãs em cobertas e levaram-nas para uma das valas, onde as depositaram no fundo à vez.

Via tudo embaciado, como se a retina lhe tivesse sido arrancada dos olhos. As cores tinham desaparecido e só conseguia ver silhuetas

deambulando pelo campo como sombras pardacentas. Janny tinha a cabeça sempre de lado, demasiado pesada para o pescoço. Os dias e as noites fundiam-se, as semanas e as vidas passavam.

Lien sentia-se um pouco menos adoentada, mas Janny mal conseguia ficar de pé. O campo era uma feira desvairada de gente insana, enferma e moribunda. De tempos a tempos, soava a sirene dos ataques aéreos — ouvia-se do arvoredo do lado oposto do campo, mas nada sucedia; os prisioneiros tinham desistido de levantar a cabeça para ver se seria o socorro dos Aliados. Cadáveres por toda a parte, ninguém tinha força para os levar. Nas valetas, nos caminhos, nos blocos, centenas ou milhares — já tinham desistido de os contar.

A maior parte das pessoas mantinha-se apática nos seus estrados, encostada às paredes ou apenas sentada no solo frio, no exterior. Pouca ou nenhuma comida restava — de vez em quando, algum nabo mergulhado na água: quente, fria, muitas vezes insalubre. As húngaras contaram a Janny as histórias mais loucas. Que os britânicos já ali estariam, mas demasiado receosos para entrar no campo devido às doenças. Que os alemães haviam enterrado explosivos para rebentar com tudo juntamente com os prisioneiros. Nada se passava.

Fazia menos frio no exterior, ou talvez fosse a febre a penetrar-lhe os ossos. Janny roubou aspirinas da farmácia e ingeriu-as todas; teria de manter-se firme para ir buscar água para Lien e para si própria. Lien era a sua única hipótese de sobrevivência — não queria regressar a casa sem a irmã.

Mais um alerta de ataques aéreos, aviões, disparos de todos os lados; não sabiam dizer se dos alemães, se dos Aliados. Os guardas fugiram e, num repente, o campo era todo ele silêncio. Duas prisioneiras entraram no bloco das SS e vieram à porta; tinham desaparecido! As pessoas começaram a gritar, a correr, retratos de Hitler são arrancados das paredes. Mal se conseguindo mexer, Janny observava tudo à distância. Foram descobertos dois grandes montes de nabos, os prisioneiros famintos atiraram-se a eles e todos os vegetais desapareceram em minutos. A ideia de estarem mesmo perto da libertação desencadeou enormes fúrias em alguns. Atearam fogueiras um pouco por todo o lado, rubras chamas alumando uma paisagem cinzenta. Para se aquecerem, algumas prisioneiras vestiram casacos das SS e foram atacadas por outras.

Subitamente, mais disparos, alguém gritou: os *Krauts* voltaram. O apito da chamada, seguido da habitual algazarra das guardas incitando à pressa. Pouco lúcida, Janny arrastou-se para o local da chamada. Tem a cabeça num rodopio — quase como se flutuasse.

Deparam-se com Josef Kramer, comandante do campo. Este e os seus homens envergavam faixas brancas nos braços e agiam, muito estranhamente, com alguma simpatia. De todos os lados chegavam prisioneiras para o ouvir, desconfiadas. De pé numa plataforma elevada, Kramer chama-as, com trejeitos; *Kommen sie her, kommen sie, meine Damen*. Aproximem-se, aproximem-se, minhas senhoras. Ouviram-se vaia, alguém gritou: não é uma chamada, os britânicos estão ao portão, não o ouçam!

Janny ficou imóvel, as mulheres passavam por ela a correr em todas as direções. Kramer foi sovado e pontapeado por pessoas com uniformes; arrancaram-lhe os punhos brancos e atiraram-no para cima de um jipe. Ao ver tudo aquilo, Janny sentiu um fogo ardente a espalhar-se pelo corpo desde a barriga. Homens da Lua em fatos de borracha caminham na sua direção. Depois desmaiou.

É o dia 15 de abril de 1945, os britânicos libertavam Bergen-Belsen. Encontraram por todo o campo sessenta mil prisioneiros macilentos e treze mil cadáveres por sepultar em diversos estados de decomposição. Foram erguidos hospitais de campanha na maior das urgências, dando início às operações de salvamento dos sobreviventes; um quarto destes morreria nas semanas seguintes.

A viagem final

Janny encostou a cabeça à janela para absorver tudo que via, tentando ao mesmo tempo respirar. Entravam em Amesterdão vindos de sul. A primavera preenchia as ruas com cores de que se esquecera. Violeta, púrpura, verde-maçã e o azul-infinito do céu. Levantava os olhos e via os rostos do pai, da mãe e de Japie surgirem no firmamento, nos tijolos encarnados, na folhagem das árvores. Não tinha como evitar. Era a época do ano que mais amavam. A cidade a despertar da hibernação. As janelas abrindo-se, cortinas de algodão a esvoaçar com a brisa, a vibração da Waterlooplein. O trabalho era sempre mais fácil para Joseph e Fietje quando o Sol voltava a brilhar. Estariam algures na cidade a observar o mesmo céu? Uma dor aguda na têmpora, a visão turva. Cerrou os olhos com força para dissipar as imagens dos pais e de Japie. Não pensar neles. Não agora.

Noorder Amstellan, Apollolaan.

As imponentes casas da Apollolaan, a avenida principal a seguir à esquina das elegantes irmãs Jansen — estariam ainda vivas? A sequência das robustas portas de madeira em ambos os lados daquele verde luzidio refletido na janela do automóvel. Bob e Eberhard, na sua melhor indumentária de domingo, de visita às irmãs Jansen por causa arrendamento do Alto Ninho, a vida no bosque, as atividades de resistentes em Amesterdão, a missão falhada na Roelof Hartplein, a denúncia. Recordou a sua presença na confluência das três ruas: a Van Baerlestraat, a J. M. Coenenstraat e a Roelof Hartstraat. O coração disparado com Robbie agarrado à mão. Também estivera um bonito dia, então. Parecia ter sido cem anos antes, o vislumbre de um filme a que só assistira uma vez. Não fora ela, tão-pouco naquela vida. Porém, passara menos de um ano.

Janny observou as mãos apoiadas nas magras pernas. Veias azuis pressionando uma pele translúcida; entre as coxas caberia uma bola de futebol. O carro acelerava. O estômago apertava. Sentia-se doente, mas não conseguia engolir.

Cruzamento das artérias Apollolaan-Stadionweg, o aço e o vidro do Banco da Segurança Social, o edifício ainda ali estava.

A Torre do Trabalho. Holofotes alemães no telhado. Janny olhou para a irmã, os seus olhares cruzaram-se e soube que ela pensava o mesmo. Lien vinha sentada muito direita a seu lado vestindo um casaco quente de pele de coelho, trocado pela sua ração diária de cigarros do campo de refugiados de Soltau, nas proximidades de Bergen-Belsen. As mãos imóveis sobre o colo. Nenhuma estava capaz de falar.

Virar à direita, para a Beethovenstraat, atravessar a ponte, segunda à esquerda.

Oscilavam com o andar do automóvel. Os ombros tocavam-se por um breve instante e logo se afastavam. A cidade parecia diferente — mais vazia, mais sossegada —, mas quando atravessavam as pontes parecia que nada mudara. As águas corriam como se o mundo não tivesse parado. Ouviram falar de um inverno de carestia que ceifara a vida a milhares de pessoas. Um frio severo, sem aquecimento, com a região ocidental do país isolada. Mas as águas de Amesterdão continuavam a correr.

Jacob Obrechtstraat. Casas estreitas com janelas arqueadas abrindo caminho para grandes edifícios com janelas de molduras direitas.

Janny movimentou-se no banco traseiro, mexeu os pés, os dedos muito inquietos sobre as palmas das mãos. Tentava engolir, mas tinha a boca seca como pó. Viu ao longe a pequena praça, quase conseguindo discernir o Concertgebouw. «À direita», ouviu a irmã indicar ao condutor, que rodou o volante. «Número 26», indicou.

Johannes Verhulststraat, 26. Haakon e Mieke.

A viatura deteve-se. Casas estreitas, as entradas debaixo de arcos, varandas apoiadas sobre pesados ornamentos. Janny não conseguiu mexer-se, levantou os olhos para a escada que conduzia à porta da frente, pontos negros oscilando diante dos olhos. A porta do automóvel fechou-se. Lien subiu os degraus, desceu-os a correr com um bilhete na mão, virou-se, correu pela rua e parou algumas portas mais à frente. Janny estava impaciente. Após o que pareceu uma

eternidade, Lien regressou com um segundo papel, deu uma corrida para o carro e sentou-se a seu lado. Pôs-lhe a folha à frente dos olhos. Estava escrita com uma letra trémula. Janny afastou-a.

«Não consigo.»

«Permitam-me.»

O homem ao volante virou-se para trás e pegou na carta.

«Estava um bilhete para nós na porta», disse Lien. «Se Lientje e Janny aqui vierem, Jopie Bennet tem uma carta de Eberhard para vós três portas abaixo.»

Lien falava e o ar faltava-lhe. Ainda não tinha recuperado por completo, nenhuma das duas o tinha. Quando da chegada dos britânicos, pesavam menos de vinte e nove quilogramas. O condutor leu em voz alta: «O Bob mora no número 101, Amstel, com os dois filhos. Eu moro em Oegstgeest com o senhor Blomsma.»

Lien apertou a mão de Janny. Os cantos da boca subiram e estremeceram-lhe.

«Vais a caminho, mana!»

Janny tentou devolver o sorriso, mas não conseguiu. Ficou sem forças.

Amstel, 101. Porquê? Onde ficará isto? Não conseguia pensar.

O homem não sabia o caminho; não era da cidade. Conheceram-no em Enschede, logo após a fronteira alemã, onde ficaram alojadas no edifício de uma velha escola. Como não as esperavam, não foram bem recebidas — mais um malfadado passo da longa viagem até casa. Tanta gente na estrada. Tantos camiões para todo o lado e lado nenhum. Pouco mais de trinta quilómetros por dia. Paragem, desinfeção, identificação. Era como se os Países Baixos não as quisessem de volta.

Certo dia, traziam a bandeira tricolor do seu país nas mãos e quando as viaturas atravessaram a fronteira todos começaram a entoar o hino nacional. Toda a gente chorava no camião e, por fim — sim, por fim — acabaram por receber calorosas boas-vindas. Crianças entusiásticas na berma da estrada a agitar bandeiras. Não seria para elas, mas para os soldados que costumavam atravessar a fronteira em camiões iguais com chupa-chupas, chocolates e outras guloseimas. As crianças foram à sua vida, frustradas, e elas ficaram ali, em cima do camião, com a bandeira nas mãos.

Em Enschede passaram por uma desinfestação pela centésima vez e identificadas pela milésima. Foram, depois, levadas para um compartimento com neerlandesas nazis. Quando uma destas começou a gritar com elas, Janny passou-se da conta e chamou os

responsáveis pela organização. «Bem-vindos a Enschede? Trazem-nos para uma escola vazia e malcheirosa, fazem-nos dormir mais uma vez em cima da palha e, por amor de Deus, dão-nos a comer o quê? Nabos! Chega, caramba!»

Mas esta reação não fez a diferença; não era permitido entrar ou sair das Holandas do Norte e do Sul devido às doenças infecciosas. Corria o fim de maio e não as deixavam sair dali. Passados alguns dias, as coisas aceleraram depois de encontrarem um conhecido de Jan Hemelrijk. Poderiam sair no domingo seguinte. Este homem, um dentista na busca de um familiar perdido, foi amável o bastante para levar as irmãs e duas outras mulheres a casa.

Primeiro, deixariam a senhora mais velha em Harderwijk e depois uma jovem em Hilversum. Ao princípio da tarde, chegavam a Harderwijk. A rua estava em silêncio e as quatro mulheres sentadas no automóvel, muito nervosas, não sabiam como seriam recebidas. No entanto, quando a família viu a velha senhora, a rua explodiu de alegria. Paragem seguinte: Hilversum. Na morada da segunda mulher estava tudo escuro e a casa vazia. Marido e filhos desaparecidos. O seu olhar foi insuportável, mas as irmãs teriam de prosseguir. Para Amesterdão. De queixo hirto, Janny trazia no colo um urso branco e uma fronha de almofada cheia de passas e maçapão. Ao lado, Lien tão bem arranjada quanto podia. Na Johannes Verhulststraat, prosseguiu as indicações ao condutor.

«Regresse à ponte Berlage. Daí, descemos o Amstel.»

O homem acelerou. A casa de Mieke e Haakon ficava para trás.

Voltar para trás, atravessar a ponte, Apollolaan, sempre em frente, a Noorder Amstellaan. Passar por um banco corrido. Certa vez, sentara-se nele com Bob.

Bob. Esforçava-se muito para não pensar nele nem nos filhos com receio de cair num poço sem fundo. Mas, nas últimas semanas, as imagens dos pequenos e de Bob não deixavam de lhe assomar ao espírito. O rosto de Liselotte com um gorro de lã apertado debaixo do queixo. Robbie, às gargalhadas, saltitando no meio das folhas do bosque. Bob no regresso do trabalho com a bicicleta pela mão ou sentado a ler-lhe à noite. Reconhecê-la-ia? Janny levantou a mão para ajeitar as mechas rebeldes de cabelo. «Não! Não as corte!», gritara quando a enfermeira suíça encontrou mais um piolho. Fraca como estava, conseguira pelo menos evitá-lo. A cabeça rapada nunca mais.

Estivera muito doente. Inconsciente durante catorze dias; abrira

todas as portas entre a vida e a morte. Porém, em todas essas vezes, sentiu algo pelo qual valeria a pena voltar. A pele gasta sobre lençóis acabados de lavar. Os ossos aquecidos por um raio de sol a entrar pela janela. A voz doce de uma enfermeira. O doutor Jim, um irlandês ruivo que exalava a sensação de que «vai ficar tudo bem». Perguntava-lhe todos os dias a mesma coisa, mas ela sentia-se demasiado fraca para responder.

«De onde vem?» Olhos brilhantes, um sorriso franco.

«Amesterdão», acabou por murmurar.

O médico teve de lhe ler os lábios.

«Irei ver da sua irmã», disse. «Se me prometer que come, irei ver dela.»

Mas Janny não conseguia comer; tinha tantas feridas na boca que não conseguia engolir. Como se tivesse uma corda em volta do peito, não conseguia respirar. Teria de comer ou ele não iria à procura de Lientje. Em pleno coma, fragmentos de conversas entre as enfermeiras sobre cadáveres em decomposição, incontáveis pessoas doentes, ainda centenas de mortes por dia, campas comuns. Teria de encontrar Lientje a tempo, mas não se conseguia mexer, tinha a mente apartada do corpo.

Daniël Willinkplein, onde as três avenidas do Amstel confluem em Y; o impressionante elemento principal: o edifício de doze andares.

Ao passarem por ele, Janny olhou para cima. O arranha-céus de betão e as suas varandas de ferro. Ela e Lien costumavam rir-se, questionando-se que raio de gente gostaria de ali morar. *Essa tal Lientje deve estar morta.* Ainda escutava a enfermeira a sussurrar para o doutor Jim; foi como se lhe tivessem injetado água gelada nas veias. O corpo frio e dormente, os pés inertes tombados para os lados, as palmas das mãos viradas, impotentes, para o teto, embora por dentro transbordasse. As lágrimas corriam-lhe pelo rosto, uma após a outra, sem nada poder fazer para as enxugar.

O arranha-céus ficara para trás, percorriam a Rijnstraat. Pouquíssimas pessoas na rua. O elétrico 8 deixara de funcionar em 1942. Adiante pela Amstellaan, a ponte ao longe.

Lien gesticulava para o simpático homem: sempre em frente. De noite, Janny sonhava com ela a caminhar descalça pelo campo alemão em camisa de noite, procurando nas pilhas de corpos, vasculhando por entre braços e pernas, despertando sempre para o

rosto da enfermeira inclinada sobre si na cama; um olhar apologetico, sem novidades. Via a silhueta de Lientje em toda a parte; pela janela do fundo da enfermaria, a caminhar por entre as camas, ouvia-lhe a voz, tão familiar que parecia vinda de dentro do seu próprio organismo, e erguia a mão. Um grito primitivo, um abraço como se pudessem dissolver-se uma na outra e nunca mais se separarem.

«Vou tirar-te daqui, nunca mais te deixarei para trás! Vens comigo!», sussurrou-lhe Lien ao ouvido.

Encontrou forma de duas mulheres robustas a ajudarem a levar Janny da enfermaria, rapidamente, antes que alguém as visse, para o atual bloco de Lien. Porém, estava muito fraca e não conseguia comer. Lien mastigava-lhe previamente a comida, levando-a com cuidado à boca. Não resultou. Janny estava deitada no estrado mais baixo e só chorava. Demasiado doente. Lien alimentou-a como a um passarinho, *vá, tens de comer, o avião para os Países Baixos está quase a levantar, vá*, mas Janny quase se engasgou e levaram-na de volta à enfermaria.

O avião levantou sem elas.

Ponte Berlage. Nos limites de Amesterdão.

Pelo caminho, populares neerlandeses disseram-lhes que os soldados canadianos haviam entrado na cidade pela ponte Berlage poucos dias após a libertação. Terá sido um espetáculo digno de ser visto. Quando se aproximaram, Janny reparou no torreão central, o ponto mais alto da mesma. Quem vinha do centro da cidade, via Amsteldijk, conseguia ver a escultura no cimo do torreão: Génio de Amesterdão, a padroeira elevava-se das águas com o brilho do sol da tarde refletido na coroa. Em pequenas, o pai explicava-lhes pormenores como este; talvez tenha prestado maior atenção do que pensava.

Atravessar a ponte. Suaves baques dos pneus sobre os carris dos elétricos; como nos trilhos dos comboios.

Janny susteve a respiração e contraiu os músculos das nádegas para não sentir as juntas, para não as ouvir.

Sair da ponte.

Ao fim de uma semana obtiveram de facto permissão para sair — com um frasco de comprimidos para as dores no peito na mão. O

doutor Jim ficara preocupado, mas o coração ainda batia e era o que interessava. Em cima dos camiões, sentaram-se em bancos corridos de madeira ao lado de estranhos, todos amargurados e felizes na mesma medida, inquietos com o que encontrariam nos lares, quem estaria vivo e se as casas ainda estariam no mesmo lugar. Percorreram cerca de vinte e cinco quilómetros por dia, não mais, mas bastava, porque tinham sobrevivido ao que lhes sucedera no ponto de partida e não estavam certos de aguentar o que os esperava. Lientje exibiu uma expressão audaciosa, embora estivesse de rastos; à socapa, ingerira os comprimidos de Janny para o coração e quase a mataram. Para o hospital de campanha, lavagem ao estômago. Porém, no dia seguinte já estavam num comboio de carga. Toda a gente quis as portas abertas, mas não foi possível.

«À esquerda, aqui», disse Lien ao dentista.

Weesperzijde. Amstel, 101 — por que razão estariam eles ali? O Nieuwe Achtergracht era perpendicular ao Amstel. Talvez estivessem, todos, juntos... Bob, as crianças, o pai, a mãe e Japie numa casa nova?

O corpo de Janny pressionou o assento com força como se quisesse fazer abrandar o automóvel, detê-lo. A margem do rio misturava-se com a corrente, talvez acabassem lá em baixo. A afundar lentamente. Via Bob, Liselotte e Robbie com água até aos joelhos, observava-os do alto da colina, no fim do bosque, onde o IJsselmeer se abria como um livro ilustrado a seus pés. Talvez não a reconhecessem. Sem cabelo. Esquelética. Mais velha algumas vidas. Virou-se para trás como se fugir fosse uma opção. Com a coroa a cintilar ao Sol, o génio observava-os do alto da ponte Berlage, com uma mão levantada como se as saudasse e acolhesse.

Janny explodiu em lágrimas. Num misto de soluços audíveis, muco e lágrimas. Não conseguia parar. Inquieto, o dentista observava por cima do ombro; prosseguiram para a zona de Weesperzijde com Janny aos gritos no banco de trás. Lien ficou furiosa.

«Alegra-te, *mensch*, estamos a chegar! E eu ainda vou até Oegstgeest, caramba!»

Mas Janny não parava e Lien mostrava-se cada vez mais irritada. Virou-se dentro do seu dispendioso casaco e passou uma reprimenda à irmã.

«Estás doida? Finalmente, vamos ver o Bob e os pequenos e tu para aí sentada a chorar! Para que é isso? Perdeste mesmo o juízo, não foi?»

Chamou-lhe nomes e zangou-se como tantas vezes Janny fizera com ela nos meses anteriores.

«Estúpida! Pára com isso, estás a ouvir?»

Por entre as lágrimas, Janny começava a rir. O dentista conduzia sem freio fingindo algum interesse pelo imponente Hotel Amstel enquanto as irmãs discutiam no banco traseiro.

O veículo abrandou para negociar um troço mais apertado da rua com a água pela esquerda e as casas do canal do lado direito. Pouco antes do Teatro Carré, fez-se silêncio. A casa dos pais situava-se no Nieuwe Achtergracht, à direita. Ao passarem pela rua estreita, ambas olharam — como se houvesse algo para ver. Como se Joseph as aguardasse de braços abertos, de peito feito. Ninguém. A rua estava vazia. Passaram pelo Carré, o automóvel subiu a ponte. Nisto, Lien agarrou-se ao braço da irmã.

«Olha! As tuas cortinas de Haia!» Apontava para uma casa de esquina a seguir à ponte. «É o Bob!»

Lien saiu a voar do carro antes mesmo de o dentista estacar o veículo. Janny não se atreveu a olhar para cima, continuando sentada de cabeça baixa, as mãos sobre o colo; sem forças para se mexer. Bob saiu a correr, escancarou a porta, ergueu-a como uma pluma e levou-a para dentro. Robbie dançava em redor deles, gritando de alegria.

«Veem? A minha mãe voltou! Venham todos ver! A minha mãe voltou!» Acompanhou-os ao interior e correu de volta à rua. «Vejam todos! Vejam, também tenho mãe! A minha mãe voltou!»

À entrada, o pequeno tropeçou nos próprios pés, caiu nos braços da mãe e virou-se para o pai.

«Pai, eu disse-te! A mamã prometeu-me que voltaria!»

No vestíbulo, todos se abraçavam e choravam. O dentista, Bob, Lien e Janny. Robbie, agarrado à fronha da almofada que a mãe trouxera, distribuía passas por quem passava.

«A minha mãe voltou para casa! Venham ver, a minha mãe voltou para casa!», gritava para o outro lado do rio.

Janny recompôs-se e quis saber de Liselotte.

«Onde está a minha menina?»

Encontrou a criança espantada e escondida num dos quartos debaixo da cama. Janny puxou-a do seu esconderijo e encostou-a ao peito com carinho. Robbie também se aconchegou e acabaram os três sentados no chão da sua nova casa no número 101 de Amstel.

«Não queres passar cá a noite?», sugeriu Bob a Lien, mas ela abanou a cabeça.

«Quero ir ter com o Eberhard a Oegstgeest», respondeu. Olhou

com um ar interrogativo para o dentista.

«Vamos!», respondeu este sem hesitar.

Piet Verhoeve e Haakon Stotijn afinavam os instrumentos e preparavam-se. Era um dos seus últimos concertos com a família Blomsma na Emmalaan, em Oegstgeest, e estavam ansiosos. Primeiro, Haakon faria uma apresentação de oboé; a seguir, Piet tocaria Beethoven ao piano; por fim, haveria lugar para uma sonata com piano e oboé, terminando ambos com a cantata de casamento de Bach. Não se tratava de uma rígida peça religiosa repleta de tristeza e expiação, mas de letras alegres entoadas por uma soprano que comparava o florescimento do amor ao anúncio da primavera. A senhora Kramer iria cantar as árias.

A casa abarrotava de convidados e o ambiente estava animado. Os concertos tinham-se tornado populares em Oegstgeest e nas suas cercanias; um conforto para muitos naquele inverno de carestia. Ninguém sabia que Piet, como o conheciam, estivera escondido junto da família Blomsma durante quase um ano.

Tinham tocado maravilhosamente e era quase chegado o fim do concerto. A senhora Kramer iniciava as suas derradeiras árias, acompanhada por Haakon e Piet. A sua voz límpida envolveu as ruas libertas com as alegres passagens da cantata:

*Und dieses ist das Glücke,
Daß durch ein hohes Gunstgeschicke
Zwei Seelen einen Schmuck erlanget,
An dem viel Heil und Segen pranget.*

E é uma grande fortuna
Quando por imensa mercê do destino
Duas almas são agraciadas com uma joia,
Resplandecente de salvação e graças.

Lenta e hesitantemente, um automóvel percorria a Emmalaan. Rostos curiosos surgiam atrás das janelas; não se via uma viatura ligeira havia meses, pois nos últimos anos apenas passavam veículos militares. Naquela silenciosa tarde de domingo, os tons fortes do oboé de Haakon escutavam-se bastante longe. O automóvel deteve-se subitamente. A porta abriu-se e alguém correu pelo caminho da entrada.

Piet deixava os dedos dançarem livres sobre as teclas; a parte superior do corpo oscilava ao som da música tradicional de Bach.

Olhava satisfeito para a sala repleta de pessoas a apreciar a música de olhos fechados. De repente, surge uma cara na janela. Dois enormes olhos castanhos e um cabelo preto muito espetado. A senhora Kramer continuou a cantar, mas as mãos do pianista baquearam sobre as teclas. Saltou da banquetta, por cima da cauda do piano, pelo meio da assistência, e corre até à porta para receber Lientje nos braços. Beijaram-se e choraram, quase sufocando até à morte. Como Lien estava magra; Eberhard sentiu-o nos seus próprios ossos. Entraram muito juntos e de mão dada. Toda a gente levantada de olhos húmidos e lenços na mão, enternecidos com tão milagroso reencontro. Lien foi acolhida com uma ovação de pé. Haakon também a abraçou com força; o concerto terminara.

«Não, não, continuem!» Lien procurou um lugar livre, olhando expectante para o marido. «Faz tanto tempo que não ouço boa música. Por favor, prossigam.»

Laçaram um olhar inquiridor a Eberhard — um pequeno sinal e regressaram às mesmas posições. A senhora Kramer sentia-se tão abalada que fungava entre as notas, mas assim que Haakon iniciou a ária final com o seu solo, a voz deixou de vacilar e os dedos de Eberhard não falharam uma nota. Um aplauso ensurdecedor inundou a casa e a rua; todos se ergueram e bateram palmas até sentirem as mãos doridas. Apenas Lien continuou sentada, demasiado exausta para se levantar. Eberhard ajoelhou-se diante dela, envolvendo-lhe o pequeno rosto nas mãos.

«Amanhã irei a Wassenaar, a casa da Cilia e do Albert, buscar a Kathinka, e voltaremos a estar todos juntos.»

No exterior, o som de um automóvel a arrancar e a descer a rua. Lien teria adorado agradecer ao dentista por tudo o que lhes fizera, mas este preferiu uma saída discreta. Nunca viriam a descobrir quem fora.

EPÍLOGO

O ruído do trânsito ouvia-se ao longe na estrada e os meus pés pisavam folhas secas — em contrário, tudo estaria num sossego e deserto. Pelo meio das árvores, a luz era projetada sobre um túmulo que se assemelhava a uma antiga cama de criança: barras enferrujadas e uma lápide como cabeceira. As ervas daninhas cresciam entre as barras. Aproximei-me tentando descortinar um nome, uma qualquer data — nada. Em frente. Uma pedra caída com o que parecia ser uma jovem árvore de Natal a crescer à sua frente. Afastei-a para ver os dizeres. Praticamente apagados. Adiante, acompanhando anjos decapitados e pilares partidos ao meio apontando, inquestionavelmente, para o céu. Caminhava com cautela sobre a espessa camada de folhas, abrindo-lhe sulcos com os passos largos. Parecia outono, mas era o dia mais quente do ano: 37 graus. Uma onda de calor nos Países Baixos.

Tinha passado a primeira meia hora à procura do cemitério católico. Cheguei pela estrada principal, passei por um cruzamento movimentado e segui a pé até esta vasta parcela de terreno; as campas viam-se bem da rua. O cemitério pareceu-me bem conservado, com lápides luzidias e percursos bem delimitados. Uma senhora de idade com uma vasilha de água na mão cuidava da sepultura do marido; uma manhã por semana, assegurou-me. Havia poucas árvores ali — o Sol batia-me em cheio na cabeça e o suor escorria-me pelas têmporas. Ainda assim, eu via de soslaio a senhora a correr de um lado para o outro a caminho da torneira.

Eu caminhava e ia lendo, fileira a fileira, lápide a lápide. Datas que me faziam recordar os meus avós e datas que me faziam recordar amigos. Saltava os anos que me lembravam os meus filhos e, em pouco tempo, estava a dar voltas ao cemitério num passo vago. Pareceu-me tudo tão recente, tantas pessoas falecidas havia tão pouco tempo. Lembrei-me de um artigo sobre a falta de espaço nos cemitérios dos Países Baixos e a reutilização das campas. O meu coração foi-se abaixo. A senhora de idade estivera de olho em mim todo aquele tempo e não aguentou.

«Quem procura, menina?»

Em frente uma da outra, separadas por dez filas de sepulturas. Expliquei-lhe a situação e ela pôs-se a pensar com a vasilha cheia a pesar-lhe no braço. Senti-me mal. Era evidente que não sabia o que eu procurava, mas tinha-a feito minha cúmplice.

«Já foi ao cemitério velho?»

Dei um salto.

«Não é este?»

Riu-se e abanou a cabeça.

«Este é o cemitério católico, *aquele* é onde estão sepultados os protestantes e os judeus.»

Ela apontou para um sítio atrás de nós, no meio do arvoredor.

«É o cemitério velho de Naarden?»

Esboçou um sinal afirmativo, agradeceu-me e pus-me a andar, entusiasmada com aquela nova possibilidade. Embora não esperasse encontrar muita coisa naquele local no meio de uma zona residencial e dos acessos ao Hotel Jan Tabak.

«Eu acompanho-a.»

De onde estava, a senhora começou a caminhar na mesma direção que eu ainda com a vasilha na mão. Encontrámo-nos no portão.

«Veja...» Apontou para uma serventia que desaparecia no meio das árvores. «No fim da serventia, encontrará uma cerca à sua esquerda. É o cemitério velho de Naarden. Não sei se conseguirá entrar.»

Agradeceu-me mais uma vez, percorri o caminho até ao arvoredor. As árvores fechavam-se atrás de mim e, de súbito, estava cercada de ramagens. Um enorme portão de ferro no meio de dois pilares retorcidos. Fechado. À esquerda deste, um mais pequeno. Empurrei-o, ouvi o ranger do ferro e entrei.

Era enorme e harmonioso, talvez o triplo da dimensão do anterior. Diante de mim, estendia-se uma alameda central bordejada por tílias. De ambos os lados, uma profusão de pedras tumulares cobertas de vegetação. O granito envolto em ervas daninhas e as cruzes de madeira decoradas com grinaldas de heras. As lajes partidas de mármore que encimavam as sepulturas invadidas pelo veludo do musgo. Um caos ordenado com barreiras de teixos a separar os talhões.

Deambulei por entre cercas carcomidas e arbustos bravios, detive-me junto a um jazigo de família de estilo neogótico, desvendi capelas minúsculas e ornamentos intemporais. Foi como descobrir um local secreto mesmo ao lado de um dos cruzamentos com mais afluência daquela zona.

Não me lembrava de alguma vez ter ficado surpreendida com algo daquelas partes. Afinal, sim, recordei-me: na primeira vez que percorri a azinhaga de automóvel, ao longo do bosque, até ao Alto Ninho. No dia em que se me revelaram a casa e o jardim.

A implantação da casa naquela elevação de terreno, majestosa e

intemporal, as traseiras viradas para a zona residencial entretanto edificada, a vista para o bosque e para o lado da água, imperturbável pelo bulício diário — fiquei sem palavras. Um porto seguro. Um lugar que nos convidava a entrar e a rir ou, tranquilos, a sentarmo-nos numa das banquetas e acender um fogo. A ideia repentina de ter ido procurar a sepultura naquela tarde de sexta-feira resultara dos sucessivos adiamentos e da fadiga causada pelo calor. Não seria, assim, um passo indispensável para a minha pesquisa, embora tenha subitamente acabado por fazer todo o sentido.

Saíra em busca da sepultura do prodigioso Dirk Witte, um compositor nascido em 1885 que compôs uma das músicas mais conhecidas nos Países Baixos, muito apreciada em todas as camadas da sociedade e cantada por vozes de todas as idades: *Mensch, durf te leven*, título que poderá ser traduzido por «Amigo, a vida é para ser vivida». Dirk escreveu-a durante o serviço militar e, embora nunca tenha combatido por ter servido como maqueiro, a guerra e o fluxo em massa de refugiados causaram-lhe grande abalo. A música revela um grande espírito de resistência, estimula o pensamento crítico e foi brilhantemente concebida; tornar-se-ia num enorme êxito nos Países Baixos do pós-guerra.

Logo depois de a ter composto, Dirk aproveitou a situação, abandonou o emprego e entregou-se por inteiro à vida artística ao lado do artista de *cabaret* neerlandês Jean-Louis Pisuise. Casou, num patamar social acima do seu, com a bela e abastada Doralize «Jet» Looman, de Bussum. Em 1920, para construírem a sua casa de sonho contrataram um arquiteto de Zaandam. Em Naarden, num local digno de um conto de fadas, em plena reserva natural onde a charneca e o bosque se uniam, surgiria uma robusta casa de campo. As enormes janelas ofereciam vistas desobstruídas em todas as direções; inclusivamente, tão longe quanto o golfo Zuiderzee. Contemplada do céu, a casa abria-se para a envolvente, os carvalhos do enorme jardim fundindo-se com o bosque e o telhado revestido pelas hastes entrelaçadas do colmo amarelado que crescia junto ao regueiro próximo.

Em 1921, num luminoso dia de verão, Dirk, Jet e a sua filha recém-nascida, Doralize, num carrinho de bebé, posavam orgulhosos diante da sua nova morada: o Alto Ninho. Witte não poderia saber que vinte anos depois, quando mais uma guerra mundial colocava a humanidade à prova e muitos neerlandeses sem saber que fazer, o seu grito de guerra viria, literalmente, habitar aquela casa como se o génio da música tivesse permanecido no interior das paredes.

Assim, dei comigo à procura da sepultura de Dirk Witte — a derradeira peça, se bem que a primordial, do meu enigma para a reconstituição da história do Alto Ninho.

O primeiro verso da mais conhecida composição de Witte, *Mensch, durf te leven (memento vivere)*, ficou gravado na lápide da esposa, Jet Looman.

*A vida é maravilhosa, a vida é linda
Não te prendas numa gaiola, bate as asas
Amigo, a vida é para ser vivida!
Mantém a cabeça levantada, lança o nariz ao vento
Não importam as ideias dos outros
Guarda no peito um coração cheio de calor e amor
Mas onde estiveres, deverás ser rei
Ninguém mais te dará o que procuras
Amigo, a vida é para ser vivida!¹⁷*

Diz-se que a sepultura foi a tal ponto negligenciada que, em 1971, as palavras deixaram de se conseguir ler. Em 2005, Dirk Witte foi sepultado no jazigo da família Loomans ao lado do amor da sua vida, Jet. Eu procurara-o durante mais de uma hora sem êxito.

Sentei-me numa banqueta corrida à sombra das árvores a pensar no longo caminho que me levava ali. Depois de nos termos mudado para o Alto Ninho em 2012, pesquisei sobre a perseguição aos judeus, os campos de concentração e a situação política da época. Investiguei cada um dos anos da guerra e acompanhei o percurso da família Brilleslijper. Tentei elaborar o meu próprio «mapa de pontos» dos nazis neerlandeses da região de Naarden, aprendendo novas coisas sobre o papel da elite neerlandesa e procurando padrões na resistência. Todos os anos, nos dias 4 e 5 de maio, Dia da Memória e da Libertação, punha no exterior do Alto Ninho uma mesa com um livro de visitas em que descrevia com brevidade os tempos da guerra, solicitando informações sobre este período.

Nos arquivos da USC Shoah Foundation, fundada por Steven Spielberg, encontrei fotografias de crianças escondidas no Alto Ninho a brincar no nosso jardim. Com a ajuda de universidades norte-americanas, fui encontrando curiosidades sobre a casa e as atividades clandestinas. Contactei especialistas, biógrafos, familiares e amigos, desenvolvi uma relação estreita com os filhos de Janny e Lien, escutando histórias que argumentista algum poderia imaginar. Tive acesso a documentos pessoais de Janny nos arquivos de Anne Frank, onde encontrei cartas das irmãs, dos seus entes queridos,

além de uma declaração escrita pelo punho de Janny afirmando que Anne e Margot Frank haviam morrido em Bergen-Belsen, a seu lado.

Percorri Israel e encontrei mais informação sobre o Alto Ninho do que nos Países Baixos. Porém, e acima de tudo, as pessoas que ali conheci transmitiram-me uma mensagem urgente: conte esta história, porque é diferente das muitas histórias que o mundo conhece. Os judeus não se deixaram, simplesmente, levar ao encontro da morte — com efeito, existiram resistentes judeus. E judias também.

As crianças escondidas no Alto Ninho têm agora setenta e tantos anos. Regressaram à casa, vindos de diversas regiões do mundo, para verem os sítios onde brincaram durante a guerra e onde os meus filhos podem, agora, brincar em liberdade. A secretária em que escrevi este livro está por cima do alçapão para onde foram lançados à pressa todos os documentos comprometedores quando os caçadores de judeus irromperam pela casa.

Acabei por compreender que a verdadeira reabilitação do Alto Ninho não passaria pela reparação das paredes, mas por uma reconstituição dos excepcionais acontecimentos ocorridos entre elas.

O Sol punha-se. As sepulturas mergulhavam em sombras escuras; um ar quente adejava entre o arvoredo. Levantei-me para retomar a pesquisa. A curtos quilómetros, o milhafre e uma cerveja gelada esperavam por mim, mas não me iria embora sem encontrar Dirk.

No meio das folhas, descortinei uma zona mais brilhante e cinzenta que não estava deteriorada nem coberta pela vegetação; como se alguém me aguardasse e tivesse procedido a uma rápida limpeza. Aproximei-me, era o jazigo da família Loomans e lá estava: Dirk Witte, 1885-1932. A pedra nada mais revelava — o seu famoso grito de guerra desaparecera.

Pouco interessava. Gostaria tanto de ter contado a Dirk todo o fulgor que Janny e Lien trouxeram à casa que ele construíra para morar. As memórias da guerra pareciam esbatidas, mas a sua audácia ficara gravada para sempre nas pedras do Alto Ninho:

Não importam as ideias dos outros.
Amigo, a vida é para ser vivida!

DEPOIS DO ALTO NINHO

- Joseph Brilleslijper, nascido em 27 de fevereiro de 1891, chegou a Auschwitz-Birkenau em 6 de setembro de 1944, tendo, quase

decerto, morrido nas câmaras de gás imediatamente após a chegada.

- Fijtje «Fietje» Brilleslijper-Gerritse, nascida em 14 de janeiro de 1891, chegou a Auschwitz-Birkenau em 6 de setembro de 1944, tendo, quase decerto, morrido nas câmaras de gás imediatamente após a chegada.
- Rebekka «Lien» Rebling-Brilleslijper, nascida em 13 de dezembro de 1912, morreu em 31 de agosto de 1988. Mudou-se para Berlim-Leste em 1952, perdendo, assim, a nacionalidade neerlandesa. Ao regressar aos Países Baixos para o casamento da sobrinha Liselotte em 1964, foi detida pelo serviço de estrangeiros. Janny ficou furiosa e apelou a todas as pessoas influentes do seu círculo de amigos para libertar a traumatizada irmã e permitir que obtivesse um passaporte neerlandês — com êxito. Ao longo da vida, Lien atuou por todo o mundo com um repertório de músicas ídiche e de resistência, muitas vezes acompanhada por Eberhard e pelas filhas Kathinka e Jalda.
- Marianne «Janny» Brandes-Brilleslijper, nascida em 24 de outubro de 1916, morreu em 15 de agosto de 2003. Janny, Bob e os filhos continuaram na casa do número 101 de Amstel. Depois da guerra, Janny, com Bob a seu lado, continuou a resistir a um constante e evidente antissemitismo nos Países Baixos, dedicando a vida ao reconhecimento das vítimas da guerra. Trabalhou com o Comité de Auschwitz, a Fundação Anne Frank, a Fundação 40-45, entre outros. Todos os anos, na evocação da Greve de Fevereiro, Janny preparava uma enorme panela de sopa de lentilhas para todas as pessoas que, no caminho de regresso, dobravam a esquina da sua casa, onde ainda se pode observar o monumento ao estivador.
- Jacob «Jaap» Brilleslijper, nascido em 7 de junho de 1921, chegou a Auschwitz em 6 de setembro de 1944, tendo aqui morrido após 15 de setembro de 1944, embora antes de 1 de outubro de 1944.
- Eberhard Rebling, nascido em 4 de dezembro de 1911, morreu em 2 de agosto de 2008. Eberhard foi um dos primeiros alemães a receber a cidadania neerlandesa após a guerra. Foi editor musical na publicação comunista *De Waarheid* (A Verdade). Mudou-se para Berlim-Leste em 1952, perdendo, novamente, a cidadania neerlandesa, passando a ser o diretor do conservatório local. Foi reconhecido como Justo Entre as Nações pelo Yad Vashem.

- Bob Brandes, nascido em 20 de fevereiro de 1912, morreu em 27 de setembro de 1998. Bob trabalhou no Banco Municipal Giro, entre outros. Até à sua morte, foi um grande apoio para Janny no que respeitou a lidar vida fora com as consequências dos anos da guerra e a perda de tantos familiares. Bob sofria de uma forma grave de epilepsia, necessitando de grandes quantidades de medicação. Janny dizia com frequência: «Se, ao menos, o Gerrit [Kastein] estivesse vivo; ele poderia tê-lo ajudado depois da guerra.»
- Kathinka Rebling, nascida em 8 de agosto de 1941. Kathinka mudou-se em criança com os pais para a República Democrática Alemã (RDA). Frequentou aulas de violino desde muito pequena. Aos dezoito anos inscreveu-se no conservatório de Moscovo e obteve, como o pai, um doutoramento em Musicologia. Kathinka regressou a Berlim para lecionar, tendo dado concertos e promovido formações na sua área em todo o mundo.
- Jalda Rebling nasceu em 13 de fevereiro de 1951, em Amesterdão, e mudou-se para a RDA com os pais e a irmã, Kathinka, um ano depois. Entrou para a escola de teatro de Berlim, tornando-se atriz e cantora, especializando-se em música judaica europeia. É *chazan* e líder espiritual da congregação Ohel Hachidusch, em Berlim.
- Robert Brandes nasceu em 10 de outubro de 1939. Artista plástico, vive nos Países Baixos. A cidade de Amesterdão e os seus canais são o tema principal das suas aquarelas e gravuras, inspiradas pela panorâmica que via da sua casa no número 101 de Amstel, onde tem vivido a maior parte da vida.
- Liselotte Brandes, nascida em 6 de setembro de 1941, vive nos Países Baixos.
- Jetty Druijf, nascida em 16 de janeiro de 1919, foi deportada para Theresienstadt em 31 de julho de 1944 e para Auschwitz em 28 de setembro de 1944, onde morreu em 3 de outubro de 1944.
- Simon Isidoor van Kreveld, nascido em 27 de janeiro de 1921, foi deportado para Theresienstadt em 31 de julho de 1944 e para Auschwitz em 28 de setembro de 1944, onde morreu em 3 de outubro de 1944.
- Pauline van den Berg-Walvisch (nome por vezes ortografado como Paulina ou Walvis), ou *Duende Ruiva*, nascida em 26 de maio de 1924, foi deportada para Auschwitz-Birkenau em 3 de setembro de 1944 e em 27 de outubro de 1944 para o campo

Libau, o qual foi libertado pelos russos em 8 de maio de 1945. Regressou aos Países Baixos em 11 de junho de 1945. Situação atual desconhecida.

- Abraham «Bram» Teixeira de Mattos, nascido em 31 de maio de 1888, chegou a Auschwitz-Birkenau por volta do dia 6 de setembro de 1944, tendo, quase decerto, morrido nas câmaras de gás imediatamente após a chegada.
- Louise «Loes» Teixeira de Mattos, nascida em 12 de agosto de 1890, chegou a Auschwitz-Birkenau por volta do dia 6 de setembro de 1944, tendo, quase decerto, morrido nas câmaras de gás imediatamente após a chegada.
- Rita (Grietje) Jaeger, nascida em 1920, ficaria em Westerbork a trabalhar na limpeza do campo até à libertação deste em abril de 1945. Morreu em 30 de novembro de 2015.
- Chaim Wolf (Willi) Jaeger, nascido em 17 de março de 1914, ficaria em Westerbork a trabalhar como padeiro até à libertação do campo em abril de 1945. Morreu em 2006.
- Jan Hemelrijk, nascido em 28 de maio de 1918, morreu em 16 de março de 2005. Depois da guerra, foi professor de Estatística na Universidade de Amsterdão. As personagens de Hermann e Lidia em *De Avonden*¹⁸, de Gerard Reve, foram baseadas em Jan e Aleid Hemelrijk. Jan fundou com Bob van Amerongen o conhecido «grupo de resistência PP», que deve o nome aos seres fantásticos Porgel e Porulan do poema *Blauwbilgorgel*, de Cees Buddingh. Loes Gompes e Sander Snoep produziram um documentário sobre o grupo: *Fatsoenlijk land* (que pode ser traduzido por *Terra Decente*). Quando da morte do pai de Jan, Jaap Hemelrijk, em 1973, o trilho florestal que conduzia ao Buerweg — onde Janny e a família estiveram escondidos — recebeu uma nova designação: Hemelrijklaantje, o «Caminho dos Hemelrijk».
- Aleid Hemelrijk-Brandes, nascida em 16 de dezembro de 1914, morreu em 28 de novembro de 1999.
- Leo Funks, nascido em 29 de dezembro de 1908, morreu em 12 de julho de 1990. Depois da guerra, Leo lecionou Hebraico Moderno e Ídiche na universidade.
- Louise Christine «Loes» Fuks-de Betue, nascida em 1905, morreu em 1962.
- Maarten «Mik» van Gilse, nascido em 2 de junho de 1916, foi fuzilado em 1 de outubro de 1943.
- Jan Hendrik «Janrik» van Gilse, nascido em 5 de junho de 1912, foi morto por agentes do SD ao tentar escapar-lhes em 28 de

março de 1944.

- Jan van Gilse, nascido em 11 de maio de 1881, morreu em 8 de setembro de 1944.
- Gerrit van der Veen, nascido em 26 de novembro de 1902, foi fuzilado em 10 de junho de 1944. Depois da guerra, o edifício da sede do SD e a Euterpestraat, em Amsterdão, receberiam o seu nome: Escola Gerrit van der Veen (hoje Universidade Gerrit van der Veen) e Gerrit van der Veenstraat.
- Dirk Uipko Stikker, nascido em 5 de fevereiro de 1897, morreu em 23 de dezembro de 1979. Foi diretor da Heineken entre 1935 e 1948. Depois da guerra, entre outras coisas, tornou-se no primeiro líder do partido político conservador-liberal VVD (Partido Popular para a Liberdade e Democracia).
- Frits Reuter, nascido em 19 de fevereiro de 1912, morreu em 8 de novembro de 1985. Depois da guerra, foi membro da Câmara Baixa pelo Partido Comunista dos Países Baixos e líder sindical.
- Rhijnvis Feith, neurologista de Haia, as suas datas de nascimento e morte são desconhecidas.
- Gerrit Kastein, nascido em 25 de junho de 1910, morreu em 21 de fevereiro de 1943. Em 20 de junho de 2017, o seu nome foi atribuído à sala sobranceira à Praça do Parlamento (em Binnenhof, Haia) de onde Gerrit saltou pela janela: Sala Gerrit Kastein.
- Karel Emanuel Poons, nascido em 14 de agosto de 1912, morreu em 12 de março de 1992. Depois da guerra, foi cofundador do Ballet Nacional e diretor da Academia de Dança Scapino.
- Marion Pritchard-van Binsbergen, nascida em 7 de novembro de 1920, morreu em 11 de dezembro de 2016. Depois da guerra, trabalhou para (o organismo que antecedeu) as Nações Unidas nos Estados Unidos da América, onde continuou a viver, exercendo psicologia e promovendo palestras sobre o Holocausto até ao fim da vida. Foi reconhecida como Justa Entre as Nações pelo Yad Vashem.
- Fred Lodewijk Polak, nascido em 21 de maio de 1907, morreu em 17 de setembro de 1985. Depois da guerra, passou a ser o diretor do Centraal Planbureau (gabinete para análise da política económica), membro do senado dos Países Baixos, professor universitário e fundador da Teleac, empresa responsável pela emissão de conteúdos educativos.
- Grietje Kots, nascida em 7 de janeiro de 1905, morreu em 13 de

maio de 1993. Após a guerra, trabalhou na produção de máscaras, fantoches e marionetas, tendo também sido pintora e escultora.

- Anton Mussert, nascido em 11 de maio de 1894, foi condenado à morte em 12 de dezembro de 1945, tendo sido executado em 7 de maio de 1946, em Waalsdorpervlakte.
- Eduard «Eddy» Moesbergen, nascido em 26 de junho de 1902. Depois da guerra, foi acusado e condenado à morte em novembro de 1948. Em 1949, obteve um indulto da rainha Juliana; a pena foi comutada para prisão perpétua. Com novo indulto em 1959, viu a pena reduzida para vinte e três anos (a mais longa dos elementos da Coluna Henneicke). Libertado em 1961, emigrou para a Nova Zelândia, juntando-se à esposa e aos quatro filhos. Morreu em 8 de novembro de 1980.
- Willi Lages, nascido em 5 de outubro de 1901, morreu em 2 de abril de 1971. Após a guerra, foi acusado e condenado à morte, obtendo mais tarde um indulto que comutou a pena para prisão perpétua. Em 1966, a pena foi novamente comutada, agora para um máximo de três meses baseando-se em «razões humanitárias» (queixas de dores intestinais). Viajou para a Alemanha, foi submetido a uma cirurgia e passou a viver como um homem livre por não poder ser extraditado.
- Harm Krikke, nascido em 1896, foi acusado após a guerra e condenado à morte, obtendo mais tarde um indulto que reduziu a pena para prisão perpétua. A data da morte é desconhecida; uma participação da família no jornal *Friese Koerier* de 15 de julho de 1969 referiu-se ao falecimento de Harm Krikke em 12 de julho de 1969.
- Willem Punt. Inspetor da Polícia de Amesterdão durante o conflito, veio a ser acusado no pós-guerra. Datas de nascimento e morte desconhecidas.
- Annie Bochove, nascida em 9 de julho de 1913. Logo após a guerra, no início de 1946, o casal Bochove solicitou documentos para emigrar, tencionando mudar-se para os Estados Unidos da América. Os documentos não chegariam até 16 de julho de 1949, dia em que Annie faleceu. Postumamente, foi reconhecida como Justa Entre as Nações pelo Yad Vashem.
- Bert Bochove, nascido em 1 de outubro de 1910, emigrou para os Estados Unidos da América depois da guerra, onde veio a morrer em 13 de agosto de 1991, na Califórnia. Foi reconhecido como Justo Entre as Nações pelo Yad Vashem.
- Eva Besnyö, nascida em 29 de abril de 1910, morreu em 12 de

dezembro de 2003. Depois da guerra, obteve reconhecimento enquanto fotógrafa.

- Mieke Stotijn-Lindeman, depois Riezouw-Lindeman, nascida em 15 de dezembro de 1914, morreu em 23 de abril de 2009. Depois da guerra, prosseguiu uma atividade política (no Partido Comunista da Holanda, mais tarde PvDA, o Partido Trabalhista dos Países Baixos) e foi fundadora do centro comunitário de Vondelpark-Concertgebouw, em Amsterdão.
- Haakon Stotijn, nascido em 11 de fevereiro de 1915, morreu em 3 de novembro de 1964. Depois da guerra, foi solista de oboé na Orquestra Concertgebouw.
- Kurt Kahle, nascido em 18 de outubro de 1897, morreu num acidente de viação em 1953. Depois da guerra, realizou filmes e documentários.
- Marianne Gerritse-Lootsteen (mãe de Fijtje), nascida em 28 de maio de 1858, morreu em 23 de dezembro de 1916.
- Jacob Gerritse (pai de Fijtje), nascido em 19 de agosto de agosto de 1858, morreu em 27 de dezembro de 1936.
- Isaã Gerritse (irmão de Fijtje), nascido em 5 de maio de 1882, morreu em Auschwitz no dia 27 de agosto de 1943; cinco dos seus seis filhos morreram em campos de concentração.
- Mozes Gerritse (irmão de Fijtje), nascido em 15 de agosto de 1895, morreu no campo de trabalho de Jawischowitz (minas de carvão), nas proximidades de Auschwitz, no dia 1 de janeiro de 1944. A esposa e ambos os filhos morreram em campos de concentração.
- Debora Beesemer-Gerritse (irmã de Fijtje), nascida em 7 de janeiro de 1898, morreu em Sobibor no dia 21 de maio de 1943. O marido e três dos seus quatro filhos morreram em campos de concentração.
- Alexander Gerritse (irmão de Fijtje), nascido em 10 de novembro de 1900, morreu em Auschwitz em 1942 ou 1943. A esposa e os três filhos morreram em campos de concentração.
- Trees Lemaire, nascida em 15 de janeiro de 1919, morreu em 10 de dezembro de 1998. Depois da guerra, explorou a sua própria galeria de arte em Amsterdão, encabeçou o departamento de documentários da associação socialista VARA e foi membro da Câmara Baixa pelo Partido Trabalhista dos Países Baixos, o PvDA. Trees e Janny continuaram as melhores amigas até ao fim da vida.
- Carolina «Lily» Biet-Gassan, nascida em 20 de julho de 1913, morreu em 14 de outubro de 1975.

- Anita Leeser-Gassan, nascida em 17 de setembro de 1935, foi, depois da guerra, advogada e juíza do tribunal de menores, além de vice-presidente do tribunal distrital, em Amsterdão.
- Edith Frank-Hollander, nascida em 16 de janeiro de 1900, morreu em 6 de janeiro de 1945. Quando Anne e Margot foram enviadas para Bergen-Belsen no fim de outubro de 1944, acreditaram, por engano, que a mãe fora enviada para as câmaras de gás. No entanto, pouco depois, Edith morreria de doença e exaustão em Auschwitz.
- Otto Frank, nascido em 12 de maio de 1889, morreu em 19 de agosto de 1980. Os russos libertaram Auschwitz no dia 27 de janeiro de 1945. Otto regressou aos Países Baixos e, dia e noite, procurou saber do destino das filhas. A Cruz Vermelha reencaminhou-o para as irmãs Brilleslijper. Em julho de 1945, fez uma visita a Lien e Janny, que lhe disseram que Anne e Margot tinham morrido em Bergen-Belsen.
- Margot Frank, nascida em 16 de fevereiro de 1926, morreu em fevereiro ou março de 1945 em Bergen-Belsen.
- Anne Frank, nascida em 12 de junho de 1929, morreu em fevereiro ou março de 1945 em Bergen-Belsen.
- Ida (Simons-)Rosenheimer, nascida em 11 de março de 1911, morreu em 27 de junho de 1960. Foi deportada para Westerbork em setembro de 1943, onde tocava piano na orquestra do campo. Foi deportada para Theresienstadt em 1944, levada para a Suíça em fevereiro de 1945 e regressou aos Países Baixos no verão de 1945. Depois da guerra, obteve reconhecimento enquanto escritora. O seu romance *Een dwaze maagd (Uma Virgem Tola*¹⁹) foi publicado em 1959, tornando-se num enorme êxito de vendas.
- Alexander de Leeuw, nascido em 15 de maio de 1899, passou diversas vezes pela clandestinidade durante a ocupação até ser detido em 1941 e incluído num transporte para Auschwitz em julho de 1942, onde foi enviado para a câmara de gás em 4 de agosto de 1942.
- Kees Schalker, nascido em 31 de julho de 1890, foi detido numa reunião clandestina do Partido Comunista no final de 1943, tendo sido fuzilado em Waalsdorpervlakte, em 12 de fevereiro de 1944.

your wings / Remember: life is for living! / Keep your head high, stick your nose in the air / What others are thinking, why would you care? / Keep your heart warm, with love it will sing / Wherever you go, you shall be king / This gift to yourself keeps on giving / Remember: life is for living!», no original em inglês. Por curiosidade, os versos correspondentes em neerlandês: «Het leven is heerlijk, het leven is mooi / Maar vlieg uit in de lucht, en kruip niet in een kooi / Mensch, durf te leven! / Je kop in de hoogte, je neus in de wind / En lap aan je laars hoe een ander het vindt / Hou een hart vol van warmte en van liefde in je borst / Maar wees op je vierkante meter een vorst / Wat je zoekt kan geen ander je geven / Mensch, durf te leven!» A tradução para português procura acompanhar ambas as versões. (NT)

18 Título da obra em neerlandês. Na edição em inglês, a tradução é *The Evenings*, que pode ser traduzido por *As Noites*. (NT)

19 Título da edição brasileira. «A Foolish Virgin», no original. (NT)

AGRADECIMENTOS

Esta história extraordinária só poderia ser narrada com a ajuda de várias pessoas e tenho uma dívida profunda para com muitas delas. Agradeço aos habitantes das aldeias vizinhas por terem mergulhado nas suas memórias, deixado na minha caixa do correio documentos e fotografias antigas, batido à porta ou enviado *emails* repletos de casos pessoais.

Aos familiares das vítimas da guerra que encontraram coragem para rebuscar o passado e me ajudarem a manter o entusiasmo, apesar das suas próprias dores e tristezas.

Aos autores e historiadores que me ajudaram com os seus conhecimentos, inspirando-me, incluindo o desaparecido Evelien Gans, a quem tanto devo e a quem teria gostado de oferecer um exemplar deste livro.

Aos arquivistas dos jornais, bibliotecas e campos de concentração dos arquivos do meu país e do estrangeiro, que, entusiasticamente, me ajudaram na pesquisa, fornecendo novas informações por sua própria iniciativa.

A todos os vizinhos do Alto Ninho que amavelmente acolheram a nossa família e me ofereceram fotografias, informações e curiosidades, além de darem uma vista de olhos de quando em vez: Fransje Sydzes-Westerman, Frans Bianchi, Randi e Alois Stas, Oma Aartje e Opa Lambert Kruyning, Maria Wesselius, as famílias Kos e Westland, Marijke e Nico Buijs — e tantos outros.

À Fundação para a Literatura dos Países Baixos, aos funcionários da Fundação Anne Frank e aos funcionários do Yad Vashem, de entre os quais: Loes Gompes, David Shneer, Co Rol, Sylvia Braat, Louise Paktor, Buck Goudriaan, Marise Rinkel Bochove e Paul Schiffers.

A Willy Lindwer e Ad van Liempt, mestres artífices, por me encorajarem nos piores momentos.

A toda a equipa da Lebowski Publishers e Overamstel, bem como ao *capo* Oscar van Gelderen, «o meu desenvolto editor-chefe de sorriso endiabrado».

Ao meu editor e colega Jasper Henderson, um homem que, quando estamos prestes a atirar o trabalho todo pela janela, nos diz para nos sentarmos, relaxar e comer uma banana.

Aos filhos de Janny e Lien, que com tanto amor me receberam em família, oferecendo-me a sua confiança, memórias e acesso a todos os documentos pessoais das respetivas mães; tudo o que desejo é ter-lhes prestado justiça.

À minha querida família e amigos, que tanto me apoiaram e compreenderam na minha ausência física e, tantas vezes, mental.

Por fim, ao meu primeiro e, assim o espero, derradeiro amor, Joris — o Marlin da minha Dory e, por vezes, também o Creed do meu Rocky²⁰. À Anne, a minha filha bônus, e aos meus filhos Josephine, Duc e Cees, que em tempos complicados me cobriram de beijos, abraços, omeletas com maionese e sacos de doces; vocês fazem-me mais feliz do que alguma vez poderão compreender.

Mergulhar nas particularidades do Holocausto durante um longo período de tempo altera profundamente uma pessoa, mas retive muito da força de vontade, coragem e maneira de ser das irmãs Brilleslijper para o resto da minha vida. Termino com as palavras de um outro resistente, Albert Camus: «Em pleno inverno, acabei por descobrir que havia em mim um invencível verão.»

²⁰ Referências prováveis aos filmes *Finding Nemo* (À Procura de Nemo) e *Creed* (*Creed: O Legado de Rocky*). (NT)

CRÉDITOS

Esta narrativa baseia-se em muitas fontes, parte das quais a *história oral*. Consegui verificar quase todas as passagens recorrendo a mais do que uma fonte ou confrontando-as com documentos oficiais. Verifica-se uma incerteza: Janny Brilleslijper sempre afirmou ter visto pela primeira vez a família Frank na Estação Central de Amesterdão, embora ainda não conhecesse pessoalmente os seus membros. Contudo, a família Frank e Janny Brilleslijper não constam na mesma data nas listas dos transportes de Amesterdão para Westerbork da Cruz Vermelha dos Países Baixos. Isto poderá significar uma de duas coisas: Janny não a terá visto ou foi atraída pela memória; ou houve um erro administrativo nas listas, o que sucedia com alguma frequência. Nesta narrativa, como fui acompanhando as memórias de Janny, sempre muito consistentes e minuciosas, optei por manter a sua versão.

Documentos pessoais e entrevistas

Brandes-Brilleslijper, J., *Voltooid en onvoltooid verleden tijd; memoires voor besloten kring* (Passado e presente; memórias de um círculo privado), 1986.

Brandes-Brilleslijper, J., *Eberhard Rebling: 90 jaar! memoires voor besloten kring* (Eberhard Rebling: 90 anos! Memórias de um círculo privado), 2001.

Jaldati, L. e Rebling, E. *Sag nie, du gehst den letzten Weg, memoires van Lin Jaldati en Eberhard Rebling* (Sag nie, du gehst den letzten Weg; memórias de Lin Jaldati e Eberhard Rebling), Berlin, Buchverlag Der Morgen, 1986.

Documentação pessoal de Eberhard Rebling e da família Brilleslijper nos Arquivos do Yad Vashem.

Documentação pessoal de Janny Brandes-Brilleslijper e da família Brilleslijper nos Arquivos Anne Frank.

Conversas pessoais com Kathinka Rebling, Jalda Rebling, Rob Brandes, Willy Lindwer, Ad van Liempt e muitos outros envolvidos na narrativa.

Conversas gravadas com Janny Brandes-Brilleslijper, Lien Rebling-Brilleslijper, Eberhard Rebling, Karel Poons, Marion Pritchard, Bert e Annie Bochove, Jan Hemelrijk e muitos outros envolvidos na narrativa.

Testemunho filmado de Janny Brandes-Brilleslijper, USC Shoah Foundation, the Institute for Visual History and Education, 1996.

Testemunho filmado de Janny Brandes-Brilleslijper, *De laatste zeven maanden van Anne Frank* (Os últimos sete meses de Anne Frank), documentário de W. Lindwer, 1988.

Testemunho filmado de Jalda Rebling, Yiddish Book Center, 11 de março de 2014.

Slesin, A., *Secret Lives: Hidden Children and Their Rescuers During World War II*, documentário, 2002.

Interrogatórios policiais, depoimentos de testemunhas, listas de transportes, *et caetera*, Arquivos Nacionais.

Correspondência e documentos da Cruz Vermelha dos Países Baixos.
Projeto, pedido de licença e atos notariais do arquiteto durante a construção do *Alto Ninho*, 1920.

Arquivos e páginas de Internet

- Adolf Eichmann's Testimony in Jerusalem about the Wannsee Conference*, Haus der Wannsee — konferenz, Gedenk- und Bildungsstätte.
- 100 jaar Joods Bussum*, Joodse Gemeente Bussum (*100 years of Jewish Bussum*, Comunidade Judaica de Bussum), arquivo digital.
- Anne Frank Stichting (Fundação Anne Frank); fonte: <https://www.web.annefrank.org>.
- Archief De Vrije Kunstenaar, Vakbeweging in de oorlog (Arquivos de *O Artista Livre*, sindicalismo em tempo de guerra); fonte: www.vak-bewegingindeoorlog.nl/documenten/vrije-kunstenaar.
- Archief Eemland (Arquivos Eemland); fonte: www.archiefeemland.nl.
- Archieven.nl, afdelingen erfgoedgids, kranten, personen (Archieven.nl, seções, arquivos de associações históricas e museus, jornais, população); fonte: www.archieven.nl.
- Art Is My Weapon: The Radical Musical Life of Lin Jaldati*, projeto mediático de David Shneer; fonte: <https://www.davidshneer.com/art-is-my-weapon.html>.
- Artistiek Bureau*, publicação digital de Nick ter Wal, informação sobre Gerrit van der Veen, Mik van Gilse e outros; fonte: <https://www.artistiekbureau.com>.
- Auschwitz Bulletin*, Nederlands Auschwitz Comité (*Auschwitz Bulletin*, Comité dos Países Baixos sobre Auschwitz); fonte: <https://www.auschwitz.nl/nederlands-auschwitz-comite/onze-activiteiten/auschwitz-bulletin/>.
- Beeldbank WO2*, NIOD, Banco de imagens WW2, NIOD; Instituto de Estudos sobre Guerra, Holocausto e Genocídio; fonte: www.beeldbankwo2.nl.
- Beleidsnota Bestuur Gooise Meren, Beheervisie Oude Begraafplaats Naarden, 2004 (Memorando Político, Conselho de Gooise Meren, Perspetivas do Município para o Cemitério Velho de Naarden, 2004).
- De Theaterencyclopedie*, Bijzondere Collecties (UvA) en Stichting TIN (*A Enciclopédia do Teatro*, Coleções Especiais [Universidade de Amsterdão] e Fundação de Teatro dos Países Baixos); fonte: www.theaterencyclopedie.nl/wiki.
- Dodenakkers.nl, archief van de Stichting Dodenakkers, Funerair Erfgoed, o.a. over de dood van Jan Verleun en luitenant-generaal Seyffardt (Dodenakkers.nl, Arquivos da Fundação Dodenakkers [Cemitérios], Património Fúnebre, entre outros, sobre a morte de Jan Verleun e do tenente-general Seyffardt).
- Drenthe in de oorlog*, Lourens Looijenga en rtv Drenthe, www.drentheindeoorlog.nl ([A província de] *Drenthe em tempo de guerra*, Lourens Looijenga e rtv [rádio/televisão] de Drenthe); fonte: www.drentheindeoorlog.nl.
- Encyclopaedia Britannica*, at. 2010; fonte: www.britannica.com.
- Herinneringscentrum Kamp Westerbork, archief en collectie van Kamp Westerbork (Centro Evocativo do Campo de Westerbork, arquivo e coleção do campo de Westerbork); fonte: www.kampwesterbork.nl.
- Het «Illegale Parool» — archief 1940-1945 (O Parool Illegal [jornal clandestino], arquivos 1940-1945); fonte: www.hetillegaleparool.nl.
- Het Verzetmuseum Amsterdam, collectie en bibliotheek van het museum (Museu da Resistência de Amsterdão, coleção e biblioteca do museu); fonte: <https://www.verzetmuseum.org>.

- Historical Papers, krantenarchief van Wits University (Documentos Históricos, arquivo de jornais da Universidade de Wits); fonte: <http://www.historicalpapers.wits.ac.za>.
- Holocaust Survivors and Remembrance Project*, Libertadores do Holocausto; fonte: www.isurvived.org.
- Humanistische Canon, Humanistisch Verbond i.s.m. Humanistisch Historisch Centrum (Cânone Humanista, Associação Humanista em colaboração com o Centro Histórico Humanista); fonte: www.humanistischecanon.nl.
- Jewish Virtual Library, American-Israeli Cooperative Enterprise (AICE); fonte: jewishvirtuallibrary.org.
- Joods Monument, Joods Cultureel Kwartier (Monumento aos Judeus, Bairro Cultural Judaico); fonte: www.joodsmonument.nl.
- Kranten Regionaal Archief Alkmaar, Regionaal Archief Alkmaar (Arquivo Regional dos Jornais de Alkmaar); fonte: www.kranten.archiefalkmaar.nl.
- Krantenviewer Noord-Hollands Archief (Arquivos do Visualizador de Jornais da Holanda do Norte); fonte: <https://nhc.courant.nu>.
- Nederlands Instituut voor Oorlogsdocumentatie (NIOD), Instituut voor oorlogs-, holocaust- en genocidestudies (Instituto dos Países Baixos para a Documentação de Guerra [NIOD], Instituto de Estudos sobre Guerra, Holocausto e Genocídio); fonte: www.niod.nl.
- Nederlandse vrijwilligers in de Spaanse Burgeroorlog, database van het Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (Voluntários neerlandeses na Guerra Civil de Espanha, base de dados do Instituto Internacional de História Social); fonte: www.spanjestrijders.nl.
- Notulen van de Wannseeconferentie, d.d. 20 januari 1942, Haus der Wannseekonferenz, Gedenk- und Bildungsstätte, en Yad Vashem, The World Holocaust Remembrance Center (Minutas da Conferência de Wannsee de 20 de janeiro de 1942, Câmara de Conferências de Wannsee, página evocativa e educativa, e Yad Vashem, Centro Mundial para a Evocação do Holocausto).
- Nuremberg Trials Project, Biblioteca da Harvard Law School; fonte: <https://nuremberg.law.harvard.edu>.
- Onderzoeksgids oorlogsgetroffenen WO2, *terugkeer, opvang, nasleep*. Het Nederlands Instituut voor Oorlogsdocumentatie (NIOD) en het Huygens Instituut voor Nederlandse Geschiedenis (Huygens ing); (*Guia de Pesquisa para vítimas, regresso, salvamento, rescaldo da Segunda Guerra Mundial*. Instituto dos Países Baixos para a Documentação de Guerra [NIOD] e Instituto Huygens para a História dos Países Baixos [Huygens ing]); fonte: www.oorlogsgetroffenen.nl.
- Parlementaire enquête regeringsbeleid 1940-1945 (Inquérito Parlamentar sobre a política governamental, 1940-1945); fonte: www.parlement.com.
- Stichting Joods Erfgoed Den Haag (Fundação para o Património Judaico de Haia); fonte: www.joodserfgoeddenhaag.nl.
- Stichting Oneindig Noord-Holland (Fundação Infinito Holanda do Norte); fonte: www.onh.nl.
- The Holocaust Education & Archive Research Team (H.E.A.R.T.); fonte: www.holocaustresearchproject.org.
- Toespraken van Reichsführer-SS Heinrich Himmler in Poznan op 4 en 6 oktober 1943 (Discursos do Reichsführer-SS Heinrich Himmler em Poznan, nos dias 4 e 6 de outubro de 1943), Biblioteca da Harvard Law School, Nuremberg Trials Project.

United States Holocaust Memorial Museum, archieven en interviews (United States Holocaust Memorial Museum, arquivos e entrevistas); fonte: www.ushmm.org.
Palestra Wallenberg, 1996, Marion P. Pritchard, 16 de outubro de 1996.
World Holocaust Remembrance Center Yad Vashem (Centro Mundial para a Evocação do Holocausto Yad Vashem), The Holocaust Martyrs' and Heroes' Remembrance Authority; fonte: <https://www.yadvashem.org>.

Livros

- AGAMBEN, G., *Remnants of Auschwitz*, trad. D. Heller-Roazen, Nova Iorque, Zone Books, 2002.
- BLOCK, G.; DRUCKER, M., *Rescuers: Portraits of Moral Courage in the Holocaust*, Nova Iorque, Holmes & Meier Publishers, 1992.
- BRABER, B., *Waren mijn ogen een bron van tranen: Een joods echt paar in het verzet, 1940-1945*, Amesterdão, Editora da Universidade de Amesterdão, 2015.
- DE JONG, Dr. L., *Het Koninkrijk der Nederlanden in de Tweede Wereldoorlog*, Haia, Sdu, 1969-1991.
- ENZER, H. A.; SOLOTAROFF-ENZER, S. (ed.), *Anne Frank: Reflections on Her Life and Legacy*, Illinois, University of Illinois Press, 1999.
- FISCHEL, J., *The Holocaust*, Westport, Conn., Greenwood Press Guide, 1998.
- FOURNET, C., *The Crime of Destruction and the Law of Genocide; Their Impact on Collective Memory*, Farnham, Surrey, Ashgate Publishing, 2007.
- HOEVEN, L., *Een boek om in te wonen: De verhaalcultuur na Auschwitz*, Dissertação, Hilversum, Verloren, 2015.
- KELLER, S., *Günzburg und der Fall Josef Mengele: Die Heimatstadt und die Jagd nach dem NS-Verbrecher*, Munique, Oldenbourg, 2010.
- KERSHAW, I., *Hitler*, trad. M. Agricola, Amesterdão, Spectrum, 2011.
- KLEMPERER, V., *Tot het bittere einde. Dagboeken 1933-1945*, Amesterdão, Atlas, 1997.
- LAND-WEBER, E., *To Save a Life: Stories of Holocaust Rescue*, Illinois, University of Illinois Press, 2006.
- LEE, C. A., *Anne Frank 1929-1945: Het leven van een jong meisje, de definitieve biografie*, trad. M. de Bruijn, Amesterdão, Uitgeverij Balans, 2009.
- LEE, C. A., *Anne Frank 1929-1945: Plukrozen op aarde en vergeet mij niet*, trad. M. Benninga et al., Amesterdão, Uitgeverij Balans, 1998.
- LEVI, P., *If This is a Man*, trad. S. Woolf, Londres, The Orion Press, 1959.
- LIEMPT, A. van, *Aan de Maliebaan. De kerk, het verzet, de NSB en de SS op een strekkende kilometer*, Amesterdão, Uitgeverij Balans, 2015.
- LIEMPT, A. van, *Frieda: Verslag van een gelijmd leven*, Hooghalen, Herinneringscentrum Kamp Westerbork, 2007.
- LIEMPT, A. van, *Kopgeld*, Amesterdão, Uitgeverij Balans, 2003.
- LINDWER, W., *De laatste zeven maanden van Anne Frank*, Meppel, Just Publishers, 2008. O documentário de Lindwer com o mesmo título foi lançado em 1988.
- MINNEY, R. J., *I Shall Fear No Evil: The Story of Dr. Alina Brewda*, Londres, Kimber, 1966.
- POLLMAN, T., *Mussert & Co: De NSB-Leider en zijn vertrouwelingen*, Amesterdão, Boom, 2012.
- PRESSER, J., *Ondergang. De vervolging en verdelging van het Nederlandse jodendom, 1940-1945*, Haia, Staatsuitgeverij, 1965.

- ROL, C., *En nu een gewoon Hollandsch liedje. Leven en werken van Dirk Witte (1885-1932)*, Zaandijk, Stichting Vrienden van het Zaantheater, 2006.
- ROMIJN, P., *Burgemeesters in oorlogstijd: Besturen onder Duitse besetting*, Amesterdão, Uitgeverij Balans, 2006.
- SCHÜTZ, R., *Achter gesloten deuren: Het Nederlandse notariaat, de Jodenvervolgving en de naoorlogse zuivering*, Amesterdão, Editora da Universidade de Amesterdão, 2010.
- SCHÜTZ, R., *Kille mist: Het Nederlandse notariaat en de erfenis van de oorlog*, Amesterdão, Boom, 2016.
- SEYMOUR, M.; CAMINO, M., *The Holocaust in the Twenty-First Century*, Londres, Routledge, 2017.
- WENT, N., *Hoe de Leider voor volk en vaderland behouden bleef*, Bussem, Autonic, 1942.
- WÜRZNER, H., *Österreichische Exilliteratur in den Niederlanden 1934-1940*, Amesterdão, Rodopi, 1986.
- ZEE, S. van der, *25000 Landverraders, de SS in Nederland / Nederland in de SS*, Haia, Kruseman, 1967.

Revistas, jornais e artigos diversos

- BRUGGEMAN, H., «In memoriam: Jannie Brandes-Brilleslijper (1916-2003), Verzetsvrouw», *Auschwitz Bulletin*, n.º 3, setembro de 2003.
- FLAP, H.; TAMME, P., «De electorale steun voor de Nationaal Socialistische Beweging in 1935 en 1939», *Mens & Maatschappij*, vol. 83, n.º 1, 2008, p. 23.
- GOMPES, L., «Fatsoenlijk land», *Revista Trimestral de Rozenberg*, 2013.
- MEYERS, J., «Mussert in mei veertig», *Maatstaf*, vol. 30, 1982.
- s/n, «Mensch durf te leven», *De Omroeper*, vol. 19, n.º 2, 2006, pp. 75-80.
- ROLFS, D. W.; Prof. SCHABERG, «The Treachery of the Climate: How German Meteorological Errors and the Rasputisa Helped Defeat Hitler's Army at Moscow», *Special Topics in History; World War II*, 2010.
- SHNEER, D., «Eberhard Rebling, Lin Jaldati, and Yiddish Music in East Germany, 1949-1962», Oxford University Press, 2014.

Artigos de D. J. Zimmerman (presidente da Military Writer's Society of America), Defense Media Network, Military History.

Delpher (arquivos de jornais regionais e arquivos de jornais digitais)

De Huizer Courant (jornal)

De Jacobs ladder (publicação trimestral da Sociedade História «Otto Cornelis van Hemessen»)

De Typhoon, Dagblad voor de Zaanstreek (jornal)

De Zuidkanter (jornal)

De Groene Amsterdammer (revista semanal)

De Omroeper, Stichting Vijverberg

Historisch Nieuwsblad (revista)

Leeuwarder Courant (jornal)

Maatstaf (revista)

The New York Times (jornal)

Nieuw Israëlitisch Weekblad (revista)

Ons Amsterdam (revista)

Over Oegstgeest (revista semestral)

Vrij Nederland (revista neerlandesa)